

GARTH NIX

As Chaves do Reino

Quarta-Peira Submersa

 FUNDAMENTO



GARTH NIX

As Chaves do Reino

Quarta-Feira Submersa

EDITORA
FUNDAMENTO

Editor e edição de texto: Editora Fundamento
Capa e editoração eletrônica: Desdobra — Design do Brasil
Produzido originalmente por Scholastic Press.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nix, Garth

As Chaves do Reino: Quarta-Feira Submersa / Garth Nix; [versão brasileira da editora] — São Paulo, SP: Editora Fundamento
Educacional, 2009.

Título original: The Keys to the Kingdom: Drowned Wednesday

1. Literatura infanto-juvenil I. Título.

08-08602 CDD-028. 5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infanto-juvenil 028. 5

2. Literatura juvenil 028. 5

Fundação Biblioteca Nacional

Impresso no Brasil

Digitalização e Revisão: Yuna



Prólogo

Equipado com três mastros e velas verdes que brilhavam dia e noite, o Louva-a-Deus Voador era um navio veloz e afortunado. Percorria o Mar Fronteiriço da Casa, o que significava possibilidade de viagens por oceanos, mares, lagos, rios ou qualquer superfície navegável encontrada nos milhões de mundos dos Reinos Secundários.

Naquela viagem a caminho de Porto Quarta-Feira, o Louva-a-Deus Voador abria caminho pelas profundas águas azuis do Mar Fronteiriço. Os compartimentos de carga iam abarrotados de artigos comprados fora da Casa e de doenças recolhidas nas águas vorazes do Mar Fronteiriço. O carregamento era valioso — chá, vinho, café e especiarias, muito apreciados pelos Habitantes da Casa. Mas a casa-forte guardava o verdadeiro tesouro: tosses, resfriados, coceiras e estranhos distúrbios da fala, tudo em forma de pílulas, rapé ou talismãs feitos em osso de baleia.

A carga riquíssima deixava a tripulação nervosa, e os vigias ficavam insones e ansiosos. Desde a infeliz transformação da sra. Quarta-Feira, muitos anos antes, e da consequente inundação do litoral, o Mar Fronteiriço tinha deixado de ser um lugar seguro. Na mesma época, haviam sumido Meio-Dia e Crepúsculo de Quarta-Feira, além de outros serviços que costumavam policiar o Mar Fronteiriço.

As águas fervilhavam de comerciantes e recolhedores ilícitos e se sabia que alguns deles não hesitariam em se aproveitar da situação para praticar um pouco de pirataria. Para piorar, havia ainda os piratas em tempo integral: seres humanos que, de alguma forma, tinham usado um dos oceanos terrestres para atravessar a Linha de Tempestades, alcançando assim o Mar Fronteiriço.

Tais piratas, ao contrário dos Habitantes, continuavam mortais, mas haviam aprendido algumas das magias da Casa e eram loucos o suficiente para se arriscar no uso do Nada, o que os tornava perigosos. Se estivessem em maior número, com sua ferocidade humana e a utilização temerária de magia movida a Nada, com certeza derrotariam os Habitantes adversários, muito mais cautelosos.

O Louva-a-Deus Voador mantinha vigias na gávea de cada um dos três mastros, um no bico da proa e vários no tombadilho superior. Cabia a eles avisar a tripulação, caso avistassem piratas, indícios de mau tempo ou o que mais temiam: a Quarta-Feira Submersa, que era como a sra. Quarta-Feira passara a ser conhecida.

A maior parte dos navios que cruzavam o Mar Fronteiriço tinha vigias e tripulações incompetentes. Depois do Dilúvio, quando o Mar Fronteiriço

invadiu 9/10 dos depósitos, cais e escritórios que Quarta-Feira mantinha na costa, mais de mil dos prédios mais altos foram rapidamente convertidos em navios tripulados por estivadores, escriturários, atendentes, contadores, conferentes, faxineiros e administradores. Esses profissionais tinham milhares de anos de prática em suas funções, mas, como marinheiros, deixavam a desejar.

Isso não se aplicava, porém, ao Louva-a-Deus Voador, um dos 49 navios originais da frota de Quarta-Feira, projetado e autorizado pela Arquiteta. Sua tripulação era composta por Habitantes preparados para percorrer o Mar Fronteiriço e outros mares. O capitão era ninguém menos que Heraclius Suel, número 15.287 em precedência dentro da Casa.

Assim, quando o vigia da gávea do mastro de ré gritou: “Alguma coisa grande... bem... não tão grande... um obstáculo pela bochecha de bombordo... embaixo da água!”, capitão e tripulantes reagiram como profissionais bem treinados e muito experientes.

— Toda a tripulação! Aos postos de combate! — gritou o imediato que estava de guarda.

O grito foi atendido imediatamente por vigias e marinheiros e, segundos depois, se ouviu um ruído semelhante a um chocalhar. Era o grumete, que interrompeu o polimento que dava às botas do capitão e às dele mesmo para assumir seu posto.

Habitantes surgiam dos tombadilhos inferiores. Alguns saltavam sobre o conjunto de cabos para escalar os mastros, prontos para ajustar as velas. Outros se concentravam no depósito de armas para receber cutelos e bestas. Outros ainda corriam para carregar e disparar os canhões, embora do equipamento inicial de 16, o Louva-a-Deus Voador tivesse apenas 8 em condições de funcionamento. Na Casa, era muito difícil obter armas em bom estado e pólvora, que sempre continha perigosas partículas de Nada. Desde a queda do Horrível Terça-Feira, 14 meses antes, a pólvora estava em falta. Alguns comentavam que isso acontecia porque a fabricação tinha sido interrompida; outros afirmavam que a pólvora existia, mas vinha sendo estocada pelo misterioso lorde Artur, então a cargo da Casa Inferior e das Regiões Afastadas.

Quando os canhões começaram a rugir na primeira coberta, fazendo gemer as rodas de madeira vermelha, o capitão Suel subiu ao tombadilho superior. Tratava-se de um Habitante muito alto, mesmo calçado somente de meias. Ele sempre usava uma casaca azul-turquesa, de cintura apertada, com enorme quantidade de galões dourados nos ombros e nos punhos. Tinha trazido a roupa de um pequeno país de um pequeno mundo em um lugar remoto dos Reinos Secundários. Consequentemente, o capitão Suel brilhava mais do que as velas verdes de seu navio.

— O que está acontecendo, senhor Paniquim? — perguntou o comandante ao primeiro piloto.

Paniquim era um Habitante igualmente alto, mas não tão bonito quanto Suel. O primeiro piloto tinha perdido todo o cabelo e uma orelha por causa de

uma explosão de Nada, e sua cabeça lisa era marcada por cicatrizes. Às vezes, usava um gorro de lã roxo, mas os marinheiros diziam que ele ficava ainda mais feio.

— Misterioso objeto submergível se aproximando pela bochecha de bombordo — relatou Paniquim e entregou o pequeno telescópio ao capitão. — Pelo que posso perceber, mede 12 metros de comprimento e avança rapidamente. A uns 50 nós, mais ou menos.

— Estou vendo — disse o capitão, que tinha ajustado o telescópio ao olho. — Acho que deve ser... isso mesmo. A senhora nos mandou um mensageiro. Dispense os homens, senhor Paniquim, e prepare uma recepção de boas-vindas para o nosso ilustre visitante. Ah, e diga a Alberto que traga minhas botas.

Paniquim repetiu as ordens do capitão Suel e ajustou o telescópio para examinar melhor a água. Através das poderosas lentes, viu claramente alguma coisa de um dourado fosco, em forma de charuto, que avançava em alta velocidade, submersa, em direção ao navio. Por alguns momentos, ele não conseguiu entender o que a impulsionava. Então, enormes asas douradas como que explodiram, lançando a criatura à frente e deixando um rastro de espuma.

— Ela vai emergir a qualquer momento — sussurrou um dos marinheiros ao colega que operava o leme, bem atrás do capitão. — Escreva o que eu digo.

Ele estava certo. As asas da criatura romperam a superfície, cortando o ar como cortavam a água. Com um grande salto que provocou um redemoinho, o monstro chegou a um ponto mais alto do que a gávea maior do Louva-a-Deus Voador. E, espalhando água do mar como se fosse chuva, rodeou o navio e desceu lentamente em direção ao tombadilho superior.

De início, pareceu se tratar de um tubarão dourado com asas, de movimentos graciosos, apesar da assustadora boca cheia de dentes. No entanto, ao rodear o navio, diminuiu de tamanho. O que antes parecia um charuto tomou formas, e o dourado perdeu o brilho, sendo substituído por outras cores. A criatura parecia humana, embora conservasse as asas.

Então, assumindo a aparência de uma belíssima mulher, alcançou o convés. Até os grumetes sabiam estar diante de uma Habitante de alta posição. Ela usava um traje de montaria em veludo de cor pêssego e botas feitas de pele de tubarão, com esporas folheadas a ouro. O cabelo cor de palha estava preso por uma rede prateada. A mulher agitava nervosamente um chicote de montaria que, na verdade, era a cauda de um jacaré albino.

— Capitão Suel.

— Aurora de Quarta-Feira — respondeu o capitão com uma reverência, enquanto esticava para a frente um dos pés calçados somente de meias.

Alberto, um tanto atrasado em suas obrigações, se arrastou pelo convés, tentando desajeitadamente enfiar a bota no pé que o capitão estendia.

— Agora não! — falou Paniquim entre dentes, agarrando o rapaz pelo cangote e puxando-o para trás.

O capitão e a Aurora de Quarta-Feira ignoraram o grumete e o imediato. Voltaram-se para a amurada e continuaram a conversar, olhando para o mar e se encarando muito raramente.

— A viagem tem sido proveitosa, capitão?

— O suficiente, senhorita Aurora. Posso perguntar a que devo a feliz oportunidade de recebê-la a bordo?

— Certamente, capitão. Estou aqui por ordens expressas da nossa soberana para entregar uma mensagem urgente, o que tenho muito prazer em fazer.

Aurora pôs a mão direita dentro da manga esquerda, aparentemente apertada demais para guardar o que quer que fosse, e tirou de lá um envelope amarelo, grande e grosso, fechado com um selo de cera azul com pouco mais de 1 centímetro.

O capitão Suel pegou o envelope bem devagar, quebrou o selo sem hesitação e desdobrou o papel para ler a mensagem. Durante a leitura, a tripulação fez silêncio absoluto. Os únicos sons eram o bater da água no casco da embarcação, o rangido da estrutura de madeira, uma ou outra pancada das velas e o assobio suave do vento que agitava o conjunto de cabos.

Todos imaginavam o que trazia a carta. Ordens de Quarta-Feira Submersa. Problemas, com certeza, em especial porque fazia milhares de anos que isso não acontecia. Provavelmente, a ida ao Porto Quarta-Feira e os dias de folga que sempre recebiam após a venda de seu precioso carregamento seriam cancelados.

Ao terminar de ler a carta, o capitão Suel sacudiu o papel e pegou dois documentos, como se fosse um mágico tirando pombos da cartola.

— Devemos viajar para uma região dos Reinos Secundários que não tem acesso pelo mar — disse o capitão com uma ponta de dúvida na voz para Aurora.

— Nossa soberana vai cuidar para que o mar chegue lá e assim permaneça até que o seu passageiro embarque — explicou Aurora.

— Vamos ter de cruzar a Linha de Tempestades para lá e para cá — acrescentou o capitão. — Com um mortal como passageiro.

— Isso mesmo — confirmou Aurora.

Ela deu um tapinha no documento com o chicote e continuou:

— Esta é uma permissão para que o mortal atravessasse a Linha.

— Esse mortal deverá ser tratado como convidado pessoal da senhora?

— Ele é um convidado especial.

— Então, o nome do passageiro deve constar na minha lista...

— Não é necessário — cortou Aurora.

E, olhando o capitão diretamente nos olhos, continuou:

— Trata-se de um assunto confidencial. Você tem a descrição do passageiro, a localização e instruções específicas de navegação redigidas por mim pessoalmente. Sugiro que obedeça. A não ser, é claro, que prefira desafiar essas ordens. Posso arranjar uma audiência com a senhora Quarta-Feira, se preferir.

Os tripulantes prenderam a respiração. Se o capitão decidisse ir ao encontro da Quarta-Feira Submersa, todos teriam de acompanhá-lo. Ninguém se sentia pronto para tal missão.

O capitão Suel hesitou por um momento. Então, lentamente, fez uma saudação e respondeu:

— Como sempre, estou à disposição. Tenha um bom-dia, senhorita Aurora.

— Bom-dia para o senhor também, capitão.

Aurora movimentou as asas, provocando deslocamento de ar e fazendo uma brisa percorrer o convés.

— Boa sorte — desejou ela despedindo-se.

— Vamos precisar — sussurrou o piloto a seu imediato.

Aurora subiu na amurada e se lançou em um longo mergulho em curva que acabou no mar, muitos metros adiante, quando se transformou novamente em um tubarão dourado de asas.

— Senhor Paniquim! — rugiu o capitão, embora o imediato estivesse muito próximo. — Esteja de prontidão para içar o velame!

Dizendo isso, ele lançou uma olhada às complexas instruções de navegação que tinha recebido de Aurora, reparando nos pontos de referência do Mar Fronteiriço e nas adivinhações e fórmulas mágicas necessárias à chegada do navio, em tempo e em segurança, ao local determinado nos Reinos Secundários. Tal como os outros oficiais da marinha mercante regular de Quarta-Feira Submersa, o capitão era ao mesmo tempo navegador e feiticeiro.

— Humm... Hospital Bethesda... quarto 206... 2 minutos depois das 19 horas. Na quarta-feira, é claro — resmungou o capitão, lendo em voz alta para si mesmo. — A hora da Casa, conforme a linha 4, corresponde a dia, mês e ano pela contagem local da região indicada... e onde... cidade de nome estranho... nunca ouvi falar desse país... o que esses mortais inventam... e o mundo...

Ele dobrou o pergaminho com um movimento brusco.

— Humm... eu devia saber!

O capitão levantou os olhos para observar a tripulação, que se dividia entre as mais variadas atividades: correr, subir, pendurar-se, enrolar, manobrar, estender velas e puxar cordas. De repente, como se obedecessem a um comando, todos os tripulantes interromperam o que faziam e olharam para ele.

— Vamos para a Terra! — gritou o capitão Suel.





Capítulo 1

— Que horas são? — perguntou Artur assim que a enfermeira saiu, levando o equipamento para administração de soro, que não era mais necessário.

Emily, a mãe adotiva do menino, estava na frente do relógio de parede. Ao chegar, ela dissera ao filho que ficaria só por 1 minuto; não iria nem se sentar. Mas já estava lá há 15. Artur via ali um sinal de preocupação, embora não precisasse mais receber oxigênio, e a dor em sua perna quebrada fosse suportável.

— 16h30. Faz 5 minutos que você me perguntou isso — respondeu Emily. — Por que tanta preocupação com a hora? E o que há de errado com o seu relógio?

— Está andando para trás — falou Artur.

Ele teve o cuidado de não responder à outra pergunta. Não podia revelar o real motivo de perguntar as horas a todo momento. Sua mãe não iria, nem poderia, acreditar na verdade. Pensaria que o filho estava louco se ele falasse na Casa, a estranha construção composta de vastas áreas que era o epicentro do Universo. E não adiantaria levá-la até a Casa, porque somente Artur conseguia enxergá-la.

O garoto sabia que, mais cedo ou mais tarde, voltaria à Casa. Naquela manhã, tinha encontrado embaixo do travesseiro de sua cama no hospital um convite assinado pela sra. Quarta-Feira. “Foi providenciado transporte”, dizia o texto. Artur não pôde evitar o pensamento de que a aparentemente simples palavra “transporte” era muito mais sinistra. Talvez ele fosse levado como prisioneiro. Ou carregado como uma encomenda enviada pelo correio.

Durante todo o dia, esperou que alguma coisa acontecesse. Custava a acreditar que, às 16h30, nenhuma criatura estranha tivesse aparecido e nenhum fato excepcional tivesse ocorrido. A sra. Quarta-Feira só podia agir nos Reinos Secundários durante o dia cujo nome fosse igual ao dela. Portanto, o que quer que planejasse fazer teria de ser executado até meia-noite. Em um espaço de 7 horas e meia...

Cada vez que uma enfermeira ou um visitante cruzava a porta do quarto, Artur dava um salto, esperando que fosse algum dos perigosos servos de Quarta-Feira. Com o passar das horas, ele ficava cada vez mais nervoso.

O suspense era pior do que a dor na perna quebrada. O osso estava no lugar, e a perna estava envolvida por uma proteção moderníssima, um revestimento que parecia uma armadura de viajante espacial, que ia do joelho ao tornozelo. Uma espécie de tala muito forte, muito leve, com uma coisa chamada pelo médico de “dispositivo nanônico de cura” — fosse isso o que

fosse. O certo é que o recurso tinha funcionado, reduzindo o inchaço. E era tão avançado que literalmente caíria da perna, virando pó, assim que sua função estivesse cumprida.

A asma também permanecia sob controle, pelo menos naquele momento. A última crise tinha sido uma desagradável surpresa, já que Artur pensara estar quase completamente curado, como efeito colateral do contato com a Primeira Chave.

A Primeira Dama, porém, tinha usado a Segunda Chave para remover os efeitos da Primeira. Assim, foram revertidas as consequências de sua tentativa malsucedida de consertar a perna quebrada, mas também anulados os efeitos benéficos sobre a asma. No entanto, Artur tinha de admitir que era melhor ter uma perna quebrada tratável, e sofrer algumas crises de asma conhecidas e administráveis, do que ficar livre das crises e continuar com uma perna entortada pela magia, sem possibilidade de melhora.

“Tive sorte de sobreviver”, pensou Artur. Ele estremeceu com a lembrança de sua descida ao Fosso de Terça-Feira.

— Você está tremendo — disse Emily. — Está com frio? Ou é a dor?

— Que nada, estou bem — apressou-se Artur a dizer. — A perna dói, mas está bem. Verdade. E papai como está?

Emily olhou o filho mais atentamente. Artur sabia que ela tentava descobrir se ele já estava em condições de receber más notícias. E com certeza seriam más notícias. Sua vitória sobre o Horrível Terça-Feira não havia impedido a interferência dos subordinados do Curador sobre as finanças da família Penhaligon... além de causar uma certa turbulência econômica no mundo como um todo.

— Bob passou a tarde colocando as coisas em ordem — respondeu Emily afinal. — Mas ainda há muito para acertar. Parece que vamos ficar com a casa, mas pretendemos alugar para alguém e providenciar nossa mudança para um lugar menor por um ano ou dois. Bob também vai ter de voltar a excursionar com a banda. Ainda bem que não tínhamos todo o nosso dinheiro depositado naqueles dois bancos que faliram ontem. Muita gente vai ser afetada.

— E aqueles cartazes anunciando a construção de um shopping do outro lado da rua?

— Quando cheguei em casa ontem à noite, não estavam mais lá. Mas Bob também viu os cartazes — contou Emily. — É estranhíssimo. Quando perguntei à sra. Haskell, que mora na casa 10, ela disse ter recebido a visita de dois corretores muito falantes que convenceram ela e o marido a venderem a casa. Eles assinaram contrato e tudo o mais. Mas felizmente havia uma brecha no contrato e foi possível voltar atrás. Na verdade, eles não queriam vender. Então, acho que não vai haver shopping algum, ainda que outros vizinhos mantenham a opção de vender seus imóveis, porque a casa dos Haskell fica bem no meio.

— E o curso de Michaeli? A universidade está mesmo sem dinheiro?

— Essa parte é um pouco mais complicada. Parece que eles tinham muito dinheiro aplicado em um dos bancos que faliram. Mas existe a possibilidade de intervenção do governo, para que nenhum curso seja cancelado. Se o curso de Michaeli for interrompido, ela vai ter de procurar outra universidade. Ela foi aceita por três... não, quatro. Vai dar tudo certo.

— Mas talvez ela tenha de morar longe de nós.

Artur não completou a frase com a ideia que tinha em mente.

“E tudo por minha culpa. Eu deveria ter sido mais rápido. Deveria ter derrotado antes os Grotescos...”

— Bem, não acredito que faça muita diferença para ela. Agora, como vamos pagar o curso é outra história. Mas não se preocupe, Artur. Você se preocupa demais. A responsabilidade não é sua. Se concentre em ficar bom. Seu pai e eu vamos cuidar para que tudo...

Emily foi interrompida pelo toque do pager do hospital, que sempre levava. Ao ler o texto no visor, ela franziu a testa.

— Tenho de ir, Artur.

— Tudo bem, mamãe, pode ir.

O garoto estava acostumado com as seriíssimas emergências médicas a que a mãe tinha de atender, sendo uma das mais importantes pesquisadoras em Medicina do país. A Praga do Sono, que aparecera e desaparecera repentinamente, tinha obrigado Emily a muito trabalho extra.

Ela deu um beijo rápido no rosto do filho e uma batidinha nos pés da cama, enquanto desejava “boa sorte” e foi embora.

Artur ficou pensando se algum dia poderia lhe contar que a Praga do Sono tinha sido disseminada pelos Buscadores do Sr. Segunda-Feira e curada pelo Limpador Noturno, uma intervenção mágica trazida da Casa por ele mesmo. Embora tivesse proporcionado a cura, Artur se sentia responsável pela praga.

Durante alguns segundos, ele observou seu relógio, que continuava a andar para trás.

Uma batida na porta, porém, o fez sentar na cama. Artur estava pronto para qualquer eventualidade. Guardava o Atlas no bolso do pijama e tinha emendado vários pedaços de fio dental, para poder pendurar no pescoço o pingente feito de osso de baleia que recebera do Capitão. Seu roupão estava na cadeira ao lado da cama, bem como as Botas Imateriais, então disfarçadas de chinelos. Ele só tinha certeza da natureza mágica das botas por causa da sensação de choque elétrico e de formigamento que atingiu sua mão quando foi pegá-las.

Houve nova batida. Artur não respondeu. Sabia que os Buscadores, as criaturas que o perseguiram na segunda-feira, não entravam sem permissão. Portanto, por precaução, não diria palavra alguma.

Ele se manteve em silêncio, de olho na porta. Devagarinho, abriu-se uma fresta. Artur esticou a mão e pegou um pacote de sal que tinha deixado na mesinha de cabeceira, pronto para atirar, caso um Buscador se aventurasse a entrar no quarto.

Mas quem entrou não foi uma criatura com cara de cachorro e chapéu-coco. Era Folha, sua colega de escola, que o salvara de um Magrelo no dia anterior e tinha se ferido.

— Artur?

— Folha! Entre!

A garota entrou e fechou a porta. Ela vestia suas roupas normais: botas, calça jeans e uma camiseta com um logotipo que Artur não conseguiu identificar. Mas trazia o braço direito envolvido em ataduras, do cotovelo ao pulso.

— Como está o seu braço?

— Dói. Mas não está mal. O médico não conseguiu identificar o que fez o corte. Eu disse que não vi a arma com que o garoto me atacou.

— Acho que ele não acreditaria na história verdadeira — disse Artur, pensando nas mudanças de forma do Magrelo e em seus braços longos com tentáculos afiadíssimos.

— E qual é a história verdadeira? — perguntou Folha.

A garota se sentou na cadeira para visitas, olhou diretamente para Artur, fazendo-o se sentir desconfortável, e continuou:

— Quer dizer: só sei que na semana passada você se envolveu em uma situação estranha com homens com cara de cachorro. E nesta semana as coisas ficaram ainda mais estranhas quando, na segunda-feira, você apareceu na sala da minha casa com uma garota de asas... que parecia personagem de história. Você subiu as escadas e sumiu. Então, ontem, chegou ao meu jardim, perseguido por um monstro que poderia facilmente me matar, mas foi... destruído... por uma das medalhas de prata do meu pai. E aí teve de fugir novamente. E hoje fiquei sabendo que estava com uma perna quebrada no mesmo hospital que eu. O que está acontecendo?

Artur abriu a boca para responder, mas no último momento hesitou. Seria um alívio contar tudo para Folha. Pelo menos, ela conseguia enxergar os habitantes da Casa, que mais ninguém via. Talvez, como a própria menina acreditava, fosse porque sua bisavó possuía vidência. Mas, se ficasse sabendo de tudo, Folha provavelmente correria perigo.

— Vamos, Artur, eu preciso saber — insistiu Folha. — E se um dos tais Magrelos voltar para acabar comigo? Ou então qualquer outra criatura... como aqueles caras de cachorro. Guardei duas medalhas de papai para enfrentar os Magrelos. Mas e os caras de cachorro? O que faço?

— Buscadores — falou Artur lentamente, mostrando o pacotinho de sal. — Os caras de cachorro se chamam Buscadores. Jogue sal neles.

— É um bom começo — disse Folha. — Buscadores. De onde vêm? O que querem?

— São servos — explicou Artur.

Ele começou a falar cada vez mais depressa. Era um alívio contar a alguém sobre o acontecido.

— Criaturas feitas de Nada. Aquelas que você viu estavam a serviço do Sr. Segunda-Feira. Ele é... era um dos sete Curadores da Casa...

— Espere aí! — interrompeu Folha. — Devagar. Comece do começo.

Artur respirou fundo, tão fundo quanto permitiram seus pulmões, e começou do começo. Contou sobre o encontro com o Sr. Segunda-Feira e com o Espirrador. Sobre a perseguição que sofrera de Meio-Dia de Segunda-Feira, com sua espada flamejante, pela biblioteca da escola. Sobre sua primeira entrada na Casa. Sobre o encontro com Suzy Azul-Turquesa e com a Primeira Parte do Testamento e a vitória dos três sobre o Sr. Segunda-Feira. Sobre a cura da Praga do Sono pelo Limpador Noturno. Sobre ver sua esperança de ser deixado em paz até a idade adulta destruída pelos Grotescos de Terça-Feira, cuja presença o tinha feito voltar à Casa, descer ao Fosso e afinal derrotar o Horrível Terça-Feira.

Folha fez algumas interrupções para perguntar sobre o que não entendia, mas se manteve calada a maior parte do tempo, ouvindo com atenção o que Artur dizia. Finalmente, ele mostrou o cartão com o convite da sra. Quarta-Feira. Folha o pegou e leu várias vezes.

— Gostaria de viver aventuras como as suas — disse ela enquanto percorria com o dedo as letras do convite.

— Não me pareceram aventuras — comentou Artur. — Na maior parte do tempo, eu estava apavorado demais para me divertir ou me emocionar. Você não teve medo do Magrelo?

— Claro que tive — respondeu a menina com uma olhada para o braço enfaixado. — Mas sobrevivemos, não foi? Então, foi uma aventura. Só seria tragédia se alguém morresse.

— Pois eu ficaria muito bem se passasse um tempo sem viver aventuras.

Artur tinha certeza de que Folha concordaria com ele caso passasse pelas mesmas experiências. As aventuras parecem muito mais emocionantes e seguras quando apenas se ouve falar delas.

— O que eu quero mesmo é que me deixem em paz!

— Mas não vão deixar — disse Folha, devolvendo o convite a Artur, que o guardou no bolso. — Ou vão?

— Não — concordou Artur com a voz carregada de desânimo. — Os Dias Seguintes não vão me deixar em paz.

— E o que você pretende fazer? — perguntou Folha.

— Como assim?

— Bem, já que eles não vão deixar você em paz, é melhor agir primeiro. Sabe como é, o ataque é a melhor forma de defesa.

— Suponho que... — começou Artur. — Você quer dizer que, em vez de esperar que Quarta-Feira faça alguma coisa, eu devo voltar à Casa agora?

— E por que não? Chame a sua amiga Suzy e o Testamento e tracem um plano para enfrentar Quarta-Feira antes que ela ataque.

— É uma boa ideia — admitiu Artur. — O problema é que não sei como voltar à Casa. Não posso abrir o Atlas porque esgotei o poder das Chaves. E, caso você não tenha notado, tenho uma perna quebrada. Embora...

— O quê?

— Eu poderia ligar para a Primeira Dama, se tivesse a caixa do telefone, que provavelmente foi religado, agora que as contas do Horrível Terça-Feira foram pagas.

— Onde está a caixa do telefone? Que aparência tem?

— Está lá em casa. No meu quarto. É uma caixa de madeira forrada de veludo, mais ou menos deste tamanho — explicou Artur, fazendo um gesto com as mãos.

— Talvez eu possa pegar ela — disse Folha. — Se me deixarem sair do hospital. Quando não é uma coisa, é outra. Quarentena aqui, quarentena ali...

— Pode ser — falou Artur. — Ou quem sabe eu... que cheiro é esse?

Folha respirou fundo e olhou em volta. Nesse momento, as folhas do calendário começaram a virar sozinhas.

— Não sei. Acho que ligaram o ar-condicionado. Sinta o vento.

Artur levantou as mãos para sentir. Realmente, uma lufada de vento frio vinha de algum lugar, trazendo uma espécie de cheiro salgado, como se estivessem em uma praia de ondas grandes.

— É um cheiro de umidade — opinou Folha.

Artur se sentou na cama, esticou a mão e pegou os chinelos e o roupão, que vestiu apressadamente.

— Folha! — gritou ele. — Saia! Não é o ar-condicionado!

— Claro que não! — concordou a menina. — Está acontecendo alguma coisa estranha!

O vento ficava cada vez mais forte.

— Está mesmo... saia enquanto é tempo!

— Quero ver o que vai acontecer!

Folha se agarrou à cama e continuou:

— Ei! Está entrando água por baixo da parede!

Era verdade. Uma fina camada de água com espuma se espalhava pelo chão como uma onda que varresse a areia, chegando quase até a cama e recuando em seguida.

— Estou ouvindo alguma coisa — disse Folha. — Parece um trem.

Artur também ouviu. Um ruído distante que foi ficando cada vez mais forte.

— Não é um trem! Se Agarre!

Folha se agarrou às grades do pé da cama enquanto Artur se agarrava à cabeceira. Os dois se viraram para olhar quando a parede mais distante desapareceu, dando lugar a uma onda trovejante azul-acinzentada que quebrou sobre eles. Toneladas de água do mar reduziram a cacos tudo o que havia no quarto, mas carregaram a cama.

E Artur e Folha ficaram agarrados a ela confusos, encharcados e desesperados.





Capítulo 2

Em um instante, o quarto do hospital desapareceu, substituído pela fúria selvagem de uma tempestade no mar. A cama, que submergiu, ficando alguns centímetros abaixo da superfície, transformou-se em uma espécie de balsa. Levada pela primeira onda grande, ela subiu por alguns segundos. Em seguida, deslizou e caiu na depressão entre aquela onda e a seguinte.

Folha gritou alguma coisa: duas palavras que se perderam em meio ao rugido das ondas e ao uivo do vento. Artur mal podia vê-la através da espuma que unia ar e mar.

Ele sentiu apenas o aperto das mãos da garota, quando ela, ao tentar se agarrar ainda mais à cama, acabou pegando seu pé. Os dois teriam sido varridos, não fosse Artur ter abraçado as grades da cabeceira.

O medo lhe deu forças, e Folha conseguiu se arrastar até a cabeceira. Debruçando-se sobre Artur, perguntou:

— O que fazemos agora?

Ela não parecia apreciar a aventura.

— Não largue! — gritou Artur ao ver se aproximar por trás da garota uma verdadeira muralha de água.

Se a onda gigantesca quebrasse sobre a cama, eles seriam arrastados para o fundo.

A crista fez uma curva acima deles, encobrindo a luz fraca e acinzentada que vinha do céu. De olhos fixos na massa de água, Artur e Folha prenderam a respiração.

Mas a onda não quebrou. A cama subiu como uma jangada de pescador. Ao chegar quase à parte de cima, ficou em posição vertical, como se fosse rolar.

Foi por pouco. Em vez de rolar, a cama se equilibrou, subiu na segunda onda e, depois de alguns segundos, tornou a descer, indo em direção a mais um rochedo azul de água coberto pela brancura da espuma.

Mas a terceira onda foi diferente.

Havia um navio sobre ela. Um veleiro de três mastros, com quase 50 metros de comprimento e velas que brilhavam com um verde fantasmagórico.

— Um navio! — gritou Folha com um toque de esperança na voz.

Mas a esperança desapareceu rapidamente, quando a cama continuou seu curso a uma velocidade alarmante, enquanto o navio avançava ainda mais velozmente em direção a eles.

— Vamos bater! Temos de pular!

— Não! — gritou Artur. — Espere!

Ele sabia que, se abandonassem a balsa improvisada, afundariam com certeza.

Dali a alguns segundos, porém, a decisão de esperar pareceu absolutamente equivocada. O navio não alterou o curso. Era um enorme míssil de madeira, avançando com tanta velocidade que provavelmente passaria por cima deles sem que a tripulação notasse.

Quando o navio estava a menos de 20 metros de distância, Artur fechou os olhos. A última coisa que viu foi a proa da embarcação submergir e depois surgir novamente, com uma chuva de espuma, como um arpão a furar a água.

Ao não sentir o golpe que esperava, o garoto abriu os olhos. O navio tinha desviado no último instante, ficando em questão de segundos ao lado da cama, na depressão entre uma onda e outra. Foi uma demonstração de altíssima perícia, tanto do capitão como dos tripulantes, em especial em meio àquela massa de água tão poderosa.

Através da espuma, Artur viu descender duas cordas trançadas como laços. Uma delas caiu sobre Folha. A outra, claramente destinada ao garoto, caiu sobre a coluna esquerda da cama. Artur tentou desengatá-la, mas, antes que conseguisse, viu as duas serem esticadas. Folha foi puxada e subiu como um foguete em direção ao navio.

A outra corda fez a cama virar.

Artur perdeu o apoio e caiu no mar. Vários metros abaixo da superfície, sem poder respirar, através do véu de água, ele viu Folha e a cama girando serem içadas para a amurada do navio. Mas, a certa altura, a cama se soltou e caiu.

Desesperado para voltar à superfície, o garoto se esforçou ao máximo para bater pés e braços, apesar da perna quebrada. Quando conseguiu, porém, pôr a cabeça fora da água, tentando respirar, a embarcação já estava a uns 50 metros de distância, cortando diagonalmente a onda. Ele ainda viu outras velas serem içadas, aumentando assim a velocidade.

A cama estava bem mais perto, a uns 10 metros talvez. Era sua única chance. Artur começou a nadar furiosamente em direção a ela. Sentia os pulmões se apertarem em uma iminente crise de asma. Conseguiria nadar por alguns minutos, no máximo. Em pânico, reuniu toda sua energia, na tentativa de alcançar a cama, que começava a subir na onda seguinte.

Ele, afinal, agarrou a ponta do cobertor que havia enrolado nas barras do pé da cama, desejando que não se soltasse.

Depois de um grande esforço que acabou com o que lhe restava de energia, Artur conseguiu subir no colchão e, mais uma vez, abraçou as barras da cabeceira.

Ficou lá, tremendo de frio e sentindo a respiração cada vez mais difícil. Isso significava que não estava na Casa; estava em algum lugar dos Reinos Secundários.

“Onde quer que esteja, provavelmente vou morrer aqui”, Artur pensou. Tinha a mente entorpecida pelo frio, pelo medo e pela falta de ar.

Mas não ia desistir facilmente. Liberando a mão direita, ele fez pressão sobre o peito na esperança de ter ainda um pouquinho do poder resultante do contato com a Primeira e a Segunda Chave.

— Respire — sussurrou. — Solte. Me faça respirar.

Ao mesmo tempo, Artur tentou abafar o pânico que ameaçava tomar seu corpo. Em um diálogo interior, repetiu inúmeras vezes: “Calma. Vá mais devagar. Se acalme”.

Fosse porque sua mão guardava algum poder ou como resultado de seus esforços, o fato é que, se a respiração de Artur não melhorou, também não piorou. Ele podia avaliar a situação.

“Na cama, estou razoavelmente bem”, pensou. “Pelo menos, ela flutua. E os cobertores, mesmo molhados, ajudam a aquecer”.

Ele olhou para a massa de água onde a cama subia. Talvez começasse a se acostumar ou fosse impossível ficar mais assustado do que estava. O fato é que as ondas pareciam menores e menos ameaçadoras do que as primeiras.

Artur começou a procurar recursos com que pudesse contar. Vestia o pijama do hospital e um roupão, que de pouco serviam. A tala da perna parecia ter começado a se desintegrar, e ele sentia o osso doer e latejar. As Botas Imateriais mantinham os pés aquecidos, mas ele não conseguia pensar em outra utilidade para elas. Além disso, tinha...

“O Atlas! E o disco feito de osso de baleia dado pelo Marinheiro!”

Artur apalpou o bolso do pijama e os pedaços de fio dental com que tinha feito um cordão para pendurar o disco de osso de baleia. O Atlas continuava no bolso. O medalhão do capitão, que era como gostava de chamar o disco de osso de baleia, continuava pendurado no pescoço.

Mas de que serviam?

O garoto prendeu a perna boa nas barras da cama e se encolheu, de modo que suas mãos ficassem livres para pegar o Atlas. Ele o manteve bem junto do peito para ter a certeza de que não seria carregado pela água. Mas, como desconfiava que pudesse acontecer, o livro não abriu. Então, Artur voltou a guardá-lo no bolso.

Quem sabe, o disco de osso de baleia não teria algum efeito? Afinal, Tom Shelvocke era o Marinheiro, filho do Velho e da Arquiteta (por adoção), um homem que tinha viajado por milhares de oceanos em vários mundos diferentes. Ele dissera a Suzy Azul-Turquesa para avisar Artur que levasse o disco sempre com ele. Talvez servisse para pedir ajuda ou se comunicar com o capitão.

O garoto pegou o disco no paletó do pijama e olhou para a constelação de um lado e para o navio viking do outro. As duas imagens pareciam simples entalhes, mas ele acreditava que contivessem algum tipo de magia. Instintivamente, escolheu o navio e se concentrou nele, em busca de ajuda, tentando enviar uma mensagem ao capitão.

“Me ajude, por favor! Estou à deriva, agarrado em uma cama, no meio de uma tempestade no mar!” Ele repetiu a mensagem mentalmente inúmeras vezes e chegou mesmo a falar baixinho, como se o talismã pudesse ouvi-lo.

“Me ajude, por favor! Estou à deriva, agarrado em uma cama, no meio de uma tempestade no mar! Me ajude, por favor! Estou à deriva, agarrado em uma cama, no meio de uma tempestade no mar! Me ajude, por favor! Estou à deriva, agarrado em uma cama, no meio de uma tempestade no mar...”

Como um cântico, as palavras fizeram Artur se sentir um pouco melhor, e ele continuou a repeti-las, mas teve de interromper, quando seus pulmões se apertaram, e o ar que inspirava se tornou suficiente apenas para mantê-lo semiconsciente. Continuou junto da cabeceira da cama, com uma perna esticada e a outra presa entre as barras. Estava completamente encharcado, e o movimento das ondas o obrigava a ficar com o pescoço espichado para conservar a cabeça fora da água e poder respirar.

Mas as ondas definitivamente eram menores e o vento mais fraco. Artur já não recebia a todo momento um jato de água nos olhos e na boca.

“Se conseguir continuar respirando, ainda posso ter alguma esperança”, ele pensou.

Esse pensamento mal acabara de cruzar a mente do garoto quando ele se sentiu atingido por uma espécie de choque elétrico, enquanto seu estômago revirava, como se estivesse a bordo de um avião que tivesse caído em um vácuo de 300 metros. Em seguida, toda a água em volta ficou mais tranquila, mais clara e mais azul. O céu também se modificou: ficou com um tom azulado mais suave e pareceu se aproximar.

O melhor de tudo foi a melhora da respiração, que ficou normal de um momento para outro.

Artur estava na Casa. Todo o corpo do garoto demonstrava isso. Até a dor na perna quebrada cedeu, restando apenas pontadas ocasionais.

“Não desista”, ele pensou. “Foi fácil, não?”

Seu pensamento foi interrompido por um som que pareceu uma explosão, perto o bastante para assustar. Por um momento, Artur imaginou que se tratasse do ataque simultâneo de todos os canhões de um navio semelhante ao que tinha levado Folha. Então, aconteceu de novo, e ele concluiu que eram trovões.

Quando a cama alcançou a crista de outra onda, Artur pôde ver um relâmpago se estender bem longe no horizonte. E, depois daquele, muitos outros se seguiram, perigosos clarões em ziguezague que quase continuamente uniam céu e mar, acompanhados de estrondos constantes.

Levada pelas ondas, a cama rumava diretamente para a tempestade de raios. Não havia como desviar, parar ou evitar o choque.

E o pior: a estrutura da cama era feita de metal. Com certeza, serviria como o melhor condutor de eletricidade possível. Qualquer raio que a atingisse atravessaria o corpo de Artur.

Por alguns segundos, a mente do garoto ficou paralisada pelo medo. Parecia que nada havia a fazer — absolutamente nada, exceto esperar ser frito por mil raios ao mesmo tempo.

Em luta contra o medo, Artur tentou pensar. Tinha de haver uma solução. Talvez ele pudesse nadar... mas como encontrar forças para nadar

contra as ondas? Seria melhor a morte súbita provocada por um raio do que a morte lenta por afogamento.

O garoto tornou a olhar para a tempestade de raios. Ele se aproximava perigosamente dela, a ponto de precisar proteger os olhos dos clarões.

“Mas espere”, Artur pensou. “O navio que carregou Folha foi naquela direção. Portanto, atravessou a tempestade de raios. Então, eu tenho de atravessar também. Talvez o convite da senhora Quarta-Feira me proteja...”

Ele apalpou o bolso, mas só encontrou o Atlas. Onde estaria o convite?

O travesseiro há muito tinha desaparecido no mar, mas as cobertas ainda estavam na cama, parcialmente dobradas e encharcadas. Artur passou a mão desesperadamente por todos os cantos, tentando encontrar o quadradinho de papelão que poderia salvá-lo.

A cama subiu com a onda, mas não chegou à crista. Em vez disso, cama, onda e garoto seguiram em direção à ofuscante e ensurdecidora barreira de raios e trovões chamada de Linha de Tempestades: a barreira interna defensiva do Mar Fronteiriço, que nenhum mortal podia cruzar sem permissão.

O castigo para quem tentasse desobedecer era a morte súbita pelo fogo.





Capítulo 3

Quando os relâmpagos atingiram a linha do horizonte, Artur não viu o clarão nem ouviu o ruído provocado pela fervura da água, que foi abafado pelo estrondo constante dos trovões. Ele estava sob o lençol, segurando fortemente na mão trêmula um pedaço de papelão muito molhado. Nem ao menos sabia se aquilo era o convite de Quarta-Feira Submersa, a ficha médica que tinha sido afixada no pé da cama ou um folheto com os telefones do hospital.

Mas, levando em conta que continuava vivo, mesmo depois que o brilho ofuscante desapareceu, Artur supôs estar de posse do convite.

Devagar, ele levantou a cabeça, piscou os olhos para se acostumar à claridade do céu e, instintivamente, respirou fundo. O ar entrou livremente em seus pulmões.

Enquanto a cama avançava levada por uma corrente misteriosa, as ondas baixaram, alcançando apenas 3 ou 4 metros de altura, com intervalos bem mais longos entre elas. O vento se acalmou, deixando de fazer voar a espuma. E já não fazia tanto frio, embora não houvesse sol à vista. Também não se viam nuvens nem relâmpagos, o que era uma vantagem. Acima, somente o céu azul, tão uniforme e perfeito que parecia um teto pintado, como em outras partes da Casa.

Artur respirou fundo várias vezes, aproveitando a onda de oxigênio que percorreu seu corpo. Em seguida, avaliou uma vez mais a situação. Uma coisa que tinha aprendido acerca da Casa era que nada podia ser considerado definitivo. Aquele mar tranquilo, de águas mornas, podia se alterar completamente a qualquer momento.

O garoto ajeitou o disco do capitão sob o paletó do pijama e guardou no bolso, junto com o Atlas, o convite de Quarta-Feira Submersa, encharcado e praticamente ilegível. Depois, apoiou na cabeceira da cama a perna enfaixada, ficou em pé e olhou em volta.

Não havia o que ver, a não ser o mar, já que a cama era baixa e Artur tinha a visão bloqueada pelas ondas que se aproximavam. Ele só enxergava o espaço próximo.

A cama estava afundando. Mesmo naquelas águas calmas, o colchão encharcado perdia a capacidade de flutuar, sendo arrastado para baixo pela estrutura de metal.

Ainda que não acontecesse nos 5 minutos seguintes, o afundamento da cama era certo.

Artur suspirou e se sentou. A água lhe chegava quase à cintura. A tala da perna, apesar de leve, atrapalhava. Ficaria difícil nadar uma longa distância com

ela. Deveria arrancá-la de uma vez? E se o osso quebrasse novamente ou doesse demais, a ponto de impedi-lo de nadar?

Ele decidiu deixar a tala onde estava e pegou outra vez o disco do capitão. Desta vez, tentou apenas imaginar o navio de velas verdes e brilhantes voltando para pegá-lo.

Artur esperava que aquela fosse uma boa imagem a ser visualizada. No fundo, porém, guardava a preocupação de que Folha não tivesse sido salva, mas tirada de um problema para cair em outro. O que os Habitantes fariam para ela? Eles estavam atrás dele, e não dela. Em todo caso, como a sra. Quarta-Feira tinha enviado um convite, e não um pelotão de ataque, ele esperava que a recepção fosse, por assim dizer, amigável. Mas também havia a possibilidade de que tudo não passasse de uma armadilha para atraí-lo. Em qualquer das duas opções, talvez Quarta-Feira Submersa despejasse sobre Folha toda a sua frustração...

“Se Folha sobrevivesse à sucessão de raios”, Artur pensou cheio de culpa. “Tomara que o navio tenha alguma proteção...”

A cama borbulhou sob os pés de Artur, fazendo com que ele se lembrasse de que tinha um problema imediato.

— Um navio! — gritou ele. — Preciso de um navio! Ou de um barco! Ou de uma balsa melhor do que esta! Qualquer coisa!

A voz do garoto, solitária e inútil, se perdeu em meio às ondas. A única resposta foi o barulho do mar, embaixo, dentro e em volta do colchão.

— Terra também serve — falou Artur diretamente para o disco do capitão.

No entanto, mais uma vez, nada aconteceu. Afinal, o tal medalhão não passava de um barco entalhado em um pedaço de osso de baleia.

Não havia terra à vista, mas a temperatura foi subindo, apesar da ausência de sol. Começou a fazer calor. Nem a água do mar, que Artur provou e achou morna e muito salgada, servia de refresco. Ele sentia vontade de beber alguma coisa e imediatamente se lembrou das histórias de pessoas que morriam de sede em pleno oceano. Ou que, enlouquecidas, se lançavam à água ou atacavam os companheiros, tentando beber o sangue deles...

Artur balançou a cabeça várias vezes para afastar os pensamentos. Tinha a impressão de já estar ficando louco. Ainda mais que sabia ser impossível morrer de sede dentro da Casa. Mas nada o impediria de pensar ou de enlouquecer...

Melhor imaginar algo de positivo, como enviar um sinal ou pegar um peixe. Se é que havia peixes naquele lugar tão estranho. E nesse caso, poderia haver também tubarões. Um tubarão não teria a menor dificuldade em puxá-lo da cama que, afundando aos poucos, não podia mais ser considerada uma balsa.

Outra vez Artur balançou a cabeça para afastar os pensamentos negativos.

“Pare de pensar em tubarões!”, disse para si mesmo.

Exatamente naquele momento, viu alguma coisa na água, não muito longe. Uma sombra escura, quase toda submersa.

Artur gemeu pelo esforço de liberar a perna imobilizada, presa embaixo do lençol, e ficar de pé junto da cabeceira. O movimento brusco desequilibrou a cama, fazendo um dos cantos afundar mais um pouco e provocando uma grande bolha de ar.

Em seguida, depois de parecer que ia voltar à posição horizontal, em meio a outras bolhas, a cama se inclinou e afundou como o Titanic. No último instante, Artur largou a cabeceira e deu braçadas para trás, afastando-se, para ter a certeza de não ser tragado também.

Passado o perigo, ele bateu furiosamente os braços e a perna boa e olhou em volta, tentando enxergar novamente a tal sombra escura.

E lá estava ela, a alguns metros apenas! Artur enrijeceu o corpo, preparando-se para o impacto do ataque de um tubarão, mas isso fez com que afundasse. Então, instintivamente, voltou a nadar.

A sombra escura não atacou. Nem se moveu. Ao se aproximar e observar melhor, Artur percebeu que não se tratava de um tubarão, mas de uma bola verde-escura, com uns 2 metros de diâmetro, de superfície irregular, parecida com um emaranhado de algas, que flutuava de modo que apenas menos de 40 centímetros de sua curvatura apareciam acima da água.

O garoto chegou ainda mais perto quando conseguiu identificar o objeto: uma boia ou algum outro dispositivo de marcação, inteiramente coberto de algas verdes. Ele tocou a boia e, ao recolher a mão, trazia um bolo de algas, cuja retirada revelou uma superfície vermelha e brilhante.

Artur tocou o objeto novamente, e uma espécie de tinta vermelha, parecida com goma de mascar, grudou em sua mão. Aborrecido, ele tentou limpar. No entanto, só conseguiu se lambuzar mais ainda e afundar. A tala não era tão pesada, mas impedia que dobrasse o joelho para bater as pernas e manter a cabeça fora da água enquanto cuidava da mão suja.

Decidido a examinar o objeto, Artur voltou a retirar as algas com uma das mãos. Foi então que notou: a boia não era levada pelas ondas. Toda vez que uma delas passava, ele era arrastado por 4 ou 5 metros, o que o obrigava a nadar de volta. Mas a boia continuava no mesmo lugar.

Portanto, devia estar presa. Artur mergulhou e viu, embaixo da boia, uma corrente coberta de cracas, que desaparecia na escuridão do mar.

Feita a descoberta, ele retomou com novo entusiasmo a tarefa de retirar as algas, o que lhe deixou as mãos ainda mais grudentas, devido ao contato com a tal substância que parecia alcatrão, embora sem cheiro.

“A boia serve para marcar alguma coisa”, Artur pensou. “Deve ser usada por alguém, que vai aparecer. Talvez eu consiga subir nela”.

Com a limpeza, a boia foi subindo. O garoto tinha a esperança de encontrar alças ou alguma parte saliente a que pudesse se agarrar, porque já estava cansado, mas nada encontrou. A única parte saliente era um pequeno anel de metal, próximo à parte de cima.

O anel não era maior que a última falange do dedo mínimo de Artur; pequeno demais para que alguém se agarrasse a ele. Ao perceber o anel um pouco frouxo, o garoto deu um puxão, para ver se criava um buraco maior, onde pudesse segurar.

O anel se soltou com um estalo seguido imediatamente por uma chuva de faíscas de 3 metros de altura e por um tique-taque alto, como se um relógio grande e barulhento começasse a funcionar dentro da bola.

Artur nadou de costas furiosamente, como se seu corpo reagisse mais depressa do que o cérebro, que acabava de processar o fato de que a bola flutuante era uma espécie de bomba flutuante — uma mina — e ia explodir.

Alguns segundos depois, quando Artur não estava nem a 10 metros de distância, a boia realmente explodiu. Mas não foi a explosão mortal que ele esperava. Fez-se apenas um clarão, e uma lufada de ar passou sobre a cabeça do garoto. Mas a chuva de fragmentos não aconteceu.

O que saiu da bola foi uma fumaça preta, que se enrolou no ar de maneira muito ordenada, como uma cobra dançante. Artur jamais vira algo parecido. Em determinado momento, a “cabeça” encontrou a “cauda”, formando um anel gigante que pairava 3 metros acima da boia, intacta apesar de tudo; a única modificação foi a parte de cima, que se abriu em vários segmentos, como uma flor de lótus.

Aos poucos, o anel de fumaça formou uma nuvem escura que girou durante 1 ou 2 minutos e, em seguida, se desfez abruptamente, dando lugar a oito aves marinhas pretas, que gritaram “Ladrão!”, ao passar sobre a cabeça de Artur, e voaram em diferentes direções, cada uma seguindo um dos pontos da rosa-dos-ventos.

O garoto estava cansado demais para se preocupar com o que os pássaros poderiam estar fazendo ou com quem poderia ser alertado por seus gritos. Queria apenas aproveitar que a parte superior da boia estava aberta, para saltar lá dentro.

Artur só teve energia suficiente para se arrastar e entrar na boia, onde se ajeitou com razoável conforto, apesar de encontrar o espaço cheio de água. Naquele momento, era tudo de que precisava: descansar.

Passados 20 minutos, de acordo com seu relógio que, apesar de andar para trás, era confiável, Artur concluiu que tinha descansado bastante. Ele se sentia quente, queimado mesmo, e com a língua inchada por falta de água, embora não houvesse sol à vista. Lamentou não ter ficado com um lençol, para usar como proteção. Então, tirou o roupão e o enrolou na cabeça, como um turbante, mas a estratégia não funcionou a contento.

Aquela altura, Artur começou a desejar que aparecesse a pessoa — quem quer que fosse — a quem os pássaros pretendiam alertar. Ainda que pensassem ser ele um ladrão, o que implicava haver algo a ser roubado, mas esse não parecia o caso. A boia não passava de uma bola flutuante grande e vazia, com o hemisfério superior aberto. Dentro dela, somente Artur.

Assim, passou-se mais uma hora escaldante e desconfortável. A perna quebrada do garoto voltou a doer, provavelmente porque o efeito dos

analgésicos ministrados no hospital começava a passar. A tala moderníssima também parecia desgastada, com vários furos.

Artur enfiou o dedo em um dos furos e fez uma careta. A tala estava se desmanchando. Definitivamente, o sol queimava. As costas das mãos ficavam cada vez mais vermelhas, como se quisessem imitar a cor das palmas. De acordo com seu relógio, eram 9 horas, mas a claridade continuava a mesma. Sem ver o sol, o garoto não tinha como perceber a aproximação da noite. Na verdade, ele não sabia nem mesmo se haveria noite. Na Casa Inferior havia, mas isso não queria dizer nada. E, sem noite, talvez não houvesse alívio do calor constante.

Artur pensou em deixar a boia e nadar, mas logo descartou a ideia. Afinal, tinha sido uma sorte encontrar aquele abrigo. Ou talvez não fosse sorte, mas obra do disco do Marinheiro. De todo modo, não aguentaria nadar por mais de meia hora e seria praticamente impossível encontrar terra em tão pouco tempo. Melhor esperar sentado que as aves marinhas de fumaça levassem alguém.

Duas horas mais tarde, o garoto sentiu uma lufada de ar fresco no cangote. Ao abrir os olhos inchados, viu que uma sombra tomava o céu. Um véu de escuridão avançava na linha do horizonte. Estrelas, ou coisa parecida, começaram a cintilar, à medida que a claridade diminuía.

O vento e a água do mar esfriaram. Artur desmanchou o turbante e vestiu o roupão. Com um calafrio, ele se encolheu. Tudo indicava que seria queimado pelo sol durante o dia e congelaria à noite. De qualquer maneira, acabaria morrendo. Assim, resistir à fome e à sede não era grande vantagem.

Enquanto pensava, Artur viu outra estrela. Uma estrela cadente, perto do mar, que seguia em sua direção. Seu cérebro afetado pelo calor precisou de alguns segundos para concluir que, na verdade, se tratava de uma luz.

Uma luz que vinha da proa de um navio.





Capítulo 4

O que parecia uma estrela cadente se aproximou, e o navio ficou mais visível, embora ainda fosse apenas pouco mais que uma silhueta escura contra a luz que se apagava — uma silhueta de contorno arredondado, que parecia muito larga, a abrir caminho em meio às ondas. Diferentemente daquele navio de três mastros que tinha levado Folha, este possuía apenas dois, e suas velas redondas com certeza não pertenciam à espécie luminosa.

Artur pouco se importava. Levantou-se com cuidado, por causa da cãibra causada pelo cansaço e pela longa imobilidade dentro da boia, e acenou freneticamente.

— Ajudem! Estou aqui! Ajudem!

Nenhuma resposta veio do navio, que avançava e se precipitava em direção ao garoto, embora ele visse algumas velas sendo recolhidas e Habitantes correndo pelo convés. Alguém gritava ordens que outros repetiam ou questionavam. Pelo jeito, o ambiente era meio tumultuado.

Artur gritou até ficar rouco e pulou até quase cair da boia, tentando chamar a atenção dos tripulantes, mas a embarcação seguiu seu caminho, por incrível que parecesse. Afastou-se, deixando apenas a visão de uma lanterna na amurada da popa.

O garoto ficou observando a luz sumir na escuridão. Então, sentou-se, completamente arrasado, enterrou a cabeça nas mãos e lutou contra as lágrimas.

“Não vou chorar”, disse para si mesmo. “Hei de arranjar uma solução. Sou o Mestre da Casa Inferior e das Regiões Afastadas. Não vou morrer dentro de uma boia em um mar tão detestável!”

Artur respirou fundo e levantou a cabeça.

“Vai aparecer outro navio. Tem de aparecer”.

Ele tentava se apegar àquela esperança, quando tornou a ver a luz. E outra.

“Duas luzes!”

As luzes estavam a uns 60 metros de distância e separadas uma da outra por cerca de 30 metros. Artur não levou mais de 1 segundo para concluir que via as lanternas da proa e da popa de um navio. Em seguida, a luz da popa desapareceu, por causa da manobra feita pelo piloto, mas logo a embarcação estava ao lado da boia.

Dali a pouco, o garoto ouviu o ruído de remos a bater na água e o canto dos Habitantes, que se aproximavam em um pequeno bote. Mas só conseguiu

entender o que diziam quando chegaram perto o bastante, trazendo uma lanterna de brilho incerto, inconstante, à procura dele e da boia.

Restos de naufrágios a boiar.
Carga atirada ao mar.
Tosses, gripes e feridas abertas a esperar.
Portanto, força a remar!

O feixe de luz amarelada passou por Artur, mas logo retrocedeu, caindo diretamente sobre seu rosto. Ele teve de levantar a mão, para proteger os olhos. Apesar de não ser muito forte, a luminosidade atrapalhava a visão do bote e da tripulação. Afinal, o garoto percebeu que havia pelo menos 12 Habitantes a bordo, e a maioria deles remava.

Da escuridão, veio um grito:

— Parem os remos! Iarco estava certo! Há um Nadica na boia!

Preparem as armas!

— Não sou um Nadica! — gritou Artur. — Sou... sou um marinheiro em apuros!

— Um o quê?

— Um marinheiro em apuros — repetiu Artur.

Ele tinha lido em algum lugar que marinheiros sempre se ajudam.

— De que navio? E o que faz aí nesse marcador de tesouro?

— Meu navio é o... Cama de Aço, que afundou. Eu nadei até aqui.

Um murmúrio percorreu os ocupantes do bote. Artur não conseguiu entender o que disseram, mas identificou algumas palavras: “reclamar”, “nosso”, “pegue ele e afogue”. Em seguida, escutou o que pareceu um tapa na cabeça de alguém e, logo após, um gemido. Desejou que fosse do Habitante que acabara de dizer “pegue ele e afogue”, pois sabia muito bem que era ele o alvo.

— Vamos lá — gritou o Habitante que estava no comando.

Os remos tornaram a mergulhar na água, e o bote avançou. Somente quando a pequena embarcação chegou ao lado da boia e o encarregado da lanterna iluminou um pouco mais o local, Artur pôde examinar melhor os recém-chegados.

Contou oito homens e cinco mulheres, cujas aparências não eram muito boas. Provavelmente tinham sido bonitos um dia, mas usavam tapa-olhos, tinham feias cicatrizes no rosto e ostentavam no braço, na face, na testa e no tronco um verdadeiro catálogo ilustrado de tatuagens, que iam de navios a tempestades, de crânios a cobras. O estilo de roupas era variado, sempre em cores vivas. O único item comum a todos era um cinto largo de couro, de onde pendiam um cutelo e uma faca. Metade usava também gorros de malha vermelha, e o líder, um Habitante de ombros largos com imagens de explosões solares tatuadas nas bochechas, usava, ao estilo de Napoleão, um chapéu de couro que parecia um tanto pequeno para ele.

O homem sorriu para Artur, deixando à mostra os últimos quatro ou cinco dentes que lhe restavam na boca, todos revestidos de ouro.

“Piratas”, concluiu o garoto.

No entanto, os ocupantes do bote tinham alguma coisa estranhamente não-agressiva. Como se fossem simples personagens. Piratas de verdade não hesitariam em matá-lo. Nem ficariam a observá-lo tranquilamente. Um deles até mesmo usava um pedaço de carvão para desenhar a cena em um caderno de esboços.

— O Cama de Aço — disse o líder. — Nunca ouvi falar dele. Quando foi que afundou? Levava carga?

— Há um dia, talvez — começou a dizer Artur com cautela. — A carga não era muita. Algodão e outras coisinhas.

— Coisinhas — repetiu o líder com uma piscadela na direção do garoto. — Ora, diante de um marcador de tesouro, quem vai se importar com “algodão e coisinhas”? O principal é: você pretende reclamar o que houver aí?

— Humm, não sei — respondeu Artur ainda cautelosamente. — Talvez.

— Bem, se não sabe, é porque não faz questão! — declarou o líder com uma boa risada. — Vamos dar uma olhada aí embaixo. Se tiver alguma coisa boa, pegamos. Então, podemos seguir em frente, e você vai cuidar dos seus negócios.

— Espere aí, me leve com você! — gritou Artur.

— Lagartixa, pegue uma corda e dê uma olhada embaixo da boia — ordenou o líder, dirigindo-se a uma mulher baixinha com escamas azuis tatuadas no rosto.

“Espero que sejam mesmo tatuagens, e não escamas de verdade”, Artur pensou.

A mulher desatou o cinto, livrou-se das botas e rapidamente mergulhou com uma corda presa aos dentes.

— Por favor, preciso ir para terra firme — pediu Artur. — Ou qualquer lugar onde possa dar um telefonema.

— Não é possível telefonar no Mar Fronteiriço — falou um dos Habitantes. — A central de comunicações foi inundada e nunca construíram outra em local mais alto.

— Feche a matraca, Monorelha! — mandou o líder. E, voltando-se para Artur, continuou:

— Então, quer embarcar no Mariposa como passageiro?

— É este o nome do seu navio? Mariposa?

— Positivo. Mariposa — respondeu um Habitante que tinha tatuados em volta da boca os dentes de um tubarão. — O que tem isso de errado? Mariposas podem ser extremamente ameaçadoras. Experimente ficar trancado em um armário cheio delas...

— Não quis criticar o nome do navio — justificou-se Artur. E, pensando rapidamente, continuou: — Só fiquei surpreso por ser convidado a subir a bordo de uma embarcação tão famosa.

— O que? — fez outro Habitante. — O Mariposa?

— Isso mesmo — confirmou Artur. — Um navio famoso tripulado por... humm... piratas tão admirados!

As palavras do garoto causaram um repentino silêncio. Então, os tripulantes caíram uns por cima dos outros, na pressa de retomar os remos, enquanto gritavam ao mesmo tempo:

— Piratas?! Onde? Que piratas? De volta ao navio!

— Quietos! — rugiu o líder.

Em seguida, atravessou com dificuldade a embarcação, distribuindo tapas com a mão aberta na parte de trás da cabeça dos tripulantes, até que se acomodassem em seus lugares. Então, voltou-se para Artur.

— Nunca fomos tão insultados! Nós, piratas! Somos Recolhedores, com muita honra. Só pegamos o que tiver sido atirado ao mar, ou que tenha vindo à tona, depois de afundar. Ou então tesouros abandonados em mar aberto.

— Desculpe — pediu Artur. — Foi por causa dos tapa-olhos, das roupas, das tatuagens e tudo o mais... Eu me confundi. Mas quero muito ser seu passageiro.

— Só porque somos Recolhedores, não quer dizer que a gente não pode se vestir bem e usar um tapa-olho, se tiver vontade — resmungou Boca de Tubarão. — Ou dois, se for o caso.

— Não pode usar dois, seu idiota! — cortou outro Habitante.

— Claro que pode — insistiu o primeiro. — É só pedir ao doutor um pedaço de couro transparente...

— Calados! — mandou o líder.

Em seguida, voltou-se para Artur e continuou:

— Não estou garantindo que seja admitido como passageiro, certo? Sou apenas o segundo oficial. O meu nome é Sol Quente. Mas vamos levá-lo para o navio e deixar que o capitão decida seu destino.

— Obrigado! agradeceu Artur. — Meu nome é Art... — Ele interrompeu o que dizia. Pensou que seria melhor não revelar seu nome.

— Art? Bem, suba a bordo, Art.

Dois Habitantes que estavam mais perto firmaram o bote perto da boia, e outro ajudou Artur a pular.

— Vai cortar a perna, não é? — perguntou com um sorriso o terceiro Habitante, mostrando que abaixo do joelho tinha uma perna de pau. — Mas cresce depressa, estou lhe avisando.

Artur fez uma careta e disfarçou o medo de ter a perna amputada. Ao contrário do que acontecia com os Habitantes, a dele não cresceria novamente.

— A minha já foi cortada uma dúzia de vezes — continuou o homem da perna de pau. — Eu lembro...

No entanto, ele não terminou de falar. Recuou, ao ver as mãos de Artur manchadas de vermelho.

— Ele tem a Mão Vermelha!

— A marca de Fugaz!

— Estamos perdidos!

— Calados! — rugiu Sol Quente sem desviar os olhos das mãos de Artur.

— É que a boia estava suja de tinta vermelha ou coisa parecida. Lavando, sai — disse o garoto.

— Da boia... — sussurrou Sol Quente. — Desta boia aqui?

— É.

— Saiu fumaça?

— Saiu.

— E sobre as aves? A fumaça se transformou em aves, não foi? Aves de fumaça preta que gritaram “morte”, “esquartejamento” ou coisa parecida?

— Tinha uns pássaros, sim — admitiu Artur. — Eles gritaram “ladrão” e fugiram. Pensei que vocês tivessem vindo por causa deles.

Sol Quente tirou o chapéu e limpou a testa com um lenço branco surpreendentemente bem dobrado, que puxou do bolso.

— Não foi isso — explicou. — O vigia viu a boia aberta, e o capitão achou que valia a pena dar uma olhada. Aquele marcador de tesouro deve pertencer a Fugaz. Os pássaros devem ter voado à procura dele e do navio dele.

— O Calafrio — disse em coro a tripulação do bote. — O navio de osso.

Em seguida, o Habitante que cuidava da lanterna diminuiu a luminosidade, e todos examinaram o mar em torno.

Sol Quente passou a língua pelos dentes que lhe restavam e continuou a esfregar a cabeça. A tripulação apenas observou, interessada, até que ele largou o lenço e colocou o chapéu.

— Escutem — sussurrou ele. — Visto que, provavelmente, seremos todos mortos ou acorrentados como escravos, vamos ver o que tem lá embaixo. Lagartixa! Onde está Lagartixa?

— Aqui — respondeu um sussurro vindo da água. — Achei um baú bem grande apoiado em uma pedra, a pouco menos de 20 metros de profundidade.

— E a corrente?

— Amarrada à pedra, não ao baú.

— Então, vamos pegar o baú — falou baixinho Sol Quente. — Esqueleto, você e Garrafão suspendam os remos. Os outros peguem a corda. Você também, Art.

Artur se juntou aos Habitantes, segurando a corda. Quando Sol Quente deu a ordem, em voz baixa, mas firme, todos puxaram ao mesmo tempo.

— Puxem! Aguentem firme! Puxem com força! Aguentem firme! Puxem! Aguentem! Mais uma vez!

Nesse momento, um baú encharcado, que tinha de comprimento a mesma medida da altura de Artur e lhe chegava à cintura, passou raspando sobre a borda e foi puxado para dentro do bote. Então, todos voltaram aos seus lugares e, em obediência às ordens sussurradas por Sol Quente,

manejaram delicadamente os remos, fazendo com que a embarcação avançasse em direção às luzes do Mariposa.

— Tomara que dê para chegarmos ao navio a tempo de morrermos todos juntos — falou baixinho o Habitante que remava ao lado de Artur. — Assim vai ser melhor.

— O que lhe dá tanta certeza de que vamos morrer? — perguntou Artur. — Não seja tão pessimista!

— Fugaz nunca deixa sobreviventes — sussurrou outro Habitante. — Ele escraviza ou mata. De todo modo, suas vítimas somem para sempre. Ele tem estranhos poderes. É um Feiticeiro de Nada.

— Mas ele tortura primeiro — acrescentou uma das mulheres com um sorriso que revelava seus dentes desgastados. — E você tocou a boia. Está com a Mão Vermelha, que denuncia a sua tentativa de roubar um tesouro de Fugaz.

— Quietos! — cortou Sol Quente. — Remem calados e escutem!

Artur virou de lado e pôs a mão em concha no ouvido, mas tudo o que conseguiu escutar foi a respiração pesada dos remadores e o ruído suave e regular dos remos a entrar e sair da água.

— O que devemos ouvir? — perguntou Artur depois de algum tempo.

— Uma coisa que não queremos ouvir — respondeu Sol Quente, virando-se para a popa do bote.

E, sem se voltar novamente para Artur, continuou:

— Apague a lanterna, Yeo.

— Está apagada — explicou Yeo. — A luz é de uma das Luas, que está nascendo. Fugaz vai nos ver a quilômetros de distância.

— Então de nada adianta não fazer barulho — concluiu Sol Quente.

Artur olhou na direção apontada pelo companheiro. Realmente, uma Lua azulada subia no horizonte. Não era muito grande nem estava muito longe — algumas dezenas de quilômetros, e não centenas ou milhares — e brilhava bastante.

A Lua azul subiu rapidamente, mas aos arrancos, como se fosse acionada por um mecanismo de relógio que precisasse de lubrificação. Artur via claramente o Mariposa, balançando no movimento suave do mar. De repente, notou mais alguma coisa: o luar revelou o brilho da lente de um telescópio sobre uma silhueta fina e escura, provavelmente um mastro. Sol Quente também viu.

— Remem, seus cães! — rugiu o segundo oficial. — Remem para salvar as suas vidas miseráveis!





Capítulo 5

A chegada ao Mariposa foi mais uma fuga movida pelo pânico do que um embarque organizado. Os Habitantes se acotovelavam, tentando subir pela escada lateral ou escalar a rede pendurada no casco amarelo da embarcação, enquanto gritavam “Fugaz!”, “Calafrio!” ou “Estamos perdidos!”

A duras penas, Sol Quente afinal conseguiu arrastar de volta alguns Habitantes e fazê-los cuidar da corda que prendia o baú. Só não pôde convencê-los a recuperar o bote, que foi levado pela correnteza. Sem alternativa, ele mesmo pulou para a rede, ajudando Artur a subir com ele.

— Nunca perdemos uma carga nem um passageiro — resmungou Sol Quente. — E não é por causa da espuma do mar. Senhor Concor! Senhor Concor! Há um bote à deriva!

— Concor é o Imediato — explicou ele a Artur, enquanto escalavam a rede. — Agradável, mas com a inteligência de uma galinha. Tal como a maior parte da tripulação, ele trabalhava no escritório comercial que se transformou no Mariposa. Era o Chefe. Qualquer um pensaria que, depois de milhares de anos no mar, ele tivesse aprendido... mas estou falando bobagem. Suba!

Artur foi puxado para cima, sobre a amurada. Sem tempo para proteger a perna quebrada, caiu no convés e, antes que se levantasse, foi suspenso pelos cotovelos por Sol Quente, que gritou:

— Icabod! Icabod! Leve o nosso passageiro ao capitão! E arranje um cobertor para ele!

Um Habitante sem tatuagem alguma no corpo, elegantemente vestido com um colete azul e uma camisa quase branca, livrou-se do atropelo causado pelos marinheiros em pânico e fez uma leve reverência a Artur. Mais magro do que a maioria dos Habitantes, executava movimentos precisos, como se seguisse um misterioso padrão de dança comandado por sua mente.

— Por favor, siga por aqui — comandou ele com uma meia-volta, quase uma pirueta, que ficaria bem melhor em um palco do que no tombadilho instável de uma embarcação.

Obedientemente, Artur seguiu o Habitante, que presumiu ser Icabod. Atrás dele, ia Sol Quente, distribuindo tapas na parte de trás da cabeça dos tripulantes e gritando:

— Vigia de bombordo! No topo do mastro! Se preparem para partir! Vigia de estibordo! Atenção aos canhões e pontos de abordagem!

— Barulhentos demais, esses marinheiros — comentou Icabod. — Cuidado com a cabeça.

O Habitante curvou a cabeça quando entraram em um corredor estreito. Embora não fosse tão alto, Artur também teve de se encolher. Estavam em uma passagem escura, estreita e com o teto muito baixo.

— Você não é marinheiro? — perguntou Artur.

— Sou o camareiro do capitão — respondeu Icabod sério. — Quando estávamos em terra, eu era o criado dele.

— Era o quê?

— Criado. Às vezes, chamam de valete — explicou Icabod. E, dizendo isso, abriu a porta e entrou seguido por Artur.

O cômodo não se parecia com o que o garoto esperava encontrar. Para começar, era grande demais para estar dentro de um navio: um espaço enorme, pintado de branco, com pelo menos 25 metros de comprimento e 20 de largura, com o teto decorado a 6 metros de altura, de onde pendia um lustre de cristal lapidado com 50 velas.

Bem no meio do cômodo, via-se uma mesa de mogno, onde repousava uma lanterna de vidro verde fosco. Ao longo da parede, enfileiravam-se pequenas vitrines, todas iluminadas por lanternas de gás que produziam um chiado característico. Na parede oposta à entrada, havia uma cama de quatro colunas, com cortinado, tendo ao pé uma caixa de cobertor, uma tela pintada com uma cena marinha e um grande guarda-roupa revestido de carvalho com portas espelhadas.

Tudo estava absolutamente sossegado, sem qualquer oscilação. Ao ser fechada a porta, o falatório da tripulação e o ruído do mar desapareceram por completo, bem como o balanço do convés.

— Como...

Artur nem precisou concluir o que ia dizer. Icabod sabia o que ele queria perguntar.

— Este é um dos cômodos originais. Quando houve o Dilúvio e fomos obrigados a transformar o escritório comercial em embarcação, este cômodo se recusou a mudar para alguma coisa mais útil, como uma coberta guarneçada de canhões. Com o tempo, o doutor Scamandros conseguiu fazer uma ligação com o corredor que vai dar na popa, mas na verdade este lugar não faz parte do barco.

— Onde estamos, então?

— Não sabemos bem. Provavelmente não no mesmo lugar onde estávamos antes, pois toda a área onde ficava o escritório comercial está debaixo de água. O capitão acha que este cômodo deve ter sido supervisionado pessoalmente pela Arquiteta, conservando assim algumas de suas qualidades. O certo é que estamos dentro da Casa, e não nos Reinos.

— Você não tem medo de ser separado do barco? — perguntou Artur enquanto caminhavam em direção à cama.

O cortinado estava puxado, e Artur ouviu os roncos atrás dele. Não era um ronco insuportável e horrível, mas uma sucessão de fungadas e chiados prolongados.

— De modo algum — respondeu Icabod. — Em sua maior parte, a embarcação ainda se mantém um escritório comercial, embora há muito transformado. Este cômodo faz parte do prédio original, portanto sempre estará conectado a ele, de algum modo. Se a passagem for fechada, outra se abrirá.

— Talvez pelo guarda-roupa — sugeriu Artur.

Icabod olhou sério para ele. Suas sobrancelhas se contraíram até quase se juntarem acima do nariz.

— Duvido, jovem mortal. Onde eu guardo as roupas do capitão, não serve de passagem para lugar algum.

— Desculpe. Eu só estava...

A voz de Artur morreu na garganta quando ele percebeu que as sobrancelhas de Icabod, em vez de retornarem a uma posição mais amigável, continuavam no mesmo lugar. Depois de alguns segundos de um silêncio gelado, o Habitante franziu o nariz, como se alguma coisa irritasse suas narinas, e se abaixou para abrir a caixa que estava no pé da cama.

— Aqui está o cobertor — disse, embora não fosse preciso. — Sugiro que se enrole nele. Talvez assim pare de tremer. A não ser, é claro, que se trate de fingimento.

— Oh, obrigado — agradeceu Artur.

O garoto nem tinha reparado que tremia. Somente ao ouvir o que disse Icabod, deu-se conta de que estava frio, e calafrios subiam e desciam por seus braços e pernas. O cobertor pesado era muito bem-vindo.

— Estou com frio. Talvez seja gripe.

— É mesmo? — perguntou Icabod subitamente interessado. — Devemos avisar o doutor Scamandros. Mas suponho que seja melhor acordar primeiro o capitão.

— Já acordei — falou uma voz calma por trás do cortinado. — Temos visita, estou vendo. Mais alguma coisa a relatar, Icabod?

— O senhor Sol Quente é da opinião de que estamos sendo perseguidos pelo terrível pirata Fugaz por causa do roubo de um de seus baús de tesouro.

— Ah! — fez a voz. — E o senhor Sol Quente está fazendo... humm... coisas com as velas e tudo o mais? De modo que possamos... ah... escapar?

— Sim, senhor — respondeu Icabod. — Posso apresentar um passageiro, em potencial, que o senhor Sol Quente recolheu na boia de Fugaz e trouxe para bordo? Trata-se de um garoto e acredito que seja um verdadeiro mortal; não uma das crianças do Tocador de Gaita.

— É isso mesmo — concordou Artur.

— Primeiro, o que vier em primeiro lugar, Icabod — cortou a voz. — Minhas segundas melhores botas, meu terceiro melhor casaco e... ah, minha espada. Pegue aquela de lâmina bem afiada.

— A de lâmina afiada, senhor? Acha apropriado?

— Acho, sim. Para o caso de... sermos apanhados por Fugaz... Agora, garoto mortal, qual é o seu nome?

— Meu nome é... cuid...!

Artur interrompeu o que dizia ao ver Icabod se encaminhar diretamente para o espelho do armário. Mas não houve choque. Como se mergulhasse em uma piscina, o Habitante atravessou o vidro que ondulou à sua passagem.

— Cuid? — perguntou o capitão.

— Desculpe, eu me distraí — explicou Artur. — Meu nome é Art.

— Cuid soa melhor do que Art — disse o capitão. — Pena. Nomes podem ser um fardo terrível. Veja o meu, por exemplo. Catapillow. Capitão Catapillow, às suas ordens.

— Cata-Piolho? — perguntou Artur sem saber se tinha ouvido corretamente através do cortinado da cama.

— Não! Cat-a-pillow. Entende o que digo? Soa bem para um gerente de escritório, mas não combina com uma lenda da navegação.

— E por que não muda?

A resposta chegou abafada aos ouvidos do garoto.

— Oficiais não podem mudar de nome, que foi escolhido pela Arquiteta e inscrito no Registro de Precedência. Por isso sou capitão. O mais velho a bordo, número 38.598 em precedência na Casa. Preferia não ser, mas não tenho escolha. O senhor Sol Quente é... humm... o único marinheiro profissional a bordo. E as botas?

— Estão aqui, senhor — disse Icabod, enfiando entre as dobras do cortinado as botas, o casaco e a espada.

Artur não tinha visto o camareiro voltar do espelho, mas lá estava ele.

Uma exclamação abafada veio da cama. O cortinado foi suspenso, e as botas surgiram por baixo dele, meio enfiadas nos pés do capitão. Este se calçou, com a ajuda de Icabod, pôs-se de pé e fez uma reverência para Artur.

Era um homem alto; não tão alto, porém, quanto a Primeira Dama ou Meio-Dia de Segunda-Feira. Não se podia dizer que fosse especialmente bonito, mas também não era feio. Não trazia tatuagens, pelo menos em local visível. Parecia um indivíduo comum, com o rosto um tanto inexpressivo. Usava uma peruca de cabelos curtos e brancos, amarrados atrás por uma fita azul em uma espécie de rabo-de-cavalo. No casaco bastante desbotado, havia apenas uma dragona dourada sobre o ombro esquerdo.

Catapillow se atrapalhou para ajeitar a espada no cinto e precisou da ajuda de Icabod. Enquanto isso, falou para Artur:

— E então, meu jovem, quer ser passageiro de um navio que logo será afundado? O destino de quem estiver a bordo será a morte pela espada ou a vida como escravo do pirata Fugaz.

— Não — disse Artur. — Quer dizer, quero ser passageiro, mas não tem jeito de escaparmos? Eu vi o navio pirata e estava bem longe. Acho que temos uma boa vantagem.

— Uma perseguição no mar é uma longa perseguição — resmungou Catapillow. — E, no fim, provavelmente seremos apanhados. Mas podemos... ahn... pensar no assunto. Pode ser que o senhor Sol Quente tenha o que vocês chamam de ideias. Ou então o doutor Scamandros. Logo agora que eu ia

examinar alguns novos itens da minha coleção. Que imagino seja em breve “a coleção de Fugaz”. E ele nem vai dar valor.

Pelo olhar afetuoso de Catapillow, Artur podia dizer que a coleção estava arrumada nas vitrines ao longo da parede. Mas, antes que pudesse fazer qualquer pergunta, Icabod se levantou e tossiu significativamente.

— O que é? — perguntou Catapillow.

— A sua presença é necessária no convés, capitão — disse Icabod em voz alta e firme.

— Sim! Sim! — falou Catapillow. — Vamos ver por onde anda aquele detestável... humm... detestável navio de Fugaz. Mais tarde conversamos sobre o pagamento da sua viagem, Art. Venha!

O capitão seguiu na frente. Quando a porta foi aberta, Artur voltou a ouvir o rugido do mar, o ranger das madeiras e os contínuos gritos de Sol Quente e da tripulação.

Ao pisar no corredor, o garoto chegou a fechar os olhos para diminuir a sensação de tonteira causada pela diferença entre a estabilidade do grande cômodo e o balanço da embarcação. Mas tudo logo voltou ao normal, apesar de o navio jogar demais, obrigando Artur a se apoiar de tantos em tantos metros.

O convés principal estava banhado pela luz da Lua, que ia alta no céu. O luar era frio e intenso; intenso a ponto de criar sombras e permitir até que alguém pudesse ler, se quisesse.

Ao sentir o vento forte, Artur enrolou melhor o cobertor em volta dos ombros. Todas as velas estavam cheias. O Mariposa adernava fortemente para estibordo e avançava a toda velocidade.

Ao olhar sobre o ombro, porém, o garoto viu que o navio pirata era ainda mais rápido. Muito menor e mais estreito do que o Mariposa, tinha apenas dois mastros e velas triangulares, em vez das redondas do navio mercante.

— O navio parece branco à luz da Lua — comentou Artur. — E as velas são marrons?

— São da cor de sangue ressecado — esclareceu Icabod. — Uma tonalidade chamada pelos piratas de sanguinolento clássico. Dizem que o casco foi feito de um pedaço de osso de um monstro lendário encontrado nos Reinos Secundários. É que o próprio Fugaz veio de lá e já foi mortal, até que tomou as profundezas mais escuras da Magia da Casa, e agora é meio Nadica, meio...

— Chega, chega... obrigado, Icabod — interrompeu Catapillow nervosamente. — Venham comigo.

O capitão tomou o rumo do convés superior, onde dois Habitantes se esforçavam para manobrar o leme, e Sol Quente gritava ordens para outros marinheiros que, no topo dos mastros, posicionavam velas e vergas. Havia ainda dois outros Habitantes. Um, ao lado de Sol Quente, balançava violentamente a cabeça, concordando com todas as ordens, embora se mantivesse calado. A expressão agradável e a roupa guardavam certa

semelhança com as do capitão Catapillow. Portanto, tratava-se de um oficial. “Provavelmente o Imediato”, pensou Artur. Aquele que era o Chefe do escritório comercial.

O outro Habitante parecia de todo diferente. Estava agachado no convés, perto do leme. Pouco mais alto que Artur, era uma figura pequena e estranha, quase completamente perdida dentro de um grande sobretudo amarelo, de mangas enroladas. Sem um só fio de cabelo, ele tinha a superfície da cabeça e do rosto coberta de tatuagens coloridas, que o garoto logo percebeu serem animadas: mexiam-se e até trocavam de lugar. Havia mapas, navios, criaturas do mar, pássaros e nuvens, Luas e estrelas, sóis e planetas.

— Aquele é o senhor Concorrt, o Imediato — sussurrou Icabod, apontando para o Habitante que estava perto de Sol Quente. — E aquele é o doutor Scamandros, nosso mais competente feiticeiro e navegador. Está praticando a aruspicação, para adivinhar qual a melhor rota a seguir. Veja bem: ele não deve ser interrompido ou acontecerão coisas terríveis.

Nesse momento, uma rajada de vento atingiu o Mariposa, fazendo-o adernar ainda mais. Todos os que estavam no convés tentaram se equilibrar de algum modo, mas Artur foi de encontro ao capitão Catapillow, e os dois escorregaram até a amurada.

Artur quase caiu na escuridão do mar, que estava muito próximo, mas conseguiu se equilibrar e, no último momento, salvar o cobertor. Só não pôde evitar um solavanco na perna quebrada, o que provocou uma terrível dor aguda, que chegou até a cabeça.

Quando afinal, em resposta às ordens gritadas por Sol Quente, a embarcação se estabilizou, Artur viu que quase todos no convés tinham ido parar na amurada de estibordo. Somente os dois pilotos, agarrados ao leme, Sol Quente e o doutor Scamandros foram poupados. Este último continuava na mesma posição, agachado, como se colado ao piso. Os elementos que ele utilizava em sua adivinhação também não se moveram, o que parecia impossível. Havia vários mapas e sobre eles um compasso de pontas fixas de ouro e bronze, uma régua e o crânio de um pequeno animal, utilizado como suporte para mais ou menos uma dúzia de lápis.

Muitos pedacinhos de papelão colorido pareciam espalhados ao acaso, perto dos mapas, e eram estudados pelo doutor Scamandros, que assobiava pelos dentes da frente. Depois de alguns segundos, ele os reuniu nas mãos em concha e tornou a espalhar. Para surpresa de Artur, os cartõezinhos se uniram ao cair no piso do convés; eram peças de quebra-cabeça. Somente duas ou três ficaram à parte. A cena estava incompleta.

O doutor Scamandros parou de assobiar e, como que em resposta, o vento diminuiu um pouco. O Habitante recolheu as peças do quebra-cabeça, arrumou em uma caixa de papelão que trazia na tampa a figura de uma ovelha e guardou em um bolso interno do sobretudo amarelo. Feito isso, pôs-se de pé. Obviamente aquela era a ocasião em que ele podia ser interrompido, pois Catapillow e Concorrt se aproximaram ansiosos.

— Quais são os sinais, doutor? — perguntou Catapillow. — Existe uma rota de fuga?

— Não — respondeu Scamandros.

A voz do feiticeiro era alta e clara e lembrou a Artur o som de um trompete.

— Há alguma interferência poderosa sobre as adivinhações da cabra e da ovelha. Nessas condições, nem vou tentar o boi. Sem orientação, não há como descobrir a melhor rota.

— Seria a influência de Fugaz? — perguntou Sol Quente. — Mesmo tão longe?

— Não — respondeu Scamandros.

Ele acabava de notar a presença de Artur. Seus olhos escuros se fixaram no garoto.

— Está muito mais perto. Quem é ele?

— Art — disse Sol Quente. — Um menino mortal. Nós o pegamos com o tesouro de Fugaz.

— Ele possui um objeto de grande poder — falou o doutor Scamandros com ansiedade na voz.

E, depois de uma busca minuciosa nos bolsos do casaco, apareceu com um óculos de aro dourado e grossas lentes de quartzo escurecido que ajeitou na testa, e não sobre os olhos.

— Traga-o aqui.

Tomando a iniciativa, mas com alguma dificuldade, Artur atravessou o convés. Sol Quente o pegou pelo braço, sem apertar, mas com firmeza suficiente para ficar entre a mão amiga que ampara e a força do guarda que segura o prisioneiro.

— O que tem no bolso, rapaz? — perguntou o doutor Scamandros. — Está interferindo na minha adivinhação e, assim, na condução deste navio.

— É... é um livro — disse Artur. — Não tem utilidade para o senhor.

— Quem sabe se tem ou não tem sou eu! — exclamou Scamandros. E, dizendo isso, esticou a mão até o bolso de Artur, enquanto Sol Quente apertava mais um pouco o braço do garoto.

— O que temos...

Quando Scamandros tocou o Atlas, um estampido forte, como um tiro de pistola, fez com que a recolhesse rapidamente, tão rapidamente que Artur nem viu o movimento. No instante seguinte, o navegador pulava em um pé só, com os dedos enfiados embaixo da axila, e gritava:

— Ai! Ai! Ai! Joguem o garoto no mar!

Depois de hesitar por alguns momentos, Sol Quente agarrou Artur pelas costas e, com passos incertos, levou-o até a amurada de estibordo, onde bateu com força considerável.

— Desculpe, rapaz — disse enquanto levantava o garoto e se preparava para atirá-lo ao mar, que parecia esperar. — Mas precisamos do doutor.





Capítulo 6

— Não! — gritou Artur.

E, como Sol Quente continuasse a levantá-lo, continuou:

— Sou amigo do Marinheiro! Capitão Tom Shelvocke!

Sol Quente abaixou o braço, pousou Artur de volta no convés e disse friamente:

— Prove. Se estiver mentindo, vou fazer uns recortes com a faca em você, antes de jogar no mar.

Artur meteu a mão trêmula dentro do paletó do pijama, à procura do cordão feito de fio dental. Por um terrível momento, pensou que tivesse perdido o disco, mas logo o sentiu pendurado na altura do peito.

— O que está esperando, Sol Quente? — gritou zangado o doutor Scamandros. — Jogue logo!

Sol Quente se aproximou e examinou o disco, de um lado e do outro. Então, com um suspiro, largou Artur. Nesse exato momento, a embarcação balançou para bombordo e voltou à posição, quase lançando Artur ao mar.

— Obedeça ao doutor, senhor Sol Quente! — gritou Catapillow. — Precisamos saber que rota seguir!

— Não posso, capitão! — respondeu Sol Quente. — O garoto tem a marca do Marinheiro. Se ele pede ajuda, devemos dar, como marinheiros que somos!

— Eu estou pedindo! — apressou-se Artur a dizer. — Não quero ser atirado ao mar. Só quero mandar uma mensagem para a Casa Inferior. Ou às Regiões Afastadas.

— Ele tem o quê? De quem? — fez Catapillow.

Sol Quente suspirou outra vez e ajudou Artur a percorrer o convés inclinado, aproximando-se assim do grupo que se reunia perto do leme. O doutor Scamandros mantinha os dedos doloridos sob o braço e olhou de cara feia para o garoto.

— Nenhum marujo vai contra o Marinheiro — explicou Sol Quente. — O garoto tem a medalha do Marinheiro. Portanto, arranje outra solução, doutor. Ele não pode ser jogado no mar.

— O Marinheiro — repetiu Scamandros. — Uma figura merecedora de respeito por parte de todos os que são ligados à navegação. Um dos filhos do Velho, se não me engano...

— Isso mesmo — confirmou Artur, embora o doutor não se dirigisse a ele. — Filho do Velho e da Arquiteta.

— Talvez eu tenha sido um pouco precipitado — continuou Scamandros. — Achei que você talvez trouxesse no bolso alguma coisa indesejável. Mas sendo amigo do Marinheiro... aceite o meu pedido de desculpas, por favor.

— Claro — respondeu Artur. — Sem problemas.

— Então... ahn... seja bem-vindo a bordo — disse o capitão. É um prazer ter você conosco. Embora eu receie que nossa viagem esteja prestes a... humm... ser interrompida.

Todos olharam para a popa. O Calafrio se aproximava. Estava a menos de 2 quilômetros de distância.

— Logo vão disparar a artilharia de proa — disse Sol Quente. — Isso se tiverem pólvora. Eles têm o vento a favor, e nós temos contra.

— Oh... — fez Concoart, engolindo em seco e franzindo a testa. — Não me parece muito bom.

— Não pode conseguir um vento melhor, doutor? — pediu Sol Quente. — Quem sabe, se soltasse alguns dos seus nós...

— Não dá — respondeu Scamandros. — Fugaz já está trabalhando o vento, e ele tem mais força. No Mar Fronteiriço, não há escapatória.

Catapillow retirou uma parte de sua espada da bainha e quase cortou os dedos nervosos na lâmina enquanto perguntava:

— E não existe... ahn... um curso que leve aos Reinos?

— Bem... existe uma possibilidade que eu talvez não tenha levado em conta por causa da dor extrema que sinto nos dedos — disse Scamandros. — Não posso fazer previsões devido a uma interferência mágica. Mas este jovem pode, por sua capacidade natural. É capaz de fazer presságios com base em intestinos de animais, jovem senhor?

— Não — respondeu Artur com uma careta. — Que coisa nojenta!

— Atualmente, não se usam mais intestinos — sussurrou Icabod. — Somente quebra-cabeças mágicos com figuras de intestinos.

— Realmente, a arte evoluiu. Ela se tornou mais organizada e menos problemática para a lavanderia — explicou Scamandros, comprovando sua excelente audição. — Embora eu, pessoalmente, acredite que é melhor ser treinado à maneira antiga e só depois usar os quebra-cabeças. Quer dizer que não é mago nem vidente?

— Não...

— Então, jogue as peças que eu leio.

Scamandros pegou dentro do casaco uma caixa grande, maior do que a que tinha usado antes, e entregou para Artur. Na tampa, havia a gravura de um boi, cortado nas costas em sentido transversal, para mostrar as vísceras.

— Depressa agora. Abra a caixa e pegue todas as peças nas mãos.

No exato momento em que Artur abriu a caixa, um som agudo cortou o ar. Parecia a mistura de um apito de trem com o grito de um papagaio assustado. Sol Quente olhou para cima e resmungou:

— Eles têm pólvora! Foi um tiro de longa distância!

Em seguida, começou a gritar ordens para os pilotos e a tripulação. Quando o leme foi virado, e os homens em fila ajustaram as vergas, que são as barras horizontais do mastro nas quais ficam presas as velas, o Mariposa fez um ruído surdo e se inclinou para bombordo.

Artur se ajoelhou no convés e colocou a mão na caixa. Embora visse dentro dela apenas pedaços de papelão colorido, ele recuou ao tocá-los.

— Ugh! Parece carne crua picada ou... ou coisa pior!

— Não ligue! — instruiu Scamandros. — Pegue as peças e jogue no chão. Depressa!

Artur estremeceu hesitando. Então tornou a ouvir o apito, seguido da explosão, bem atrás do Mariposa, de uma enorme coluna de água gelada, que espirrou em todos.

— Um acima, outro abaixo — falou Sol Quente sério. — Logo, logo, vão acertar.

Artur respirou fundo e meteu a mão na caixa. Pegar as peças era o mesmo que pegar vermes mortos. Mas ele conseguiu, atirou todas aos pés de Scamandros.

Tal como acontecera anteriormente, as peças se reuniram, mas desta vez nenhuma sobrou; formou-se um retângulo perfeito. As cores escorreram e brilharam, como se alguém tivesse jogado tinta no quebra-cabeça, e em seguida formaram linhas e padrões. Em poucos segundos, apareceu uma figura onde se via uma ilha rochosa e um morro coberto de pedras amarelas, tudo rodeado por um mar de cor estranha, mais violeta do que azul.

Ao resmungar alguma coisa, Scamandros observou a figura, enrolou o mapa que tinha a seus pés e imediatamente desenrolou, revelando um mapa de todo diferente.

— Ilha Esquecida, Mar de Lazer, no planeta que chamamos de Gerain — falou Scamandros. — Isso mesmo!

— Err, senhor Concourt... — disse Catapillow.

— Ah, senhor Sol Quente... — disse Concourt.

— Se preparem para cruzar a Linha! — rugiu Sol Quente. — Vamos, seus preguiçosos!

Catapillow e Concourt correram para a amurada, onde ficaram agarrados. Sol Quente se uniu aos dois Habitantes no leme. Scamandros pegou o quebra-cabeça, que não se desmanchou, e foi para perto deles.

— Se agarre a uma corda ou à amurada — ensinou Icabod a Artur. — Quando o doutor gritar, abaixe a cabeça e feche os olhos. E, aconteça o que acontecer, não solte!

Artur obedeceu: agarrou-se firmemente à amurada de bombordo. Em seguida, ficou olhando o doutor Scamandros, que, sem largar o quebra-cabeça, resmungava, com eventuais interrupções para dar instruções a Sol Quente.

— Bombordo 5, firme — disse. — Estibordo 10 e volta a meia nau. Segure. Bombordo 5, bombordo 5, estibordo 10...

O Mariposa balançou, adernou para um lado e depois para outro, mas pouco pareceu mudar de direção, apesar das voltas no leme. O doutor

Scamandros continuou a ordenar as manobras.

Artur ouviu um baque surdo e olhou para trás, bem a tempo de ver o clarão provocado pelo disparo da artilharia do Calafrio, seguido pelo mesmo apito. Desta vez, porém, não houve água espirrando nem uma bala de canhão passando sobre sua cabeça. Assim que o doutor Scamandros gritou alguma coisa ininteligível e atirou para cima o quebra-cabeça, o garoto ouviu um som assustador, como se alguma coisa tivesse causado um forte impacto, estilhaçando-se. Por um momento, aquele som abafou todos os outros.

Mas Artur não olhou. Fechou os olhos e se abaixou, como tinha sido aconselhado a fazer, na esperança de que o alvo atingido pela bala de canhão não caísse em sua cabeça.

Depois do terrível som que indicava a destruição de boa parte do navio, imediatamente seguido por um clarão tão intenso que atravessou as pálpebras de Artur e atingiu os olhos, houve um momento de silêncio. O clarão foi acompanhado de um estouro que sacudiu o navio e provocou uma vibração tão forte que fez doerem os braços, as pernas e o estômago do garoto.

Ele soube logo o que estava acontecendo. Sua mão foi diretamente para o convite que guardava no bolso, e ele se abaixou ao máximo.

A qualquer momento, atravessariam novamente a Linha de Tempestades!

O trovão foi tão ensurdecador que o eco permaneceu nos ouvidos e na cabeça de Artur por algum tempo. Ele precisou esperar um pouco até parar de tremer e recuperar a audição. A imagem do clarão também demorou a desaparecer, transformando-se em manchas e pontos escuros que dançavam em torno dos olhos do garoto.

Ele reagiu com espanto à cena de destruição que viu em seguida. Uma das grandes barras horizontais do mastro principal do Mariposa fora atingida e quebrada pela bala de canhão; metade estava caída sobre o convés, e a outra metade, jogada ao mar, foi reduzida a uma confusa massa de madeira, cordas e lona.

Depois de uma olhada rápida, Artur teve a atenção despertada por uma enorme moldura dourada que se estendia do mar em direção ao céu e media uns 120 metros de comprimento por 90 de largura. A cena emoldurada reproduzia, em maiores dimensões e cores mais vivas, o panorama formado pelo quebra-cabeça: a ilha de rochas amarelas e o mar violeta. Mas não parecia uma gravura. O mar tinha movimento, nuvens avermelhadas flutuavam sobre a ilha e pássaros, ou seres parecidos com eles, voavam em torno. O contorno das peças, bem mais sinuosas e detalhadas do que as de um quebra-cabeça normal, era visível, apesar de pouco nítido.

— Vigia de estibordo, abaixe aquela verga! Depressa!

Enquanto Sol Quente falava, o Mariposa balançou. As velas sacudiam, produzindo um som que lembrava aplausos sarcásticos.

— Piloto! Segure firme! — gritou Sol Quente.

Artur percebeu que a intenção era rumar diretamente para a imagem emoldurada. Sabia, porém, que não se tratava apenas de uma imagem, mas de

uma porta para outro mundo, nos Reinos Secundários.

— Nós nos livramos deles? — perguntou Sol Quente ao doutor.

Scamandros se voltou para a popa, ajeitando os óculos de lentes escuras para observar melhor a Linha de Tempestades, então surpreendentemente distante.

— Não estou... não!

Artur também olhou para trás, piscando para proteger os olhos dos relâmpagos ainda brilhantes, embora vários quilômetros o separassem da luminosidade intensa. A princípio, ele nada viu, mas aos poucos conseguiu identificar as velas escuras do Calafrio, que tinha ficado para trás; mas logo alcançaria o Mariposa, retardado pela barra do mastro principal, que agia como uma âncora grande e pesada.

— Eles vão fazer de tudo para nos seguir através do portal — avisou Sol Quente.

— Humm... existe alguma coisa... manobra que impeça isso? — perguntou Catapillow ansiosamente.

— Cortem fora aquela barra! — rugiu Sol Quente. Artur estremeceu. Sabia que os gritos de Sol Quente eram a medida de sua ansiedade.

O doutor Scamandros olhou para a moldura dourada que levava ao mar de cor violeta, a centenas de metros de distância. Em seguida, voltou-se para o Calafrio e, pegando um lápis, fez algumas contas no punho de seu grande casaco amarelo.

— Mantida a velocidade atual, Fugaz vai nos alcançar antes do portal — disse. — Isso se não nos derrubar outro mastro ou atingir o casco abaixo da linha da água.

— Ele não vai atirar de novo — garantiu Sol Quente. — Não precisa. Estamos bem devagar agora. Um tiro poderia danificar a carga que pretende tomar.

A afirmativa confiante foi imediatamente desmentida pelo estouro de um tiro de canhão à ré, provocando outra coluna de água, desta vez bem perto.

— Mas talvez ele queira nos afundar só por diversão — acrescentou Sol Quente.

E, ao ver os Habitantes no convés principal a dar machadadas no mastro caído, gritou:

— Cortem fora! Não fiquem tirando lascas! Cortem! Doutor, se puder fazer alguma coisa, faça! Não é hora para demonstrações de habilidade! Alguém me arranje um machado!

— Continuem! — mandou Catapillow, enquanto Sol Quente disparava pela escada interna, a caminho do poço do navio.

Artur olhou para o navio pirata, que se aproximava rapidamente, e em seguida para a cena viva na moldura dourada. Não havia necessidade de cálculos. Com certeza, o Mariposa seria alcançado pelo Calafrio antes de chegar ao portal de transferência, ainda muito distante...

De repente, Artur teve uma ideia.

— Não entendo de magia ou coisa parecida — disse. — Mas aquela enorme gravura é como uma placa de transferência onde se deve pisar, não é?

Sem prestar muita atenção, Scamandros fez que sim.

— Então, se não dá tempo de chegar lá, seria possível de algum modo trazer o portal até aqui?

Scamandros franziu a testa e levantou a cabeça, como se atingido pela sugestão do garoto. Todas as pequenas tatuagens no rosto do doutor passaram a mostrar cenas de algum problema: tempestades no mar; afundamento de navios; explosões de sóis; implosões de planetas.

— Interessante. Sim, é teoricamente possível...

O que quer que Scamandros pretendesse dizer foi abalado. Uma bala de canhão disparada pelo Calafrio atingiu o Mariposa atrás e abaixo do leme, reduzindo a madeira pesada a uma chuva de farpas alongadas e perigosíssimas que voavam zunindo pelo convés superior.





Capítulo 7

Quando Artur se deu conta, estava deitado no convés, encostado na amurada, com a perna boa do lado de fora. Gritos vinham de toda parte. Por um momento, pensou ter sofrido uma súbita crise de asma e desmaiado por falta de ar. Mas a respiração continuava normal. Pelo menos foi isso que sua mente registrou antes de voltar a pensar na situação em que se encontrava. As lascas voavam...

O garoto puxou a perna para dentro e olhou em volta. Sentia uma dor vaga na perna quebrada, mas não havia aí novidade alguma. Trazia o roupão manchado de sangue azul vivo. Ao levantar a mão esquerda, que também doía, viu que tinha sangue: vermelho, mas pouco. Concentrou-se no dedo médio, de onde tirou uma lasca em forma de agulha, presa na articulação.

— Está vendo isso? Tudo arruinado!

Artur se voltou devagar para descobrir quem falava e viu um enorme buraco no piso da outra extremidade do convés. Tábuas arrancadas e sangue azul se espalhavam por toda parte, em meio a lascas e pedaços de madeira.

Icabod apontava para o próprio colete, onde se via, enfiada na altura do estômago, uma lasca do tamanho do antebraço de Artur. O sangue azul gotejava.

— Não dói? — perguntou o garoto.

Ele estava assustado, e alguma coisa lhe dizia para verificar o corpo todo novamente. Sabia que os Habitantes podiam se recuperar de ferimentos, inclusive de uma decapitação, mas isso não o consolava. Além do mais, a regra não se aplicava a ele. Um ferimento como o de Icabod o mataria, com certeza.

— Claro que dói — respondeu Icabod com uma careta. — Mas veja o que aconteceu com o meu colete favorito!

Artur examinou braços e pernas. Estava tudo bem. Apalpou o estômago e a cabeça, que também pareciam em ordem. O único machucado era no dedo.

Os Habitantes que rodeavam o leme não tiveram tanta sorte. Artur mal conseguia olhar para eles, com os corpos cobertos de lascas espetadas. Ainda bem que o sangue azul não dava aos ferimentos um aspecto tão grave quanto o sangue vermelho dos seres humanos. E eles continuavam de pé, reclamando da falta de sorte.

— Os que têm ferimentos graves, já para os aposentos do capitão! — instruiu o doutor Scamandros.

Ele não parecia ferido, mas um líquido azul pingava da manga de seu sobretudo amarelo.

— Você também, mortal! Podia ter morrido! Desça agora mesmo. Icabod, cuide do nosso valioso passageiro.

Com dificuldade, Artur se pôs de pé e seguiu para o passadiço, acompanhado de Icabod.

— Vai fazer alguma coisa, doutor? — perguntou o capitão Catapillow em tom lamentoso, olhando para o lugar onde antes estavam seu pé e sua estimada bota. — Acho que a bala de canhão era revestida de Nada.

— Se fosse, capitão, o senhor se sentiria bem pior — disse Scamandros. — Mas, como eu ia dizendo, é teoricamente possível acelerar a transferência trazendo o portal ao viajante, em vez do contrário. Claro que, assim, a dificuldade e o perigo aumentam.

Todos olharam para o navio pirata que vinha atrás. Mais um disparo e o que parecia uma enorme gota de água se levantou do mar, um pouco à frente e a bombordo do Mariposa.

— O que seria pior do que a escravidão eterna ou a morte lenta e torturante por magias baseadas em Nada, nas mãos de Fugaz? — perguntou Concor, que na verdade parecia preferir não saber a resposta.

— Se eu falhar, não seremos transferidos para um Reino Secundário, mas para o Vazio de Nada e imediatamente riscados da existência.

— A minha coleção também? — perguntou o capitão Catapillow.

— O navio e tudo o que existe dentro dele ou está ligado a ele — disse Scamandros. — Inclusive os seus selos, senhor. Então, quais são as suas ordens?

Nos degraus, Artur hesitou, esperando para ouvir as ordens de Catapillow. Haveria outra solução? Talvez ele pudesse escapar pela Escada Infinita... não... não naquele estado. Provavelmente não lhe restava poder algum...

— Não posso permitir que a coleção caia nas mãos de Fugaz — disse o capitão Catapillow em voz sumida. — Tudo ou... ou Nada!

Artur viu Scamandros abrir o sobretudo amarelo. Na parte de dentro, havia dezenas de bolsos e presilhas para acomodar os utensílios e instrumentos de magia. Scamandros escolheu duas varetas de bronze com ganchos curvos perto da ponta. Quando guardadas, as varetas mediam apenas alguns centímetros, mas, ao serem retiradas, cresceram, atingindo quase 1 metro.

— Atiçadores — disse Icabod. — Ótimo. Venha!

Artur seguiu Icabod pela escada de bombordo até o poço, onde Sol Quente e a tripulação afinal tinham conseguido se livrar do peso da barra quebrada e do entulho. Mas o garoto parou na escada interna e olhou para trás. Viu Scamandros com os atiçadores, que continuavam a crescer, transformando-se em feixes de luz solar solidificada que ligavam cada lado do navio ao céu.

Apenas alguns segundos depois, os atiçadores transformados alcançaram o grande portal de moldura dourada que levava ao Reino Secundário. Os ganchos das extremidades mediam então uns 10 metros. Scamandros virou os

atiçadores para lá e para cá, até conseguir que os feixes de luz atingissem a moldura mágica. Nesse momento, fez-se um horrível ruído metálico, como aquele produzido pelo amolador de facas, só que ampliado cem vezes.

Todos os que estavam no navio olharam para o portal e para as duas alavancas do doutor. Icabod não reclamou nem tentou fazer Artur ir para a parte de baixo. Como os outros, ele queria ver o que ia acontecer.

Scamandros gritou alguma coisa — uma palavra que atingiu Artur como um raio, fazendo-o tapar os ouvidos com as mãos. O doutor gritou mais uma vez, e o garoto, subitamente sem forças, caiu no convés, arrastando com ele o surpreso Icabod.

Então Scamandros puxou os atiçadores para si. O movimento foi ampliado ao longo da luz solar solidificada e, com o som estridente de mil unhas riscando um gigantesco quadro-de-giz, a enorme entrada para a Ilha Esquecida estremeceu, adiantando-se ao encontro do Mariposa.

De início, tudo pareceu correr bem. O portal se aproximava rapidamente, e o Mariposa mantinha o curso em direção a ele.

Quando faltavam apenas alguns metros, porém, o portal começou a tremer e a moldura de cima se inclinou. Atrás dele, em lugar do céu, surgiu uma espécie de massa escura que brilhava como pedra vulcânica.

O Vazio de Nada.

— Mais depressa! — gritou Scamandros com medo na voz. — Façam o navio ir mais depressa!

Os Habitantes, até então paralisados pela surpresa, despertaram para a ação impulsionados pela voz incrivelmente alta de Sol Quente. Vergas foram ajustadas, cordas esticadas, velas içadas onde raramente se viam.

— Mais depressa! — voltou a gritar Scamandros.

O portal caía sobre eles, e, em vez de puxá-lo com os atiçadores, o doutor tentava segurá-lo. A escuridão se agitava atrás do portal.

— Temos de atravessar antes que caia!

O portal caiu, mas a proa do Mariposa furou a superfície brilhante das peças que formavam o quebra-cabeça, dando passagem ao restante da embarcação. A luz mudou para um tom mais suave e dourado, e a brisa ficou instantaneamente morna.

Assim que a popa do Mariposa passou pelo portal, Scamandros caiu no convés, largando os atiçadores, que tinham em contato com o piso, reduzidos a simples varetas de bronze. Encerrada sua função, o próprio portal se desfez. O Nada não representava mais uma ameaça.

Mas o Mariposa tinha outras dificuldades a superar.

— Amerissagem! Bracear! — gritou Sol Quente. — Segurem!

Arrastando-se, Artur alcançou a escada de bombordo, onde se agarrou. Pelos gritos de Sol Quente, ele sabia que a coisa era séria.

O Mariposa passou bem pelo portal, mas, por causa do ângulo de entrada, estava 10 metros acima da água. Restava aguardar o impacto.

Antes que desaparecesse o eco das palavras de Sol Quente, o navio se precipitou para a frente. Artur viu Icabod deslizar pelo convés até, afinal,

conseguir se agarrar a uma grade. Outros Habitantes rolaram, e alguns caíram ou pularam do conjunto de cabos, embora, pelo que o garoto pôde ver, acabassem todos no mar cor de violeta.

Então aconteceu o choque com a água. Artur ficou de pernas para o ar, mas não largou a escada. Em desespero, com a perna boa ele procurou um apoio para não deslizar pelo convés, o que poderia levá-lo de encontro à proa, então completamente submersa. Por um terrível instante, o garoto teve a impressão de que a embarcação mergulharia de ponta, diretamente para as profundezas. No entanto, embora uns 6 metros do navio estivessem cobertos pela espuma do mar, o Mariposa se reequilibrou com um movimento que atirou mais Habitantes à água.

Artur levou um banho, mas aguentou firme. Aos poucos, o balanço das ondas diminuiu. Icabod se levantou e, entre muxoxos, sacudiu a água da roupa. Em seguida, voltou para perto de Artur. Não trazia mais o estilhaço enfiado à altura do estômago, mas o colete ainda estava empapado de sangue azul.

— Desça até aqui — chamou Icabod. — Parei de sangrar, mas tenho de ajudar o doutor no caso de haver alguém ferido seriamente.

— É seguro sair daqui? — perguntou Artur.

Ele não queria nem pensar no que significava ferido seriamente. Icabod olhou em volta e respondeu:

— Acredito que sim. Já passamos pelo Portal de Transferência. O mar está mais calmo, pelo menos por enquanto.

Artur se levantou com dificuldade e não pôde evitar uma careta ao sentir doer a perna. Então observou melhor a situação. Sol Quente dava ordens, mas não falava muito alto. Alguns Habitantes escalavam o conjunto de cabos, enquanto os que haviam caído ao mar já estavam de volta, prontos para recolher as velas.

Tudo parecia surpreendentemente calmo, até que um Habitante enfiou a cabeça em uma escotilha dianteira e gritou:

— Senhor Sol Quente! Tem uma dúzia de rachaduras no casco. Ou mais! O porão está com 1 metro de água!

Artur olhou para Icabod, que comentou calmamente:

— Acho que isso quer dizer que estamos afundando. Com certeza, logo vão chegar a essa conclusão. Me deixe tirar umas farpas do seu casaco.

Sem esperar a resposta, Icabod começou a puxar pedacinhos de madeira espetados nos ombros do garoto, sempre lembrando que ele poderia ter morrido, caso as lascas fossem maiores.

Artur teve de se afastar para dar passagem a Sol Quente, que pulava vários degraus de cada vez, na pressa de voltar ao convés superior. Em torno do leme, a confusão era total. O doutor Scamandros parecia um tanto alheio, mas não largava os mapas, necessários às decisões sobre o que fazer antes que a embarcação afundasse, o que aconteceria em, no máximo, 30 minutos, se a água continuasse a invadir o porão pelas rachaduras do casco.

Apesar da presença do capitão Catapillow e do imediato Concourt, mais uma vez foi Sol Quente quem realmente assumiu o comando.

— Gostaria que fôssemos direto para a praia do Siri Torto, capitão? — perguntou Sol Quente com toda a calma.

Ao falar, ele apontava para a Ilha Esquecida, que estava a menos de 2 quilômetros.

— Já estive aqui mais de uma vez. Areia com boa profundidade. Quando estivermos em terra, poderemos equilibrar o navio.

— Humm... muito bem... prossiga, senhor Sol Quente — disse Catapillow. — Eu vou... ah... ver como estão as coisas lá embaixo. Praia do Siri Torto, hein? Excelente. Excelente. Senhor Concor, acho que podemos deixar o navio por conta do senhor Sol Quente.

— Como? — perguntou Concor, que tinha as costas do casaco salpicadas de buracos, alguns sujos com seu sangue azul. — Positivo, positivo, senhor.

Os dois deixaram o convés superior, passando por Artur e Icabod sem olhar, tamanha era a pressa de voltarem à cabine do capitão. Catapillow resmungava alguma coisa sobre umidade, goma arábica e extremidades perfuradas.

— Emoções fortes — comentou Icabod. — Normalmente não acontecem coisas assim. Pelo menos há cem anos ou mais. Vamos.

— Por que não ficamos no convés? — perguntou Artur.

Ele ainda estava abalado pelo choque do tiro de canhão e, como esperava, começava a sentir dificuldade de respirar por ter saído da Casa. Também não tinha vontade de ver os “seriamente feridos”; preferia continuar ao ar livre, observando os acontecimentos. Lá embaixo provavelmente acabaria vomitando.

— Acho que podemos ficar — respondeu Icabod. — O capitão e o senhor Concor vão conferir a coleção. Nessas horas, não reparam em mais nada. E, se o doutor Scamandros precisar, pode me chamar. Vamos pedir permissão para nos juntarmos ao senhor Sol Quente no convés superior.

Icabod chamou Sol Quente, que depois de um momento fez sinal para subirem. Os dois pilotos tinham descido para ter seus ferimentos tratados pelo doutor Scamandros, sendo substituídos no manejo do leme pelos dois Habitantes que levaram Artur da boia para o navio.

— Uma boa dose de perícia e nenhum erro — falou Sol Quente ao ver Artur se aproximar.

Muito amistoso, o Habitante continuou:

— Não são muitos os que podem dizer ter deixado o Calafrio para trás.

— Mas não estamos afundando? — perguntou Artur.

— Estamos fazendo água, é verdade — respondeu Sol Quente. — Mas chegaremos à praia antes que o navio afunde. E vai ser ótimo, porque os reparos vão demorar pelo menos uma semana.

— Uma semana — protestou Artur, começando a tossir.

A ansiedade fazia seu peito se apertar. Uma semana inteira naquele Reino Secundário podia representar uma semana perdida em seu mundo. Ele ainda não entendia qual a relação entre o tempo na Casa e nos Reinos

Secundários, mas não seria bom ficar fora por um período tão longo. O que aconteceria se ele passasse uma semana fora de casa? Seus pais ficariam malucos. E os de Folha também. Além do mais, ele não levava medicamento algum para a asma, não sobreviveria. E se a perna quebrada piorasse?

— Não posso ficar uma semana nesta ilha deserta!

— Vai ter de ficar, a menos que seja um nadador melhor do que parece — disse Sol Quente. — Este mundo tem pouca coisa boa: muitas ilhas, coisas que podemos chamar de peixes e aves e boa madeira, é só. E um porto seguro, a salvo dos piratas de Fugaz, e de visitantes intrometidos vindos da Casa.

— Visitantes intrometidos?

— Oficiais. Inspetores. Fiscais. Auditores. Você sabe.

— Oficiais? Por que devemos nos esconder deles? — perguntou Artur. Na verdade, ele não tinha a menor vontade de se encontrar com um oficial. Afinal, muitos serviam aos Curadores, que eram seus inimigos.

— Estamos nos Reinos Secundários sem licença — explicou Icabod. — É a Lei Original, e as penas são pesadas para quem entra sem permissão. Mas são poucas as chances de termos esse tipo de problema, depois que a senhora Quarta-Feira ficou desorientada, comeu seus oficiais e afundou.

— Basta! — interrompeu Sol Quente. — Ainda estamos a serviço de Sua Senhoria!

— É verdade! É verdade! Me perdoe, senhor Sol Quente.

— Em todo caso, temos boas razões para estar aqui, que devem servir como uma boa desculpa — disse Sol Quente depois de algum tempo,

Embora falasse com Artur, o olhar do segundo piloto passeava, dos mastros para o conjunto de cabos, do navio para a tripulação. E, continuou:

— Assim que for possível, voltaremos ao Mar Fronteiriço e à nossa tarefa de recolhimento. Agora, vamos reduzir as velas. Estamos indo bem, e a areia é macia, mas ainda temos um longo caminho pela frente.

Imediatamente, Sol Quente aumentou muito o volume, gritando ordens incompreensíveis que incluíam carregadeiras do punho, cabos fixos da esteira da vela, sergideiras e brióis. E eram logo atendidas pela tripulação.

— Agora tudo que temos a fazer é levar a embarcação em segurança a um abrigo antes da hora do chá — continuou Sol Quente muito animado, de olhos fixos na praia da qual se aproximava rapidamente. — Por mais que me esforce, não consigo fazer com que abram mão do chá da tarde. Uma vez funcionário, sempre funcionário, com ou sem gosto de sal.

Com as velas reduzidas, a velocidade da embarcação também se reduziu. A resposta às manobras do leme ficou mais lenta. Até Artur percebeu isso. Mas faltava pouco para chegar ao destino, um lugar brilhante muito parecido com as praias da Terra, a não ser pela areia, de um azul bem clarinho.

— Vamos conseguir — disse Sol Quente.

Nesse momento, um sino soou várias vezes em algum lugar dentro do navio. Em resposta, os tripulantes abandonaram seus postos, desfizeram as formações e desceram pelos cabos. Os Habitantes que tinham caído no mar e batiam os pés, em uma tentativa não muito determinada de voltar ao navio,

passaram a nadar furiosamente, quase atingindo níveis de desempenho dignos das Olimpíadas, embora lhes faltassem a graça e o estilo dos atletas olímpicos. Os dois pilotos também se preparavam para engrossar a verdadeira multidão que se reunia junto da amurada, no convés principal, quando foram impedidos por Sol Quente, que interceptou seus passos, gritando:

— Oh, não, vocês não! Quantas vezes vou ter de dizer? Os dois não podem ir ao mesmo tempo para o chá da tarde. Tem de ir um de cada vez!

Artur olhou para o convés principal. Os Habitantes recebiam o chá em xícaras de porcelana fina que surgiam na amurada, embora não se visse ninguém fazendo a entrega. Biscoitinhos também se materializavam no ar e eram consumidos em delicadas mordidas. O chá e os biscoitos fizeram Artur lembrar que sentia muita fome e muita sede, apesar da água que Sol Quente lhe servira no bote. Ele sabia que não precisava, mas assim mesmo sentia falta de comida e água.

— Como... de onde vêm as xícaras?

— Algumas coisas não mudaram quando o escritório de contabilidade foi reformado. Esta é uma delas — explicou Icabod. — Alguns departamentos da Casa Inferior ainda nos fornecem o chá da tarde, qualquer que seja nossa localização, na Casa ou nos Reinos Secundários. Suponho que a ordem para que seja assim vem de muito tempo e nunca foi cancelada. Para nós, é bem conveniente, com certeza. Somos invejados por muitos outros navios.

— É um incômodo terrível — disse Sol Quente.

E, com as mãos em concha em volta da boca, gritou:

— Toda a tripulação para a popa! Segurem os pires e as xícaras!

Como os tripulantes demorassem a obedecer, Sol Quente voltou a gritar. A praia estava a apenas uns 50 metros.

— Eles estarão melhor na popa, para o caso de perdermos um mastro quando o navio se chocar com a praia — explicou ele a Artur. — Se for o caso, o mastro cairá para a frente.

Artur observou os dois mastros altíssimos, com seus vários cabos e barras. Deviam pesar toneladas. Se caíssem para trás, e não para a frente, todos os tripulantes seriam esmagados.

— Segurem-se! — gritou Sol Quente.





Capítulo 8

Artur mal sentiu o impacto inicial do Mariposa contra a praia. O convés tremeu um pouco, mas ele estava sentado, com a perna ruim bem esticada, e se agarrou a um batente de ferro perto da amurada.

Os abalos seguintes foram mais sérios, conforme o navio foi rasgando a areia. O garoto não tirava os olhos dos mastros, que vibraram, fazendo os cabos balançarem e algumas cordas e roldanas se soltarem. Nada sério, porém.

Depois de escorregar mais alguns metros, o Mariposa deu um último gemido e parou. Por alguns momentos, manteve-se em posição vertical. Em seguida, começou a adernar lentamente, até deixar o convés com uma inclinação de 20 graus. Artur pensou que o navio fosse virar de lado, mas a areia calçou o casco, mantendo-o no lugar.

Por incrível que pareça, ninguém deixou entornar o chá. Icabod, então, providenciou uma xícara e ofereceu a Artur, que se arrastava com cuidado e observava a areia azul.

O garoto aceitou agradecido a bebida e nem se importou que estivesse muito forte, muito doce e com muito leite. Ao terminar de beber, ele devolveu a xícara a Icabod, que perguntou:

— Quer mais?

— Sim, por favor — respondeu Artur.

Para sua surpresa, Icabod lhe devolveu imediatamente a xícara cheia, desta vez de chá preto com melado, que Artur também bebeu.

— Se quiser mais, basta dizer “mais” — explicou Icabod. E, entregando um biscoito ao garoto, continuou:

— Do mesmo modo, quando tiver sobrado só um farelo de biscoito e quiser outro, diga “mais” e receberá. Isso se repete até o fim da hora do chá, o que imagino vá acontecer em 5 minutos.

Artur fez que sim e se concentrou na tarefa de comer e beber, com ocasionais pedidos de “mais”, ainda de boca cheia.

Exatamente 5 minutos mais tarde, de acordo com o relógio de Artur, que andava para trás, sumiram a xícara e o biscoito pela metade que ele tinha na mão. Logo, Sol Quente começou a gritar uma série de ordens, que não foram dadas antes para não interromper a hora do chá. Pelo que Artur pôde entender, as ordens se referiam a sustentar o navio para que não virasse, a lançar algumas âncoras e a carregar as mais variadas coisas para a terra.

Livre de qualquer perigo iminente e de barriga cheia, o garoto se pegou bocejando. Seu relógio marcava 10h10, mas ele sabia que tinham passado mais

de 7 horas (contando para trás) sentado naquela boia, fora o tempo que ficara agarrado à cama em meio à tempestade.

A lembrança da boia fez Artur olhar as mãos. A tinta vermelha ainda estava lá. Nem mesmo tinha clareado. Parecia ter penetrado profundamente, em vez de apenas cobrir a pele.

— A Mão Vermelha — falou Icabod. — O doutor Scamandros talvez possa clarear. Fugaz marca assim todos os esconderijos de seus tesouros. A marca é feita para durar para sempre. Ou pelo menos o tempo suficiente para Fugaz encontrar o ladrão e aplicar seu terrível castigo. A propósito: o que você estava fazendo na boia?

— Eu... naufraguei — respondeu Artur.

— Com o Cama de Aço — interrompeu Sol Quente, escorregando pelo convés. — Pelo menos é o que você diz. O capitão, o senhor Concor e eu queremos ouvir a história de Art. Portanto, Icabod, guarde as suas perguntas até o jantar. Que será servido na praia. Você pode pegar a mesa do capitão e levar para lá. Art, vá para a praia também e não fique no caminho.

— Positivo, positivo — falou Icabod sem grande entusiasmo.

— E se anime, garoto molenga.

Ser chamado de garoto molenga deixou Icabod ao mesmo tempo aborrecido e ativo. Andando quase dobrado ao meio, para manter o equilíbrio no convés inclinado, ele desceu pela escada interna. Artur ficou só.

Queria fazer algumas perguntas a Sol Quente sobre vários assuntos, em especial o navio de velas verdes que tinha levado Folha. Mas o segundo piloto estava ocupado demais, gritando ordens e andando a passos largos, para lá e para cá, no convés superior.

Depois de observar por alguns minutos o movimento da tripulação, o garoto desceu do convés superior e abriu caminho entre equipamentos e cargas que os Habitantes arrumavam ou transportavam através de aberturas no poço do navio. Acabou encontrando a passagem para o castelo de proa, onde havia, de cada lado, uma escada feita de corda bem grossa. Artur esperou uma oportunidade e, com muito cuidado, tomou um lugar na escada.

A perna imobilizada atrapalhava, mas ele conseguiu descer. Felizmente a água era rasa. A areia azulada se parecia muito com a de seu mundo, tornando difícil a caminhada, ainda que ele tivesse as duas pernas em bom estado. Afinal se viu imitando o andar pesado de um dos Habitantes com perna de pau.

O baú com o tesouro de Fugaz já estava na praia, e Artur foi até lá. Parecia uma grande caixa de madeira comum com um reforço de bronze em cada canto e cintas de bronze na tampa. O que haveria lá dentro? O que seria tão valioso para o pirata Fugaz?

Artur se sentou encostado no baú. Sentia-se cansado, mas não queria dormir. Precisava pensar no que fazer. Tinha de descobrir um jeito de se certificar de que Folha estava bem, tentar fazer contato com a Primeira Dama ou com Suzy e voltar para casa o mais depressa possível. Suzy tinha razão, porém: primeiro tinha de se entender com a sra. Quarta-Feira, e isso

significava encontrar a Terceira Parte do Testamento, reclamar a Terceira Chave...

Os pensamentos de Artur se perderam em uma confusão de problemas diversos e soluções improváveis. Seu corpo estava cansado demais, e seu cérebro finalmente entendeu a mensagem.

Ele se esticou na areia e deixou cair a cabeça. Enquanto os Habitantes trabalhavam arduamente para retirar a carga, deixando assim a embarcação mais leve e mais fácil de ser escorada com mastros e barras que levava, Artur dormia.

Só acordou ao pôr-do-sol. A princípio, sentiu-se completamente desorientado. Afinal, estava deitado em uma praia azul e via no horizonte um enorme sol vermelho-alaranjado mergulhar no mar. A estranha luz do sol, misturada aos tons de violeta do mar e ao azul da areia, enviava mensagens alarmantes ao seu cérebro.

Artur logo descobriu o que o tinha acordado. Scamandros estava sentado perto dele e examinava sua perna com o que parecia um telescópio muito curto. Trazia também um pequeno fole: um aparelho de couro que o garoto supôs se tratar de um ancestral da bomba usada para encher colchões de ar.

— O que o senhor está fazendo? — perguntou Artur desconfiado. Ele se sentou e observou melhor o doutor, pois percebia nele algo de diferente. Em poucos segundos, descobriu: as tatuagens tinham sumido, e Scamandros usava um gorro de lã com uma espécie de aba bem comprida, que protegia o pescoço.

— Quebrou a perna há pouco tempo — disse o doutor. — E foi tratada.

— Eu sei — respondeu Artur.

Ele sentia a perna doer e pensou se Scamandros não teria mexido nela para examinar.

— Por isso tem uma tala. Ou tinha...

Artur acrescentou “ou tinha”, porque a tala moderníssima estava quase completamente desmanchada. Sobravam apenas algumas tiras finas que deixavam ver pedaços da perna, inchada e pálida,

— Normalmente eu daria um jeito nesta perna para você — falou Scamandros. — Mas meu exame revelou um nível altíssimo e raro de contaminação mágica, que resistiria a qualquer tentativa direta de cura. O que posso fazer é providenciar uma atadura melhor e praticar um pouco de magia para diminuir a dor.

— Seria bom — disse Artur ainda hesitante. — Mas o que vai querer em troca?

— Apenas a sua amizade — respondeu o doutor com um sorrisinho tímido.

Mas, depois de um tapinha no fole que trazia ao lado, continuou:

— Embora tenha sabido por Icabod que você talvez esteja gripado. Neste caso, gostaria de ficar com uns espirros, uma irritação no nariz ou uma

coriza leve de que esteja sofrendo...

Artur tentou fungar.

— Não, não estou gripado. Só pensei que estivesse — explicou.

Scamandros passou a examinar o peito de Artur com o pequeno telescópio.

— Há também algum problema com a estrutura interna dos seus pulmões — disse. — Muito interessante. Aqui também há contaminação mágica em larga escala, mas acredito ser capaz de melhorar as condições subjacentes. Quer que eu faça isso?

— Humm, não sei bem... — hesitou Artur.

Para experimentar, respirou fundo. Não conseguiu encher inteiramente os pulmões, mas não estava mal.

— Acho que vou esperar. Quando chegar à Casa, eu melhoro.

— Então, só a tala e o alívio da dor — concluiu o doutor Scamandros.

Ele guardou o telescópio em um bolso do sobretudo e, de outro, tirou uma latinha chata, em cuja tampa se via a figura de um siri vermelho e brilhante. Presa à lata, havia uma chave, que Scamandros soltou, encaixou em uma aba e usou para enrolar a tampa para trás. Assim, teve acesso ao que havia lá dentro: um siri pequeno, inteirinho, de que o Habitante retirou somente uma das pernas. Em seguida colocou na areia a perna do siri e passou a palma da mão sobre a lata, fazendo-a desaparecer.

Interessado e ansioso, Artur viu Scamandros pegar a perninha de siri e levantar bem alto com a mão esquerda, enquanto um grosso lápis de carpinteiro aparecia em sua mão direita. Com ele, o doutor desenhou delicadamente linhas e asteriscos na perna do garoto. Então, juntou as mãos, ainda segurando o lápis e a perna de siri.

Os dois objetos desapareceram ao mesmo tempo, e os restos da tala moderníssima foram substituídos instantaneamente pelo revestimento externo de uma perna de siri salpicada de vermelho e branco, articulada no joelho e no tornozelo.

— Para a dor — disse Scamandros, anotando em um pedaço de papel com uma pena que escrevia com tinta vermelha e brilhante.

— Aqui está a receita.

Artur pegou o papel grosso de bordas irregulares. Foi difícil, mas conseguiu ler:

Aplique o papel na região dolorida.

Dr. J. R. L. Scamandros, D. M. C.

(Casa Superior, Reprovado)

— O que quer dizer D. M. C? E... desculpe... por que escreveu “reprovado”?

Enquanto perguntava, Artur encostou o papel na perna, exatamente no local da fratura, onde mais doía. O papel se esfarelou, e a poeira resultante formou um tornado em miniatura que pareceu atravessar a nova proteção e penetrar na perna. No momento seguinte, a dor começou a diminuir.

— Quer dizer Doutor em Magia da Casa — explicou Scamandros.

— Um título elevadíssimo, que me faltou muito pouco para conseguir. A honestidade me obriga a revelar minha falha, mas isso só aconteceu no último ano. Foram 798 anos de sucesso nos exames, para ser reprovado no final. Política, sabe como é! Mas não quero falar nesse assunto. Em vez disso, vamos falar de você, Artur. Você tem no bolso um livro mágico de grande potência; potente demais para ser tocado sem sua permissão. A sua carne e os seus ossos estão impregnados de mágicas passadas. Você foi encontrado em uma boia do infame pirata Fugaz, no Mar Fronteiriço da Casa. Apesar de tudo, é um mortal, pelo menos na sua maior parte. Diga-me: em que mundo dos Reinos Secundários você vive?

Artur quase respondeu “Terra”, mas se conteve a tempo. Scamandros tinha sido de grande ajuda, é verdade, mas havia alguma coisa em seus penetrantes olhos castanhos. Quanto menos segredos o doutor conhecesse, melhor.

— Passageiro Art! Com os cumprimentos do capitão, está convidado a se juntar a ele para um jantar na praia!

A interferência de Icabod, fazendo o convite, foi muito bem-vinda. Artur se pôs de pé, agradavelmente surpreso pela segurança que lhe proporcionava a tala de casca de siri. Scamandros o ajudou a se equilibrar.

— Em breve conversaremos mais, Art — disse o doutor.

Artur reparou que as tatuagens de Scamandros saíam pela pele trazendo de volta a cor e o movimento. Quando o garoto começou a caminhar, o Habitante se inclinou, aproximando-se, e completou:

— Ou devo dizer Artur, Mestre da Casa Inferior e Senhor Das Regiões Afastadas?





Capítulo 9

Artur sentiu nas costas o olhar do doutor Scamandros durante todo o tempo que levou para atravessar a praia e chegar à tenda com a parte lateral aberta, onde se viam o capitão Catapillow, Concor e Sol Quente, sentados a uma mesa comprida coberta com uma toalha de tecido branco. Em cada um dos cantos da tenda, havia lanternas penduradas que espalhavam seu suave brilho amarelo em contraste com a estranha luz avermelhada do pôr-do-sol.

O garoto aproveitou a caminhada para pensar. Estaria Scamandros ameaçando revelar sua real identidade? A fala do doutor não parecera uma ameaça, mas não havia como ter certeza. O que desejaria o mágico? A quem serviria? Ele tinha sido treinado na Casa Superior... ou pelo menos assim dissera. Podia muito bem estar a serviço de um dos Dias Seguintes, que fariam qualquer coisa para impedir Artur de liberar outras partes do Testamento.

— Cuidado com os barris — avisou Icabod, guiando o convidado entre duas pirâmides de barris de tamanhos variados.

A praia estava cheia de objetos, todos cuidadosamente ordenados e empilhados. Havia barris, caixas, caixotes e sacos. E na tenda, em frente à mesa, via-se o baú de Fugaz. Artur não entendia como não tinha acordado durante a retirada de um objeto tão grande. Talvez fosse por estar muito bem acomodado na areia.

— Traga aqui o passageiro, Icabod — ordenou o capitão Catapillow.

O capitão tinha diante de si um caderno de anotações, uma pena e um tinteiro, tal como Concor. Sol Quente cuidava de um livro enorme, de tamanho equivalente ao de vários tijolos, grosso, com capa de couro.

Parecia mais um tribunal do que uma mesa de jantar. E “passageiro” tinha soado incomodamente como “prisioneiro”.

— Fique em frente ao capitão e faça uma reverência — ensinou Icabod, empurrando de leve Artur para a frente.

O garoto obedeceu, inclinando a cabeça não só para o capitão, mas também para Concor e Sol Quente. Catapillow e Concor responderam com um leve aceno de cabeça, enquanto Sol Quente dava uma discreta piscadela de olho, o que pareceu a Artur muito encorajador.

— Bem... devido à natureza extraordinária deste dia, não conseguimos... ah... atualizar o diário de bordo do nosso bom navio Mariposa — começou Catapillow, inclinando-se para fixar em Artur seu olhar volúvel. — O desejo de contar com registros fiéis e de inscrever você como passageiro me fez lembrar de que não... não sabemos quem é você, aonde vai e quanto lhe deve ser cobrado. E há também a questão do tesouro.

Ao terminar de falar, ele se recostou e juntou as mãos.

— Quer saber quem eu sou? — perguntou Artur.

O garoto não tinha certeza se o discurso de Catapillow precisava mesmo de resposta.

— De fato — disse Conkort. — Isso é o mais importante. Quem é você? De onde vem? Como foi parar na boia de Fugaz? Por que removeu a tinta vermelha do marcador? Queria esconder de nós a existência do tesouro embaixo da boia? Pretende ficar com ele?

— Bem... — começou Artur devagar, tentando ganhar tempo para pensar em respostas que não lhe criassem problemas.

Tudo indicava que Scamandros sabia quem ele era ou tinha fortes suspeitas quanto a sua identidade. Se outros ficassem sabendo, a situação, de algum modo, seria pior? Artur precisava de ajuda. Antes de mais nada, para encontrar Folha.

Seria um verdadeiro jogo. O garoto acreditava no apoio de Sol Quente, por causa do disco do Marinheiro. Icabod parecia gostar dele. Catapillow e Conkort eram meio bobos, apesar de, tecnicamente, estarem no comando; talvez a opinião dos dois não importasse muito. O doutor Scamandros... Artur não tinha certeza, mas o Habitante tinha agido corretamente com ele, pelo menos depois de curar os dedos queimados pelo contato com o Atlas. A tala feita de casca de siri estava funcionando bem...

— Fale! — ordenou Conkort, mas sua voz falhou de repente, o que lhe tirou toda a autoridade.

— Meu nome verdadeiro é Artur Penhaligon — o garoto falou devagar. — Sou um mortal da Terra. Mas também sou Mestre da Casa Inferior e das Regiões Afastadas, embora tenha entregado minha Chave em confiança à Primeira Dama, que já foi a Primeira Parte e a Segunda Parte do Testamento da Arquiteta.

À medida que Artur falava, Catapillow ia contraindo um canto da boca, até explodir em uma risada estrondosa, no que foi acompanhado por Conkort. Sol Quente não gargalhou nem ao menos sorriu. Apenas abaixou os olhos em direção ao livro enorme que tinha diante de si.

— Muito bem, muito bem — fez Catapillow, disfarçando o riso. — Mestre da Casa Inferior e das Regiões Afastadas! Artur Penhaligon! Muito engraçado!

— Mas eu sou Artur Penhaligon!

— Está certo, já contou sua piada — disse Catapillow. — Agora responda às nossas perguntas.

— Mais especificamente, pretende reclamar este tesouro? — acrescentou Conkort.

— Não, eu sou mesmo Artur Penhaligon! Por que não acreditam em mim?

— Não seja tolo! — respondeu Catapillow. — Todo mundo sabe que o lorde Artur é um guerreiro poderoso! Ele derrotou pessoalmente o Sr. Segunda-Feira em um combate e derrubou o Horrível Terça-Feira, além de

quebrar as duas mãos dele. Além do mais, eu vi uma gravura do lorde Artur: um sujeito alto, de ombros largos, que carrega uma pequena mala cheia de instrumentos inventados por ele para fazer mágica.

— Isso para não falar que ele anda sempre acompanhado de seu assistente gigantesco, meio urso e meio sapo — acrescentou Concorat — e de uma garota assassina que foi guarda costas do Tocador de Gaita.

— O quê? — fez Artur. — Está falando do Testamento e de Suzy Azul?

— Está tudo aqui, você sabe — disse Concorat, tirando um livrinho da manga.

O livro se expandiu, transformando-se em um grande volume de capa dura vermelha, com o título em relevo, em enormes letras douradas, que se repetiam na lombada: As Épicas Aventuras de Lorde Artur, o Herói da Casa.

— Veja, há um retrato de lorde Artur na primeira página.

Concorat manteve o livro aberto para mostrar uma folha que vinha junto com a página do título. Nela, via-se um homem alto e bonito, vestido em estilo semelhante ao de Meio-Dia de Segunda-Feira, de pé perto de uma pequena mala aberta, de onde saía uma luminosidade com as cores do arco-íris. Um monstro bizarro e corcunda, com pernas de sapo e tronco e patas dianteiras de urso, aparecia agachado ao lado dele. Ao fundo, via-se uma amazona de armadura prateada que cortava a cabeça de uma criatura semi-humana disforme, supostamente um Nadica.

— Então, quem é você? — tornou a perguntar Concorat, fechando o livro de uma vez. — E, seja claro, o que pretende quanto ao tesouro?

— O tesouro? — repetiu Artur enquanto tentava organizar os pensamentos.

Não havia ocorrido ao garoto que alguém pudesse duvidar de sua identidade. Mas se percebia que a principal preocupação de Concorat e de Catapillow era o tesouro.

— Eu nem mesmo sei que tesouro é esse. Tenho direito a ele?

Catapillow e Concorat olharam para Sol Quente.

— Parece que sim — respondeu o segundo piloto, dando um tapinha no livro. — O doutor Scamandros leu as leis para mim e tudo indica que o jovem Artur aqui presente tem direito a 90% do valor do tesouro.

— Mas 90%? — exclamaram ao mesmo tempo Catapillow e Concorat.

E Catapillow ainda acrescentou:

— Doutor Scamandros! Como pode ser isso?

Artur não tinha visto o doutor, mas o Habitante saiu das sombras e se postou ao lado da mesa. Provavelmente havia seguido Artur e ficado à espreita.

— De acordo com o Livro Azul do Almirantado, uma boia fixa que marque um tesouro é considerada uma embarcação. Este jovem mortal aqui estava dentro de uma; portanto, era o comandante O senhor Sol Quente o recolheu, a seu pedido, mas Artur não renunciou ao comando da boia, que foi deixada no mesmo lugar. Já que o baú está a bordo, mas não a boia, a embarcação ainda é considerada no mar, e o tesouro marcado pertence a ela,

embora sem identificação. A questão se complica ainda mais porque o tesouro era propriedade de um pirata considerado fora-da-lei por ordem direta da senhora Quarta-Feira. Portanto, passa a ser visto como imediatamente confiscado e propriedade das autoridades da Casa, e o descobridor passa a ter direito a uma recompensa igual a 90% de seu valor. Quem o encontrou não fomos nós. Foi Art, como fica demonstrado por sua infeliz marca da Mão Vermelha. Na posição de salvadores do descobridor do tesouro, devemos fazer um acerto com ele. Caso Art deseje ser levado de volta à boia com o baú, é o que temos de fazer.

— Não sei se entendi — falou Artur. — Quer dizer que o tesouro deve ser entregue a Quarta-Feira porque pertence a um pirata? E que tenho direito a 90% de seu valor porque fui o primeiro a achar?

— Isso mesmo — respondeu Scamandros. — No entanto, não somos obrigados a ajudar você. Podemos simplesmente devolver você e o baú ao marcador do tesouro. E existe também a questão do proprietário original do tesouro. Assim, acredito na possibilidade de negociação.

— Claro.

Artur tentou sorrir enquanto falava. A situação parecia loucura, mas não tanto quanto algumas sentenças de que tomava conhecimento pelos noticiários a que assistia. Assassinos inocentados por estranhas questões técnicas. Empresas que não pagavam suas dívidas por causa de curiosas brechas na lei.

— O que sugere?

— Primeiro, precisamos descobrir o que há dentro do baú — disse o doutor Scamandros. — Temos permissão para abrir?

— Sim! — exclamou Artur surpreso ao saber que ninguém havia ainda aberto o baú. Ele mesmo teria aberto, caso estivesse acordado e os outros dormissem.

— Tomei a precaução de examinar o baú com vários instrumentos mágicos — continuou Scamandros. — E neutralizei várias pequenas armadilhas terríveis. Portanto, deve ser razoavelmente seguro abrir. Puxe para trás os dois fechos e gire a chave.

— Não havia chave antes — falou Artur.

— É, precisei fazer uma — confirmou Scamandros. — Vá em frente, abra!

— Por que tenho de ser eu a abrir? — perguntou Artur. Scamandros sabia quem ele era realmente, e havia algo de suspeito em sua figura. O mágico jamais sustentava o olhar do garoto.

— E se alguma armadilha tiver passado despercebida?

— Estou apenas seguindo o procedimento correto. É sua...

— Chegue para lá, rapaz! — interrompeu Sol Quente, que havia deixado a mesa. — É melhor que um Habitante enfrente o perigo. Vocês, mortais, são muito frágeis.

— Obrigado — murmurou Artur.

O garoto se sentia pouco à vontade, como se tivesse agido com covardia, mas Sol Quente parecia achar muito natural sua recusa em abrir.

Com um sorriso e um leve aceno de cabeça, o Habitante se ajoelhou diante do baú.

Sol Quente levantou os dois fechos, que fizeram um clique alto, imediatamente seguido por um ruído estranho. Artur deu um salto, mas logo percebeu que o barulho fora provocado pelos tripulantes do Mariposa, que prenderam a respiração ao mesmo tempo, de tanta ansiedade. Estavam todos reunidos em semicírculo, à luz da lanterna. O último raio avermelhado do pôr-do-sol tinha desaparecido, transformando os Habitantes em simples silhuetas escuras. No entanto, Artur sentia a atenção de todos voltada para Sol Quente e para o baú.

O segundo piloto girou a chave. A cada volta, soavam notas musicais. Ting-ting-ting-ting...

Cada nota parecia a última. Finalmente, a chave parou e, em vez de uma nota dissonante, ouviu-se um clique suave. A fechadura estava aberta. Sol Quente se inclinou e levantou a tampa.

— Ahhhh! — fizeram cem gargantas.

— Só isso? — perguntou Artur, espiando por sobre o ombro de Sol Quente.

Para Artur, o conteúdo do baú pareceu desapontador: muitos blocos brancos com letras entalhadas, aparentemente sujos, que lembravam peças malfeitas de mahjong, um jogo de mesa originário da China.

Atônito, Sol Quente não respondeu. Ao olhar em volta, Artur percebeu que praticamente todos estavam de boca aberta e também pareciam espantadíssimos.

A única exceção era o doutor Scamandros, que se abaixou e pegou um dos bloquinhos, inclinando-o de modo a ver melhor, sob a luz, a letra entalhada.

— Uma tosse intensa, forte — sentenciou Scamandros. — Cravada no melhor marfim. Válida por 20 anos ou mais, pelo tempo da Casa.

Ele guardou a peça e pegou outra.

— Coceira no pescoço, na cabeça e nas orelhas — informou Scamandros. — Um verdadeiro tesouro. Gravada em barro cozido em forno a lenha. Válida por pelo menos uma década, pelo tempo da Casa.

Artur sabia como os Habitantes da Casa valorizavam as doenças humanas. Eles apresentavam os sintomas, mas não sentiam os efeitos. Portanto, aqueles pequenos blocos de marfim e barro eram o meio de que os Habitantes dispunham para ter acesso às doenças. Provavelmente estavam em falta. Mas que valor teriam?

— Este é um grande tesouro — disse o doutor Scamandros. — Um grande tesouro. Deve haver 20 mil tosses, coceiras, inchaços e outras doenças aqui, todas da mais alta importância e gravadas por magia da melhor qualidade. Acredito que valha o equivalente a mais de 1 milhão de dólares em ouro.

Suas palavras foram saudadas por aplausos entusiásticos dos tripulantes, que começaram a cantar, dançar e atirar os gorros para o ar.

— E 90% são meus? — perguntou Artur, esforçando-se para ser ouvido em meio a tanto barulho.

— Por direito — respondeu Scamandros. — Como eu disse, caso queira ser salvo e salvar o tesouro, deve fazer um acordo com o capitão Catapillow.

— Fugaz jamais se conformará com esta perda — resmungou Sol Quente, que ainda olhava para o baú aberto.

Pensativo, ele tocou uma pequena placa de bronze no interior da tampa do baú. Nesse momento, as letras gravadas pegaram fogo, e uma voz rugiu, fazendo-se ouvir em toda a praia:

“LADRÕES! LADRÕES! LADRÕES! Este é o tesouro do capitão Elishar Fugaz! Você está marcado com a Mão Vermelha! A vingança de Fugaz será rápida e lenta ao mesmo tempo: rápida na tomada e lenta na execução. Remorso e arrependimento não...”

A voz foi interrompida quando o doutor Scamandros tocou a placa com uma espátula de cortar papel feita de ébano, que se materializou em sua mão. Fez-se silêncio em toda a extensão da praia. O único som era o do bater das ondas. Cessaram os cantos e as comemorações dos Habitantes, substituídos por um clima de apreensão.

— Sou o único que tem a Mão Vermelha, não é? — perguntou Artur.

— Sim — confirmou Scamandros. — E Fugaz mataria ou transformaria em escravo qualquer um que ajudasse ou aceitasse você.

— O senhor conhece magia. Não poderia eliminar a marca da minha mão?

— Não. Está além do meu poder. Fugaz é perito em magias que prefiro não conhecer.

Artur olhou mais uma vez para o tesouro e depois para suas mãos vermelhas.

— Quer dizer que, enquanto eu estiver por perto, todos correm perigo?

— É verdade. Embora Fugaz sempre mate ou escravize todos os que encontra pela frente. Mas a marca da Mão Vermelha determina para você um fim especialmente lento e doloroso, que provavelmente se estenderia para todos nós.

— O senhor pode enviar mensagens a outras partes da Casa? Consegue descobrir o que acontece a alguém que esteja lá? Quer dizer, por mágica.

— Posso, sim, nos dois casos.

— Então — disse Artur, voltando-se para o capitão Catapillow —, estou disposto a oferecer ao senhor e à tripulação do Mariposa minha parte na recompensa em troca de ajuda. Quero mandar uma mensagem à Primeira Dama...

O capitão Catapillow acenou com a cabeça, concordando.

— ...preciso descobrir o que aconteceu com a minha amiga Folha, que acho que esteja a bordo de uma embarcação de velas verdes brilhantes...

Catapillow repetiu o aceno de cabeça, desta vez com um sorriso. Artur fez uma pausa, pensando no que lhe seria mais necessário.

— ...e podia querer... ir o mais depressa possível ao lugar onde encontre a Quarta-Feira Submersa.

— O quê? — fez Catapillow. — Está maluco?





Capítulo 10

— Levá-lo até a Quarta-Feira Submersa! — repetiu Catapillow. — Pensa que somos tolos?

— Ah... não... claro que não. Eu só disse que podia querer ver ela. Não tenho certeza do que devo fazer primeiro. Mas fui convidado a almoçar com a senhora Quarta-Feira...

— Você quer dizer que foi convidado para ser o almoço! — zombou Concor. Mas, empalidecendo, tentou corrigir: — Desculpe! Eu não queria dizer isso!

— Tenho certeza de que podemos chegar a um acordo quanto ao tesouro — falou Catapillow. — O doutor Scamandros vai ajudar você a encontrar a sua amiga, a mandar mensagens e a fazer o que mais for preciso. Podemos até levar você ao Porto Quarta-Feira. Mas garanto que, tanto quanto nós, você vai preferir não encontrar nossa muito estimada, mas infelizmente submersa, soberana maior.

— Por quê? — perguntou Artur. O garoto estava intrigado. Por que Catapillow e os outros pareciam tão terrivelmente assustados com a ideia de encontrar a sra. Quarta-Feira? Mas eles estavam a serviço dela ou, pelo menos, operavam em seus domínios, na Casa. Provavelmente recebiam ordens, de tempos em tempos. E também havia a possibilidade de que Quarta-Feira fosse tão preguiçosa quanto o Sr. Segunda-Feira, e a administração do Mar Fronteiriço estivesse tão negligenciada quanto acontecia anteriormente na Casa Inferior.

— A propósito — continuou Artur. — Alguma ordem a respeito do lorde Artur? Quer dizer, se o encontrassem, o que fariam com ele?

— Encontrar lorde Artur? Bem, naturalmente, faríamos o que ele mandasse — respondeu Catapillow. — Afinal, trata-se do senhor de dois domínios da Casa!

— Nós não gostaríamos de cruzar com aquela coisa que é meio sapo — disse Concor. — Nem com a garota assassina.

— Então, não receberam instruções da senhora Quarta-Feira ou dos oficiais dela para o caso de Artur aparecer?

Sol Quente suspirou. Catapillow e Concor se entreolharam. Afinal, Concor resmungou:

— Quarta-Feira Submersa anda muito ocupada ultimamente... com a comilança... com várias coisas... infelizmente Meio-Dia e Crepúsculo sumiram há anos em meio à confusão causada pela inundação...

— O que o senhor Concorrt quer dizer — interrompeu o doutor Scamandros — é que o Mariposa foi deixado de lado nos últimos 6 ou 7 mil anos. Neste período não recebemos instrução alguma. Simplesmente cruzamos o Mar Fronteiriço, recolhemos o que tivemos de recolher, vendemos e reabastecemos nossos estoques em Porto Quarta-Feira. Ou, havendo necessidade, em portos menos seguros, seja no Mar Fronteiriço ou nos Reinos Secundários. Agora me diga: você foi mesmo convidado para almoçar com a senhora Quarta-Feira?

— Fui — disse Artur, tirando do bolso o convite encharcado que entregou ao doutor Scamandros.

Quase não havia o que ler. O doutor, então, pegou no casaco um mata-borrão oval, de feltro, que passou várias vezes sobre o cartão. A cada passada, o cartão secava e a tinta readquiria a cor e a textura anteriores. Catapillow e Concorrt esticavam o pescoço para olhar, e até Sol Quente inclinou a cabeça, tentando ver melhor,

Artur observou como a expressão dos dois oficiais mudou ao ler o convite, passando da curiosidade à dúvida e ao susto. Sol Quente, embora movesse os lábios enquanto lia, não se mostrou excessivamente perturbado.

Senhora Quarta-Feira
Curadora da arquiteta e Duquesa do Mar Fronteiriço
Tem o Grande Prazer de Convidar Artur Penhaligon Para um Almoço Particular de Dezesete Pratos. Foi Providenciado Transporte. Não há Necessidade de Resposta.

— Não estou entendendo — disse Catapillow. — Então, você deve ser...
— Mas não pode ser — acrescentou Concorrt. — É apenas um menino!
— É ele — opinou Scamandros. — Quem mais poderia trazer no bolso o Atlas Completo da Casa e no cordão em volta do pescoço um presente do Marinheiro? Isso para não falar neste estranho convite.

— Por que estranho? — perguntou Artur.

Pela primeira vez, desde que tinha sido apanhado pela onda, ele tinha tempo de fazer perguntas, em vez de se esforçar para se manter vivo ou se recuperar do esforço.

— Por que todo mundo sente tanto medo dela? Por que a chamam de Quarta-Feira Submersa? E o que foi o Dilúvio?

Catapillow e Concorrt ainda pareciam atordoados. Sol Quente olhava para Scamandros.

— É melhor que o doutor explique — falou Sol Quente depois de alguns instantes. — O capitão e o senhor Concorrt têm obrigações a cumprir. E eu também.

— Posso contar com a sua presença para o jantar, lorde Artur? — perguntou baixinho o capitão Catapillow, sem encontrar o olhar do garoto. — Sem qualquer... ahn... ressentimento quanto à nossa lamentável falta de...

— Claro — respondeu Artur. — Compreendo. É que o livro me faz parecer um grande herói. A propósito: quem é o autor?

Concort tornou a abrir o livro para mostrar a Artur a página de rosto. Com um jeito meio sem graça, Catapillow se afastou resmungando alguma coisa ao passar pelo doutor Scamandros.

— Foi... humm... escrito por alguém chamado Japeth, “biógrafo oficial, cronista, analista e pesquisador de lorde Artur” — falou o Imediato. — “Publicado pela Editora da Sala de Estar da Casa Inferior”.

— Sei... — fez Artur, franzindo a testa.

Japeth era o Tesouro que ele tinha conhecido no Fosso. Artur se lembrava de ter pedido à Primeira Dama que arranjasse um trabalho para o amigo, mas não poderia imaginar que se tratasse da tarefa de escrever, basicamente, propaganda. Qual seria a finalidade daquilo? Por que fazer dele um herói tão grande?

— Se não se importa de caminhar comigo, vou tentar responder às suas perguntas sobre a senhora Quarta-Feira e o Dilúvio — convidou o doutor Scamandros.

Em seguida, ele levantou a mão, fazendo aparecer uma vela cujo pavio acendeu com um sopro, e continuou:

— Vamos pela beira da água, para que o ruído das ondas abafe a nossa conversa. É melhor que a tripulação não tome conhecimento de certos assuntos.

Artur hesitou. Ainda em dúvida sobre se seria prudente se afastar na companhia do doutor, olhou para Sol Quente e tocou o medalhão do Marinheiro. O segundo piloto fez que sim discretamente.

— Tudo bem — concordou Artur. — Vá na frente.

Ele foi atrás do Habitante, deixando o círculo de luz formado pela lanterna e seguindo pela praia, onde passaram por pilhas de roupas metodicamente organizadas e com etiquetas individuais de identificação.

Scamandros viu o garoto olhar para as roupas, imaginou o que ele podia estar pensando e disse:

— A tripulação era originariamente a equipe de funcionários do escritório comercial de um depósito onde artigos eram classificados e recebiam preço. Foram feitos para isso e, sendo Habitantes de classe inferior, custam a mudar e a aprender. Assim, são apenas razoáveis como marinheiros, mas excelentes em transporte e organização de carga. Aqui estamos. Vou tirar os sapatos e enrolar as calças.

O doutor Scamandros enfiou a vela na areia e se sentou para descalçar os sapatos. Artur se sentou também e tirou as Botas Imateriais.

— Devemos tomar cuidado — falou Scamandros enquanto pegava a vela e se aproximava da espuma das ondas. — O solo desce rapidamente. Vamos seguir a marca da maré.

Assim, foram andando: o doutor Scamandros na parte mais próxima do mar e Artur na mais afastada. Devido à inclinação do terreno, os dois ficavam quase da mesma altura. O garoto reparou que, para um Habitante, o doutor

não era muito alto. Era mais baixo até do que os pobres Arrumadores de Carvão que trabalhavam nos depósitos profundos da Casa Inferior.

— Por onde começamos? — perguntou Scamandros.

— Que tal começarmos pela história de Quarta-Feira? — sugeriu Artur.

— Por que todo mundo tem tanto medo de se aproximar dela?

— Ninguém melhor do que eu para responder, porque sou um voluntário no Mariposa; não estou realmente a serviço — explicou Scamandros. — Também estudei um pouco o Mar Fronteiriço e seu comando. Suponho que esteja familiarizado com o Testamento, a Arquiteta, a divisão feita pelos Curadores e tudo o mais, não é?

— É. Pode-se dizer que sim — respondeu Artur.

— Mais ou menos naquela época, a senhora Quarta-Feira começou a sentir uma fome intensa como nenhum Habitante experimentou. Nós só comemos por diversão. Ela comeu, comeu e comeu. Normalmente, teria engordado muito, mas, usando o poder da Terceira Chave, conseguiu impedir que isso acontecesse. E assim foi por uns 2 mil anos, embora àquela altura consumisse toneladas de comida por dia. Não tenho certeza do que aconteceu depois. Não sei se o poder da Chave falhou ou foi mal utilizado. Por algum motivo, ela tomou a forma e o tamanho apropriados àquela comilança. Ela se tornou uma coisa enorme, um verdadeiro leviatã.

— Um o quê?

— Um animal gigantesco.

— Humm... não sei...

— Uma monstruosa baleia branca. Uma baleia colossal! Com 230 quilômetros da cauda à cabeça e 60 quilômetros de largura. A boca, quando aberta, chega a quase 4 quilômetros de altura e uns 18 de largura.

Uma baleia de 230 quilômetros de comprimento! Artur parou para pensar melhor. Com isso, acabou perdendo algumas palavras, pois o doutor Scamandros não esperou, e o garoto precisou correr para alcançá-lo.

— ...a transformação e a consequente imersão no Mar Fronteiriço provocaram o deslocamento de um grande volume de água. Felizmente, o processo demorou uma semana ou um pouco mais, dando tempo para a preparação do cais e das construções próximas, a maioria delas transformada em embarcações, como o Mariposa. Um novo porto foi parcialmente construído na parte mais alta do Posto de Observação de Quarta-Feira, hoje Porto Quarta-Feira. No entanto, a grande destruição sofrida pelos Habitantes não foi causada pelo Dilúvio, mas pela própria senhora Quarta-Feira. Em forma de leviatã, ela se tornou mais faminta do que nunca. Assim, em vez de comer às toneladas somente plâncton, krill e outras pequenas criaturas, devorou muitos daqueles que a serviam, inclusive Meio-Dia e Crepúsculo. Por causa disso, há milênios ninguém tem coragem de se aproximar dela, a não ser Aurora, a sobrevivente, com quem se acredita que Quarta-Feira se comunique a distância, por meio de um código baseado na movimentação das pupilas de seus enormes olhos. É esse o motivo de acharmos estranho o convite para o

almoço. Como pode alguém almoçar com um leviatã? Com um verdadeiro monstro que come tudo o que se aproxima?

— E por que ela é chamada de Quarta-Feira Submersa? — perguntou Artur. — Afinal, ela não afundou...

— Acredito que seja porque, quando começou a transformação, ela se atirou no Mar Fronteiriço e se presumiu que tivesse afundado — explicou Scamandros. — Esse seria um destino terrível para um Habitante, pois ele manteria um certo nível de consciência até ser completamente devorado pelos peixes. Desconfio também que Habitantes ainda leais não gostam que seja chamada de “Baleia Quarta-Feira”.

Artur fez que sim e deu uns pulinhos para ficar ao lado de Scamandros. Tinham percorrido uma boa distância. As luzes do acampamento estavam a uns cem metros. A maior parte do rosto do doutor estava na sombra; apenas a parte de baixo era iluminada pela vela. Suas tatuagens se moviam, mas a escuridão não permitia que o garoto as identificasse, a não ser por um navio de velas enfunadas que atravessava a bochecha do Habitante.

— Não seria bom voltarmos? — perguntou Artur nervosamente. Scamandros parou, olhou para ele e disse:

— Estamos longe o bastante para tentar uma pequena magia que talvez responda às nossas perguntas.

Então, subiu um pouco a praia para ajeitar a vela na areia. Artur foi atrás. A areia azul grudava em seus pés.

— O que vai querer primeiro: a mensagem para a Primeira Dama ou notícias da sua amiga? — perguntou o doutor.

— Quero ver o que aconteceu com a Folha — respondeu Artur. Embora ela não o tivesse atendido quando lhe disse que saísse do quarto, no hospital, ele ainda se sentia responsável... e culpado. Desejava que a garota estivesse bem.

— A sua amiga foi levada por outro navio?

— Foi — disse Artur. — Meio parecido com o Mariposa, porém um pouco mais comprido e mais estreito, com três mastros. Tinha velas verdes e brilhantes. Acho que pretendiam me pegar, já que o convite dizia “Foi providenciado transporte”, mas levaram Folha em meu lugar.

— Pela descrição, parece o Louva-a-Deus Voador, um dos navios da original marinha mercante de Quarta-Feira. O que faria sentido. Tem aí alguma coisa que pertença à sua amiga? Uma mecha de cabelo, por exemplo?

— Não! — respondeu Artur. — Ela é apenas uma amiga. Nos conhecemos há pouco tempo.

— Humm... assim fica mais difícil... se bem que, sabendo qual é o navio, as opções se reduzem — resmungou Scamandros. — Vocês trocaram apertos de mãos? Ou guarda algo que ela tenha tocado, como um copo ou uma garrafa?

Artur fez que não. Tentava se lembrar do quarto do hospital... de Folha sentada na cama...

— Ela leu o convite de Quarta-Feira. Serve?

— Serve — disse Scamandros com satisfação. — Pode me emprestar?

Artur entregou o convite ao doutor, que pegou um canivete embutido em um casco de tartaruga, cortou um pedacinho do cartão e depositou em uma pequena lata usada para guardar pílulas. Em seguida, pegou de dentro do sobretudo e desdobrou o que parecia um tabuleiro de xadrez vermelho e preto feito de papelão. Sobre este, que colocou no chão, arrumou com cuidado um espelhinho redondo, uma concha do mar do tamanho da mão fechada de Artur e a latinha de pílulas, de modo que formassem um triângulo.

— Um triângulo sobre minha área de trabalho — disse.

E, pegando uma pena de escrever e uma garrafinha de bronze com o rótulo TINTA ATIVADA. CUIDADO!, continuou:

— Por favor, Artur, ponha a mão aberta sobre o triângulo, mas sem tocar nos objetos.

O garoto obedeceu, mantendo a mão sobre o espelho, a concha e a caixa de pílulas.

— Agora, vou precisar escrever na sua mão. Talvez incomode um pouco — avisou Scamandros naquele tom que médicos e dentistas usam quando um procedimento vai doer.

Depois colocou no chão a garrafa de bronze, desatarraxou a tampa cuidadosamente e mergulhou a pena na tinta.

— Isso vai me ajudar a descobrir o que aconteceu com a Folha? — perguntou Artur.

Ele tinha vontade de puxar a mão e sair correndo pela praia até o acampamento.

“Sol Quente fez sinal de que estava tudo bem”, pensou. “Portanto, Scamandros deve ser razoavelmente confiável...”

Artur se manteve imóvel. Scamandros segurou a pena sobre as costas da mão do garoto. Uma gotinha de tinta caiu e se espalhou sobre a pele como metal derretido, fazendo se elevar uma pequena coluna de fumaça carregada de Nada.

— Aaaaai! — fez Artur quando uma dor intensa percorreu seu corpo.





Capítulo 11

O doutor Scamandros não parou. Com velocidade incrível, ele escreveu uma palavra na mão de Artur mesmo quando o garoto a puxou para longe, fazendo a tinta deixar um rastro de fogo em sua pele.

— Vai doer somente um momento — Scamandros prometeu quando Artur correu para o mar e mergulhou a mão na água. — Se tivesse avisado, você não ficaria quieto.

Artur não conseguia falar. A dor dominou sua mente, mas apenas por mais alguns segundos. Ela se dissipou devagar e sumiu antes que o doutor Scamandros tivesse terminado de falar, como se tivesse sido levada pela última onda.

O garoto andou os poucos metros de volta pela praia. Scamandros já tinha guardado o tabuleiro e a caixinha de pílulas, deixando somente a concha e o espelho. Ele os estendeu para Artur, que não percebeu, já que estava com as costas da mão voltada para a luz da vela. Até onde podia ver, não havia cicatrizes ou manchas de tinta. Ele também não conseguia enxergar nenhuma palavra.

— O que você escreveu? — Artur perguntou.

— Minha assinatura — o doutor Scamandros contou. — Quase toda a Magia da Casa é realizada com instrumentos que só funcionam para o feiticeiro autorizado.

— Havia Nada nessa tinta?

— Sim, uma quantidade muito pequena e refinada. Não preparada por mim, me apresso em dizer. Não trabalho diretamente com Nada em estado natural. Embora seja verdade que quase toda a Magia da Casa depende de instrumentos ou artigos originalmente criados de ou com Nada.

— Certo — Artur respondeu. Ele pegou o espelho e a concha desconfiado. — Então, para que servem essas coisas?

— Espero ter ajustado o espelho para mostrar a situação atual de sua amiga Folha — Scamandros explicou. — E também a concha, para você poder escutar. Eles devem funcionar por alguns dias, antes que a magia se desfça e eles comecem a mostrar outras pessoas ou lugares. Eu não os usaria quando isso ocorrer, pois eles podem mostrar você para as pessoas que estão procurando essas passagens abertas para a mente.

— Como funcionam?

— Basta segurar a concha junto do ouvido e olhar no espelho. Eles vão funcionar melhor num lugar silencioso com apenas um pouco de luz brilhando sobre o espelho. Veja, a luz da vela é perfeita. Geralmente é melhor que

alguém o esteja vigiando, já que não vai estar dando atenção ao que está acontecendo ao redor de sua forma corpórea.

— Obrigado — disse Artur. — Acho que vou fazer isso um pouco mais tarde. Mais perto do acampamento.

— Como preferir. Agora, quanto a mensagens, receio que nem o telefone, nem o telégrafo funcionem para nós. Embora não estejamos no Mar Fronteiriço, somos de lá e qualquer conexão normalmente passaria por lá. E a estação telefônica foi inundada faz tempo. Entretanto, posso enviar uma mensagem por meios mais lentos. Você tem papel, pena e tinta?

— Não.

— Então aqui está — Scamandros entregou um estojo de couro ressecado fechado com uma fita azul para Artur. — Escreva uma carta enquanto preparo o mensageiro.

Artur abriu o estojo que parecia um livro com figuras tridimensionais e um tinteiro, um maço de papéis e várias penas saltaram para cima. Artur escolheu uma pena, mergulhou-a na tinta azul-turquesa e escreveu.

Primeira Dama,
Sala de Estar de Segunda-Feira ou Pirâmide de Terça-Feira

Cara Primeira Dama,
À senhora Quarta-Feira me convidou para jantar e enviou um navio, mas devido a um acidente estou agora em outro Reino Secundário num navio diferente, naufragado, chamado Mariposa. Um feiticeiro da Casa de nome dr. Scamandros está enviando esta carta para mim. Já que estou aqui, acho que posso tentar encontrar a Terceira Parte do Testamento. Além disso, minha amiga Folha foi apanhada por engano e acho que ela agora está num navio chamado Louva-a-Deus Voador. Seria muito bom se a senhora pudesse ajudá-la a voltar para casa.

Atenciosamente.
Artur Penhaligon

P. S.: Diga “oi” para Suzy por mim e também para Espirrador e todos os demais.

Artur examinou o que escreveu. Ele nem mesmo tinha certeza de que iria tentar encontrar a Parte 3 do Testamento até escrever aquilo. Mas a ideia certamente estava crescendo em sua mente desde que Folha lhe sugerira que devia tomar uma atitude em vez de esperar que os Curadores fizessem alguma coisa para ele.

O único problema era saber por onde começar.

— Pronto? — doutor Scamandros perguntou. — Dobre e escreva o endereço na frente. Depois, aperte a dobra com o polegar e ela vai estar lacrada.

Artur seguiu as instruções. Quando apertou o papel com o polegar, um jato de luz multicolorido correu ao redor das bordas da carta. Ao retirar a mão, havia um lacre grosso e redondo que exibia sua cabeça em perfil com uma coroa de louros em volta das têmporas.

— Agora, não conte ao capitão Catapillow ou Concoart — o doutor Scamandros recomendou. — Com a falta de selos preparados, peguei um adequado de sua coleção.

Ele mostrou a Artur um selo grande e colorido que exibia um pássaro de corpo escuro, costas brancas e cauda bifurcada. A legenda de letras pequenas o classificava como Petrel da Tempestade de Lixívia, além de um grande número 2 e o símbolo de uma moeda desconhecida.

— Da sua Terra — disse Scamandros. — Um pássaro marinho noturno. Vou pingar só uma gota de tinta ativada em semolho e proferir algumas palavras mágicas. Talvez você queira ficar atrás de mim, Artur. Algumas das palavras da Arquiteta representam uma ameaça para os mortais.

Artur foi rapidamente para trás de Scamandros e colocou os dedos nos ouvidos. Ele se lembrava do efeito causado pelas palavras usadas pelo feiticeiro no navio.

Scamandros se inclinou sobre a carta dobrada, abriu seu tinteiro de bronze e, usando um pequeno conta-gotas, sugou um pouco de tinta. Em seguida, deixou cair somente uma minúscula gota do líquido no olho do pássaro no selo, no mesmo tempo em que murmurava alguma coisa que Artur não conseguiu ouvir, embora as palavras provocassem dor e pontadas em seus cotovelos e joelhos.

O pássaro se contorceu e bateu as asas; levantou a cabeça, espiou para fora, agitou as asas furiosamente e conseguiu sair do selo com esforço. Ao se ver livre, cresceu, enquanto a carta diminuiu de tamanho. Ele continuou a crescer até atingir cerca de 60 centímetros de comprimento e 1,80 metro de envergadura. Nesse ponto, a carta estava minúscula, um retângulo de apenas 2,5 centímetros de comprimento. O pássaro, com um brilho vivo no olhar, apanhou a carta no bico e a engoliu antes de sair pela praia com um andar bamboleante, batendo as asas devagar até ser capaz de levantar voo, imediatamente adquirindo graça e rapidez.

— Bom, vou arrumar tudo isso aqui — o doutor Scamandros disse. — Tenho que espalhar um pouco dessa areia contaminada de magia por aí. Se você quiser tentar o espelho e a concha, sugiro que peça ao sr. Sol Quente que fique vigiando enquanto se senta entre a barraca do capitão e o mar.

— Obrigado — Artur disse. O doutor Scamandros estava sendo muito útil.

“Talvez eu esteja desconfiado demais”, Artur pensou. “Ele deve ter lá seus motivos para me ajudar... fico imaginando quais possam ser... fico imaginando se ele pode ler meus pensamentos...”

— Quanto tempo a carta vai levar para chegar às mãos da Primeira Dama? — Artur perguntou depressa, por precaução, caso o doutor

Scamandros pudesse ler sua mente e estivesse ofendido com a sua falta de confiança.

— É difícil dizer. Exceto por algum acidente ou interceptação, um dia ou dois em nosso tempo aqui. Só posso dizer o que vai acontecer na Casa depois de muitos cálculos. O tempo não passa do jeito que se espera entre a Casa e os Reinos.

Artur assentiu com um gesto de cabeça. Fosse como fosse, parecia que ia ficar preso ali por uma semana, até que o Mariposa pudesse ser consertado. Como não havia nada que pudesse fazer a respeito, podia muito bem usar o tempo para encontrar uma saída. E, para isso, precisava descobrir o que tinha acontecido com Folha.

— Vou voltar agora — Artur avisou. — Vou pedir a Sol Quente que me vigie. Obrigado por sua ajuda, doutor.

Scamandros fez uma reverência.

Artur se virou e começou a voltar pela praia. Estava escuro sem a vela, mas ele via as luzes do acampamento que não estavam muito longe. Mesmo assim, começou a andar bem depressa.

O garoto estava no meio do caminho quando alguma coisa o fez se virar e olhar para trás. Artur viu o brilho da vela e parte da silhueta que poderia ser do doutor Scamandros. Mas também havia outra coisa. Outra forma, uma figura escura recortada contra a luz da vela. Artur apenas a viu por um momento e então ela desapareceu. Mas nesse instante, imaginou tê-la reconhecido.

Outro petrel da tempestade. O doutor Scamandros estava enviando uma mensagem a outra pessoa.

“Eu sabia”, Artur pensou sério. “Provavelmente ele está tentando me trair me entregando para Quarta-Feira ou um dos outros Curadores. Eles podem enviar o Superior Crepúsculo do Sábado, se é que foi ele quem me atacou no Fosso do Horrível Terça-Feira. Se ele voltar com sua espada, não vou poder fazer nada sem a Chave, apesar de que talvez a tripulação do Mariposa me defenda por causa do disco do capitão. Ainda não entendo por que Sábado iria querer que Nada destruísse a Casa. Definitivamente, alguma coisa está acontecendo com os Dias Seguintes e Nada. Mas o quê? Por que tudo é tão difícil...?”

Os pensamentos de Artur se perderam no subconsciente quando foi saudado pela sentinela próxima ao acampamento.

— Alto! Quem lá vem? Ou melhor, quem vem lá? Reconheça-me e avance!

— Humm, acho que seu nome é Monorelha, não é? — Artur arriscou. O Habitante estava sendo iluminado apenas em parte pelas lanternas da barraca de Catapillow, a 15 metros de distância. — Eu sou Artur e estou voltando de um passeio. O doutor Scamandros vai chegar num minuto.

— Avance, amigo! — Monorelha autorizou. Ele baixou o arco e acenou para Artur entrar. Quando o garoto passou, o Habitante murmurou: — Na realidade, meu verdadeiro nome é Gowkin, mas Monorelha soa muito melhor.

Eu era Transferidor de Caixas da Terceira Classe antes do Dilúvio. Agora sou marinheiro e trabalho no castelo de proa...

— Monorelha! Fique atento!

Artur reconheceu o grito. Sol Quente veio pisando duro pela praia. Artur percebeu outra sentinela atrás dele, examinando a escuridão com a sua besta preparada.

— Aye, aye, senhor! — Monorelha respondeu. — Só recebendo um amigo.

Sol Quente fez uma pequena reverência quando encontrou Artur, que retribuiu de imediato.

— O doutor fez o que foi necessário? — Sol Quente perguntou.

— Acho que sim — levantou o espelho e a concha. — Ele me deu duas coisas que posso usar para ver o que aconteceu com minha amiga Folha. Só preciso de alguém para ficar vigiando enquanto estiver usando as duas. Estava imaginando se você se importaria em...

— Cuidar de você? Ah, sim, posso fazer isso. Primeiro tenho que terminar a ronda pelas sentinelas, pois não queremos que Fugaz e sua turma apareçam sem serem anunciados.

— Pensei que eles tivessem ficado para trás! — Artur retrucou ao alcançar o segundo oficial.

— Talvez sim, talvez não — Sol Quente respondeu. — Fugaz é um feiticeiro esperto e incomum. O doutor Scamandros pode ter aprendido mais nos livros, mas esse pirata deve conhecer dezenas de truques sujos de que o doutor nunca ouviu falar. Cuidado com a frente!

A próxima sentinela levantou com dificuldade e apanhou sua besta. Sol Quente soltou um grunhido descontente e continuou a andar.

— O doutor Scamandros me disse que é um voluntário — Artur disse. Ele precisava saber mais sobre o médico. — O que ele quis dizer com isso? Por que se apresentou?

— Antes da grande enchente, havia Feiticeiros-Navegadores somente nos navios comuns — Sol Quente explicou. — Assim, quando todos os outros navios estavam sendo construídos, eles convocaram voluntários com bons conhecimentos de magia para virem a bordo. Alguns dos marinheiros permanentes também foram transferidos para os novos navios.

— Como você — Artur adivinhou.

— Sim, senhor, como eu — Sol Quente concordou sério. — Eu era o quarto oficial do Gárgula Espiralada, e você nunca viu navio melhor ou tripulação mais eficiente.

— Mas por que o doutor Scamandros se apresentou para ser um navegador se ele era um feiticeiro de primeira treinado na Casa Superior?

Sol Quente deu de ombros.

— Ele provavelmente perdeu alguma coisa. É por isso que a maioria das pessoas de outras partes da Casa vem para o Mar Fronteiriço.

— Não entendi.

— Qualquer coisa que se perde em qualquer lugar acaba aparecendo no Mar Fronteiriço cedo ou tarde — Sol Quente contou. — Mas encontrá-la pode não ser muito fácil. E precisa ter sido perdida por acidente, não de propósito, nem roubada.

Eles já estavam quase de volta ao mar. Um Habitante estava parado na beira da água e segurava uma besta. Em um ponto do céu, havia algumas poucas estrelas muito vermelhas e brilhantes, mas ele estava quase todo coberto de nuvens e não se via nenhum tipo de Lua. Possivelmente nenhuma Lua circundava esse mundo.

— Alto!

— É Sol Quente e o passageiro — o segundo oficial anunciou. — Tudo calmo?

— Nada além das ondas — disse a Habitante. Artur reconheceu a voz dela. Era a que tinha o rosto coberto de escamas. Lagartixa.

— Fique de olho — Sol Quente recomendou. — Se vierem, com certeza vai ser do mar.

— Certo, certo!

Sol Quente se virou e começou a andar no já muito calcado trecho de areia entre as duas pilhas maiores de caixas.

— Minha ronda está terminada. Onde você quer olhar esse seu espelho?

— Em algum lugar tranquilo que tenha um pouco de luz — Artur disse. Ele apontou para um ponto na areia onde não havia Habitantes descansando, não muito longe das lanternas da barraca. — Acho que ali está bom.

Sol Quente acompanhou Artur e ficou atrás quando o garoto se sentou de pernas cruzadas na areia. O menino segurou a concha na direção da luz e olhou dentro dela, sacudiu-a algumas vezes para se certificar de que estava vazia. Em seguida, animado, aproximou-a do ouvido, levantou o espelho e o inclinou para que fosse iluminado pela luz da lanterna.

No início, Artur só conseguiu ouvir o suave rugido do mar dentro da concha e ver o próprio reflexo no espelho. Tentou pensar em Folha, mas por algum motivo não conseguia se lembrar exatamente da aparência dela. No entanto, lembrou-se da voz e se concentrou nela, recordando o que ela tinha dito quando fora visitá-lo no quarto de hospital.

O rugido da concha foi interrompido e substituído pelo barulho de ferro e o ranger de madeira. O espelho ficou embaçado quando Artur respirou sobre ele e então se aclarou para mostrar não o rosto, mas outra cena escura iluminada por outra luz.

Artur olhou fixamente para o espelho e viu Folha dentro de um quarto muito apertado e mal iluminado.

Ela era uma prisioneira.





Capítulo 12

Folha se encontrava sentada e encolhida num espaço apertado com uns 2 centímetros de água ao redor das pernas. Uma corrente pesada unia os grilhões em seus pulsos aos dos tornozelos e depois a um aro de ferro escuro preso a uma parede de madeira. Pela forma como a água batia de um lado a outro, era certo que ela estava a bordo de um navio. A única luz vinha de uma lanterna oscilante, escurecida pela fumaça, pendurada em um gancho no teto de tábuas a cerca de 30 centímetros acima da cabeça da garota.

Alguma coisa se moveu na escuridão no canto da imagem. Artur virou a cabeça para tentar enxergar, mas não funcionou. O espelho era como um aparelho de televisão ou um palco. Tudo o que ficava atrás dele era invisível.

O movimento se repetiu. Folha levantou a cabeça e olhou em volta. Quando não viu nada, deixou a cabeça pender para a frente. Parecia que estava totalmente desanimada, até Artur perceber que ela estava fazendo algo com o grilhão do tornozelo esquerdo. Ao ver de relance uma lixa de unha ou alguma coisa parecida, Artur imaginou que Folha estava tentando segurar o grilhão.

Artur se concentrava com tanta força no que Folha estava fazendo com o grilhão que levou um momento para se dar conta de que tinha visto o movimento outra vez. Desta vez, terminou dentro do quadro do espelho, e Artur pôde ver com clareza de que se tratava.

Um rato. Mas não era apenas um velho rato.

Era um rato de pelos castanhos e 1,20 metro de altura, em pé nas patas traseiras. E usava roupas. Vestia um velho, mas bem conservado, fraque azul-marinho com debruns dourados sobre uma camisa cor de creme e um colete prateado, calções brancos arregaçados até acima do alcance da água. Os pés estavam descalços e a cauda rosada e sem pelos se agitava para os lados.

O rato ergueu o chapéu de couro impermeável de abas largas e copa baixa e disse numa voz que guinchava quando inspirava:

— Com licença, por acaso a senhorita é uma mortal vinda da Terra?

Folha se assustou e recuou, fazendo as correntes chacoalharem.

— Perdão — o rato falou. — Não tive a intenção de assustá-la. Eu não queria me intrometer, mas tenho que cumprir uma tarefa referente a um mortal da Terra.

Folha balançou a cabeça e piscou algumas vezes.

— Desculpe, é que eu... não estava esperando... uma... uma visita.

— Permita que eu me apresente — o rato replicou. — Sou o comodoro Monckton, oficial encarregado dos Ratos Crescidos do Mar Fronteiriço.

— Ratos Crescidos? — Folha perguntou com a voz fraca. — Mar Fronteiriço?

Comodoro Monckton retorceu os bigodes antes de responder.

— Os Ratos Crescidos, minha jovem, são os ratos que antes serviam o Tocador de Gaita e foram trazidos por ele para a Casa. O Mar Fronteiriço é uma propriedade da Casa, supostamente governada pela senhora Quarta-Feira, autodenominada Duquesa do Mar Fronteiriço e Curadora da Arquiteta.

— Ah, entendi — Folha respondeu com sarcasmo.

— Como foi que disse?

Folha balançou a cabeça outra vez.

— Deixe pra lá. Sim, acho que sou uma mortal da Terra. Uma mortal muito burra.

— Mas você não é um animal.

— Eu quis dizer burra de pouco inteligente — Folha explicou. — Enfim, o que você quer com uma mortal da Terra? Você pode me ajudar a sair daqui?

Monckton tirou um papel do bolso do fraque e o estendeu para Folha. Era um bilhete muito pequeno quando o entregou, mas, assim que a garota o apanhou, ele cresceu até atingir o tamanho de uma carta.

O papel exibia o retrato impresso de um garoto muito parecido com Artur. Embaixo dele, estavam escritas algumas palavras que diziam:

RECOMPENSA

Informações sobre o paradeiro de Artur Penhaligon, um garoto mortal da Terra. Envie detalhes por telegrama ou mensagem para Terça Parte da Segunda-feira, Suzy Azul-Turquesa

— Artur! — Folha exclamou. — E Suzy era a garota... a que tinha asas.

— Ah! — Monckton murmurou. — Você conhece Artur? Sabe onde ele está?

— Talvez — Folha respondeu e, pelo jeito como os olhos dela se estreitaram, Artur soube em que ela estava pensando. — Imagino que você queira a recompensa.

— Naturalmente — Monckton admitiu. — Embora nesse caso a gente já tenha recebido um pequeno sinal. Somos conhecidos como excelentes buscadores e descobridores.

— Vou lhe contar o que sei se me ajudar a escapar — Folha ofereceu, estendendo os pulsos acorrentados. — E se me ajudar a entrar em contato com Suzy Azul.

— Hummm — o Rato refletiu. — Não podemos ajudá-la a fugir, pois isso iria contra os vários acordos que temos com as diversas autoridades da Casa. Entretanto, ficaria honrado em agir como seu conselheiro no inquérito sobre suas atividades criminais.

— Criminais? O que é isso? A única coisa que fiz foi deixar que me arrastassem para esse navio! Eles deram uma olhada em mim, perguntaram meu nome e então me acorrentaram e jogaram aqui!

— Acho que vão acusá-la de ser uma passageira clandestina — Monckton contou, dando ênfase à informação com um piparote da cauda. — É provável que a pena sejam 100 ou 200 chibatadas, às quais imagino que você não iria sobreviver. Ou, para ser bem sincero, sendo mortal, você definitivamente não iria sobreviver.

— Chibatadas? Você está se referindo a uma surra?

— Isso mesmo. Com um chicote de nove tiras. Já ouviu falar dele?

— Não quero ouvir nada! E muito menos sentir! Isso é uma loucura. Deve haver alguma coisa que eu possa fazer.

— Vai depender do tribunal — Monckton informou. — Acho que existe uma falha lógica na acusação que, se corretamente tratada, vai poupar você do castigo.

— E qual é?

Monckton inclinou a cabeça um pouco para o lado e encarou Folha com um olho brilhante.

— Nós somos ratos comerciantes, senhorita — ele disse. — Ou seja, você me conta o que sabe sobre Artur, e eu vou ser seu conselheiro no tribunal.

— E como vou saber que você vai fazer alguma coisa por mim depois que contar sobre Artur? — Folha indagou.

— Eu lhe dou minha palavra de Rato Crescido e ex-habitante mortal da Terra — Monckton garantiu, colocando uma pata sobre o coração perfeitamente coberto pelo colete. — Em nome do Tocador de Gaita, que nos trouxe para cá.

Folha olhou com cuidado para o rato. Este lhe devolveu o olhar sem piscar.

— Certo — Folha concordou. — Acho que não tenho outra escolha. Pelo menos você me pareceu convincente. Melhor que o cara que vendeu o último carro para o meu pai. Eu estava visitando Artur em seu quarto de hospital, lá na nossa... lá na Terra. Artur tinha recebido um convite da senhora Quarta-Feira para almoçar e estava me contando sobre a Casa e todo o resto. Então uma onda gigante entrou no quarto do hospital e nos levou para o mar, na cama de Artur. Nós estávamos sendo sacudidos para cima e para baixo por aquelas ondas realmente enormes quando um navio com velas verdes brilhantes me pegou com uma corda, mas não conseguiu apanhar Artur. Acho que ele ainda está flutuando em sua cama de hospital em algum lugar. Se ela não afundou ou não foi resgatada por outra pessoa. Isso está bom para você?

— Obrigado, é uma pista excelente — Monckton agradeceu. — Isso também explica por que o capitão e a tripulação desta embarcação ficaram tão tediosamente calados e resolveram vir num comboio até esse Triângulo. Não fosse pelos ratos comuns, eu nem saberia que havia um mortal a bordo. Acho que o Louva-a-Deus deveria apanhar Artur para a senhora Quarta-Feira e, por

ter falhado em sua missão, o capitão Suel está ganhando tempo enquanto pensa no que vai fazer em seguida. Além de se livrar de você, a prova infeliz de ter apanhado o mortal errado.

— Subir num comboio? O Triângulo? Onde estamos?

— Estamos a bordo do Louva-a-Deus Voador, na coberta mais baixa do navio — Monckton informou. — Um navio da marinha mercante de Quarta-Feira. O Louva-a-Deus foi trazido num comboio, ou seja, amarrado a outro navio, que é amarrado a outro navio, e assim por diante, todos unidos, por fim, a um gigantesco poste de amarração triangular que é tudo o que resta acima do nível do mar do velho farol do Porto de Quarta-Feira. Daí o triângulo. Que, é claro, está no Mar Fronteiriço da Casa.

— Que é o centro do universo — Folha acrescentou. — Pelo menos é isso que Artur disse. Meus pais iriam ficar doidos se soubessem que é assim.

— O que foi que disse?

— Eles acham que existe alguma árvore enorme no centro do universo, com pequenos galhos nascendo para todos os lados. E animais que vivem em harmonia, que são legais uns com os outros e tudo o mais.

— Parece muito agradável — Monckton concordou. — Se ao menos fosse assim... Agora preciso voltar para o meu navio. Devo parar no caminho e informar o capitão Suel que vou ser seu conselheiro. Imagino que o julgamento vá acontecer a qualquer momento nos próximos dias.

— Nos próximos dias! — Folha exclamou. — Eles não me deram nada para comer ou beber. Posso morrer de fome ou de sede.

— Não na Casa — Monckton garantiu. — Você pode ter fome e sede, mas não vai morrer por causa disso.

— Então você vai simplesmente me deixar acorrentada aqui? É isso? Para esperar o julgamento ou o que quer que seja?

— Sim — Monckton respondeu. — É isso mesmo. Foi um prazer fazer negócios com você. Até logo.

— Espere! — Folha gritou com a voz esganiçada.

Mas o Rato já se fora. Artur viu a cauda de relance quando ele saiu do campo de visão do espelho.

— Espere! Você não pode simplesmente me deixar! E se o navio afundar...

O grito de Folha foi subitamente interrompido, e o espelho bruxuleou entre a posição de Folha e o rosto de Artur na luz da lanterna, antes de se firmar neste último. Artur sentiu uma onda de náusea diante da repentina mudança de percepção, mas ela passou de imediato quando Sol Quente bateu em seu ombro e sussurrou:

— Artur! Prepare-se, garoto. Tem uma coisa vindo do mar!

Artur piscou, levantou-se e apressadamente guardou o espelho e a concha nos bolsos de seu pijama. Isso lhe lembrou vagamente que precisava vestir uma roupa mais adequada, mas o pensamento somente durou 1 segundo e desapareceu.

— O que está vindo do mar?

— Não sei — Sol Quente respondeu. — Lagartixa viu uma luz ao longe. Eu também vi. Ela está se aproximando. Pode ser o Calafrio, embora eu não saiba por que estaria com a luz acesa. Olhe, pegue esta faca.

Artur viu que Sol Quente tinha um cutelo preso ao cinto. Ele aceitou a longa faca que o Habitante lhe ofereceu, ainda no estojo, e tentou prendê-la ao cinto do roupão. Sol Quente balançou a cabeça.

— Isso não vai adiantar. Venha, vamos voltar à barraca do capitão. Icabod pode arrumar uns restos adequados para você.

— Restos? Não estou com fome, principalmente por uma coisa chamada...

— Restos são roupas. Venha. Não temos muito tempo.

Ao acompanhar Sol Quente até a barraca de Catapillow, Artur notou que o acampamento estava bem diferente. Os Habitantes estavam todos acordados e se preparando para uma luta. Eles pareciam mais confiantes e mais organizados do que tinham estado no mar.

— Marinheiros de água doce — Sol Quente sussurrou quando passaram por um grupo de Habitantes que verificavam suas bestas. — Eles lutam melhor aqui do que em qualquer convés. Icabod! Ajude lorde Artur a encontrar algumas roupas em bom estado!

— Aye, aye! — Icabod respondeu. Ele se aproximou e fez uma reverência quase até o chão para Artur. — Milorde deseja alguma coisa em especial?

— Não perca tempo! — Sol Quente ordenou. — Dê a ele qualquer coisa que sirva, depressa. Vou pegar as armas. Artur, venha me procurar quando estiver pronto.

Icabod torceu o nariz.

— Olhe, ele não tem ideia das dificuldades que se tem para andar bem vestido.

Ele observou Artur de cima a baixo, andou em volta dele e anotou alguns números em um pequeno caderno. Em seguida, mostrou o biombo com figuras náuticas no canto da barraca. Artur o tinha visto pela última vez no incrível quarto de Catapillow a bordo do Mariposa.

— Se quiser ficar aqui atrás desse biombo, milorde, vou me esforçar para lhe apresentar vários artigos de vestuário adequados para alguém de tão importante posição.

Artur foi para trás do biombo. Quase que imediatamente, Icabod lhe entregou uma enorme pilha de roupas.

— Roupas de baixo. Opção de três camisas. Colarinhos, temos quatro. Seis gravatas para escolher. Coletes, três. Calções, três. Meias, cinco pares. Sapatos ou botas?

— Ahn... não preciso de nenhum. Meus chinelos são Botas Imateriais.

— Para o mar ou cerimoniais?

— Acho que são para o mar...

Icabod continuou a fazer perguntas e a entregar uma peça de roupa e equipamento com poucos segundos de intervalo. Finalmente, ele ficou em

silêncio, e Artur se despiu e vestiu as roupas novas depressa. Surpreendentemente, tudo serviu com perfeição. Artur não tinha combinado as peças de nenhuma forma especial, mas de repente constatou que estava usando um uniforme quase igual ao de Catapillow. Um casaco azul sobre uma camisa branca e um colete azul e calções brancos.

Como já esperava, assim que se trocou, as Botas Imateriais se transformaram de chinelos em botas da altura do joelho, sendo a da esquerda mais larga para acomodar a tala de perna de siri. Artur pensou por uns instantes e então enfiou o Atlas e o convite de Quarta-Feira na bota direita e a concha e o espelho na esquerda. As Botas Imateriais não deixavam entrar água e quase nenhuma outra coisa; manteriam esses objetos secos e em segurança.

— E esse colarinho? — Artur perguntou alguns minutos depois. O colarinho estava separado da camisa e ele não sabia o que fazer com ele.

— Permita-me — Icabod ofereceu. Rapidamente, ele entrou e ajustou o colarinho de Artur. Antes que o garoto pudesse protestar, Icabod tinha enrolado um tecido vermelho ao redor de seu pescoço e também lhe fez um laço como se fosse uma gravata. — Levante os braços, senhor, para eu colocar o cinto.

Um cinto largo de couro parecia ser a última coisa a ser usada, mas, quando ele foi fechado e Artur tentou dar um passo para fora do biombo, Icabod estendeu a mão e fez uma leve reverência,

— A sua espada, senhor. Não é aconselhável se arriscar a enfrentar uma possível batalha sem a espada.

— Acho que... não é aconselhável mesmo — Artur repetiu. “Estou até começando a falar igual a Catapillow”, ele pensou.

“Espero que não me transforme em alguém parecido com ele. Prefiro ser igual a Sol Quente. Alguém que faz as coisas acontecerem”.

Icabod apanhou uma espada do chão e a prendeu ao cinto de Artur na altura do quadril esquerdo. Ao mesmo tempo, Artur amarrou a faca que tinha recebido de Sol Quente do outro lado.

— Essa é uma espada de padrão naval, feita mais curta e mais leve pelo armeiro especialmente para nosso comandante — Icabod informou. Ele se levantou, viu a faca de Sol Quente e torceu levemente a boca em sinal de desagrado. — Se permitir que diga, milorde, a faca não acrescenta muito ao conjunto. Talvez, se eu puder...

— Quero ficar com a faca — Artur disse depressa. — E agora preciso ir encontrar o senhor Sol Quente. Obrigado por sua ajuda, Icabod. Não sei como conseguiu roupas do meu tamanho tão depressa.

— Ah, escolhi as melhores do capitão e do senhor Concor e as cortei enquanto o senhor estava com o doutor Scamandros — Icabod contou com orgulho. — Depois, foi só fazer uns pequenos ajustes, pois tenho um bom olho para isso, embora eu possa parecer convencido. “Sempre é bom estar prevenido!” Esse é o lema de um bom criado!

— Ahn... obrigado — Artur murmurou. Ele esperava que Catapillow e Concor não se importassem com o fato de suas melhores roupas terem sido

cortadas. — Obrigado outra vez.

— E, caso o senhor seja ferido no combate que está por acontecer, saiba que apliquei esse lema à minha outra profissão — Icabod contou.

— Qual é?

— Assistente de cirurgião — Icabod respondeu. — Ou, como os extremamente comuns dizem, um enfermeiro. Eu ajudo o doutor Scamandros. Nunca tivemos que operar um mortal, mas todo o meu equipamento está pronto. Facas, serras, furadeira, tudo recém-amolado!

— Ótimo! — Artur elogiou, fingindo uma alegria que não sentia. — Muito bem! Continue com o bom trabalho!

Ele saiu apressado antes que Icabod tivesse oportunidade de lhe mostrar algum instrumento cirúrgico recém-afiado. Ele já tinha atravessado metade do campo onde os dois canhões apontavam para o mar quando ouviu um estrondo, o tinido repentino do sino do navio e o grito de Sol Quente.

— Apanhem as armas! Preparem as bestas! Cutelos e chuços de abordagem na linha da maré alta!





Capítulo 13

Artur começou a correr, meio mancando, meio correndo, acompanhando uma perigosa multidão de Habitantes que disparava na direção do mar, brandindo cutelos e lanças. Dois dos canhões do Mariposa tinham sido tirados do navio e posicionados ali, voltados para as ondas.

Perto das armas, a multidão se dividiu entre os dois lados das peças de artilharia, enquanto Artur parou ao lado de Sol Quente e um dos canhões. A arma não pareceu muito sólida ou segura para o garoto. O ferro negro do longo cano estava corroído e áspero, e a carreta de madeira com rodas tortas que a sustentava, lascada e rachada. Os dois canhões estavam estacionados numa espécie de tapete de vime estendido na areia e nem mesmo ele parecia muito sólido.

— Fique longe do canhão — Sol Quente aconselhou. — Ele dá um solavanco quando é disparado. Vai quebrar sua outra perna ou sua coluna se você estiver atrás.

Artur se apressou em ficar à direita de Sol Quente de modo que o Habitante ficou entre ele e as armas.

— Você já consegue ver eles? — o garoto perguntou enquanto espiava a escuridão.

Além das lanternas mais ao longe na praia e o brilho do estopim do artilheiro, longos pedaços do que pareciam cadarços grossos e grandes em combustão, não havia outra luz. Ou havia? Artur protegeu o rosto com as mãos e semicerrou os olhos para tentar enxergar à frente.

— Tem alguma coisa brilhando lá longe, não tem?

— Tem, sim — Sol Quente concordou. — Mas está muito baixa na água para ser um navio. E está se movendo depressa demais para ser uma balsa, um bote ou coisa desse tipo. Não tenho ideia do que possa ser. A menos que sejam aqueles Ratos...

— Ratos? — Artur repetiu. — Ratos Crescidos?

— Aye — Sol Quente respondeu. — Eles tem umas embarcações incomuns. — Mas não sei...

Ele se interrompeu quando o brilho no mar repentinamente disparou para o ar e ofuscou uma estrela vermelha que pairava baixo no horizonte com seu clarão súbito para logo em seguida descrever um arco descendente, voltando para o mar e desaparecendo.

Sol Quente resmungou alguma coisa, e Artur ouviu os artilheiros ao seu lado sussurrarem nervosos: — O que foi?

— É um Habitante com asas marinhas e uma autêntica luz de magia ao seu redor — Sol Quente falou baixinho. — É bem provável que Fugaz tenha vindo pessoalmente para reclamar seu tesouro.

— Pessoalmente? Mas nós certamente... nós temos esses canhões... e nós somos mais de cem, e o doutor Scamandros...

— Temos pouca pólvora para os canhões — o oficial retrucou — E Fugaz é mestre no tipo de magia negra com que o doutor Scamandros não brinca. Provavelmente vai virar o mar e a areia contra nós, do mesmo jeito que fez o cordame do Occanus estrangular a tripulação até a morte. Mas temos mais chance na praia com nosso grupo do que numa luta no mar, portanto, nunca se sabe... Se você conseguir chegar perto dele, Artur, tente arrancar a cabeça com um único golpe e procure jogar um punhado de areia no coto do pescoço. Ou, se não tiver nada melhor à mão, cubra com a parte chata da lâmina.

Artur engoliu em seco e olhou para a luz na água que se aproximava rapidamente. Então desembainhou a espada, pousou a lâmina no ombro como os Habitantes faziam com seus cutelos.

“Vou cortar a cabeça dele”, Artur disse à si mesmo. “Derrotei o Sr. Segunda-Feira e o Horrível Terça-Feira. Já fui ferido antes. Sei que posso aguentar. Não vou ser morto por um pirata... Espero que minha perna não me abandone de repente... Essa tala de siri é boa e as juntas funcionam bem, mas se ela travar ou simplesmente enfraquecer enquanto eu estiver lutando contra Fugaz e...”

— Pare! — Artur sussurrou para si mesmo. — O que quer que aconteça, vou fazer o melhor possível. Vou vencer.

— Espere até que ele saia da água! — Sol Quente grunhiu quando a luz chegou mais perto. — A queima-roupa!

O brilho fluía na direção deles e ficava cada vez mais forte, como os faróis de um carro que se aproxima. Artur se sentiu hipnotizado pela luz, incapaz de se mover conforme ela chegava cada vez mais perto. Conseguiu ver um vulto escuro dentro da luz, dentro da onda. Uma figura não-humana, como um tubarão, impulsionada para a frente por enormes asas. Ela cortou a superfície e começou a se aproximar surfando numa onda. Os artilheiros grunhiram e praguejaram ao empurrarem e moverem os canhões com alavancas, tentando apontá-los exatamente para onde a coisa ia sair da água.

Sol Quente encheu o pulmão de ar e abriu a boca com a palavra “Fogo” pronta para sair, quando subitamente o doutor Scamandros apareceu saltando diante dos canhões, gritando:

— Parem! Parem já! Não! Não atirem!

Nesse exato momento, um dos canhões foi disparado com um estrondo extremamente forte e envolveu Artur com uma chuva de faíscas e uma nuvem espessa de fumaça branca. O garoto se afastou aos tropeços só para constatar que estava com os pés molhados.

Ele se encontrava onde as ondas quebravam, e a coisa do mar estava parada acima dele, com sua luz brilhando através da fumaça e da escuridão. Ele

não tinha sido atingido.

Não era mais uma “coisa”, embora ainda tivesse asas imensas com penas metálicas amarelo-ouro. Era uma mulher muito linda e alta com cabelos amarelos e brilhantes presos à nuca em uma rede de arame. Ela usava um vestido de veludo verde e tinha um casaco de um verde mais escuro enfeitado de pele pendurado no ombro esquerdo, os braços atirados para trás. Na mão direita, segurava um curto chicote branco coberto de escamas.

A mulher olhou para Artur e o ileso doutor Scamandros, que tinha se postado ao seu lado, e para o capitão Catapillow, que Artur não tinha visto por perto, mas agora se curvava, arrastava os pés e murmurava.

— Doutor Scamandros?

A voz dela era fria e clara e fez os ouvidos de Artur doerem um pouco, como se estivessem sendo tocados por uma brisa gelada.

— Sim, senhora. Sou Scamandros.

— Recebi sua mensagem. Apresente-me a lorde Artur. Estou com pressa.

Scamandros fez uma reverência, mostrou Artur com a mão direita e se curvou novamente para os dois.

— Lorde Artur, quero lhe apresentar a senhora Aurora de Quarta-Feira.

Artur se curvou. Já estava desconfiado da identidade da convidada-surpresa. Ela tinha a altivez comum a todos os criados-chefe dos Curadores. Uma espécie de olhar que dizia “sou superior, e é melhor você aceitar isso”.

— Meus cumprimentos, lorde Artur — Aurora de Quarta-Feira disse.

— Por favor, aceite as desculpas da senhora Quarta-Feira pelo triste malogro dos arranjos de seu transporte. Infelizmente ainda não fui informada da natureza exata do incidente que o trouxe para cá, mas tenho certeza de que você agora está pronto para me acompanhar para o prometido almoço.

Artur olhou para o rosto lindo, mas frio, de Aurora. “Se mandassem, ela cortaria minha garganta”, Artur pensou. “Mas que opção eu tenho?”

— Não tenho certeza — ele disse em voz alta.

Ainda estava com a espada apoiada no ombro, e o conselho de Sol Quente sobre como lidar com Fugaz provavelmente também se aplicava a Aurora de Quarta-Feira. O garoto enrijeceu o corpo, pronto para atacar, enquanto dizia lentamente:

— Ouvi algumas coisas assustadoras sobre a senhora Quarta-Feira.

Dizem que ela é um tipo de... bem, você sabe... baleia gigante que come tudo. E não quero ser comido.

— É só uma indisposição temporária — Aurora garantiu. Ela olhou para Scamandros e Catapillow. — Sobre a qual certos inferiores não deveriam fofocar. Entretanto, pode ter certeza de que a senhora Quarta-Feira pretende reassumir sua forma humana tradicional para esse almoço. Isso é uma indicação da importância dada à sua visita, lorde Artur. Atualmente, é um esforço lamentável para a senhora tomar a forma humana. Ela não faz isso há vários séculos.

— O que ela quer de mim? — Artur perguntou, pois parecia não ter sentido fazer rodeios. — Ela está do lado dos Dias Seguintes. Ela é uma Curadora que não fez o que deveria. Eu sou o Herdeiro Legítimo do Testamento.

— Essas questões não devem ser discutidas em público — Aurora resmungou. — Basta dizer que minha patroa reconhece a necessidade de uma discussão, e não de uma batalha?

— Talvez — Artur respondeu.

— Excelente. Então suponho, lorde Artur, que o senhor esteja pronto para vir comigo?

— Para onde, exatamente?

— Para a Casa — Aurora informou. — Para o Mar Fronteiriço. Tenho muitas tarefas a realizar, portanto não devemos perder tempo. Você precisa respirar?

— Como?

— Se o senhor precisa respirar. É um verdadeiro mortal, não é mesmo? Se vou levá-lo de volta, vamos passar um longo período debaixo da água. Se o senhor ainda não foi enfeitiçado para precisar de menos ar, então devo cuidar disso antes de partirmos.

— Não fui e acho que não quero ser — Artur retrucou. — Tenho asma e não quero que meus pulmões fiquem ainda piores com magia ou coisa parecida. E não quero me transformar num Habitante.

— É um feitiço muito simples — Aurora garantiu, dando um pequeno estalo com os dedos para demonstrar como a questão era fácil. — Ele lhe permite sobreviver respirando apenas de vez em quando. Talvez, doutor Scamandros, o senhor possa aliviar a preocupação de Artur. Parece que você é um feiticeiro treinado na universidade, embora eu não me lembre de ter visto seu nome e posição no índice dos Feiticeiros-Navegadores a serviço da senhora Quarta-Feira.

— Ah, querida senhora, eu fui um voluntário depois do Dilúvio — Scamandros contou e fez alguns movimentos nervosos e quase tropeçou nos próprios pés. — Talvez por isso a papelada esteja um pouco confusa, ou melhor, não esteja totalmente em ordem. Mas, quanto ao feitiço para respirar, é o que trata de retardo, não é? Talvez a fórmula conhecida como “Mil e uma inspirações”?

— É um pregador, comprado no Porto Quarta-Feira — Aurora informou, tirando uma pequena sacola de pano da manga e estendendo-a a Scamandros. — Desconheço sua procedência. Acho que é usado no nariz.

Scamandros pegou a sacola, abriu o cordão e colocou o pequeno pregador de roupa de madeira na palma da mão. Ele o levantou diante da luz de Aurora e leu sua minúscula inscrição com a ajuda dos óculos de quartzo esfumado.

— É um feitiço simples — ele disse para Artur. — Uma respiração vale por mil até acabar. Vai deixar um pequeno resíduo mágico, mas bem menos do que já existe em sua carne e seus ossos.

Desconfiado, Artur pegou o pregador de roupas, abriu-o e fechou-o, sentindo a força da mola.

— Como vou saber quando as respirações acabaram?

— Ele vai cair do seu nariz — o doutor Scamandros explicou. — É claro que você pode tirar e tornar a colocar ele, embora, nesse caso, seja preciso tomar cuidado para não estar longe demais de uma fonte de ar. Seu rendimento vai ser menor a cada reaplicação.

— O Mariposa não pode me levar ao encontro da senhora Quarta-Feira? — Artur quis saber. — Acho que não quero usar esse feitiço, nem ser levado debaixo da água. Não me levem a mal, é que não gosto muito da ideia.

— É importante agir depressa — Aurora afirmou. — A senhora Quarta-Feira não pode conservar a forma humana por muito tempo, e o almoço está marcado para começar ao meio-dia, pela hora da Casa, no dia em que parti. Precisamos correr. Nenhum navio pode levá-lo até lá a tempo e, a menos que eu esteja enganada, esse Mariposa precisa de reparos consideráveis. Eu também tenho inúmeras tarefas importantes a realizar. O Mar Fronteiriço precisa ser vigiado com frequência para que não se espalhe para os Reinos ou se ligue ao Nada.

— Você jura que vou voltar para algum lugar em segurança depois de me encontrar com a senhora Quarta-Feira? — o garoto perguntou. — Jura pela Arquiteta e por Will, o Testamento, e pela senhora Quarta-Feira?

A Aurora de Quarta-Feira fez cara feia e seu chicotinho de montaria assobiou de um lado para outro pelo ar. Mas finalmente disse:

— Sim. Vou fazer todo o possível para garantir que você seja devolvido a um lugar seguro depois do almoço com a senhora Quarta-Feira. Juro pela Arquiteta que me criou, por Will, o Testamento, e por minha patroa, a senhora Quarta-Feira.

— Tudo bem — Artur concordou. — Acho melhor ir.

Ele olhou para o doutor Scamandros, que arrastou os pés novamente e inclinou a cabeça para perto de Artur.

— O capitão Catapillow achou melhor informar a senhorita Aurora — o feiticeiro murmurou baixinho de modo que apenas Artur pudesse ouvir. — Ele não queria o Mariposa envolvido em coisas mais fortes do que nós e tinha medo do que a sua Mão Vermelha poderia provocar. Você sabe que tenho que obedecer a ordens. Mas eu me certifiquei de que a sua carta fosse enviada primeiro. Contudo, a senhorita Aurora já estava procurando você.

Artur balançou a cabeça, mas, quando o doutor Scamandros ofereceu a mão, o garoto embainhou a espada e aceitou. Ele ainda não tinha certeza se o Habitante estava mentindo, mas o doutor Scamandros tinha dado um jeito em sua perna. Felizmente, a carta de Artur estava realmente sendo enviada à Primeira Dama.

— Foi um prazer ter o senhor a bordo do Mariposa — o capitão Catapillow disse, praticamente dobrado por causa das constantes reverências feitas a Artur e Aurora de Quarta-Feira. — Adeus.

Artur assentiu, mas não lhe deu um aperto de mão. Em vez disso, olhou à sua volta. Lá estava Sol Quente, perto dos canhões, cercado pelo que parecia toda a tripulação, reunida para admirar a luminosa Aurora.

— Não vou demorar — Artur afirmou e correu pela praia até o segundo oficial. Desta vez, ofereceu a mão, que foi apertada com firmeza e sacudida com tanta vontade que seu ombro doeu.

— Obrigado, Sol Quente — Artur falou —, por me tirar da boia e tudo o mais.

— Faça uma boa viagem — Sol Quente desejou. — E, se você alguma vez voltar a subir num convés com o Marinheiro, não deixe de mencionar Sol Quente, segundo oficial do Mariposa.

— Com certeza — Artur prometeu e viu Icabod parado formalmente em meio a um grupo de recolhedores tatuados e despenteados e acenou.

— Obrigado pelas roupas, Icabod!

Icabod fez uma profunda reverência. Artur acenou novamente e correu para o mar.

— Respire fundo e prenda o nariz — o doutor Scamandros recomendou e se aproximou outra vez. Artur sentiu quando o médico deixou cair alguma coisa no bolso de seu casaco. — E, se eu puder ser útil, não hesite em mandar uma mensagem. Gostaria de poder atender o Herdeiro Legítimo.

Artur sentiu o bolso e recuou. O objeto era redondo, pesado e metálico. Antes que pudesse verificar do que se tratava, Aurora estendeu as asas e fez um gesto para que ele se aproximasse.

— Acho que vou ter que levar você debaixo do braço — ela avisou com uma leve expressão de repugnância. — Devemos alcançar a melhor velocidade se você ficar quieto e não se contorcer. E, por favor, mantenha sua espada ao seu lado.

Artur concordou com um gesto de cabeça e ficou ao lado de Aurora. Antes que ela o colocasse debaixo do braço como se fosse um pacote, ele respirou o mais profundamente que pôde e colocou o pregador no nariz. Doeu, mas não o bastante para precisar tirá-lo.

Aurora abriu as asas e, com um forte impulso, se lançou ao ar. Enquanto ela subia, começou a mudar. Ficou maior e mais comprida, a pele e as roupas se transformaram numa pele áspera de tubarão que emitia um brilho dourado. O braço também mudou e se transformou em um grosso tentáculo cujas ventosas se colaram em Artur com estalidos asquerosos de ar deslocado.

Artur fechou os olhos, não queria ver o tentáculo. Ele também os manteve fechados quando mergulharam no mar e a água fria bateu com força em seu peito. Por um momento, teve medo de que o feitiço do pregador tivesse falhado e ele se afogasse. Mas não sentiu necessidade de inspirar e, enquanto manteve os olhos fechados, quase conseguiu fingir que estava apenas no banho ou brincando em uma piscina.

Quase. A água passava por ele depressa demais e o tentáculo provocava uma sensação estranha. De repente, Artur pensou em algo que deveria ter perguntado.

“Quanto tempo vamos levar para voltar à Casa? Quanto tempo vou ficar debaixo da água? Quanto tempo vão durar minhas mil respirações?”





Capítulo 14

Foi uma jornada terrível que, para Artur, pareceu durar quatro dias, embora ele soubesse que tinham sido apenas algumas horas. De quando em quando, Aurora saía da água para planar por uma longa distância no mesmo tempo em que gritava para Artur: “Respire!”

Ele inspirava e depois eles tornavam a mergulhar na água de temperaturas variadas, embora quase sempre mais fria do que morna. A luz também mudava, às vezes radicalmente, da total escuridão para diferentes matizes da luz do dia. Artur se deu conta de que Aurora os estava levando através de vários Reinos Secundários diferentes. Ele não sabia como, pois não havia portais visíveis e eles não passaram pela Porta da Frente. Então, ele supôs que tinha algo a ver com a natureza do Mar Fronteiriço e de Aurora de Quarta-Feira. Talvez ela pudesse ir para onde quer que houvesse algum tipo de mar.

Artur sobreviveu à experiência e entrou em um estado em que não estava nem acordado, nem dormindo. Ele manteve os olhos fechados a maior parte do tempo, e sua mente recuou para a semi-consciência, de modo que quase não conseguiu ter pensamentos coerentes ou lembranças de qualquer momento da viagem em especial. Tudo pareceu um chocante e exaustivo pesadelo.

Finalmente, Aurora saltou do mar. Artur ouviu o estalo e o ribombar de um trovão e viu raios desenhando caminhos recortados por todo o horizonte. Ele fechou os olhos com força e apertou o queixo contra o peito, permanecendo nessa posição enquanto os trovões ficavam cada vez mais fortes e a luz branca se refletia através de suas pálpebras. Aquilo tudo era demais para suportar e então... desapareceu.

Eles estavam dentro da Casa, atravessando a Linha dos Trovões, descrevendo espirais cada vez mais para cima enquanto Aurora subia para o céu, até atingirem milhares de metros de altura. Artur começou a ficar preocupado com a possibilidade de bater no teto, então se deu conta de que ali era muito mais alto do que nas partes da Casa em que tinha estado antes.

Felizmente não fazia frio. Na verdade, parecia estar mais quente, o que era estranho, até que Artur concluiu que, embora não houvesse sol, o teto, não importa a distância, proporcionava calor e luz. E ele não sabia dizer se a pressão do ar estava diminuindo, pois não estava respirando. O pregador ainda estava firmemente preso em seu nariz, e ele tinha respirado pela última vez 20 minutos antes.

— Estamos quase chegando — Aurora avisou, suas entranhas de tubarão tornando a voz estranha e horrível. — Olhe para a esquerda.

Artur olhou para baixo. Tudo o que conseguiu ver por muitos quilômetros foi o mar, uma extensão azul manchada aqui e ali com pontos brancos. Então, quando sua visão ficou turva por causa da força do vento, viu um objeto comprido e branco se erguendo no horizonte. Uma cadeia de montanhas. Não, uma ilha montanhosa. Ela era longa e estreita, e os picos cobertos de neve no centro pareciam estar acima da altura a que ele e Aurora estavam voando.

— Nós vamos para uma ilha?! — ele gritou, as palavras quase abafadas pelo constante bater de asas de Aurora.

Aurora riu um riso desdenhoso que fez Artur estremecer. Havia alguma coisa intrinsecamente errada com o riso que vinha do tubarão alado.

Mas, ao olhar novamente, Artur percebeu que havia um motivo para o desdém. O que ele imaginou ser uma ilha estava se movendo, formando um rastro branco e comprido que ele tinha confundido com o quebrar das ondas sobre um longo recife. E o tamanho e a forma da ilha mudavam à medida que subia e descia na água.

Não era uma ilha. Era uma gigantesca baleia branca. Um leviatã de 230 quilômetros de comprimento. Um beemonte de 60 quilômetros de largura. Uma boca de 18 quilômetros de largura e 4 de altura.

Aurora parou de bater as asas e começou a planar lentamente para baixo.

Para baixo, na direção de Quarta-Feira Submersa.

— Ei! — Artur gritou. — Você disse que Quarta-Feira estaria com a forma humana!

— E vai estar. Ela come toneladas de peixe e camarão até o último momento para matar a fome. Você está vendo o navio na frente dela?

Artur espiou para baixo. Ele conseguiu ver uma pequena mancha marrom a pelo menos 160 quilômetros adiante da enorme baleia branca. Parecia um grão de poeira no chão com um esfregão de limpeza se dirigindo diretamente para ele.

— Sim!

— Milady já começou a diminuir e terá recuperado totalmente sua forma humana quando chegar até ela.

— O que vai acontecer se ela precisar voltar a ser baleia? — Artur perguntou.

Aurora de Quarta-feira não respondeu e, em vez disso, mergulhou mais bruscamente, as pontas de suas asas se erguendo e formando um ângulo para controlar a descida.

— Eu perguntei o que vai acontecer se ela precisar voltar a ser baleia — Artur repetiu, sabendo que era importante.

— Nós fugimos — Aurora respondeu.

— E o que acontece com as pessoas... os Habitantes do navio?

— Não há ninguém lá — Aurora informou. — Dei ordens para preparar o navio, e a tripulação foi retirada. Não é uma embarcação

importante.

— Certo — Artur murmurou e, mais alto, ele ajuntou: — Não se esqueça de sua promessa.

— Não vou me esquecer — Aurora garantiu. — Em todo caso, provavelmente você é a única esperança de milady.

— Como?

Desta vez, Aurora se recusou a responder. Enquanto planavam com tranquilidade para baixo, Artur observou a aproximação do leviatã. Talvez ele estivesse ficando menor, mas ainda parecia uma ilha montanhosa com penhascos de giz imensamente altos na frente. Alguma coisa grande demais para poder se mover.

E então ela levantou a cauda. Mesmo estando ainda a umas 20 milhas de distância, Artur se encolheu no aperto tentacular de Aurora. A cauda se elevou por mais de 1 quilômetro e desceu com uma explosão estrondosa que Artur ouviu e sentiu no ar. O garoto também viu a onda formada pelo movimento e ficou surpreso ao notar que ela se transformara em uma onda um pouco mais alta ao chegar ao navio.

— Ela está mudando — Aurora avisou confiante. — Já atingiu metade do seu tamanho normal.

Artur sentiu dificuldade em acreditar, mas imaginou que Aurora devia saber o que estava falando. Eles estavam circulando acima do navio, ainda bem acima, mas preocupantemente não mais alto do que a poderosa testa de Quarta-Feira, que estava cada vez mais perto. Artur começou a usar a mão como medida, estendendo o braço, abrindo os cinco dedos e contando os palmos a partir do nível do mar até o topo da cabeça da baleia. Não era um método muito científico, mas ele ficou um tanto aliviado por sua medida grosseira mostrar que a baleia estava diminuindo de tamanho.

Não que ela parecesse menor.

— Não devíamos voar um pouco mais alto? — o garoto perguntou, repetindo a pergunta num grito quando Aurora não respondeu.

— Não — ela vociferou. — Isso mostraria desrespeito. Eu confio em milady!

Artur tomou outra medida do nível do mar com os dedos. Definitivamente, a baleia estava ficando menor, mas em sua opinião continuava imensa.

— Não acho que seria desrespeitoso não descer mais — Artur gritou. — Quer dizer, eu sou o visitante. Não deveríamos deixar que ela seja a primeira a chegar ao navio?

Aurora não respondeu, mas também não voou mais baixo.

Artur continuou olhando para Quarta-Feira Submersa. Por causa de seu tamanho descomunal, ele não tinha se dado conta da rapidez com que estava se aproximando. A distância entre eles desaparecia rapidamente, e ela parecia maior do que quando estavam voando.

Ele se sentiu como uma formiga presa nos trilhos observando um trem de carga que se aproximava.

“Pelo menos, está com a boca fechada”, pensou Artur. Ela já estava perto o bastante para que pudesse ver um de seus imensos olhos, do tamanho de uma pista de corridas. Havia lágrimas oleosas do tamanho de um ônibus rolando pela sua cara, cada uma deixando um rastro multicolorido atrás de si.

De repente, a pupila se moveu para cima e para baixo algumas vezes, depois para a direita e para a esquerda. Parecia um código estranho.

No mesmo instante, as asas de Aurora deram impulso no ar, e ela desviou da baleia no mar, descrevendo um círculo para ganhar altura. Artur, pego de surpresa, virou em meio ao tentáculo de Aurora e se viu olhando para o ventre dela coberto com pele de tubarão. Ansioso e desesperado, empurrou e puxou o tentáculo para se virar, para ver o que estava acontecendo.

Ele passou 1 minuto muito longo esperando que, no momento em que olhasse, visse a boca gigante aberta vindo diretamente em sua direção, não importa quanto Aurora tentasse se afastar.

Mas não foi o que aconteceu. Ele viu o alto da cabeça de Quarta-Feira Submersa a apenas algumas centenas de metros abaixo; uma grande extensão de gordura e, alguns segundos depois, um respiradouro que parecia a piscina de um bilionário surgiu em seu campo de visão.

“O que não é tão grande assim”, Artur pensou. O leviatã tinha encolhido consideravelmente. Naquele momento, não tinha mais do que 1,6 quilômetro de comprimento, e o garoto até podia ver o monstro diminuir. Era como ver um balão perdendo o ar lentamente sem perder o formato inicial.

— Um pequeno erro de cálculo — Aurora explicou quando começaram a planar em círculo e para baixo outra vez.

Algo em seu tom de voz sugeriu a Artur que ela o tinha assustado de propósito, talvez obedecendo a ordens de Quarta-Feira.

Intencionalmente ou não, Aurora não errou ao aterrissar no navio. Ela voou em círculo algumas vezes, observando a baleia branca que se aproximava e ficava cada vez menor. Em seguida, quando Quarta-Feira Submersa não tinha mais do que 150 metros, Aurora se precipitou no tombadilho de popa, largou Artur e retomou a forma humana.

— Milady vai encontrá-lo no convés principal, vá até lá — Aurora ordenou.

Artur tirou o pregador de roupa do nariz e lentamente desceu a escada que levava para o tombadilho superior e também para o poço. Mesas tinham sido postas nas laterais, de bombordo a estibordo, do castelo de proa ao mastro principal. Elas estavam cobertas por finas toalhas brancas e carregadas com muitos tipos diferentes de pratos arranjados em travessas e bandejas de prata sofisticadas, pratos e tigelas de porcelana.

Artur concluiu que esse era o almoço de 17 pratos, embora todos já estivessem sobre a mesa e, até onde podia ver, não havia lugares postos à mesa, nem cadeiras.

O bater da água no convés o fez olhar para a escada lateral. Uma mão de dedos rechonchudos e gotejantes agarrou o primeiro degrau, logo seguida por outra.

Quarta-Feira Submersa estava subindo a bordo.

Ela não tinha boa aparência. Sua pele estava pálida e estranhamente encaroçada, e seus braços e pernas tinham tamanhos diferentes, sendo o esquerdo muito mais gordo que o direito. Usava uma vestimenta de uma peça só que parecia um grande saco de farinha com buracos para passar a cabeça e os braços. Os cabelos caíam úmidos e lisos como um monte de algas marinhas marrons, ocultando parte do rosto. Artur pôde ver que ela já tinha sido muito bonita, como todos os Habitantes superiores, mas os delicados ossos de seu rosto tinham se perdido em meio à gordura.

Uma corda lhe envolvia a cintura no lugar do cinto, e enfiada na corda havia um comprido garfo de prata, talvez um pequeno tridente. O olhar de Artur foi atraído para ele de imediato e, sem que lhe dissessem, ele soube que aquela era a Terceira Chave. Ele podia correr, pegá-la e...

— Meus cumprimentos, lorde Artur — A sra. Quarta-Feira murmurou enquanto passava cambaleante por ele em direção à mesa onde apanhou um enorme osso carnudo. Ela começou a roê-lo imediatamente, arrancando grandes pedaços de carne que engolia quase sem mastigar. — Você não acreditaria em como estou cansada... de mariscos e... camarões microscópicos!

Artur tentou esconder o olhar de repugnância quando a mulher jogou fora o osso e apanhou um bolo imenso e o apertou contra o rosto.

— Sou mesmo repulsiva, não é? — Quarta-Feira resmungou. — Entenda, não é porque quero. Não posso parar de comer.

— Por quê? — Artur quis saber. — Não entendo. O que há de errado com você? O que quer de mim?

— Maldição — foi a resposta confusa, quando Quarta-Feira se virou para uma enorme terrina de prata de sopa e começou a tomá-la. — Ou alguma coisa parecida. Nunca devia ter ouvido os outros Curadores. Comecei a ficar com fome naquela época, quase no dia em que peguei minha parte do Testamento. Mas mantive o controle com a Chave. Me passe o peru.

Artur olhou para a mesa. Ele levou um momento para localizar a imensa ave assada que devia ser o peru, embora tivesse o dobro do tamanho de qualquer um que tivesse visto. Ele o levantou com alguma dificuldade e o entregou a Quarta-Feira, que o agarrou com uma das mãos e conseguiu fincar suas mandíbulas em dois terços do enorme pássaro de uma só vez.

Artur pensou em roubar a Chave quando entregou o peru, mas não conseguiu chegar perto o suficiente. A fome da sra. Quarta-Feira era realmente assustadora, e Artur precisou reunir toda a sua coragem apenas para ficar e ouvi-la... a distância.

— Como eu ia dizendo... isso é bom... comecei a ficar com fome, mas mantive o controle por uns 2 mil anos sem muita dificuldade... molho para esse pato, ah... comia muito, mas não tinha importância... então percebi que não era só o meu apetite que estava fugindo ao controle... excelentes sanduíches de pepino, só quatro dúzias, que pena... o Mar Fronteiriço estava se espalhando sem minha orientação... estava se alastrando para os Reinos Secundários, o que já era ruim o suficiente, e também para o Nada...

Ela fez uma pausa para comer uma imensa torta de geleia, empurrando punhados na boca num piscar de olhos. Então, entre bocados de pão arrancados de um filão do tamanho de Artur, ela continuou.

— Quando percebi o que estava acontecendo, consegui parar o Mar com a Chave... argh, peixe, você pode comer isso... mas não gostei do que estava acontecendo. Acabei chegando à conclusão de que o problema tinha a ver com o que fizemos com o Testamento. Então, decidi...

Quarta-Feira parou de repente e se jogou sobre uma travessa de pequenas sobremesas de chocolate, lambuzando todo o rosto gordo de creme. Então, entre bolhas de chocolate, ela continuou a falar.

— Decidi libertar a Parte 3 do Testamento e desistir da Chave, que eu não estava equipada para lidar com o que quer que estivesse errado com o Mar Fronteiriço e comigo mesma.

Quarta-Feira parou de comer por alguns segundos e seu rosto se contorceu numa expressão de dor.

— Infelizmente, também decidi primeiro contar meu plano para o meu amigo, o assim chamado Sábado Superior, que, imaginei, faria o mesmo. Dois teriam melhor chance contra os outros. Pelo menos, foi o que pensei.

Ela respirou fundo e foi cambaleando ao longo da mesa até uma travessa de churrasco, assando sem nenhuma fonte visível de calor. Estava repleta de grossas e succulentas salsichas que Quarta-Feira Submersa pegava às dezenas e enfiava na boca que, conforme Artur notou, já estava maior e mais larga do que momentos antes. A própria Quarta-Feira Submersa tinha aumentado uns 30 centímetros de cada lado desde que começara a falar.

— Sábado me traiu! Os outros Curadores, salvo o sonolento idiota Segunda-Feira, me convocaram para uma reunião. Eu fiquei numa emboscada, cinco Chaves contra a minha. Eles me tiraram o poder, e eu fui jogada ao Mar Fronteiriço, perdendo minha forma e com um apetite incontrollável!

Ela deu ênfase a essa observação comendo uma melancia inteira, com casca e tudo, facilitando sua deglutição com um enorme garrafão de cerveja que escorreu por seu peito.

— Ahhh! Desde então, não fui mais capaz de manejar totalmente a Chave. Todo o meu poder está concentrado em não ficar maior, pois do contrário vou comer tudo o que existe no Mar Fronteiriço e mais além!

— E o que aconteceu com o Testamento? — Artur perguntou. — Por que simplesmente não o libertou como pretendia?

— Foi roubado! — Quarta-Feira rugiu enquanto salivava sobre um pedaço de leitão. — Eles penetraram em minha mente e roubaram o segredo sobre a localização. Depois, Sábado ou um dos outros enviou o pirata Fugaz para buscá-lo. Mas você vai conseguir recuperá-lo, lorde Artur! Você vai pegar o Testamento, eu vou lhe dar a Chave e tudo vai ficar bem. Ah, como eu gostaria de não... comer! Comer! Comer!

Ela se jogou sobre a mesa, deslizando sobre ela com a boca aberta como uma espécie de aspirador de pó gigante, sugando comida, pratos e tudo o mais.

Enquanto percorria a mesa comendo, seu torso ia ficando cada vez maior, e os braços e pernas encolheram para dentro de seu corpo.

— Para onde Fugaz levou o Testamento? — Artur gritou. Ele começou a recuar para ainda mais longe daquele frenesi alimentício, disparando olhares para Aurora, que não parecia nem um pouco preparada para voar.

— Aaaarrch homp homp argh — Quarta-Feira gorgolejou e cuspiu, enquanto pedaços de prata esfaçalhada caíam de suas mandíbulas. — Não sei! Os piratas têm um porto secreto. Sei que fica no meu Mar Fronteiriço, sinto isso nas entranhas! Mas não consigo encontrá-lo. Você precisa! Agora corra! Corra!

A mulher voltou sua atenção para os últimos metros de altas pilhas de comida sobre a mesa e engoliu o lote numa varredura da agora enorme boca. Em seguida, ela se virou para Artur e deslizou sobre o convés um enorme cilindro inchado que ainda não era uma baleia, mas também não era mais humano, contorcendo os braços e pernas agora atrofiados e mastigando com a vasta boca, ruidosamente, as pontas dos ossos que antes tinham sido dentes provocando um horrendo som chocalhante.

Artur não estava mais no convés. Ele tinha subido até metade do mastro principal, quase pulando de uma enfrechadura a outra. Ele escalou tão depressa que chegou às vaus reais e estava tentando subir na pequena plataforma que havia ali quando Aurora o alcançou, o agarrou e levantou no ar.

Abaixo deles, Quarta-Feira continuava a crescer sem parar, agitando-se e rolando em sua fome, mordendo as tábuas do navio até que seu peso, cada vez maior, quebrou o fundo da embarcação e a fez submergir.

Aurora não perdeu tempo em deixar que Artur assistisse à transformação de Quarta-Feira. Ela começou a voar para longe batendo as asas depressa e com força, ganhando altura e velocidade. Artur levou um momento para compreender que mesmo assim ele podia não escapar, que Aurora estava chegando aos seus limites para escapar do incrível crescimento de Quarta-Feira e ainda mais incrível apetite.

Nenhum dos dois falou por algum tempo, até que ficou claro que o voo os tinha tirado do caminho voraz de Quarta-Feira Submersa.

— Para onde quer ir? — Aurora perguntou finalmente. — Vou fazer o que prometi e levá-lo a um lugar seguro, se assim desejar.





Capítulo 15

Artur não respondeu de imediato. Ele se sentiu em uma encruzilhada importante, e sua escolha iria determinar não só seu destino, mas o de muitas outras pessoas também.

— Se segurança é sua principal preocupação — Aurora continuou —, então devo levá-lo para Porto Quarta-Feira. É o único lugar no Mar Fronteiriço em que há elevadores que vão levá-lo a qualquer lugar dentro da Casa e dali a qualquer lugar a que queira ir.

Artur refletiu, em silêncio. Seria muito fácil ir para Porto Quarta-Feira, tomar um elevador para a Casa Inferior e então ir para casa pela Porta da Frente ou pelos Sete Relógios. Esse seria o caminho seguro a seguir, mas bem no fundo ele sentia que para ele não havia mais caminhos seguros. Não no longo prazo.

— Estamos muito longe do Triângulo? — ele quis saber.

— A meio dia de viagem, seguindo por um oceano nos Reinos Secundários — Aurora de Quarta-Feira respondeu. — Ou um pouco mais de uma semana se ficarmos dentro da Casa. Porto Quarta-Feira fica ainda mais perto, somente a algumas horas de distância, novamente por meio de um mar adequado em outro mundo nos Reinos Secundários. Não há nada para você no Triângulo.

— Minha amiga Folha está lá. E alguns Ratos Crescidos também. Você pediu que eles tentassem achar o porto secreto dos piratas? — Artur perguntou.

— Não — Aurora respondeu. — Não negociamos com Ratos. Milady Quarta-Feira queria bani-los do Mar Fronteiriço, mas eles possuem uma patente de autoridade dada pela própria Arquiteta, que lhes dá permissão para vagar por onde quiserem dentro da Casa. O que você pode querer com os Ratos Crescidos?

— Eles são ótimos descobridores e buscadores — Artur retrucou, lembrando a visão que tinha tido de Folha e do comodoro. — Ou dizem que são.

— São fanfarrões em quem não se deve confiar — Aurora escarneceu. — Vendem seus serviços e os segredos de terceiros. Nunca se reportaram a nenhuma autoridade dentro da Casa, exceto à da Arquiteta, e duvido que tenham passado a obedecer a outra pessoa desde seu desaparecimento, nem mesmo ao senhor Domingo.

— Foi ele quem ficou responsável por tudo, certo?

— Até certo ponto — Aurora replicou. — Sábado Superior gerencia os assuntos do cotidiano. A mente do senhor Domingo se ocupa de assuntos mais elevados que não interessam a quaisquer seres inferiores.

— Os dois traíram a Arquiteta — Artur afirmou com ousadia. — Sábado, Domingo e todos os outros Dias Seguintes.

— Para onde você quer ir? — Aurora perguntou com um tom de voz mais gelado do que o habitual.

— Para o Triângulo — Artur respondeu com determinação.

— O Triângulo — Aurora confirmou. — Não posso aprovar seu desejo de negociar com os Ratos, mas isso quer dizer que você vai sair em busca do Testamento? Para ajudar milady?

— Isso — Artur disse. De alguma forma, “isso” parecia a coisa mais positiva que podia dizer. Mais forte do que um simples “com certeza” e mais heroico do que um “sim”. Ele esperou poder estar à altura da missão.

— Vou resgatar Folha e conseguir que os Ratos Crescidos ajudem a encontrar o porto secreto dos piratas — ele continuou. — Depois, acho que vou tentar descobrir um meio de libertar o Testamento e colocar tudo em ordem. Incluindo a senhora Quarta-Feira.

Aurora ficou em silêncio por um momento, exceto pelo som do constante bater de suas asas. Com uma voz miúda que pareceu estranha e meio sufocada, ela finalmente disse:

— Obrigada.

E então fechou as asas e mergulhou na direção do mar, deixando a Artur apenas tempo de respirar fundo e colocar o pregador no nariz antes de entrar numa onda que quebrava lentamente.

A viagem para o Triângulo foi muito mais rápida do que Artur tinha imaginado que seria. Nem mesmo a Linha das Tempestades o incomodou dessa vez. Ele apenas fechou os olhos e tapou os ouvidos com os dedos. Concluiu que, se os raios não o tinham fritado nas primeiras vezes, não era agora que iriam fazê-lo.

Logo após atravessar a Linha, de repente a cor e a temperatura do mar mudaram, e eles estavam nadando em mares mornos tingidos de laranja, cheios de flores flutuantes. Algum tempo depois, o mar alaranjado se transformou em um corpo de água gelada e escura, cheia de pedaços pequenos e regulares de gelo levemente iluminado. Era como se milhões de cubos de gelo radioativos tivessem sido jogados no mar. Felizmente, Artur não sentiu todo o efeito do frio, pois o esplendor dourado da Aurora de Quarta-Feira o cercava e o mantinha aquecido. De qualquer modo, eles não ficaram muito tempo nesse mar gelado, deixando-o abruptamente pelas águas azuis do Mar Fronteiriço e, logo depois, cruzando novamente a Linha de Tempestades.

De repente, logo após a passagem pela Linha, o pregador de roupas caiu do nariz de Artur. Sem querer, ele respirou uma grande quantidade de água e entrou em pânico. Não tinha ideia da profundidade em que estava nadando ou quanto tempo seria necessário para chegar à superfície. Ele só queria ar naquele mesmo instante e, instintivamente, se agitou no tentáculo de Aurora,

lutando contra ele ao tentar dar impulso para cima e para onde imaginou estar a superfície.

Aurora não o largou, mas disparou rapidamente para cima. Suas asas enormes deram um forte impulso que a fizeram se precipitar para fora do mar e para o ar. Artur tentou respirar, mas já tinha muita água nos pulmões e teve um acesso de tosse que acabou provocando vômitos do que pareciam ser vários litros de água. Mais ainda saiu de seu nariz e ouvidos.

Finalmente conseguiu algumas torturantes respirações, intercaladas com ataques de tosse, até ficar pendurado exausto no tentáculo de Aurora, incapaz de parar de pensar sobre o que poderia ter acontecido se o feitiço do pregador tivesse falhado quando estava debaixo da água do mar frio e escuro.

— Estamos quase lá — Aurora avisou. — Embora tenhamos que ir mais devagar agora que não posso ir pela água.

Artur assentiu, sem poder falar. A velocidade do voo parecia suficientemente rápida.

Por fim, a água parou de sair de seu nariz, e ele voltou a respirar normalmente.

— O Triângulo fica ali adiante — Aurora informou. — Mas ele costuma estar vazio. Recebemos a informação de que havia 30 ou 40 navios ali alguns dias atrás. Agora, só estou vendo 8...

Artur olhou para baixo. No início, só enxergou o mar, com os topos brancos das ondas se movendo implacavelmente na mesma direção. Então mudou a direção do olhar e viu oito navios de diferentes tamanhos flutuando perto um do outro, ao abrigo do que à primeira vista pareceu ser um penhasco escarpado que se atirava para fora do mar. Ao observar com mais atenção, Artur se deu conta de que a saliência era, na verdade, o topo de uma pirâmide cujas pedras estavam extremamente desgastadas pela ação do tempo, do vento e do oceano. Ela se erguia a várias centenas de metros acima do mar e talvez tivesse uns 600 metros de comprimento de cada lado. Se algum dia terminara em ponta, esta tinha desaparecido, deixando uma plataforma plana do tamanho aproximado de uma quadra de basquete, que estava quase totalmente ocupada por uma imensa argola de ferro. Havia uma única corda de 1, 80 metro amarrada a ela, balançando ao lado protegido da pirâmide e caindo no mar. Os navios estavam presos a essa corda ou a outra embarcação que também estivesse amarrada a ela.

— Você consegue ver o Louva-a-Deus Voador? — Artur perguntou. — Ou os Ratos? Que tipo de navio eles têm?

— O Louva-a-Deus não está lá — Aurora disse. — Quanto aos Ratos, um de seus navios a vapor fumacentos e pútridos está amarrado do lado leste do comboio, perto do Ondina, um navio de quatro mastros.

— Um navio a vapor? Os Ratos têm navios a vapor? Por que só eles?

— Porque foram proibidos pela Quarta-Feira Submersa de ter outro tipo de embarcação — Aurora contou. — E por um bom motivo, pois são fétidos e sujos. Mas os Ratos têm seus pontos positivos. Além disso, somente os navios a vapor construídos pelo Horrível Terça-Feira trabalham no Mar

Fronteiriço, e eles usam Carvão Acelerado, feito de Nada como combustível. Como ocorre com tudo vindo do Horrível Terça-Feira, o preço desse carvão é exorbitante.

— Está mais do que certo — Artur disse. — Onde está o navio dos Ratos? Não consigo ver.

— Ao lado do grande navio de quatro mastros, no lado leste, como eu disse.

Artur olhou de novo e desta vez viu a embarcação dos Ratos, que tinha apenas um terço do tamanho do navio de quatro mastros ao seu lado. O garoto tinha ficado confuso por um momento porque o navio dos Ratos podia usar velas ou vapor e tinha dois mastros e velas quadradas, assim como uma grande chaminé central que não estava soltando fumaça naquele instante.

— Vamos aterrissar no Ondina — Aurora avisou — e ver o que está acontecendo. Não é comum haver tão poucos navios por aqui. Tudo parece estranhamente quieto.

Ela começou a descer em espiral. Artur fechou os olhos, pois a descida rápida o deixava tonto e só tornou a abri-los quando, de repente, sentiu o piso sólido do convés sob os pés, e Aurora o soltou.

Ela já tinha recuperado a forma humana. Desta vez, usava um uniforme naval com um casaco azul escuro, quase negro, cheio de medalhas e duas dragonas prateadas muito grandes. Artur se perguntou como ela tinha conseguido trocar de roupa.

Não havia ninguém a bordo para recebê-los. Aurora olhou em volta com a testa franzida. Também não se via ninguém em nenhum dos outros navios. Os únicos sons eram os gemidos do casco de madeira, o guinchar agudo das cordas de amarração e o bater da água do mar.

Aurora abriu a mão e segurou o ar. E um arpão flamejante apareceu em seu punho. Artur se encolheu, mas, apesar de ser obviamente mágico, não era igual ao arpão do Marinheiro. Ele não se sentiu estranho ao observá-lo e então imaginou que não iria exercer os horríveis efeitos colaterais provocados pelo arpão do capitão quando era usado.

— O bote salva-vidas não está aqui — Aurora constatou. — É isso que acontece quando... ???

Ela se conteve, mas Artur soube que ela ia dizer devorados.

— Acho que as tripulações estão escondidas dentro do Triângulo — Aurora continuou. — Sem dúvida, com medo de ataques pirata. O que me fez lembrar... coloque isto.

Ela tirou um par de luvas de couro branco da manga e o entregou a Artur.

Não é preciso causar pânico se virem a Mão Vermelha — ela argumentou.

Artur calçou as luvas enquanto Aurora atravessava o tombadilho de popa a passos largos e olhava por cima do resbordo para a pirâmide. Enquanto ela se afastava, Artur ouviu um grito a boreste.

— Ahoy, Ondina!

Artur foi para a amurada e olhou para baixo. O grito tinha sido agudo, portanto ele não se surpreendeu ao ver um Rato de 1, 20 metro de altura usando um quepe azul, calças azuis e uma camisa branca larga gritando para ele do castelo de proa do navio a vapor. Um navio que, apesar do desdém de Aurora, parecia muito arrumado. E também tinha um nome pintado em branco na proa: Rattus Navis IV.

— Ahoy para você também — Artur respondeu. — Onde está todo mundo?

— Vários navios partiram nas últimas horas, e a maior parte da tripulação dos que ficaram está tremendo dentro do Triângulo — o Rato esclareceu. — Tudo começou quando o nível do mar baixou quatro braças durante uma hora e meia ontem. Depois o Calafrio foi visto no sul, pela manhã. O que, juntamente com o boato de que alguém tinha sido atingido pela Mão Vermelha e tudo o mais, fez os Habitantes serem tomados por um medo incrível. Os mais corajosos decidiram se arriscar em alto-mar, preferindo não ficar sentados aqui. Os menos corajosos pensaram em se esconder dentro da pirâmide e deixar as sobras para Fugaz.

— Mas ele não veio — Aurora interrompeu, surgindo ao lado de Artur. — Ou ele ficou notavelmente delicado com suas presas. O Calafrio foi visto novamente hoje, Rato?

O Rato tirou o quepe antes de responder.

— Não, madame.

— Seu capitão está a bordo?

— O capitão e a tripulação, madame, aguardando ordens.

— Quem é você?

— Primeiro ajudante de artilheiro Watkingle, madame.

— E o seu capitão?

— Ele se chama Longtayle, madame. A senhora gostaria de vir a bordo?

— Não. Tenho outros assuntos urgentes a tratar com seu capitão. Este é lorde Artur, Mestre da Casa Inferior e das Regiões Afastadas. Por algum motivo, ele acredita que vocês, Ratos, podem ser úteis. Ele é um respeitado convidado da senhora Quarta-Feira e deve ser tratado com toda cortesia.

Watkingle fez uma grande reverência, mas não respondeu.

— Adeus, lorde Artur — Aurora se despediu, estendendo a mão. — Espero que tenha êxito.

Artur não sabia ao certo o que fazer, mas segurou a mão, apertou-a de leve e fez uma meia reverência.

— Vou fazer o melhor que puder.

Aurora assentiu, retirou a mão e saltou de pé sobre a amurada e sobre o convés do navio ao lado sem mesmo bater as asas.

— É só descer pela escada do Ondina, senhor — Watkingle disse. — E então, se não se opuser, pule para baixo.

Quando Artur andou ao longo do centro do navio, Watkingle disse algo em voz alta e mais Ratos foram para o convés do navio a vapor, posicionando-

se em fila do lado oposto à escada do Ondina. Quando Artur desceu e saltou no convés do Rattus Navis IV, um deles tocou várias notas penetrantes em um apito de prata. Imediatamente, todos os Ratos ficaram em posição de sentido.

Watkingle saudou Artur e disse:

— Bem-vindo a bordo, senhor. Por favor, siga-me. Cuidado com a cabeça.

Embora o convés fosse de madeira, assim que Artur acompanhou Watkingle por uma porta entre as duas escadas do tombadilho superior, ele sentiu o barulho de ferro sob os pés. Artur parou para olhar ao redor e sentiu os rebites na parede de ferro. Teve de abaixar mais a cabeça do que no Mariposa, visto que o navio tinha sido construído segundo as dimensões dos Ratos Crescidos.

— Esse é um navio de ferro, senhor — Watkingle explicou. — Revestido de madeira para acalmar as sensibilidades de Quarta-Feira e seus oficiais. Foi construído pelo Horrível Terça-Feira há 4 mil anos e continua sendo uma embarcação tão forte quanto qualquer um possa desejar.

Ele bateu numa porta no fim da passagem.

— Lorde Artur, Mestre da Casa Inferior e das Regiões Afastadas, senhor!

A porta foi aberta imediatamente por outro marinheiro Rato, vestido como Watkingle, mas mais alinhado. Além dele, havia uma grande cabine de popa com duas vigias do tamanho de pratos em três lados, uma mesa de mapa lotada de cartas marítimas e caixas enigmáticas proféticas decoradas com figuras de animais, várias cadeiras estofadas e alguns baús de ferro com rebites. Dois Ratos estavam parados perto da mesa, ambos usando casacos azuis com dragonas douradas. Artur reconheceu um deles como sendo o comodoro Monckton. O outro era um Rato negro, não marrom, mais alto e de aspecto mais jovem, com bigodes mais curtos e não tão brancos.

— Obrigado, Watkingle, isso é tudo — o rato negro disse. — Lorde Artur, seja bem-vindo a bordo do Rattus Navis IV! Sou o capitão Longtayle e quero lhe apresentar o comodoro Monckton.

Os dois Ratos inclinaram as cabeças e agitaram as caudas como chicotes, o estalo ecoando pela cabine. Surpreso, Artur deu um pulo e então fez uma reverência.

Longtayle puxou uma cadeira debaixo da mesa e a ofereceu a Artur. Quando o garoto se sentou, os dois oficiais o imitaram. O Rato que abriu a porta imediatamente colocou um copo na frente de Artur e lhe serviu o que pareceu ser vinho tinto de uma jarra de prata.

Artur olhou e quis que não fosse vinho.

— Suco de uva-do-monte — Longtayle informou, julgando corretamente a expressão de Artur. — Um antiescorbútico para nossas raras aventuras nos Reinos Secundários. Embora sejamos Crescidos, não somos Habitantes. Como acontece com as crianças do Tocador de Gaita, algumas doenças ainda podem nos atingir nos Reinos. Escorbuto é uma delas.

Artur assentiu por sobre a borda do copo. O suco era, de fato, muito saboroso.

— Antes de discutirmos os negócios que nos interessam, lorde Artur — o comodoro Monckton começou —, acho que devo lhe dizer que fui empregado pela Terça Parte de Segunda-Feira, a senhorita Suzy Azul, para encontrá-lo e, assim, há apenas alguns minutos enviei uma mensagem para avisar que foi encontrado. Também reclamamos a recompensa.

— Tudo bem — Artur concordou. — Eu sabia que estavam trabalhando para Suzy. O que quero saber agora é o que aconteceu com minha amiga Folha.

Os dois Ratos trocaram um olhar surpreso.

— Nós somos buscadores e descobridores de informação experientes — Monckton disse. — Mas está claro que as suas fontes são tão boas quanto as nossas. Há apenas cinco dias fiz um acordo com a senhorita Folha.

— Cinco dias — Artur respondeu aturdido. Mais uma vez, as estranhas mudanças de tempo entre a Casa e os Reinos Secundários o estavam confundindo.

— Sim, cinco dias — Monckton confirmou.

— Isso foi para aquela coisa do tribunal, certo? — Artur perguntou impaciente. — O que aconteceu?

— O julgamento foi realizado nesta manhã, antes que o capitão Suel decidisse levantar âncora. A senhorita Folha foi acusada de ser uma viajante clandestina...

— Eu sei! O que aconteceu com ela?

— Com a possível punição sendo a sentença de morte para uma mortal, eu estava bem ciente dos riscos. Contudo... — O que aconteceu? Ela está... ?





Capítulo 16

— Não, ela não está morta — Monckton respondeu. — Mas foi pressionada.

— Pressionada?! — Artur exclamou. — O que você quer dizer? Ela foi esmagada?

Ele não podia acreditar. Chicoteá-la já seria mau o suficiente, mas ser espremida...

— Não, não! Pressionada, convocada à força — Monckton explicou. — Consegui provar que ela não subiu a bordo do Louva-a-Deus Voador de livre e espontânea vontade e que, portanto, não era uma passageira clandestina. Por fim, a única coisa que ela podia ser era parte da tripulação. Assim, ela foi convocada a servir como grumete.

— Grumete? — Artur repetiu.

— Grumete — Monckton insistiu. — Há muitos deles a bordo de navios no Mar Fronteiriço. Exceto a sua amiga Folha, é claro que todos são crianças do Tocador de Gaita e, assim, nossos irmãos. Nós nos ajudamos mutuamente sempre que possível.

— Mas o que vai acontecer com ela?

— É uma vida dura, mas o Louva-a-Deus é um navio bem equipado e limpo — Longatyle afirmou. — Com o tempo, a sua amiga pode trabalhar e ser promovida, tornar-se uma oficial, até capitã do próprio navio. Mortais aprendem muito mais depressa que Habitantes, portanto não se sabe até onde ela vai chegar.

— Mas ela não vai querer ser um grumete! Ela tem que ir para casa! Ela tem família e amigos!

— Ela assinou um compromisso — Longatyle informou. — Não há como rompê-lo.

— Exceto por uma ordem executiva de Quarta-Feira Submersa — Monckton corrigiu.

— Assim, posso libertar Folha se conseguir que o Testamento me promova a mestre do Mar Fronteiriço — Artur concluiu. — Ou duque, ou o que quer que seja.

Os dois Ratos assentiram, concordando. Eles não pareceram surpresos por Artur estar planejando assumir o controle do Mar Fronteiriço.

— Acho que Folha vai estar bastante segura a bordo do Louva-a-Deus — Artur disse em um tom esperançoso.

Provavelmente ela estava em melhor situação que ele, longe dos problemas que ele teria que enfrentar, mas mesmo assim desejou ter chegado ao Triângulo mais cedo para poder ajudar Folha a sair do navio e ir para casa.

“Tenho de verificar”, ele pensou. “Com o espelho e a concha...”

— Ela vai estar mais segura do que a maioria no mar, pois o Louva-a-Deus é um bom navio, mas há sempre tempestades e naufrágios — Monckton disse.

— E piratas — Longtayle ajuntou. — O Calafrio foi visto com muita frequência ultimamente para o meu gosto, sem mencionar alguns dos confrades menos importantes de Fugaz, como o capitão Blooddreg, do Sonho Noturno.

— É por isso que estou aqui — Artur contou. — Em parte. Preciso encontrar o porto secreto de Fugaz, entrar lá e pegar uma coisa. Preciso pedir sua ajuda.

— Nós somos Ratos comerciantes — Monckton afirmou. — Quer dizer, não fazemos nada sem algum tipo de pagamento.

— Vocês sabem mesmo onde fica o porto de Fugaz? — Artur perguntou. — Ou podem encontrar ele com relativa rapidez? Quer dizer, não tem sentido falar sobre pagamento se vocês não puderem fazer nada.

— Acho que sabemos onde fica — Longtayle afirmou. — Isso quer dizer que deduzimos sua localização a partir de alguns indícios, mas não estivemos lá pessoalmente. Quanto a levar você para lá... se estivermos certos, é uma proposta ainda mais difícil.

— Certo — Artur concordou pronto para negociar. — Para começar, quanto querem para revelar a localização?

— Queremos informações — Monckton respondeu. — Assim, se respondermos suas perguntas, gostaríamos que respondesse as nossas.

Artur tinha imaginado pagar o preço em ouro ou algum tesouro. Isso parecia fácil...

— Isso é tudo? — ele indagou.

— Pode ser mais do que parece — Longtayle avisou.

— Não tenho nada a esconder — Artur tornou, dando de ombros. — Pelo menos, acho que não.

— Então você pode nos fazer três perguntas — Monckton retrucou. — E nós lhe faremos três.

— Não tem nenhum truque, tem? — Artur perguntou desconfiado. — Quer dizer, o que acabo de perguntar não conta como pergunta, conta? Porque não concordo com isso.

— Só as perguntas importantes contam — Monckton afirmou.

— Portanto, você quer saber se conhecemos a localização do porto secreto de Fugaz?

— Sim — Artur admitiu. — Essa é minha primeira pergunta. Onde ele fica?

Em resposta, Longtayle desenrolou um grande mapa que ocupou quase toda a mesa. Ele estava classificado como MAR FRONTEIRIÇO e quase toda a área mostrava água azul com pequenas manchas ocasionais de terra, cada qual caprichosamente marcada numa pequena letra cursiva.

Artur olhou o mapa com ansiedade, guardando nomes de lugares, como Porto Quarta-Feira, o Triângulo, Monte Último e Redemoinho Profundo. A primeira vista, ele não conseguiu ver nada com o nome de Porto Secreto de Fugaz, então voltou ao topo do canto esquerdo para começar uma busca sistemática de cima para baixo, apenas para ser interrompido quando Longtayle colocou uma pequena baleia branca esculpida em marfim no mapa e a usou para bater nele duas vezes.

— Está aqui — ele afirmou. — Na verdade, acreditamos que o porto secreto de Fugaz deve estar dentro de Quarta-Feira Submersa.

— Dentro dela?

— Mais exatamente, acreditamos que o porto secreto seja um mundo em miniatura que está ancorado dentro do estômago de Quarta-Feira Submersa. Só se pode chegar até ele de duas formas. Uma é através de um quebra-cabeças que Fugaz possui, feito para ele pelo Horrível Terça-Feira, assim como o próprio mundo em miniatura. A outra é diretamente pelo estômago de Quarta-Feira.

— Mas ele não pode estar dentro dela — Artur disse. — Ela voltou à sua forma humana normal. Como pode todo um porto secreto ainda estar no estômago dela?

— Não sou um feiticeiro matemático — Longtayle argumentou —, mas acredito que a explicação seja mais ou menos esta: o porto secreto está dentro de uma bolha do Reino Secundário que foi trazido para a Casa. O tamanho da bolha pode mudar de minúsculo para gigantesco sem afetar o mundo que contém. Quando a senhora Quarta-Feira usou a Terceira Chave para recuperar a antiga forma, a bolha encolheu com ela. Quando ela cresceu outra vez, o mesmo aconteceu com a bolha. Mas o mundo dentro da bolha não mudou.

— E você pode entrar nele pelo estômago de Quarta-Feira?

— Acho que sim — Longtayle afirmou. — Ou sair. Acharmos que Fugaz colocou o pequeno mundo por meio de feitiçaria dentro de Quarta-Feira por dois motivos. Seria o esconderijo ideal, mas também forneceria oportunidades incomparáveis para recuperar objetos recolhidos. Você sabia que qualquer coisa perdida sempre acaba aparecendo no Mar Fronteiriço?

Artur assentiu. Sol Quente tinha lhe contado esse fato.

— Grande parte do que se perde está nas profundezas e é irrecuperável, a menos que flutue para a superfície antes de afundar e ser dissolvido em um dos lugares onde o Mar invade o Nada. Mas ainda restam muitos salvados em águas mais rasas, e eles, como tudo o que corta o caminho de Quarta-Feira, acabam no estômago dela, pelo menos por algum tempo. Fugaz usa seus escravos para pegar os salvados que Quarta-Feira engoliu, aumentando grandemente as pilhagens que ele faz nos navios no Mar Fronteiriço.

— Como vocês sabem disso? — Artur perguntou.

— Uma das vantagens que nos foi concedida pelo Tocador de Gaita é a capacidade de recuperar nosso tamanho e forma anteriores por algum tempo — Monckton explicou. — É desagradável e potencialmente perigoso, caso esqueçamos que somos Crescidos, mas somos capazes de nos disfarçar de

ratos normais. Um da nossa raça conseguiu se infiltrar no Calafrio dessa maneira e observar a transição para o porto secreto. Enquanto ela estava lá, também viu escravos sendo enviados para algum lugar e retornarem com salvados. Mais tarde, deduzimos o local do porto e a natureza das atividades dos escravos. Capitão Longtayle, mostre a lorde Artur o mapa e os desenhos.

Longtayle tirou uma pasta de couro de baixo da mesa, abriu-a e tirou vários rolos de papel que espalhou na mesa.

O primeiro era um mapa feito a lápis e exibia o título ILHA DE FUGAZ escrito em letras grandes e irregulares. Mostrava um trecho de terra com o formato de uma caveira. Debaixo do título, havia uma nota que dizia: *A ilha tem aproximadamente 4.500 passos duplos de comprimento e 3.200 de largura.*

A cavidade do olho esquerdo da caveira exibia a indicação LAGO ESQUERDO. A cavidade do olho direito estava quebrada e aberta para o mar. Ela tinha o título de PORTO, e havia algumas outras anotações menores indicando um cais, um estaleiro, oito armazéns, uma dezena de prédios grandes marcados como alojamentos para escravos e uma construção em forma de estrela chamada de Forte de Fugaz.

A cavidade do nariz tinha o título de CRATERA DA LAMA QUENTE, e abaixo dela havia uma observação que dizia “Nada?”

Junto do maxilar da caveira, havia várias linhas ondulantes descritas como MONTANHAS DOS DENTES e *Seguidores da Carpa. Escravos Fugidos.*

A ilha era cercada pelo mar, mas, segundo a escala indicada, ele só se estendia por cerca de 850 passos duplos até chegar a uma linha marcada como Tamanho da Bolha, que circundava o mapa. Perto dessa linha, não longe da entrada do porto, havia uma península estreita que se lançava ao mar e um ponto em seu final onde se lia a inscrição: *Saída para terrenos de salvados.*

A segunda página que Longtayle desenrolou mostrava vários desenhos rudimentares em carvão. Um deles representava o porto com meia dúzia de navios, sendo um facilmente reconhecível como o Calafrio. Os outros pareciam abandonados e estavam amontoados uns contra os outros em um dos cantos do porto, enquanto a escuna pirata se encontrava amarrada ao cais.

O segundo desenho mostrava uma fila de escravos com capacetes de mergulho de aspecto bizarro, cada qual preso a uma longa corrente e equipado com um saco e uma rede.

O terceiro estava incompleto e mostrava uma cena parcial captada por cima do ombro de um pirata que estava ajoelhado no convés de um navio. Perto dele, havia a tampa de uma caixa ilustrada com algo que parecia o cruzamento entre uma lula e um homem.

O quarto e último desenho mostrava uma fileira de pequenas montanhas ou grandes colinas cobertas por uma densa floresta. A legenda dizia *Os Seguidores da Carpa devem ser escravos fugidos. Potencial aqui.*

— Como a sua espiã conseguiu sair com isso? — Artur perguntou. Longtayle balançou a cabeça.

— Ela não conseguiu. O mapa e os desenhos chegaram por uma garrafa simultânea.

— Por onde?

— Garrafas simultâneas são um meio de comunicação que nós criamos com alguma ajuda de certas pessoas. Essencialmente, elas são pares de garrafas mágicas. Qualquer coisa colocada numa delas também aparece simultaneamente na outra. Mas não funcionam fora do Mar Fronteiriço e, como é muito caro construí-las, apenas nossos agentes mais importantes estão equipados com elas. Nossas embarcações também usam garrafas simultâneas para manter contato. Temos mais de 100 dessas garrafas a bordo.

— Então esses dois papéis foram a última coisa recebida por sua agente que estava com Fugaz?

— Não exatamente — Monckton contou em tom pessimista. — A última coisa que chegou antes que a garrafa se quebrasse foi uma cauda partida. Então, como pode ver, um Rato notável deu a vida para fornecer essas informações.

— Este desenho é do próprio Fugaz? — Artur indagou, mostrando o esboço do pirata ajoelhado no convés. — E o que tem na tampa da caixa quebra-cabeça?

— Achamos que é Fugaz — Longtayle afirmou. — Ele já foi um mortal, embora muito mudado através de feitiçaria e por sua longa existência na Casa, e este desenho mostra um homem de dimensões mortais. A caixa quebra-cabeça profética que ele está usando não está registrada em nenhum lugar que podemos achar. A criatura que ele retrata é um Dragão Sanguinário, uma forma rara de Nadica que é criada muito ocasionalmente quando certos objetos perdidos no Mar Fronteiriço entram em contato com Nada. Isso sugere que o quebra-cabeça profético foi criado dos intestinos de um Dragão Sanguinário especialmente para Fugaz, o que só poderia ter sido feito por um feiticeiro muito superior ou um dos Dias Seguintes. Como a bolha particular de Fugaz foi feita pelo Horrível Terça-Feira, é provável que ele também tenha feito o quebra-cabeça profético para acompanhá-la. Quem pagou para que fosse feita é outra questão, que não sabemos como responder.

— Provavelmente Sábado Superior — Artur sugeriu. — Foi a ajuda dele que Quarta-Feira Submersa procurou em primeiro lugar para devolver as Chaves para Will, o Testamento.

— A ajuda dela — Monckton interferiu. — Sábado Superior é uma mulher. Ou era, na última vez em que ouvimos falar dela. Agora, acho que você vai concordar que respondemos a sua primeira pergunta. Assim, vamos fazer outra em troca. Por que você quer ir até o porto secreto de Fugaz?

Artur pensou por um momento. Parecia que não ganharia nada se tentasse não responder a pergunta ou adulterar a resposta. Ele gostava dos Ratos. Pareciam muito diretos, e ele sabia que precisaria mais da ajuda deles.

— Acho que a Terceira Parte do Testamento está lá. Quarta-Feira Submersa não tem mais ela e diz que Fugaz pegou com a ajuda dos Dias Seguintes. Quero chegar até o Testamento e libertar ele. Assim, vou poder tirar a Terceira Chave de Quarta-Feira Submersa, curar ela, recuperar Folha e...

Os dois Ratos se inclinaram para a frente quando Artur hesitou.

— Então... não tenho certeza. Acho que preciso voltar para casa por um tempo para ver se está tudo bem. Mas, se eu conseguir recuperar a Terceira Chave, acho que vou ter que pensar sobre o que fazer com o Furioso Quinta-Feira e... apenas seguir em frente.

— Essa é uma resposta generosa, Artur. Por favor, sua próxima pergunta.

— Não é bem uma pergunta — Artur retrucou. — Preciso ir até esse porto secreto. Se existem apenas duas entradas, e uma delas é o quebra-cabeça profético de Fugaz, parece que vou ter que entrar pelo estômago de Quarta-Feira. Isso significa que tenho que sobreviver quando for engolido. Só consigo pensar num jeito de fazer isso: usar um submarino ou coisa parecida. Ouvi dizer que vocês têm vários navios estranhos, então, minha pergunta é: vocês têm um submarino ou sabem onde posso pegar um emprestado?





Capítulo 17

— É uma pergunta importante, lorde Artur — Monckton retrucou. Ele hesitou, seus bigodes estremeceram, e ele continuou.

— Na verdade, temos um bote submersível, uma embarcação que mantemos em segredo. Mas receio que ela esteja encostada debaixo de nossas docas em Porto Quarta-Feira por falta de um componente essencial que estamos esperando há algum tempo.

— Que espécie de componente? — Artur quis saber. — E quem está fazendo vocês esperarem? Ah, só respondam se isso não contar como outra pergunta.

— Isso pode ser considerado como parte de sua segunda pergunta, Artur — Monckton respondeu. — O bote submersível foi feito para nós nas Regiões Afastadas pelos lacaios do Horrível Terça-Feira. O componente que falta é, na verdade, uma lata de Carvão Acelerado que deve ser substituído aproximadamente a cada século. Mas, desde a queda do Horrível Terça-Feira, poucas de nossas encomendas estão vindo das Regiões Afastadas.

— Ahn, bem, tenho certeza de que a Primeira Dama está fazendo o melhor que pode para ajeitar as coisas — Artur disse na defensiva. — O Horrível Terça-Feira estava se utilizando demais de Nada.

— Isso foi apenas uma observação, e não uma crítica — Monckton replicou. — Estamos cientes de que foi necessário fazer mudanças nas Regiões Afastadas e fomos avisados de que vamos receber uma nova lata de combustível nos próximos 30 ou 40 anos.

— Trinta ou quarenta anos! Assim não é possível — Artur disse. Ele pensou por um momento e então falou: — E se eu conseguir uma nova lata? Vocês vão me deixar usar o submersível para entrar no estômago de Quarta-Feira Submersa?

— O senhor me concede um momento para consultar o tenente Longtayle? — Monckton pediu. — O submersível é muito valioso e não seria fácil que até mesmo ele sobrevivesse à passagem pelo interior do leviatã e saísse de novo.

— Claro, vá em frente.

Monckton e Longtayle se afastaram até o outro lado da cabine para sussurrar, enquanto Artur analisava os desenhos e o mapa outra vez. Sua cabeça estava cheia de pensamentos rápidos que disparavam de um lado para outro e se uniam criando novas ideias.

“Certo, se eu puder entrar no estômago de Quarta-Feira e depois no pequeno mundo particular de Fugaz, ainda vou precisar encontrar o

Testamento, libertar ele e sair novamente. Supondo que o lugar vai estar cheio de piratas, seria idiotice entrar lá sozinho... Isso é como planejar um roubo a banco ou coisa parecida... Preciso reunir uma equipe para me ajudar... Têm os Ratos, é claro, para dirigir o submarino... Será que os Ratos sabem lutar? Provavelmente vou precisar de alguns Habitantes que possam lutar contra os piratas, mesmo que a gente tente entrar escondido, mas em todo o caso... Será que Aurora viria junto...? E não posso me esquecer da feitiçaria, portanto, se eu conseguisse a ajuda do doutor Scamandros... e de Sol Quente. Ele é bom de briga, embora o resto da tripulação do Mariposa não seja capaz de muita...”

Monckton e Longtyle voltaram para a mesa e se sentaram. Artur olhou para eles esperançoso.

— Nós chegamos a um acordo — Monckton declarou. — Você pode usar o submergível Rattus Balaena e sua tripulação se conseguir uma nova lata de combustível. Nós vamos fazer o melhor possível para deixar você na barriga da baleia.

— Ótimo! — Artur exclamou. — E eles vão me tirar depois, não vão? Com o Testamento.

— Sim, se for possível, o Balaena vai esperar para tirar você do pequeno mundo e devolvê-lo para o Mar Fronteiriço. Mas a tripulação não vai poder ajudá-lo contra Fugaz no pequeno mundo. É arriscado demais.

— O que acha de levar mais alguns passageiros, além de mim? Vou precisar de alguma ajuda.

— O espaço é limitado a bordo do Balaena. Ele foi construído para nós, Ratos, mas há espaço para você e talvez outros seis Habitantes de tamanho normal, se ninguém se importar de viajar um pouco apertado. Alguém também pode bater a cabeça.

— Muito bom! É melhor mandar uma mensagem para que a Primeira Dama envie essa lata de combustível. Você tem alguém em Porto Quarta-Feira com uma de suas garrafas que possa retransmitir a mensagem?

— Certamente — Longtyle disse. Ele abriu uma gaveta e ofereceu uma grossa folha de papel, uma pena, um frasco de tinta e um pequeno pote de areia para Artur. — Vamos pensar na próxima pergunta enquanto você escreve.

Artur mergulhou a pena na tinta e escreveu rapidamente. A tinta preta fluida escorria livremente, fazendo com que surgissem borrões e manchas no papel.

Cara Primeira Dama:

Não sei se recebeu minha outra carta. Seja como for, estou no Mar Fronteiriço e falei com a senhora Quarta-Feira. Ela explicou como foi transformada numa baleia pelos outros Curadores e como quer libertar o Testamento e dar a chave para mim. Mas o Testamento foi roubado por um pirata chamado Fugaz, que trabalha para os Dias Seguintes. Fiz um acordo com os Ratos Crescidos, e eles me disseram que o porto secreto de Fugaz fica dentro dela e que vão deixar que eu use seu submarino para chegar até lá,

tentar pegar o Testamento e consertar toda a situação. Acontece que os Ratos precisam de uma lata de combustível das Regiões Afastadas para o submarino. Assim, por favor, peço que se apresse para que eles a recebam em seguida, não no Ano que vem ou qualquer outra data distante. Imediatamente. Agora mesmo.

Além disso, pode mandar Suzy para me ajudar? E, se puder entrar em contato com o Marinheiro, pode pedir que ele também venha em meu auxílio?

Sinceramente,
Artur

P. S.: Mande a resposta pelos Ratos, em Porto Quarta-feira, pelas garrafas simultâneas para que chegue mais depressa.

P. P. S.: Pode verificar o que está acontecendo em meu mundo? Quero saber o que o Mar Fronteiriço fez ao hospital.

Obrigado.

Artur terminou e espalhou um pouco de areia no papel para secar a tinta, como tinha visto fazer nos escritórios da Casa Inferior. Ele levantou a página para devolver a areia ao pote, dobrou o papel, escreveu o nome da Primeira Dama e o lacrou com o polegar. Como antes, a impressão de seu dedo brilhou e ondulou como um arco-íris e se transformou num lacre de verdade, mostrando o perfil de Artur com uma coroa de louros.

— Se a lata de combustível for entregue depressa, quanto tempo vai ser preciso para entrarmos no submarino? — Artur quis saber.

— Bem, o Balaena está em Porto Quarta-Feira, de modo que vamos ter que ir para lá primeiro — Longtayle avisou. — A todo vapor, vamos levar cinco dias. O Balaena pode ser preparado nesse tempo e depois pode partir imediatamente.

— Cinco dias! — Artur exclamou. — Acho que não tenho outra escolha... ainda espero voltar para casa logo após minha partida, como aconteceu antes. Acho que vou usar esse tempo para entrar em contato com os ajudantes de que vou precisar...

— Nossas garrafas simultâneas estão às suas ordens — Longtayle ofereceu. — Suponho que podemos mandar a conta de seu uso para a Primeira Dama...

— Sim — Artur concordou. — Mas nada de cobrar mais caro ou qualquer coisa parecida. Nós só vamos pagar o preço de tabela.

— Estamos de acordo. Está preparado para a segunda pergunta?

Artur assentiu com um gesto de cabeça.

— O que o Testamento lhe contou sobre o desaparecimento da Arquiteta?

Artur ficou surpreso com a pergunta, mas tentou não demonstrar. Ele se perguntou se deveria repetir o que o Testamento tinha lhe contado. Mas acordo era acordo e, nesse caso, imaginou que não faria mal dar as informações.

— Acho que ele apenas disse que ela foi embora — ele contou aos Ratos —, deixando o Testamento para trás.

— Você tem certeza de que essas foram suas palavras exatas?

— Total. Sim, foi quando o Testamento era um sapo na garganta de Suzy. Ele disse alguma coisa como “A Grande Arquiteta foi embora” ou “Então, a Arquiteta foi embora”.

— Ele nunca disse que ela foi morta ou assassinada pelos próprios criados, os Dias Seguintes?

Artur soltou o copo que tinha acabado de pegar, e o suco de uva-do-monte se espalhou como se fosse sangue na direção dos papéis e foi apressadamente enxugado com uma toalha pelo criado.

— O quê? Não! O Testamento disse alguma coisa sobre ela decidir ir embora ou que essa tinha sido sua escolha. Ele nunca disse nada sobre morte... Vocês acham que os Dias Seguintes mataram ela? A Arquiteta de tudo? Como eles fariam isso?

— Algumas autoridades alegam que ela está morta ou voltou para Nada, o que é a mesma coisa — Monckton declarou. — Queremos saber o que o Testamento lhe disse, porque ele provavelmente sabe e não iria mentir para o Herdeiro Legítimo.

— Isso eu não sei — Artur retrucou. — Acho que ele mentiria, se lhe conviesse. E a Primeira Parte do Testamento costumava dizer que não sabia o bastante porque era apenas a sétima parte de todo o Testamento. Embora eu deva dizer que, desde que se tornou a Primeira Dama, age como se soubesse de tudo.

— Você realmente acha que Will, o Testamento, poderia mentir para você?

Artur refletiu por um momento. Ele não conseguiu se lembrar de nenhuma ocasião em que o Testamento lhe tivesse contado uma mentira deslavada, mas ainda tinha a sensação de que o faria se acreditasse que isso ajudaria sua causa. Will certamente mentiria por omissão, escolhendo não lhe contar coisas se ele não pedisse.

— Sim, acho que mentiria, mas apenas se achasse necessário. Sabe como é, para me obrigar a fazer alguma coisa que o Herdeiro Legítimo deveria fazer.

— Isso é interessante. Tínhamos esperança de descobrir o que aconteceu com a Arquiteta, mas está claro que isso ainda não é possível. Obrigado, Artur. Você tem uma terceira pergunta?

— Se vocês concordarem, acho que vou deixar para depois, por enquanto. — Artur não queria desperdiçar a última pergunta e precisava refletir sobre os acontecimentos.

— Claro que sim — Monckton afirmou. — Claro que isso significa que também teremos outra pergunta para o senhor.

— Está ótimo — Artur concordou e ficou sentado em silêncio por um momento, elaborando um plano em sua mente. — Também quero enviar outras mensagens — ele disse finalmente. — Vocês têm uma garrafa a bordo do Mariposa? O navio recolhedor onde eu estava?

— Acho que não — Longtayle respondeu. Ele tirou um pequeno livro do bolso e começou a folheá-lo. — Vou verificar a lista.

— Há outra forma de mandar uma mensagem para eles?

— Existem várias maneiras — Monckton esclareceu. — Mas a maior parte depende de feitiçaria e não praticamos a magia da Casa, exceto para navegação. Se a Aurora de Quarta-Feira ainda estiver por perto, talvez ela possa mandar uma mensagem para você. Ela tem muitos poderes no Mar Fronteiriço.

— Eu gostaria de falar com ela — Artur disse. — Mas ela me disse que tinha assuntos urgentes para tratar.

— Não temos uma garrafa ou ninguém no Mariposa, mas vou mandar alguém verificar se a Aurora de Quarta-Feira ainda está no Triângulo — Longtayle ofereceu. Ele abriu a porta e falou rapidamente com o Rato ali parado em posição de sentido.

— Feitiçaria... — Artur murmurou.

E, de repente, lembrou que Scamandros tinha colocado um objeto em seu bolso. Artur tinha pensado em transferi-lo para a bota, onde ficaria seguro, mas esqueceu. Será que ainda estava ali? Procurou no bolso fundo e, por um momento, pensou que o objeto tinha desaparecido. Então seus dedos se fecharam sobre algo frio e metálico em um canto.

Artur percebeu que Longtayle e Monckton estavam olhando para ele curiosos, então tirou a mão do bolso apressadamente. Provavelmente os Ratos eram confiáveis, mas não precisavam saber de tudo, principalmente se iriam trocar informações com ele. Artur precisava manter alguns segredos de reserva.

— Gostaria de ser levado para sua cabine? — Longtayle perguntou. — Vamos levar cerca de uma hora para criar vapor e depois vamos nos pôr a caminho. Antes, se o vento mudar e pudermos velejar. No momento, a brisa está contra nós para irmos ao Porto Quarta-Feira, mas pode mudar.

— Obrigado — Artur respondeu. Ele imaginou que poderia dar uma olhada no objeto que Scamandros lhe dera na cabine e talvez usar a concha e o espelho para ver como Folha estava passando.

— Pode ficar com minha cabine, que fica em frente — Longtayle ofereceu quando abriu a porta e indicou a que havia do outro lado da passagem.

O Rato marinheiro tinha sido substituído, e a nova sentinela deu um passo para o lado e os saudou. Artur notou que os Ratos administravam um navio muito mais disciplinado do que o Mariposa.

Artur fez uma reverência para a sentinela, atravessou a passagem e entrou na cabine. Ela era menor do que o aposento em que tinha estado, medindo não mais do que 4,5 metros de comprimento e 3,5 de largura, com uma cama dobrável no anteparo e uma mesa dobrável e uma cadeira junto da parede.

Artur se sentou e tirou as botas para poder pegar o Atlas, o convite de Quarta-Feira, a concha e o espelho. Ele colocou todas as coisas nos bolsos

internos de seu casaco e pegou o objeto de metal que Scamandros tinha lhe dado.

O objeto com formato de ovo era feito de ouro e tinha um pequeno fecho curvo no lado. Artur o levantou e o ovo abriu. Uma das metades era um relógio com a frente de marfim e números enfeitados e realçados por minúsculas esmeraldas. Os ponteiros eram feitos de algum tipo de metal com um brilho levemente azul. A outra metade tinha um retrato em miniatura do doutor Scamandros com um aspecto muito real. Enquanto Artur observava o retrato, as tatuagens em seu rosto começaram a se mover, e o pálido céu azul às suas costas mudou e mostrou um fundo de fumaça escura e vultos mal iluminados que lutavam ou dançavam. Ao mesmo tempo, a cabeça do feiticeiro se virou como se estivesse olhando para trás.

Artur abafou uma exclamação, o doutor se virou novamente e seu olhar atordado encontrou o do garoto.

— Artur! — a minúscula figura gritou com voz aguda, quase inaudível devido à repentina confusão de gritos, berros, exclamações e choque de metais que também chegavam até o garoto. — Socorro, me dê sua mão!

Sem pensar a respeito, Artur tocou a miniatura com o dedo. Ele foi imediatamente agarrado e puxado para dentro, juntamente com seus outros dedos e depois toda a mão. Ele sentiu alguém, ou alguma coisa, segurá-lo com força. Em pânico, o garoto puxou a mão para trás o máximo que pôde.

Era como tentar levantar algo muito pesado. Artur sentiu as juntas do cotovelo e dos ombros se esticar e quase quebrar. Ele se inclinou para trás, apoiou os pés na parede e empurrou com toda a força. Então, de repente, se viu deitado de costas com o doutor Scamandros ao seu lado, estendido no chão.

— Feche o relógio! — Scamandros guinchou. — Feche o relógio!

Artur levantou de um salto. Assim que estendeu a mão para o relógio, ouviu um estranho zunido e uma longa chama oleosa disparar do relógio aberto e atingir o teto de ferro. As chamas queimaram a pintura e encheram o ambiente com nuvens de fumaça.

Artur, agradecido pelo fato de ainda estar usando luvas, bateu no relógio, fechando-o de um só golpe. A chama oleosa desapareceu, mas ainda havia muita fumaça. Artur, tossindo e esfregando os olhos, abriu a porta e a portinhola para deixá-la sair e então se virou para Scamandros, ainda deitado no chão.

— O senhor está bem? De onde veio? E como?

— Só recuperando as forças — o doutor Scamandros disse ofegante. — Você chamou num momento oportuno, lorde Artur. Agradeça à Arquiteta por eu ser prevenido e ter lhe dado o relógio de transferência!

— Então é isso o que ele é?

— Sim, um dos meus projetos de graduação — Scamandros tentou se levantar, mas ficou preso na barra do pesado sobretudo até Artur ajudá-lo. — Imaginei que talvez tivesse que falar com o senhor novamente, mas a transferência foi muito feliz.

— Por quê? O que aconteceu ao Mariposa e todos os outros?
— O Mariposa foi capturado — Scamandros contou de olhos baixos.
— Pelo pirata Fugaz.

— O que...

Artur foi interrompido por gritos de “Fogo!” vindos de fora, seguidos, segundos depois, por vários Ratos marinheiros irrompendo no aposento com baldes e uma mangueira, felizmente ainda não totalmente aberta e que, portanto, apenas pingava água.

— Onde está o fogo? — perguntou o primeiro Rato a entrar no aposento.

— Já foi apagado — Artur o tranquilizou. — Não se preocupem com isso.

— Quem é esse? — o Rato perguntou desconfiado, olhando para o Habitante surpreendentemente pequeno, enlameado e de sobretudo amarelo que tinha aparecido tão misteriosamente. O doutor Scamandros fez uma reverência, mas isso não ajudou. O Rato olhou ao redor, certificou-se de que não havia fogo, fez um gesto de cabeça para Artur e se retirou.

— Por favor, senhor, fique aqui enquanto chamo o oficial responsável pela guarda — o Rato disse ao fechar a porta.

Artur não sabia o que ia acontecer em seguida.





Capítulo 18

Não mais que 1 minuto depois, ouviu-se uma batida na porta. Artur a abriu e encontrou o tenente Longtayle parado do lado de fora empunhando uma espada. Atrás dele, havia meia dúzia de Ratos usando couraças e capacetes de metal e carregando pequenas bestas ou chuços de abordagem cortados.

— O senhor recebeu uma visita, lordê Artur? — Longtayle perguntou educadamente, mas com o olhar frio que não deixou o doutor Scamandros, que estava sentado na cadeira secando a testa com um lenço de seda amarelo.

— É o doutor Scamandros, do Mariposa — Artur explicou. — Ele veio através de um relógio de transferência.

— Tem certeza de que é o doutor Scamandros? — Longtayle insistiu. — Pode ser um Nadica disfarçado. Transferências podem ser interceptadas ou redirecionadas.

Artur olhou para Scamandros com mais atenção do que antes. O doutor realmente parecia o mesmo...

— Eu sou o doutor Scamandros! — o Habitante protestou fracamente.

— Prove — Longtayle ordenou.

— Vocês, Ratos! Nunca estão preparados para aceitar a palavra de alguém — Scamandros reclamou. — Bem, se vocês insistem em uma prova, aqui estão alguns documentos.

Ele procurou dentro do sobretudo e tirou uma fina carteira de documentos de couro amarrada com uma fita cor-de-rosa. Ele a desamarrou, tirou um pergaminho e o entregou ao tenente Longtayle, que o examinou com cuidado. Artur não conseguiu enxergar com clareza o que dizia, mas viu de relance uma espécie de retrato tridimensional do doutor Scamandros que se movia e virava enquanto palavras flutuantes se enrolavam sob a figura.

— Isso não passa de um certificado de aprovação estudantil do Escrivão Assistente de Feitiçaria da Casa Superior — Longtayle disse. — Se esse documento é verdadeiro, o que está fazendo no Mar Fronteiriço?

— Até muito recentemente, fui o Feiticeiro-Navegador do navio Mariposa — o doutor Scamandros contou. — Um posto que mantive durante vários milhares de anos, com total satisfação, devo acrescentar. Tenho comigo uma carta do capitão Catapillow que atesta esse fato.

Ele entregou uma folha de papel dobrada a Longtayle, que também a leu.

— O que o trouxe ao Mar Fronteiriço, em primeiro lugar?

Tempestades violentas passaram pela face de Scamandros e seus dedos se retorceram.

— Isso não é da sua conta, jovem Rato!
— Você subiu a bordo sem permissão — Longtayle retrucou sombrio.
— Se não responder a minhas perguntas, teremos que...
— Ele é meu convidado! — Artur interrompeu. — Uma espécie de...
acho que fui eu quem o trouxe para bordo.

Scamandros acenou com a mão fracamente. As tempestades em sua face se dispersaram, e os navios tatuados ali foram ancorados tranquilamente. Um sol brilhou em sua testa e ficou verde ao mergulhar lentamente na direção de sua orelha direita.

— Não faz mal, lorde Artur. Todos sabem que esses Ratos não descansam enquanto não arrancam os segredos de todos. Eu vim para o Mar Fronteiriço para encontrar meus documentos para o exame final, que supostamente foram perdidos antes de serem marcados. Pensei que, se pudesse encontrá-los e tê-los avaliados adequadamente, poderia conseguir meu diploma e ser admitido novamente nos estabelecimentos de ensino da Casa Superior. Uma esperança tola, eu sei. Desconfio que meus documentos nunca tenham se perdido realmente e por isso não vão reaparecer no Mar Fronteiriço.

— Isso confirma sua identidade — Longtayle disse. Ele fez uma reverência e acrescentou: — Gostamos de ter certeza sobre quem temos a bordo, doutor. E, na verdade, o seu “segredo” já era de nosso conhecimento. Se lorde Artur desejar confirmar que é seu convidado, ficaremos felizes em recebê-lo a bordo do Rattus Navis IV.

— Sim, ele é meu convidado — Artur confirmou. — Eu estava mesmo pensando em incluir o doutor Scamandros na minha... expedição.

— Expedição? — Scamandros perguntou. — Bem, se eu puder tomar uma xícara de chá com biscoitos antes, diria que posso encarar uma pequena expedição...

— Temos que ir ao Porto Quarta-Feira antes de realmente começar — Artur informou. — Assim, o senhor vai ter alguns dias para se recuperar.

— Excelente! — o doutor Scamandros se alegrou e olhou em volta da cabine. — Talvez eu possa me deitar naquela cama? Estou um pouco fraco.

— Ahn, acho que pode — Artur respondeu. — Mas quero saber o que aconteceu com o Mariposa! Alguém... alguém foi morto? Sol Quente está bem?

— Todos vão ser escravos agora — o doutor Scamandros contou tristemente ao subir na cama. Ele olhou para o estômago e então fechou o sobretudo. — Os que sobreviveram. Sol Quente? Não sei. Tudo ficou confuso. Havia fumaça por todos os lados, e Fugaz lançou um feitiço que fez as tábuas morderem nossos tornozelos. O capitão e o senhor Concorde se retiraram para a cabine principal enquanto Sol Quente liderava a defesa. O Calafrio nos metralhou quando se aproximou, varrendo o convés e, então, de repente, havia piratas por todos os lados. Corri para o pique de vante, pensando em pular, quando ouvi a campainha do meu relógio de transferência...

— Mas como Fugaz soube onde vocês estavam? O Mariposa ainda se encontrava na praia?

— Na praia? Não, não, estivemos lá por apenas duas semanas, embora, é claro, isso fosse tempo demais para Sol Quente. Depois que o navio foi consertado, começamos a voltar para o Mar Fronteiriço. Foi então que Fugaz nos pegou. O Calafrio estava esperando exatamente onde atravessamos a Linha de Tempestades. Não sei como Fugaz soube onde iríamos passar. Apesar de ser natural que o odiemos e detestemos como pirata, é preciso admirar suas habilidades de feiticeiro.

— Vocês ficaram na praia por duas semanas? Mas eu saí de lá apenas há algumas horas...

— O tempo passa corretamente na Casa e dá...

— ...dá voltas em outros lugares. É, eu sei — Artur interrompeu. Ele estava pensando em voltar para casa antes de sentirem sua falta.

— Mas essa é uma diferença muito grande.

— Já vi maiores — Scamandros retrucou. — Ora, certa vez saímos da Casa por um ano e voltamos somente 15 minutos depois de partir. O chá ainda estava morno no bule que deixei no canto da mesa da Cafeteria de Tia Sally, em Porto Quarta-Feira. Preciso concordar que é muito perturbador. Agora, me diga, que expedição é essa que está planejando, lorde Artur?

— É uma expedição muito difícil — Artur começou com cuidado. — E está ficando cada vez pior. Veja, eu vou entrar às escondidas no porto secreto de Fugaz e roubar uma coisa dele. Só que agora acho que é melhor também tentar resgatar os sobreviventes do Mariposa.

— Isso não seria sensato, lorde Artur — Longtayle disse. — Achamos que o senhor tem uma pequena chance de se infiltrar com o propósito de encontrar e retirar o objeto que procura. Essa chance vai ser grandemente reduzida se também tentar libertar os escravos.

— Acho que eu mesmo vou ter que verificar isso — Artur retrucou teimoso. — O que o senhor acha, doutor Scamandros? Vai me ajudar?

— Naturalmente, estou às suas ordens, lorde Artur — Scamandros concordou. — Posso perguntar onde fica o lendário porto secreto do capitão Fugaz?

— Dentro de Quarta-Feira Submersa.

Scamandros jogou a cabeça para trás quando Artur falou, batendo no travesseiro com um baque surdo.

— Doutor Scamandros?

Longtayle foi até a cama e olhou para o feiticeiro, levantando uma de suas pálpebras.

— Desmaiou — ele anunciou.

Então seus bigodes estremeceram, e ele olhou com mais atenção para o abdômen do Habitante. Ao colocar a mão por baixo do casaco do doutor, sua pata saiu coberta de sangue azul.

— Vá buscar o senhor Yongtin! — ele gritou para um dos Ratos marinheiros.

— Ele está bem? — Artur quis saber.

— Ele foi metralhado — Longtayle respondeu. — É estranho que o casaco não tenha sido atingido... Mas não imaginei que ele tivesse desmaiado só por causa desses ferimentos. Ele é um Habitante...

Ele se inclinou para mais perto e farejou, seus bigodes trêmulos. Então recuou e limpou o focinho com um lenço branco.

— Ele foi envenenado com Nada — Longtayle anunciou. — Calafrio deve ter colocado alguma coisa nas balas. Não sei como conseguiu.

Parou de falar quando um Rato alto e malhado usando um longo avental sobre a túnica entrou correndo. O recém-chegado foi imediatamente até o doutor Scamandros, empurrando Longtayle para fora do caminho. Farejou o Habitante, abriu uma maleta e começou a tirar vários instrumentos, inclusive uma grande torquês que colocou na mesa.

— Tenho que tirar o chumbo misturado com Nada de dentro dele — o Rato disse. — Esvazie o quarto para que eu possa trabalhar, Longtayle.

— Senhor Yongtin — Longtayle sussurrou enquanto conduzia Artur para fora e para a grande cabine do outro lado da passagem onde ele tinha se encontrado com o comodoro Monckton, embora este não estivesse lá no momento. — Um excelente cirurgião, mas não gosta de conversar.

— Ele... O senhor acha que o doutor Scamandros vai morrer? — Artur perguntou.

— Provavelmente não — Longtayle respondeu. — É muito difícil matar um Habitante. Vai depender de Yongtin conseguir tirar o Nada antes que dissolva uma parte muito grande dele. Mas ele vai ficar fraco por um bom tempo, portanto duvido que você possa contar com ele para a expedição.

— Espero que fique bom — Artur retrucou.

Sentia-se um pouco mal, pois queria que o doutor Scamandros se recuperasse mais pelo bem da expedição do que por ele próprio.

— Vou levá-lo para outra cabine — Longtayle disse. — Seria bom descansar, se conseguir. Descobrimos há muito tempo que, embora o sono não seja absolutamente essencial dentro da Casa, nós, mortais e semimortais, ficamos mais felizes se descansamos nossos corpos e mentes.

— Acho que seria bom descansar — Artur admitiu. — Só que há uma coisa que preciso fazer antes, mas preciso de alguém para me vigiar. Se concordar, talvez possa fazer isso.

Quando entraram na nova cabine, Artur explicou rapidamente para Longtayle o feitiço de observação que Scamandros tinha criado para ele para verificar se Folha estava bem. Ele mostrou o espelho e a concha para o Rato.

— Eu não posso fazer isso — Longtayle afirmou. — Afinal, sou o capitão do navio, mas vou indicar alguém de confiança. Eles vão estar com você em alguns minutos.

Parecia um tanto ofendido.

— Oops — Artur murmurou para si mesmo quando o Rato saiu. Obviamente, não se pedia ao capitão de um navio para fazer algo tão simples como ficar parado observando um passageiro olhar para um espelhinho.

Conforme prometido, alguns minutos depois, ele ouviu uma batida na porta. Artur a abriu e deixou entrar um Rato de aspecto conhecido.

— Primeiro assistente artilheiro Watkingle — Artur reconheceu quando o Rato o saudou e abriu a boca para falar.

— Que maravilha! O senhor se lembrou.

— Obrigado por vir tão depressa — Artur agradeceu. — O capitão explicou o que quero que faça?

— Manter sentinela enquanto o senhor prepara algum tipo de magia — Watkingle respondeu, batendo no cutelo ao seu lado. — E se os seus olhos ficarem amarelos e o senhor começar a agir de modo estranho ou tagarelar de um jeito esquisito, eu devo lhe dar um tapa na cabeça com o cabo desse cutelo.

— Ahn, não exatamente... — Artur começou a dizer. Então ele deu de ombros e assentiu.

“Acho que se meus olhos ficarem amarelos e eu começar a papaguear de jeito esquisito provavelmente seria melhor bater na minha cabeça com força”, pensou.

A luz do sol — ou do teto do Mar Fronteiriço — entrou pela portinhola. Artur se sentou, tirou o espelho, virou-o para a luz e colocou a concha junto do ouvido.

Mais uma vez, Artur tentou pensar em Folha. Algumas imagens surgiram em sua mente: quando a viu pela primeira vez, recusando-se a correr com o irmão, Ed; depois, na casa dela, quando o Magrelo serrou a porta da frente para entrar.

Essas imagens cruzaram brevemente a superfície do espelho e então ele ficou às escuras. Artur sentiu uma mudança no chiado dentro da concha. Ele conseguiu perceber o som de passos, seguido de um acender de fósforos. Uma luz iluminou o espelho, e a escuridão desapareceu.

Artur viu uma mão pálida transferir o fósforo para um lampião. Quando o pavio acendeu e cintilou, viu a imagem de um pequeno espaço a bordo de um navio. Não a mesma área da prisão em que Folha tinha estado antes, embora o teto tivesse apenas 1,20 metro de altura. Esse era um quarto comprido e estreito.

Folha estava dentro dele e parecia muito diferente. Ela tinha uma bandana azul amarrada em volta dos cabelos e estava usando uma camisa de listras azuis, calças pretas e botas marinhas altas cuja parte superior estava dobrada sobre os joelhos. Mesmo na luz bruxuleante, Artur pôde ver que a pele dela estava muito mais escura do que antes, bronzeada por algum sol do outro mundo.

Havia um garoto com ela vestido no mesmo estilo. Ele que tinha acendido o lampião que agora estava pendurado em um gancho no teto.

— Não vejo motivo para que a gente brigue, Alberto — Folha disse. — Eu acho isso meio idiota. Quer dizer, não é que a gente não se dê bem.

— Tradição — Alberto respondeu taciturno. — Eu também não quero brigar, mas o capitão me disse que tem que ser assim. “Grumetes sempre

brigam”, ele falou, “e a senhorita Folha está a bordo há um mês sem uma surra. Cuide disso ou vocês dois podem levar 20 em cima do de 12 libras”.

— O quê?

— Vinte pancadas com a bengala de Paniquim em cima de um dos canhões com balas de 12 libras — Alberto explicou. Ele estava arregaçando as mangas. — O que iria doer muito mais do que qualquer coisa que você pudesse fazer.

— Você só está tentando me deixar zangada — Folha retrucou. Ela não se deu ao trabalho de arregaçar as mangas e, em vez disso, reclinou-se em uma escora interna curva. — Isso não vai funcionar. Estudei psicologia. Sei o que está tentando fazer.

— Acho que é só o que sabe — Alberto disse, embora não parecesse muito sincero. — Estou cansado de tentar lhe ensinar coisas simples que você já deveria saber.

— O quê? Como a diferença entre um mastro grande e mastro da mezena? — Folha desdenhou. — Como se eu fosse precisar saber disso quando voltar para casa.

— Continuo a dizer que você não vai voltar para lá — Alberto falou. — Isso simplesmente não acontece. É melhor você encarar o fato de que agora é uma das crianças do Tocador de Gaita.

— Artur vai me encontrar — Folha replicou. — Ele é o Mestre da Casa Inferior e tudo o mais. Ele vai para casa, cedo ou tarde.

— Claro, e Paniquim vai nos dar uma porção extra de pudim de ameixas por causa do bom trabalho — Alberto caçou e, então, de repente, disparou para frente e deu um soco no rosto de Folha.

— Ai! Mas o que...

Alberto disparou na direção dela novamente, mas desta vez, quando ele desferiu um soco, Folha se abaixou para o lado e prendeu o braço dele, usando a mão esquerda e o braço direito em um movimento obviamente muito praticado. Ela continuou com um movimento giratório do corpo que jogou Alberto para o lado do navio.

Ele caiu com força, e Folha o soltou. Mas, em vez de ficar no chão ou desistir, Alberto se virou e a golpeou outra vez no estômago. Folha caiu para trás ofegante, sem ar nos pulmões.

— Acho que isso vai ser suficiente — Alberto disse, limpando o nariz ensanguentado com as costas da mão. — Enquanto vir sangue, o capitão vai ficar satisfeito, e se você conseguir andar por aí encurvada desse jeito por 1 ou 2 horas...

— Talvez eu precise mesmo, seu idiota — Folha se queixou. — Se você só queria um nariz ensanguentado, por que não falou?

— Achei que seria melhor se o nariz machucado fosse o seu — Alberto retrucou. — Como é que eu ia saber que você é boa de briga? Que truque de luta livre foi aquele?

— Judô — Folha endireitou o corpo e respirou fundo. — E sei muitos outros golpes, portanto, cuidado.

— Agora podemos ser amigos outra vez — Alberto disse, estendendo a mão. — Acho que por uns 3 meses, até que o capitão resolva que precisamos brigar de novo. Ou se recebermos mais grumetes a bordo. Ou recebermos uma lavagem cerebral e tivermos que recomeçar tudo.

— Lavagem cerebral? Isso não parece nada bom — Folha retrucou enquanto apertavam as mãos.

— E não é mesmo. É estranho, agora que estou pensando no assunto. Quer dizer, o Mar Fronteiriço está todo confuso, com Quarta-Feira se transformando em um grande peixe e tudo o mais, mas a lavagem cerebral ainda acontece sempre. Aparece alguém para fazer isso a cada duas décadas. Nunca pensei nisso antes. Não vejo por que alguém iria se importar. Afinal, somos apenas os pirralhos do Tocador de Gaita.

— Vou ter que perguntar ao Artur — Folha disse. — Para começar, também quero saber por que o Tocador de Gaita trouxe vocês todos para cá. E os Ratos Crescidos.

Alberto deu de ombros.

— Nunca pensei nisso. Muita coisa para fazer. Por falar nisso, é melhor a gente voltar para o convés antes que meu nariz pare de sangrar.

Ele baixou a lamparina e a apagou com um sopro. Artur ouviu o som de quando foi recolocada no lugar e os passos suaves dos dois jovens ao se afastarem. Ia parar de espiar quando uma faixa estreita de luz entrou no quadro e ele viu as silhuetas de Folha e Alberto recortadas contra ela. Eles estavam abrindo um alçapão e saindo, mas, quando o fizeram, ouviram-se muitos gritos vindos de cima. Artur levou alguns segundos para discernir algumas palavras entre o tumulto geral.

— Todos a postos!

— É o Calafrio!

Quando Artur ouviu essas palavras, uma estranha onda vermelha atravessou o espelho, como uma camada de óleo cor de sangue se espalhando na água. A imagem escura do interior do Louva-a-Deus Voador foi substituída por algo iluminado por um sol muito brilhante matizado de verde, tão fulgurante que Artur teve que entrecerrar os olhos.

— Você pode usar luvas — disse uma voz vinda de algum lugar dentro da luz brilhante. — Mas ainda posso ver a marca da MINHA MÃO VERMELHA!





Capítulo 19

Artur tentou afastar o olhar, mas uma força invisível agarrou sua cabeça e o manteve olhando fixamente para o espelho.

— Você vai vir até mim — a voz ordenou na luz. Era um pouco mais que um sussurro, mas ecoou na mente de Artur. — Passe a sua mão manchada de vermelho pelo espelho.

Os dedos de Artur se contorceram. Ele os sentiu deslizar na superfície do espelho sem que pudesse controlá-los, toda a sua mão se preparando para mergulhar no vidro prateado. Ao mesmo tempo, através dos olhos semicerrados, viu um rosto surgir da luz. Um rosto enrugado que parecia pertencer a um corpo queimado tirado de um pântano.

— Você roubou de Fugaz e agora me deve uma compensação — sussurrou o rosto, que Artur soube, atemorizado, ser do próprio Fugaz, destruído pela feitiçaria e retorcido por Nada. — Estenda a mão pelo espelho!

— Não! — Artur gritou.

Ele não conseguia fechar os olhos, mas virou a cabeça, deslocando a concha. Mesmo assim, a voz de Fugaz permaneceu, sussurrando em seu crânio.

— Compensação... estenda a mão pelo espelho... estenda a mão pelo espelho...

Artur sentiu uma dor forte na cabeça e a voz desapareceu. O garoto piscou várias vezes e só conseguiu levantar as mãos a tempo de impedir Watkingle de atingi-lo pela segunda vez com o cabo do cutelo.

— Não! Não faça isso! Estou bem!

Watkingle baixou o cutelo.

— Não tinha certeza se bati forte o bastante — ele disse. — Embora eu tenha começado com um tapa leve, como se estivesse batendo numa mesa pedindo uma bebida.

— Obrigado — Artur balbuciou, apalpando o ponto dolorido no alto da cabeça. Ele sentiu uma leve onda de náusea tomar conta dele e engoliu. Concluiu que estava mareado.

— O senhor estava gritando baixinho — Watkingle contou. — Fiquei muito preocupado.

— Eu também — Artur respondeu.

Ele se sentou e olhou ao redor, ignorando uma crise momentânea de tontura. O espelho estava jogado no chão, rachado ao meio. A concha estava esmagada sob seu pé.

Uma lâmpada a gás queimava no canto da cabine, e a luz do sol não entrava mais pela portinhola. O navio estava vibrando com um zumbido baixo e regular, e ele ouviu um som distante como se alguém batesse em um saco de treinamento para pugilistas, mas em descompasso com o movimento do navio.

— Quanto tempo fiquei olhando no espelho?

— Quatro sinos no relógio da tarde até seis sinos no primeiro —

Watkingle contou. — Mais ou menos 9 horas.

— Pareceram minutos. Acho que eles estavam bem longe, nos Reinos Secundários. Fico imaginando onde...

A cabeça de Artur latejava e sua garganta doía, provavelmente por causa dos gritos indistintos que Watkingle tinha descrito. Ele estremeceu novamente ao se lembrar do rosto terrivelmente queimado de Fugaz e sua voz sussurrante.

“Não pense em Fugaz”, disse a si mesmo. “Pense no que precisa ser feito”.

— O Louva-a-Deus Voador estava para ser atacado pelo Calafrio — Artur contou, ainda pensando em voz alta.

— O Louva-a-Deus? — Watkingle repetiu. — Essa seria uma luta curiosa. Ele é um navio comum. Normalmente, piratas não atacam os comuns. Eles podem vencer, mas ficariam seriamente danificados.

— O Fugaz já capturou o Mariposa — Artur contou. — E agora foi atrás do Louva-a-Deus. Eu me pergunto se...

“Ele sabe que tenho alguma coisa a ver com esses dois navios”, Artur pensou, voltando a tremer. “Viu as ligações através da feitiçaria. Estou marcado por sua Mão Vermelha e ele está me procurando. Nunca vou conseguir fugir, nunca...”

— Pare! — Artur disse, batendo o pé são. Sua mente estava fugindo ao controle.

— Parar o quê, senhor? — Watkingle quis saber.

— Deixe pra lá. — Artur obrigou a vozinha de medo em sua mente a se calar.

Atacaria primeiro e, assim que tivesse libertado Will e a Terceira Chave, poderia cuidar de Fugaz sem problemas. Provavelmente. Era quase certo...

— O Tenente Longtayle está acordado? — perguntou.

— Capitão Longtayle — Watkingle corrigiu. — Não é seu turno, mas posso acordar ele se for urgente.

— Não, acho que não tem sentido chamar ele — Artur respondeu. Ele massageou a têmpora com os dedos como tinha visto a mãe fazer muitas vezes. Talvez isso fizesse a dor de cabeça desaparecer. — Qual é o problema em chamar ele de tenente, afinal? O comodoro chamou assim.

— Ele é um tenente em serviço — Watkingle explicou. — Mas é o capitão deste navio e, portanto, sempre deve ser chamado de capitão quando estivermos a bordo, exceto por Ratos de patente superior que estejam discutindo assuntos não referentes ao navio. Entendeu?

Artur balançou a cabeça. Ele não conseguia se concentrar em detalhes esquisitos como esse.

— Vou chamar ele de capitão o tempo todo para me garantir. Acho que devo tentar dormir um pouco.

— Eu dormiria se fosse o senhor — Watkingle concordou. — Sempre durma quando puder, essa é minha regra. Agora, como o capitão mandou que eu ficasse vigiando o senhor para sua proteção, acho que vou me deitar aqui no chão, se não fizer objeção.

— Fique à vontade — Artur disse.

Ele se deitou na cama. “Não vou conseguir dormir de jeito nenhum”, ele pensou. Havia ideias demais fluando em sua mente e medos inquietantes em excesso apertando-lhe o estômago. Todo tipo de preocupação: com Folha, Scamandros, Sol Quente e a tripulação do Mariposa, com o fato de navegar loucamente num submarino para dentro da boca de uma baleia gigantesca...

Artur acordou assustado. O sol brilhava pela portinhola outra vez. Watkingle estava apoiado na porta com a cauda no colo, aparentemente adormecido. Mas, quando Artur se sentou, o Rato abriu um olho e agitou a cauda para o lado.

— Que horas são? — Artur perguntou.

— 10 horas.

Artur esfregou os olhos. Ele ainda estava incrivelmente sonolento.

— Então eu dormi umas 11 horas, não é?

— Não — Watkingle respondeu. — O senhor dormiu os últimos 4 dias.

— 4 dias! Eu... eu não posso... — o garoto balbuciou. — Isso é impossível.

— O capitão chamou o senhor Yongtin para dar uma olhada no senhor quando não acordou na primeira manhã — Watkingle recordou. O Rato se mexeu um pouco e sacudiu a cauda nervosamente. — Ele disse que uma combinação de insulto enfeitiçado e um... hum... golpe na cabeça tinham derrubado o senhor e que ficaria bom em alguns dias. Depois de alguns dias, ele disse que queria abrir sua cabeça e dar uma olhada...

Rapidamente, Artur examinou a cabeça. Não havia ataduras e ele tampouco sentiu cicatrizes ou pontos.

— Se o senhor não acordasse, ele ia fazer isso nesta noite — Watkingle informou. — Para que estivesse bem quando chegássemos a Porto Quarta-Feira.

Artur parou de examinar a cabeça.

— Falta muito para chegarmos?

— Estamos nos aproximando da amurada do cais enquanto conversamos — Watkingle disse, coçou o nariz e acrescentou: — Se o senhor estiver bem, o capitão e o comodoro gostariam de lhe falar.

Cinco minutos depois, Artur estava na grande cabine bebericando um suco de uva-do-monte. Sentia-se surpreendentemente bem. A perna quebrada não doía nem um pouco e se movia com mais facilidade, e a tala de perna de

siri se adaptava para aumentar sua mobilidade. Ele também se sentia animado e muito otimista, não estava mais dominado pelo medo por Folha e os outros.

“Vou fazer o que puder”, pensou. “Não há sentido em me preocupar com alguma coisa antes de tentar fazer o melhor”.

— Sentimos pela pancada na cabeça, lorde Artur — Longtayle se desculpou. — Watkingle estava seguindo ordens, mas talvez o que ele considera um pequeno tapa...

— Está tudo bem — Artur interrompeu. — Se ele não tivesse me batido, Fugaz teria me dominado totalmente.

— Fugaz? O senhor o viu?

— Vi Folha primeiro. O Louva-a-Deus deve ter entrado nos Reinos Secundários, porque ela está a bordo há mais de um mês. Pelo que vi, acho que ela se adaptou muito bem. Mas bem no final eles estavam sendo atacados pelo Calafrio. Foi então que vi Fugaz. Ele estava... muito feio.

— O Louva-a-Deus estava mesmo sendo atacado pelo Calafrio? — Monckton indagou. Ele olhou para Longtayle, sua cauda se erguendo para formar um agitado ponto de interrogação. — Fugaz está ficando muito ousado. Não recebemos nenhuma confirmação desse fato.

— Watkingle disse que o Louva-a-Deus é capaz de manter o Calafrio à distância — Artur contou.

— É impossível dizer — Monckton retrucou. Ele estava visivelmente preocupado. — Se Fugaz estava determinado a vencer, ele provavelmente conseguiu. Pelo que o doutor Scamandros falou, o senhor teve muita sorte em se afastar dele a primeira vez.

— O doutor Scamandros está bem? — Artur quis saber. — Esqueci de perguntar...

— Ele está se recuperando bem — Longtayle respondeu. — Vai se juntar a nós em breve. Então o senhor diz que o Louva-a-Deus estava sendo atacado pelo Calafrio quatro dias atrás, pela hora da Casa? O senhor sabe onde?

— Acho que foi nos Reinos Secundários, mas não tenho certeza.

— Se Fugaz está à procura de vítimas, ele e seus piratas não vão estar em seu porto — Monckton concluiu. — E as suas chances aumentam muito, Artur. Mas há quatro dias, pela hora da Casa... ele pode estar em qualquer lugar.

— Não importa onde Fugaz está — Artur disse, esperando dar a impressão de ter mais coragem do que realmente sentia. — Preciso entrar naquele porto secreto. Principalmente agora, se Fugaz capturou Folha e as tripulações do Mariposa e do Louva-a-Deus e transformou todos em escravos.

“Espero que seja isso o que tenha acontecido”, Artur pensou. “Melhor do que ser morto. Embora talvez o Louva-a-Deus tenha derrotado Fugaz...”

— Temos algumas notícias boas — Longtayle começou. — O Carvão Acelerado chegou e o Balaena está em pleno funcionamento. Acabo de receber uma mensagem via garrafa simultânea confirmando que o submersível vai se reunir a nós em alto-mar em cerca de 10 minutos.

— Não vamos até Porto-Quarta-Feira? — Artur indagou.

— Não — Longtayle confirmou. — O comodoro Monckton e eu decidimos que seria melhor manter sua presença em segredo, principalmente a sua transferência para o submergível. Fugaz certamente tem informantes no porto e eles provavelmente têm meios mágicos de se comunicar com ele.

— Faz sentido. Chegou alguma mensagem para mim enquanto eu estava dormindo? Se vocês já receberam a lata de combustível, a Primeira Dama deve ter recebido a minha carta.

— Não chegou nenhuma mensagem pelas garrafas — Longtayle disse, acenando com um gesto de cabeça. — Entretanto, há um representante da Primeira Dama a bordo do Balaena. É provável que ela tenha algum recado para o senhor.

— Ela? — Artur perguntou ansioso. — O nome dela é Suzy Azul-Turquesa?

Longtayle pegou um rolo de papel do bolso do casaco, desenrolou-o e correu os olhos pelo texto.

— Nenhum nome — revelou. — Apenas uma representante da Primeira Dama.

— Espero que seja Suzy — Artur ajuntou. — Subiu mais alguém a bordo? Como, por exemplo, um velho alto de barba grisalha carregando um arpão?

— Suponho que esteja se referindo ao Marinheiro — Longtayle adivinhou com severidade. — Se ele nos desse a honra de subir a bordo de uma de nossas embarcações, sua presença seria comunicada imediatamente. Nós temos por ele uma estima só um pouco menor do que a dedicada ao irmão, nosso nobre criador, o Tocador de Gaita.

— Então ele não está a bordo — Artur falou. Instintivamente, tocou o medalhão do Marinheiro pendurado no pescoço para se certificar de que ainda estava lá. Não que ele tenha feito alguma coisa, afinal. Pelo menos, até onde tinha conhecimento. Sempre soubera que era improvável o Marinheiro aparecer para ajudá-lo, mas tinha ficado na expectativa. Agora, essa pequena esperança tinha desaparecido completamente.

— Onde está o doutor Scamandros? — indagou.

Parecia cada vez mais provável que teria de entrar sorrateiramente no pequeno mundo de Fugaz sozinho, sem a equipe que imaginara ter ao seu lado para auxiliá-lo.

— Ele já devia estar aqui — Longtayle falou. Foi até a porta e a abriu para espiar a passagem, assustando a sentinela. — Ah, aí vem ele.

O doutor Scamandros entrou alguns segundos depois. Ele parecia o mesmo de sempre, mas estava caminhando com a ajuda de uma bengala de ébano que tinha a cabeça de um papagaio esculpida no lugar do cabo.

— Lorde Artur! — exclamou, usando a bengala para se equilibrar e fazer uma leve reverência. — Estou muito satisfeito em vê-lo recuperado. Não sei como lhe agradecer por ter pedido ajuda bem a tempo para mim, pois ficou claro que sem as atenções amigáveis e grande experiência do senhor Yongtin,

que valeram cada moeda de prata, devo acrescentar, eu teria morrido bem depressa envenenado por Nada.

— Estou satisfeito que o senhor esteja lega... — Artur disse. — Quer dizer, que esteja bem. Você está basicamente bem agora, não é?

— De fato, “basicamente bem” descreve minha condição com bastante precisão.

Artur olhou desconfiado para o pequeno Habitante. Scamandros ainda não tinha endireitado totalmente o corpo depois da reverência e as tatuagens em seu rosto mostravam navios abandonados que mal se mantinham à tona em meio a destroços da batalha, com mastros afundados passando à força entre um emaranhado de escombros cobertos por náufragos desolados.

— Estava esperando que você pudesse me ajudar a entrar no porto secreto de Fugaz — Artur contou. — Mas o senhor não parece bem o suficiente...

— Conversa fiada! — o doutor bufou, estremecendo ao endireitar os ombros e ficar em posição de sentido. Um vento tatuado soprou em seu rosto, e dos navios abandonados brotaram mastros e velas prontas para o uso. — Ora, uma hora ou duas de descanso a bordo do submergível desses gentis Ratos e vou estar tão bem quanto um tripé.

— Você vai passar pelo menos um dia a bordo do Balaena, a menos que Quarta-Feira Submersa mude de curso drasticamente — Longtayle argumentou.

Ao mesmo tempo, Artur perguntou:

— O que é um tripé?

— Aí está, pelo menos um dia a mais de descanso e vou estar pronto para a luta. Quanto aos tripés, são suportes com três escoras que, segundo se diz, são muito firmes, mas na prática costumam cair, portanto, acho que não usei uma boa metáfora.

— O que... ah, não importa. Vou ficar satisfeito com qualquer ajuda que possa me dar. Principalmente se puder me disfarçar. Com magia, quero dizer. Para enganar os piratas.

— Disfarces mágicos? Num estalar de dedos! — o doutor declarou. — Apesar de, para ser totalmente correto, embora eu possa tecer um excelente disfarce sobre você, ele não suportaria o olhar faiscante de Fugaz. Piratas comuns, sim. O próprio Fugaz, não.

— Não tenho intenção de deixar que ele dê uma olhada em mim — Artur murmurou.

Ele olhou para Monckton e Longtayle, que estavam recebendo outra mensagem escrita em um rolo de papel, claramente a mais recente entrega de uma garrafa simultânea.

— Um dos nossos navios está seguindo Quarta-Feira Submersa de perto — Monckton informou, mostrando a baleia cor de marfim no mapa. — Ela está mantendo seu curso normal para essa época do ano, seguindo os padrões dos peixes, e o Balaena certamente vai poder interceptá-la sem problemas. Mas precisamos colocá-lo a bordo imediatamente. Quarta-Feira Submersa se

movimenta muito mais depressa do que qualquer navio, portanto o submergível terá que se posicionar diretamente na frente dela e então seguir a todo vapor a fim de navegar com a grande entrada de água através das barbatanas filtrantes da boca da imensa criatura.

— Barbatanas filtrantes? — Artur repetiu. Ninguém tinha mencionado nada sobre barbatanas filtrantes. — O que... o que é isso?

— Quarta-Feira Submersa em sua forma de leviatã não é apenas uma baleia terrena demasiadamente crescida — Monckton explicou. — Ela tem algumas semelhanças com as espécies maiores. Até onde tivemos condições de verificar, não tem dentes, nem a estrutura com barbatanas típica de algumas baleias. Mas suas mandíbulas têm várias camadas de lâminas perfuradas, formando uma treliça que filtra a água que corre para dentro de sua boca. Os buracos não são grandes o bastante para permitir a entrada de navios maiores do que um brigue, mas o submergível passaria com facilidade. Considerando-se que ele possa mirar um dos buracos, é claro. É possível que o movimento de água também seja rápido demais para que o submergível tenha alguma condição de manobra, fazendo com que ele se choque com as barbatanas. Ou acabe entre as lâminas superior e inferior e seja feito em pedaços.

— Mas o senhor acha que seu submergível tem boas chances de atravessar? — Artur não tinha pensado que seria fácil ser engolido por Quarta-Feira Submersa, mas não tinha considerado a hipótese de ser despedaçado por esquisitos dentes de baleia ou esmagado. — O que acontece depois das lâminas filtrantes? Simplesmente continuamos em frente, seguindo o fluxo até seu estômago? Ele fica totalmente cheio de água ou enche e esvazia como a maré?

— Não sabemos — Monckton admitiu. — Um dos motivos de termos concordado em fornecer o Balaena para a sua expedição, Artur, é que ele vai nos proporcionar novas informações. O Balaena vai nos mandar relatórios pela garrafa simultânea durante o tempo em que... quer dizer, nós vamos estar muito interessados em ver o que mais existe dentro de Quarta-Feira Submersa, além do pequeno mundo particular de Fugaz.

— É melhor subirmos a bordo — Longtayle sugeriu. Uma de suas orelhas se contorceu, e Artur se deu conta de que o Rato estava ouvindo o som dos motores do navio que tinham acabado de ficar mais baixos. — Estamos parando. O submergível deve estar prestes a nos encontrar.

— Submergível Rattus Balaena atracado ao lado! — informou um Rato segundos depois.

— O senhor vem conosco, capitão? — Artur indagou.

— Vou assumir o comando do submergível — Longtayle informou. — Devido à natureza da expedição, toda a tripulação é voluntária. O senhor está pronto para partir, lorde Artur? E o senhor, doutor Scamandros?

— Estou pronto — Artur disse.

— Sim, acho que estou — Scamandros ajuntou.

— Boa sorte! — o comodoro Monckton desejou e ficou parado, saudando os dois enquanto partiam, da mesma forma que o Camareiro e os

Ratos sentinelas.

— Para você também — o doutor Scamandros murmurou ao sair pela porta com Artur.





Capítulo 20

A torre de comando do submergível era a única parte do Balaena visível sobre a superfície. O submarino tinha sido amarrado a estibordo do navio, e Porto Quarta-Feira se encontrava a bombordo, de modo que Artur apenas o viu de relance. Ele estava ainda menos visível por causa da luz cada vez mais fraca vinda do teto distante enquanto a estranha noite do Mar Fronteiriço se aproximava.

Ele viu uma montanha escura de granito na qual tinham sido construídos terraços em dez ou mais níveis, com centenas de casas e prédios espalhados ao longo de cada um. Fachos de luz disparavam para cima e para baixo dos terraços mais altos, marcando o curso dos elevadores que levavam para outras partes da Casa.

Artur não conseguiu ver a entrada do porto, mas viu a floresta reveladora de mastros em meio aos terraços inferiores, deixando claro que o porto adentrava nas profundezas da montanha cercada pelos terraços que serpenteavam ao seu redor.

— Cuidado, senhor! — um Rato avisou.

Agradecido, Artur aceitou a pata que o ajudou a pular do navio para a torre de comando. A sensação transmitida pela pata do Rato era semelhante à da mão de um ser humano, pelo menos através da luva do garoto.

As botas de Artur soavam como sinos na escada quando ele subiu rapidamente para a quilha. O tubo de acesso era muito estreito e um homem adulto passaria com dificuldade, mas não representou problema para o garoto.

O interior do submarino não era o que esperava. Embora a parte externa fosse de metal escuro e cinzento, a interna era revestida de madeira cor de cereja e havia um tapete ricamente desenhado no chão. Artur espiou o motivo na luz relativamente fraca do que pareciam ser lâmpadas elétricas instaladas no tabique. Foram necessários alguns momentos para que percebesse que as linhas harmoniosas continham palavras e que todo o tapete era uma espécie de poema épico. Ou discorria sobre filosofia da empresa. Ele tinha ouvido dizer que algumas companhias estranhas faziam isso em suas sedes. Mas não tinha tempo de decifrá-la.

Havia duas portas, uma na frente, outra atrás, e a primeira estava aberta. Ela também era coberta de madeira, mas Artur notou que o revestimento cobria uma placa de metal de aproximadamente 15 centímetros de espessura.

Um Rato da tripulação fez sinal para que Artur prosseguisse. Ele tinha os pelos rajados, uma espécie de mistura de marrom e preto, e usava um suéter de lã de gola alta que exibia um bordado dourado que dizia *Rattus Balaena* em

volta do pescoço. Também tinha um capacete de couro na cabeça, como os usavam os pilotos de biplanos muito antigos, mas sem os óculos.

— Bem-vindo a bordo, senhor. Por favor, queira vir até a coberta. Não há muito espaço em outro lugar.

Artur se abaixou quando passou pela porta do tabique. O Rato o conduziu ao longo de um corredor muito estreito que tinha portas e janelinhas de vários formatos e tamanhos de ambos os lados, até chegarem a outra porta.

Esta se abria para uma câmara de cerca de 6 metros de comprimento por 4 de largura. Ela também estava acarpetada, mas era possível ver que o tapete tinha sido cortado para que a mobília pudesse ser aparafusada à coberta de metal abaixo.

A frente da câmara era dominada por uma mesa de ponteiros e instrumentos cobertos de vidro, várias rodas e alavancas e um globo de cristal de cerca de 60 centímetros de diâmetro sobre uma base central. Duas cadeiras com encosto de couro estavam posicionadas em cada lado do globo, de frente para os controles.

Os dois terços posteriores da coberta, o que esse aposento obviamente era, podiam ter sido transplantados de um hotel ou café caro, embora com o espaço limitado. Havia seis cadeiras estreitas e elegantes, aparafusadas ao chão em grupos de três, com pequenas mesas entre elas.

Longtayle e outro Rato do submarino estavam nos controles, concentrados na análise de uma lista de verificação. A única outra pessoa — ou ser vivo — presente era uma garota com roupas esquisitas sentada seriamente em uma das primeiras cadeiras de costas para Artur. Ela usava um vestido branco-pérola com mangas bufantes e vários franzidos e babados, encimado por um chapéu branco de abas largas enfeitado por plumas de pavão que quase tocavam o teto. Bebia chá atenta e meticulosamente de uma xícara de bordas douradas.

O coração de Artur ficou apertado em seu peito. Era pequena demais para ser uma Habitante, mas a Primeira Dama obviamente tinha mandado outra pessoa, uma das crianças do Tocador de Gaita de seu agrado. Não a maltrapilha Suzy Azul.

Mesmo assim, ela deveria ter recados importantes. Com um suspiro que nem ao menos tentou suprimir, Artur deslizou entre as cadeiras para abordar a garota.

Ela virou a cabeça com muita elegância quando Artur suspirou. Embora o chapéu enorme lhe encobrisse a face, o garoto reconheceu o rosto inteligente e os olhos escuros que escondia. Ele tropeçou nos próprios pés e bateu a canela da perna sã na cadeira perto dela.

— Lorde Artur, suponho?

Artur recobrou o equilíbrio e franziu o cenho. Ela parecia Suzy Azul, mas a voz estava estranha. E ela certamente não se vestia como Suzy.

— Suzy?

— O meu nome é Suzana — a garota respondeu.

— Suzy Azul-Turquesa — Artur retrucou com mais convicção. Era Suzy, apenas arrumada e bem-vestida e falando com uma voz diferente.

— Suzana Terça-Parte de Segunda-Feira — a garota corrigiu. — Esse é meu nome e posto.

— O que aconteceu com você? — Artur explodiu. — Não acredito que você esteja agindo como... como...

— Uma mortal adequadamente criada — Suzy completou. — Esse é o padrão estabelecido pela Primeira Dama para mim e que estou tentando cumprir. Por favor, sente-se, lorde Artur. O senhor gostaria tomar uma xícara deste chá um tanto forte, mas extremamente refrescante?

Artur sentou com um baque. Ele realmente estava ansioso para rever Suzy e pedir a ajuda dela. Essa garota lindamente vestida e sentada ereta na cadeira podia ser parecida com Suzy, mas talvez também fosse uma impostora, e ele não acreditava que poderia ser de muita ajuda. Provavelmente não iria querer sair do submarino.

— Você tem algum recado da Primeira Dama? — ele perguntou abruptamente.

— Chá? — Suzana devolveu.

— Só os recados, se você tiver algum.

— Oh! Você está apressado e com medo! — Suzy protestou.

Ela pousou a xícara com uma lentidão torturante e pegou uma pequena bolsa de seda de um cor-de-rosa muito delicado no colo. Artur quase não suportou olhar para ela. Suzy Azul-Turquesa era uma aventureira corajosa, não alguém que carregava uma minúscula bolsa cor-de-rosa e dizia “Oh!”

Suzy abriu a bolsa e tirou um minúsculo quadrado de papel que cresceu ao sair e se transformou num envelope maior, de papel duro e pesado, fechado com um enorme lacre de cera que mostrava o perfil sério da Primeira Dama. Sem a coroa de louros, Artur notou.

— Com os cumprimentos da Primeira Dama — Suzy declarou, passando-o para ele com um sorriso totalmente falso.

Artur arrancou a carta das mãos dela. Ao se curvar para quebrar o lacre, viu o doutor Scamandros com o canto do olho. O pequeno feiticeiro estava sendo ajudado a chegar a uma das cadeiras pelo mesmo Rato que tinha trazido Artur.

Na frente, Longtayle e o Rato timoneiro estavam sentados nas cadeiras de controle. Longtayle levou um tubo até a boca e falou dentro dele. Suas palavras amplificadas saíram com estrépito por um alto-falante escondido em algum lugar acima da cabeça de Artur e puderam ser ouvidas ecoando também pelo corredor atrás deles.

— Todos para as estações de mergulho! Seções, avisem quando estiverem seguras!

Artur abriu o envelope. Como a maioria das cartas da Casa, não havia uma folha de papel separada. A escrita estava todo no interior do envelope. Artur o desdobrou completamente e parou para ouvir o som crepitante da voz de outros Ratos ecoando pelo sistema de alto-falantes.

— Casa de máquinas pronta.

— Auxiliares prontos.

— Circulação de ar pronta!

— Torre segura!

— Proa pronta!

Longtayle falou com o Rato timoneiro. Artur começou a ler a carta.

Para Artur, herdeiro legítimo das Chaves para o Reino e Senhor da Casa Inferior, da Casa intermediária, da Casa Superior, das Regiões Afastadas, do grande Labirinto, dos Jardins incomparáveis, do Mar Fronteiriço e dos Territórios Infinitos Além da Casa, comumente chamados de Reinos Secundários.

Cumprimentos de sua fiel serva, Primeira Dama, Amálgama das Partes 1 e 2 (abrangendo Parágrafos 3 a 13) do Testamento de Nossa Criadora Suprema, Grande Arquiteta de Tudo e Procuradora da Casa Inferior e das Regiões Afastadas em confiança Para o Herdeiro legítimo.

Essa missiva é entregue ao senhor pela mão de nossa boa e fiel Senhorita Suzana Terça-Parte de Segunda-Feira. Esperamos que ela o encontre bem.

“Continue logo com isso”, Artur pensou.

Ficamos encantados em saber que o senhor, mais uma vez, decidiu dar prosseguimento à campanha contra os vis e traiçoeiros Dias Seguintes. Não estamos satisfeitos por ter escolhido se aliar à Quarta-feira Submersa, pois tememos que ela oculte seu verdadeiro objetivo. Não confie nela!

Atualmente, estamos cercados por documentos, visto que os Dias Seguintes querem nos manter imóveis e ineficientes debaixo de um dilúvio de tarefas administrativas — uma tática inteligente facilitada para eles pelos milênios de indolência de Segunda-feira.

Entretanto, ficamos satisfeitos em relatar que estamos fazendo progresso em devolver à Casa Inferior um funcionamento eficiente. A reabilitação das Regiões Afastadas começou, com 0,00002% do fosso já cheio.

Não conseguimos localizar o Marinheiro, conforme sua solicitação, mas, como está absolutamente evidente, o Carvão Acelerado foi providenciado para os Ratos Crescidos.

Quanto a esses Ratos, fique atento ao lidar com eles. É possível que eles ainda estejam obedecendo a algum plano obscuro e excêntrico do Tocador de Gaita, que pode se opor aos seus objetivos. Não responda as perguntas deles! A curiosidade deles não tem limites e eles sempre buscam informações que lhes são proibidas. Ao contrário das crianças do Tocador de Gaita, não se encontrou nenhum meio eficiente para fazer neles uma lavagem cerebral, de modo que eles reuniram um número excessivo de segredos.

Artur parou de ler e olhou disfarçadamente para Suzy.

“Então foi isso o que aconteceu com ela”, o garoto pensou. Ele sentiu pena e raiva crescendo dentro dele. “Ela foi submetida a uma lavagem cerebral, e a Primeira Dama permitiu! Ou fez acontecer. A Primeira Dama nunca foi fã de Suzy!”

Suzana notou o olhar de Artur, deu aquele sorriso falso e disse:

— A Primeira Dama pediu que lesse a carta com muito cuidado.

“Não é culpa dela”, Artur pensou ao reprimir uma observação cáustica. A tristeza superou a raiva que sentia. Ele não conseguia olhar para Suzy, portanto retomou a leitura da carta.

Pode-se dizer uma coisa a *favor* dos Ratos Crescidos. Eles cumprem seus Acordos. Apenas é preciso ter cuidado com o que se combina com eles.

Aguardamos mais notícias suas, lorde Artur, e temos certeza de que logo seremos reunidos, por sua mão, com a Terceira Parte do Testamento de nossa mestra suprema.

Até então, continuamos a ser seus servos obedientes e respeitosos.

Que o Testamento seja cumprido.

— Isso foi mesmo uma grande ajuda — Artur disse para si mesmo. Ele começou a dobrar a carta, mas ela mesma se dobrou, chegando a um tamanho não maior do que um selo de correio. Suzy estendeu a mão e Artur entregou a carta para ela, a garota a recolocou na bolsa cor-de-rosa.

Na frente do aposento, Longtayle estava dando mais ordens.

— Levantar periscópio!

O Rato timoneiro mexeu rapidamente nos comutadores e, em resposta, o globo de cristal começou a cintilar. Depois de alguns momentos, ele mostrou uma figura do mar fora do submarino. A metade inferior era apenas água azul, mas a metade superior mostrava a imagem do Rattus Navis IV navegando para longe.

— Girar periscópio.

Artur viu novamente Porto Quarta-Feira de relance quando a paisagem fez uma volta de 360 graus, terminando no mesmo ponto em que começou, com o Rattus Navis ainda se afastando em uma linha reta.

— Levantar periscópio à frente.

A imagem mostrou somente água azul.

— Verificar ré.

A imagem no globo mudou novamente. Ela ainda mostrava quase apenas água, mas um dos cantos da grande montanha escura de Porto Quarta-Feira estava visível.

Longtayle girou na cadeira para observar a ré.

— Estamos prontos para partir, lorde Artur. Quando for conveniente para o senhor.

Artur olhou em volta. Ali estava Suzana, calmamente sorvendo seu chá. Não mais a amiga “que se dane o diabo, pronta para o que desse e viesse”. Lá

estava o doutor Scamandros, parecendo indisposto, com as tatuagens quase invisíveis, mal se movendo. O Marinheiro não tinha vindo.

“E então aqui estou eu”, Artur pensou. “Com um hematoma na cabeça, uma perna numa tala de casca de siri e nenhuma ideia do que fazer quando entrarmos no estômago de Quarta-Feira Submersa e se eu conseguir me esgueirar até o pequeno mundo secreto de Fugaz”.

Longtayle retorceu uma orelha. Artur respirou fundo e disse:

— Vamos!





Capítulo 21

O Rato timoneiro moveu as alavancas e o distante zumbido se transformou numa vibração mais alta, sacudindo o bule de chá de Suzana até que ela o firmou com a mão.

— Motores a todo vapor — Longtayle comandou. — Leme firme enquanto mergulhamos. Descer a 20 braças.

A imagem no globo de cristal ficou repleta de bolhas e de água, lentamente mudando de cor, passando de um azul-celeste a um profundo azul-escuro. O submergível mergulhou em um ângulo descendente, e a bandeja de Suzana deslizou pela mesa até parar na beirada alta, uma característica que Artur não tinha notado antes. A inclinação foi suave e não durou muito depois que o submarino se estabilizou.

— Vinte braças — o timoneiro anunciou. — Velocidade de cruzeiro atingida. Dezoito nós.

— Muito bom — confirmou Longtayle.

— Puxa! — Suzana disse em voz alta, sobressaltando a todos. Ela arrancou o grande chapéu branco e o jogou no chão. — Bem que achei que nunca mais veria o teto com isso na cabeça!

— Suzy! — Artur exclamou.

Ela começou a se levantar e se surpreendeu ao descobrir que um cinto de segurança tinha escorregado ao redor de sua cintura automaticamente quando o submarino mergulhou. Havia um fecho, mas ela levou alguns segundos para descobrir como abrir o gancho e a fivela de bronze antiquados.

Suzy, naquele curto espaço de tempo, tinha arrancado as mangas bufantes do vestido e estava tirando da bolsa cor-de-rosa uma maleta de couro muito malcuidada e com a alça quebrada. Ela abriu o cinto, colocou a maleta no chão e remexeu dentro dela.

— O que você estava fazendo? — Artur quis saber. Apesar de aliviado, estava muito aborrecido por ela ter fingido. — Que história foi essa de Suzana e tudo o mais?

Suzy tirou seu chapéu amassado favorito e o enfiou na cabeça com um tapa na copa que o deixou ainda mais achatado.

— Prometi, entendeu? Velha Primeirona só me deixou vir quando jurei que me comportaria como uma dama educada no Mar Fronteiriço. Assim, eu jurei, mas não estamos mais no Mar Fronteiriço, estamos? Estamos debaixo dele.

— Estou feliz em ver você — Artur confessou. — Quer dizer, a verdadeira Suzy.

— Também é bom ver você, Artur. — Ela cuspiu na mão e a estendeu para um aperto. — E vou ficar ainda melhor quando sair desses trapos ridículos. Acho que não se pode correr dentro disto, o que dirá escalar um muro.

Artur aceitou a mão com alguma hesitação.

— Não cuspi de verdade — Suzy sussurrou enquanto se cumprimentavam. — Só fiz isso para mexer com os Ratos. Eles são muito exigentes para sujeitos que começaram como animais nocivos. Não que eu guarde rancor deles por causa disso. Eles são bons companheiros para todas as crianças do Tocador de Gaita, contanto que isso não lhes custe nenhum dinheiro ou verdadeiros segredos.

— A Primeira Dama não fala muita coisa na carta — Artur disse quando voltaram a se sentar. Ele tentou não se encolher quando o cinto de segurança retornou e se fechou sozinho. — Como vão as coisas? — Quanto tempo faz que deixei você nas Regiões Afastadas?

— Mais de 12 meses — Suzy contou. Ela se serviu de chá descuidadamente, deixando que derramasse da xícara. — E foi uma época bem agitada. Acho que os Dias Seguintes estão mesmo com medo de você, Artur. E da Primeira Dama. Você devia ver as coisas que estão mandando para ela ficar ocupada. Um dos formulários atingiu mais de 2 metros de altura quando as folhas foram empilhadas! Ela só fica sentada absorvendo tudo. É como mergulhar um biscoito no chá. Opa!

— Então eles só estão mandando um monte de papéis? Isso não parece tão ruim.

— Bem, também tem havido assassinos, sabotagem e toneladas de mais Nadicas brotando do chão, e nenhuma ajuda para lidar com eles. — Suzy contou, pescando o biscoito com uma colher. — Está muito mais divertido do que costumava ser. Não que a Primeira Dama me deixe chegar perto de alguma coisa quando pode impedir. Aulas, aulas e mais aulas, essa é a ideia do que considera bom para mim. Estou surpresa por ela ter permitido que viesse para cá. Acho que ela não pôde recusar porque você pediu diretamente. Obrigada.

— Você sabe o que quero fazer?

Suzy assentiu distraída.

— Claro que sim. Ficamos aqui confortavelmente sentados tomando chá com biscoitos até sermos engolidos pela velha baleia Quarta-Feira. Então temos que entrar no mundo particular de um pirata enlouquecido, que está preso nas entranhas de sua senhoria, agarrar outro pedaço do Testamento e depois, o de sempre, só que você acha que Quarta-Feira vai simplesmente entregar a Chave.

— Acho que você falou do principal...

— E dessa vez você está levando um feiticeiro particular — Suzy juntou com ar aprovador. Ela acenou para o doutor Scamandros. — Tudo bem? Sou Suzy Azul. Antes eu era Recarregadora de Tinta.

— Prazer em conhecê-la, jovem senhora — o doutor Scamandros cumprimentou. Ele se inclinou para a frente na cadeira e sentiu o cinto de segurança. Pareceu surpreso e recuou, obviamente pensando que os 30 passos seriam uma distância muito grande para percorrer. — Sou mesmo um feiticeiro, embora, infelizmente, não na melhor forma. Meu nome é doutor Scamandros. Acredito que vou ajudar lorde Artur e a senhorita criando alguns disfarces mágicos para facilitar a entrada de vocês no esconderijo de Fugaz.

— Disfarces? De que tipo? — Suzy perguntou. — Eu não me importaria de usar uma roupa de pirata e algumas tatuagens como as suas.

— Na verdade — Artur disse —, estava pensando em nos disfarçar de ratos. Ratos comuns, se for possível. Quero dizer, como uma ilusão, e não algum tipo de mudança de forma. Não quero ser transformado em um rato. Não que não fosse ótimo ser um rato, se tivesse que ser um...

Artur parou antes de ficar ainda mais constrangido, visto que tinha certeza de que Longtayle e o timoneiro estavam ouvindo cada palavra.

— Você quer que qualquer um que olhe enxergue um rato — o doutor Scamandros adivinhou.

— Sim.

— Pode ser feito — Scamandros tornou. — Mas não tenho nada preparado, então preciso começar do zero. Vai levar algum tempo. As primeiras coisas de que vamos precisar são focinhos e caudas.

— Focinhos e caudas?

— Sim. Focinhos e caudas de rato.

Artur se encolheu quando a orelha direita de Longtayle girou e estremeceu atenta.

— Ahn, não acho que...

— Não, não. Não focinhos e caudas de verdade. Vamos ter que fazer alguns e vou impregnar eles de efeitos mágicos enquanto trabalhamos. Agora me deixe ver. Vamos precisar de bastante papel fino de boa qualidade, uma cola comum e alguns pedaços de papelão. E tinta ativada.

Enquanto falava, o doutor puxou todas essas coisas dos bolsos de seu casaco juntamente com uma tesoura, várias penas, uma faca para afiar penas e uma caixa de rapé esmaltada.

— Você conhece o trabalho de fazer camadas de papel e cola que, quando secas, ficam bem sólidas e tridimensionais?

— Você está falando de papel machê — Artur lembrou. Ele tinha feito máscaras para a peça de fim de ano de sua antiga escola. — Eu fiz isso algumas vezes.

— Vamos fazer focinhos de rato para você e Suzy com cola e papel. Vou escrever em cada camada com Tinta Ativada e gravar com um feitiço de ilusão e informação errada. Esse feitiço vai aumentar sua força a cada camada que, quando completo, vai criar uma ilusão totalmente artificial que irá cobrir o corpo de vocês e mostrar a aparência de um rato a todos os que olharem para vocês. Calculo serem necessárias pelo menos 5 horas para produzir dois focinhos de rato como esses.

— Acho que vamos levar umas 12 horas para chegar perto de Quarta-Feira Submersa — Artur disse. — Então, temos tempo suficiente.

— É possível que precisemos dele — Scamandros respondeu. — Pois os focinhos de rato vão simplesmente enganar os olhos dos piratas, com exceção de Fugaz, como já mencionei. Para apresentar os sons e cheiros de rato para eles, provavelmente teremos que trabalhar em outro feitiço que vai ser instalado nas caudas. Caudas que precisam ser tecidas expressamente com esse objetivo em teares criados tão e somente para esse feitiço.

— Teares? Não são objetos de madeira enormes com montes de fios em uma moldura? — Suzy perguntou. — Pode ser difícil arranjar um aqui, mesmo que você tenha um escondido nesses bolsos.

— Teares nem sempre são grandes — Scamandros argumentou. Ele enfiou a mão no casaco e tirou dois carretéis de linha de não mais de 8 centímetros de altura e 5 de diâmetro. Cada um tinha quatro pregos presos no topo.

— Permitam-me apresentar-lhes as maravilhas do tear circular de Arkruchillor — o doutor Scamandros falou.

— Isso é o que se usa para fazer tricô francês — Artur explicou. — Sei como fazer isso. Ou sabia, antigamente.

— Tricô francês? — Scamandros indagou. — Eu conheço como tecido circular Arkruchillor. Mas não há dúvida de que, como quase todas as boas ideias, esta veio de sua Terra e foi transplantada para Arkruchillor pelos viajantes da Casa. Vocês vão precisar de pequenos ganchos e de linha.

O médico estendeu duas pequenas agulhas de prata com ganchos nas pontas e duas bolas de lã marrom e peluda e então explicou rapidamente como passar a lã pelo carretel, arranjá-la nos pregos e começar a tecer ou tricotar com o uso ocasional do gancho. Após algumas tentativas malsucedidas, Artur e Suzy começaram a produzir grandes quantidades de lã tricotada.

Depois de pegarem o jeito, Scamandros tomou os carretéis de volta.

— Tenho que escrever o feitiço para eles primeiro, e vocês vão ter que recomençar — explicou. — Seja como for, deveríamos fazer os focinhos primeiro. Eles vão tomar mais tempo e também precisam secar.

As 8 horas seguintes foram totalmente usadas em trabalhos manuais, intercalados com pausas ocasionais para o chá ou para ver alguma coisa interessante no globo de cristal. Certa vez passaram por um grande sargaço de objetos recuperados, e todos os tipos de coisas bateram no costado do submarino. Bens há muito perdidos, apreciados pelos donos. Muitos eram brinquedos de crianças, bichos de pelúcia e figuras de madeira que mal se enxergavam, flutuando na escuridão do mar.

Finalmente, o trabalho terminou. Os focinhos de rato pareciam cones de papel machê com bigodes de papel. As caudas de ratos pareciam tranças de 1 metro de comprimento de lã marrom. Mas, se examinadas atentamente, era possível ver as palavras do feitiço de Scamandros se movendo no papel ou na lã. Pequenas letras marchavam ao redor, formando palavras. Artur não conseguia lê-las, mas quando olhou para elas sua mente ficou repleta de ratos.

Ratos normais, do tipo que ele via ocasionalmente saindo às pressas do esgoto perto da estação de trem central em sua velha cidade natal.

— Experimentem — instou Scamandros. — E lembrem, por favor, que devem estar usando a cauda e o focinho para que tenham uma ilusão completa. Se vocês usarem apenas um dos dois, poderá haver algum desequilíbrio no feitiço.

— Como o quê? — Suzy quis saber.

— Basta dizer que, quando colocarem o focinho, devem colocar a cauda imediatamente depois — Scamandros recomendou. — E vice-versa.

Artur pegou um focinho de rato e o prendeu em cima do nariz, amarrando o fio atrás da cabeça. Ele se sentia ridículo, uma sensação que piorou ainda mais quando amarrou a cauda de rato na parte de trás de suas calças.

— Maravilhoso! — Scamandros elogiou. — Diga alguma coisa.

— Eu me sinto um idiota — Artur resmungou.

Em sua opinião, ele estava com a mesma aparência, e sua voz tinha o som de sempre. Mas Scamandros bateu palmas, e Suzy riu.

— Vou experimentar os meus! — declarou.

Artur tirou o focinho de rato e desamarrou a cauda enquanto Suzy colocava seus disfarces. Quando amarrou a corda nas costas, ela desapareceu. Artur piscou e só depois de alguns momentos lhe ocorreu olhar para baixo. Havia um rato perto de seus pés olhando para ele e acenando com a pata cor-de-rosa.

— Funciona! — Artur exclamou.

Suzy reapareceu com o focinho de rato pendurado no pescoço como um estranho colar.

— Esse disfarce podia ter sido útil há alguns anos — ela contou. — Quanto tempo o feitiço vai durar?

— Alguns dias — Scamandros revelou. — O Nada que está na Tinta Ativada vai acabar abrindo caminho no papel e na lã, mas é um feitiço confiável e benfeito, mesmo que eu seja suspeito para falar. Talvez ele dure até um pouco mais.

Artur olhou para Suzy. Ela estava com o olhar sonhador, indicando algum pensamento sobre o uso adicional para o disfarce de rato, além de entrar no pequeno mundo de Fugaz às escondidas.

— Arenques — anunciou o timoneiro. — Ou sardinhas.

Todos olharam para o globo de cristal. De repente, ele ficou repleto de formas prateadas e oscilantes, tantas que Artur teve que olhar fixamente e se concentrar para constatar que o Balaena tinha atingido um enorme cardume de peixes.

— Devemos estar nos aproximando de Quarta-Feira Submersa — Longtayle conjecturou 10 minutos depois, quando os peixes não deram sinal de diminuir. — Ela concentra os peixes em seu caminho com o uso de seus poderes.

Ele apanhou o microfone.

— Todos os tripulantes! Fechar todas as portas à prova de água! Atenção a todas as bombas! Todos usando cinto de segurança aqui? — Longtayle perguntou.

— Sim — Artur respondeu.

— Estamos — Scamandros confirmou.

— Acho que sim — Suzy completou.

Longtayle não saiu de sua cadeira, mas se inclinou em volta para falar aos demais.

— Quarta-Feira Submersa normalmente nada perto da superfície e, segundo nossas observações, sua boca vai de 400 braças acima do nível do mar até aproximadamente 650 braças para o fundo. Calculamos que, se entrarmos a cerca de 30 braças abaixo do nível do mar, devemos ter uma boa chance de encontrar uma abertura nas lâminas filtrantes superiores sem risco de sermos pegos por suas mandíbulas. Na verdade, as lâminas são cavidades em sua maioria, mas vamos ter muito pouco tempo para ver uma e ir em sua direção, se não formos pegos numa corrente extremamente forte.

— Estamos pegando uma corrente agora — informou o timoneiro. — A velocidade da água aumentou para 26 nós.

Longtayle se virou e se concentrou nos controles.

— O que vamos fazer se não passarmos por uma das aberturas? — Suzy indagou.

— Acho que vamos ser despedaçados — Artur respondeu. — Mas, como Longtayle disse, elas são maioria. E a corrente precisa se dirigir para elas ou atravessar elas diretamente. Nós vamos ficar bem.

— O que vai acontecer se não formos totalmente esmagados, mas somente um pouco despedaçados? — Suzy perguntou depois de um momento. — Quer dizer, se ainda estivermos vivos, mas afundando?

— Suzy, por favor, não me faça essas perguntas agora — Artur retrucou com o máximo de calma possível.

Os peixes prateados no globo passavam cada vez mais depressa, e Artur sentiu que o Balaena balançava para cima e para baixo e de um lado para outro, à medida que era carregado pela água que entrava no interior de Quarta-Feira Submersa.

De repente, todos os peixes prateados desapareceram e o globo escureceu.

— Estamos no escuro!

— Força de emergência! — Longtayle disparou. — Luzes do periscópio na popa no máximo!

A luz cintilou no globo de cristal e ficou mais forte. Os peixes prateados não estavam mais passando, mas indo para trás, juntamente com grandes quantidades de algas marinhas e outros objetos que certamente eram salvados. Como o submergível, todos estavam sendo sugados para dentro do estômago de Quarta-Feira Submersa.

Algo atingiu o Balaena e o som forte e profundo ecoou na quilha seguido por uma série de impactos que, juntos, pareciam granizo sobre um

telhado de zinco. O submergível balançou e girou, enquanto o timoneiro e Longtayle manejavam as alavancas furiosamente para mantê-lo estável.

Artur viu o brilho de alguma coisa branca adiante.

— Uma lâmina filtrante!

Longtayle também a viu. Ele e o timoneiro redobram os esforços, fazendo o submergível virar 30 graus e depois se inclinar profundamente, estabilizando-se em seguida com a mesma rapidez. Artur viu a forma branca sólida adiante deles ser substituída por uma cova escura. Cercado por peixes prateados e centenas de pedaços de destroços e fragmentos de diversos tamanhos, o submergível navegou diretamente para ela.

— Entramos! — Longtayle avisou enquanto verificava as imagens na bola de cristal. Todas mostravam paredes brancas e distantes. — Estamos atravessando uma lâmina filtrante.

Ele falou cedo demais. Com um baque ressonante, o Balaena atingiu uma barreira grande o bastante para reduzir muito a velocidade. Todos foram jogados para a frente, apertados pelos cintos de segurança e depois novamente para trás quando o submergível parou totalmente com um ruído agudo.

A água e todos os detritos menores continuavam a passar rapidamente, já não tão depressa, mas o submarino não se moveu, apesar de as vibrações dos motores começarem a balançar o casco.

— Ficamos encalhados — Artur sussurrou.

Encalhados no fundo da água, em um túnel de ossos.





Capítulo 22

— Pare tudo! — Longtayle gritou. As vibrações dos motores pararam, mas o barulho dos destroços batendo no casco continuou, e Artur viu o fluxo constante de pequenos objetos passando no globo de cristal.

— O túnel está obstruído — Longtayle avisou por sobre o ombro. Ele levantou o microfone novamente e disparou:

— Relatório de danos!

Vozes de Ratos responderam, estalando e ecoando por cima das cabeças. Todos confirmaram que não tinha havido danos significativos.

— O que tem na nossa frente? — Longtayle quis saber.

— O aríete perfurou uma parede de madeira — informou o suboficial responsável pela dianteira do submergível. — Parece a lateral de um grande navio mercante atravessado no túnel. Muito sólido.

— Recolha o aríete.

Não houve resposta por cerca de 20 segundos. Artur observou a imagem no globo de cristal. Era difícil distinguir o que havia à frente por causa da grande nuvem de destroços que passava flutuando, mas era possível enxergar uma imagem de madeira coberta por algas escondida pelas sombras.

— Não podemos puxar ele, capitão. Mesmo com a primeira marcha e com todos no sarilho, não é possível puxar ele.

— Então vamos recuar — Longtayle retrucou. — Timoneiro, qual é a velocidade da corrente?

— Dezenove nós.

— Dezenove?

— Está variando entre 18 e 20 nós.

A cauda de Longtayle saiu de trás da cadeira e bateu no chão agitada.

— Qual é o problema? — Artur indagou nervoso.

Ele decidiu que não gostava muito de estar em um submarino. Era fechado demais e, se alguma coisa desse errado, não havia para onde ir...

— Há um navio naufragado entalado nessa abertura da lâmina, e nós passamos direto por ela — Longtayle explicou. — Nosso aríete ficou entalado nele. Normalmente, poderíamos dar ré e tirá-lo, mas nossa velocidade máxima é de 18 nós, e a corrente é mais forte que isso.

— Então estamos mesmo presos?

— Temporariamente — Longtayle garantiu. — Felizmente, temos tempo para lidar com o problema. Há várias opções...

— Estamos afundando, senhor — o timoneiro interrompeu.

— Como? — Longtayle perguntou. — Dentro do túnel?

— Não, senhor. Deve ser o próprio leviatã. A baleia está mergulhando.
— Mas ela quase nunca mergulha! A que profundidade?
— Quarenta e cinco braças. Quarenta e oito. Cinquenta e três...
— Estações de mergulho de emergência! — Longtayle disparou no microfone. — Reforçar todas as portas estanques!

Um coro de “sim, senhor” se fez ouvir nos alto-falantes. Longtayle se inclinou para examinar o medidor com o timoneiro, que continuava anunciando a profundidade mesmo assim.

— Ela está se estabilizando — o timoneiro avisou. — Parou a 67 braças.
— Até que profundidade podemos descer? — Artur perguntou.
— Mais fundo do que isso — Longtayle declarou. — O perigo é que um movimento bem pequeno para Quarta-Feira Submersa pode ser suficiente para nos afundar demais. Imaginamos que ela iria apenas navegar ao longo da superfície como faz normalmente.

— Aposto que ela viu alguma coisa para comer — Artur disse. — Mas por enquanto estamos bem, não estamos?

— Temos que sair dessa abertura na lâmina — Longtayle declarou. — Vamos ficar bem assim que tivermos liberdade de nos movimentar dentro dela. Mas estamos muito no fundo para mandar mergulhadores para fora agora e derrubar a barreira. Talvez, doutor Scamandros, o senhor tenha alguma solução mágica?

Scamandros pigarreou.

— Hummf, infelizmente, nada me vem à mente. A maioria dos meus conhecimentos práticos serve para ventos e ondas, em cima do mar, não debaixo dele.

— Vamos tentar sair daqui aos trancos, então...
— Ela está mergulhando outra vez, capitão.
— Profundidade?
— Setenta e duas braças e continua descendo. Oitenta e duas braças. Oitenta e sete braças. Noventa braças. Noventa e cinco braças.

A voz inexpressiva do timoneiro foi repentinamente abafada por um estrondo metálico e horrível como se alguém tivesse soado um enorme sino. Era tão forte que encobriu todos os outros ruídos. Então, ele diminuiu e se transformou em um conjunto de diferentes baques e guinchos, nenhum muito alto, mas todos muito assustadores.

— Podemos descer mais — Longtayle tranquilizou. Ele parecia confiante, mas Artur viu que a cauda do Rato tinha ficado totalmente branca.

— Cem braças. Cento e duas braças.
— Mande uma mensagem na garrafa — Longtayle ordenou de repente no microfone. — Alcançamos a profundidade de teste. QFS ainda mergulhando.

— Aye, aye — veio a resposta impessoal.
— Doutor Scamandros! — Artur se virou para o feiticeiro. — E se a gente se comunicasse com Quarta-Feira Submersa? Há alguma coisa que o

senhor possa fazer para... para, eu não sei... jogar uma luz no céu para que ela olhe para cima?

Scamandros estava limpando a testa com seu lenço de seda amarelo. Depois de guardá-lo, começou a remexer nos incontáveis bolsos internos do casaco. Na verdade, ele parecia ter mais bolsos do que um casaco poderia comportar.

— Não, não, não vai dar... isso não vai funcionar daqui... nunca dominei esse tipo de coisa... talvez, não, usei lá em cima... preciso poder ver o alvo...

— Por que o senhor não cria uma ilusão de um grande pedaço de rosbife lá em cima — Suzy sugeriu. — Acho que ela iria atrás disso.

— Posso criar a ilusão — Scamandros retrucou irritado. — Mas não consigo levar para fora!

— Cento e seis braças — relatou o timoneiro que se virou e olhou para o capitão e disse com a voz trêmula: — Profundidade máxima de mergulho é de 110 braças.

Artur não precisava perguntar o que significava profundidade máxima de mergulho. Pelos horríveis estrondos e chiados em volta deles, era óbvio. Ele saltou quando um novo som começou e, ao se virar, viu água espirrando do chão.

— 108 braças.

— Quarta-Feira Submersa consegue ouvir debaixo da água? — Suzy perguntou.

— Profundidade limite ultrapassada — avisou o timoneiro. — 111 braças... e mergulhando.

Como se em resposta à sua voz, de repente todas as luzes se apagaram. Artur olhou para a escuridão, esperando a qualquer momento ouvir o casco sendo totalmente amassado... seguido imediatamente pelo choque frio de toneladas de água e, quase no mesmo instante, da morte. Pelo menos seria rápida...

Todos os demais pareciam estar esperando a mesma coisa. Eles ficaram em um silêncio total por uns 10 segundos e então Longtayle falou:

— Ligue o circuito B!

O timoneiro se moveu. Em meio a chiados e assobios constantes, Artur ouviu um interruptor ser ligado e o Rato esbravejar baixinho. Logo, uma luz bruxuleante tomou conta dos filamentos quando as lâmpadas se aqueceram e ficou mais forte aos poucos, lançando um estranho brilho vermelho sobre os passageiros do submarino.

— Profundidade!

Mais uma vez, os passageiros prenderam a respiração. Certamente era impossível ainda estarem afundando ou já teriam sido esmagados.

— 100... 113 braças! Estabilizado!

— O que você disse, Suzy? — Artur indagou.

— Eu disse: “Quarta-Feira Submersa pode ouvir debaixo da água?”

— Aposto que sim — Artur respondeu depressa. — Baleias têm sonar! Elas cantam umas para as outras! Se pudermos fazer um som realmente agudo,

então ela vai... ela vai saber que tem alguém preso em seu maxilar... Isso não vai nos ajudar, vai?

— Por que não? — Suzy quis saber.

— Bem, talvez ela mergulhe ainda mais fundo para se livrar do que estiver fazendo o barulho incômodo.

— 114 braças! — relatou o timoneiro. — Ela voltou a mergulhar!

— Mas também não vai piorar as coisas, vai?

— Faça o que puder — Longtayle ordenou. — A profundidade limite é apenas uma estimativa, mas...

Sua voz foi interrompida quando vários jatos de água brotaram ao mesmo tempo pelas paredes, acompanhados por um terrível e profundo gemido vindo do casco.

— Doutor! — Artur berrou. — O senhor pode criar um grito realmente longo e agudo?

Scamandros já estava desatarraxando a cabeça de papagaio de sua bengala. Ele assentiu ao pegar algo dentro da cabeça e fazer alguns ajustes.

— Tapem os ouvidos!

Artur só teve tempo de colocar os dedos nos ouvidos quando, de repente, a cabeça de papagaio se iluminou com uma luz forte e abriu o bico, emitindo um guincho incrivelmente agudo que durou vários segundos, abafando totalmente os gemidos e urros do angustiado submarino. Scamandros mexia na cabeça de papagaio como se ela fosse uma marionete, puxando pequenas alavancas, e o grito começou a aumentar e diminuir em um ritmo regular.

O timoneiro gritou algo, mas Artur não conseguiu ouvi-lo. O berro do papagaio era tão alto e agudo que chegava a machucar. O garoto sentiu os ossos da face doerem.

A água tocou os pés de Artur. Ele gritou e levantou as pernas. Havia pelo menos 30 centímetros de água no compartimento e ela parecia estar subindo. Então, não tinha funcionado, e todos iam ser esmagados e morreriam afogados...

O chiado parou. Hesitantemente, Artur tirou o dedo de um dos ouvidos, apenas o suficiente para ouvir uma mistura confusa de vozes que incluíam os gritos do timoneiro que tinha perdido toda a calma.

— 100 braças e diminuindo! Ela está subindo! Ela está subindo!

Quer tenha sido uma reação ao grito agudo do papagaio ou não, Quarta-Feira Submersa subiu muito mais depressa do que tinha mergulhado. “Não que qualquer movimento tenha tido algum significado especial para ela”, Artur pensou. Era um pouco parecido com ele abaixando a cabeça 2 centímetros.

— Dez braças e chegando à superfície! Seis braças! Nível do mar! Estamos fora da água. Estamos exatamente fora da água.

Todos observaram o globo de cristal. Toda a água estava saindo da cavidade em que se encontravam, revelando que a obstrução era uma parede de madeira revestida de cobre coberta de crustáceos.

— Ela deve estar levantando a cabeça — Longtayle adivinhou. — Isso vai facilitar as coisas.

Ele pegou o microfone.

— Cox'n, prepare uma equipe de mergulho para trabalhar no exterior. Quatro ratos com machados. Controle de danos, ligue as bombas.

— Aye, aye!

Artur observava o globo de cristal com atenção, portanto foi o primeiro a notar a água voltando de dentro da baleia. Ao mesmo tempo, o submergível balançou e se inclinou na popa, a água que ainda havia na cobertura bateu no tornozelo de todos.

— Estamos no mar outra vez. Nove braços! — gritou o timoneiro. — Mas a corrente se inverteu. Está saindo dela agora a 6 nós.

— Parem a equipe de mergulho! — Longtayle mandou. — Para trás, com toda a força dos motores!

A vibração das máquinas tinha apenas começado quando houve uma repentina vibração muito maior e intensa, uma onda que se chocou contra o submergível e o sacudiu com um som parecido com o da queda de um armário cheio de porcelana. Artur tapou os ouvidos com as mãos quando sentiu o estômago revirar e o sangue subir à cabeça.

— O que foi isso?

— O choque das mandíbulas — Longtayle explicou. — Acho que ela não gostou muito daquele barulho do papagaio. Isso talvez ajude a nos libertar.

— Ou vai nos fazer em pedaços — tornou Suzy alegremente.

A onda de impacto se repetiu mais três vezes, cada qual mais violenta do que a anterior. Artur ficou muito satisfeito de estar sentado e preso com o cinto de segurança, mas mesmo assim foi jogado de um lado a outro da cadeira. O bule e as xícaras de chá já haviam se despedaçado há muito e se juntaram a vários outros objetos que voavam perigosamente pela cobertura. Artur recebeu um corte na face antes de cobrir o rosto com os braços.

— Estamos nos soltando!

Artur olhou para o globo de cristal. A parede de madeira estava se afastando à medida que o submergível dava ré. Todos os destroços ainda flutuavam de volta para fora de Quarta-Feira Submersa, porém mais devagar do que tinham entrado, de modo que parecia que ela tinha parado de se mover e abaixou a boca.

— Periscópio na popa!

A imagem mudou para mostrar o mar aberto atrás deles.

— Periscópio na proa.

O globo piscou e lá estava uma imensa parede de osso branco diante deles, crivada de orifícios.

— O senhor quer escolher uma cavidade, lorde Artur? — Longtayle perguntou enquanto continuavam a recuar para o mar.

— Não! Simplesmente mire um deles!

— Vire a 30 graus e vá em frente — Longtayle ordenou.

O submarino chacoalhou e gemeu quando os motores voltaram a impulsioná-lo para a frente. Muito devagar, o Balaena começou a se mover na direção de uma nova abertura. De repente, houve um estranho aumento na velocidade e tanto as paredes brancas quanto o orifício escuro correram na direção do submersível.

— Ela está nadando para a frente outra vez!

— Firmar leme, direto para aquele orifício!

— Espero que esse não esteja obstruído — Suzy comentou.

— As correntes devem ter limpado tudo — Artur retrucou distraído, tentando ver a imagem do globo de cristal. Eles estavam corretamente alinhados para o novo túnel, mas seria necessária apenas uma pequena mudança para que não o atingissem.

— Deve ter sido um navio grande para ter ficado preso. Nós apenas tivemos azar de bater nele.

— Mas muita sorte por sair novamente — o doutor Scamandros ajuntou nervoso.

— Lá vamos nós! — Suzy gritou. — Direto como uma flecha!





Capítulo 23

Não havia nenhuma obstrução no novo túnel. Ajudado pela correnteza que aumentava a velocidade cada vez mais, o Balaena passou por ele em ritmo regular. Quarta-Feira Submersa estava se movendo outra vez, e água do mar, comida e detritos passavam depressa por sua goela de novo.

O túnel que atravessava a lâmina tinha apenas 100 metros. Quando saíram do outro lado, Artur descobriu que tinha prendido a respiração. Ele soltou o ar dos pulmões, mas não ficou nem um pouco mais aliviado. Era provável haver muitos problemas e obstáculos à frente. E mesmo que conseguissem chegar até Will, o Testamento, ainda teriam que sair novamente.

“O que vai ser difícil”, Artur pensou. “Acho que podemos ir mais depressa para a frente, mas, se a correnteza for muito forte, o Balaena não vai poder sair, a menos que Quarta-Feira Submersa pare durante tempo suficiente...”

Depois de passar pelas barbatanas filtrantes, o Balaena seguiu a correnteza até um lago amplo que havia na boca de Quarta-Feira Submersa. Eles o atravessaram em 20 minutos, os motores se esforçando para manter o rumo enquanto a correnteza ficava mais rápida, com as águas lotadas de comida que se amontoava para passar pela garganta de Quarta-Feira Submersa.

Mas esse trabalho era praticamente rotineiro para o submergível, como navegar em um estuário. A garganta era muito larga e, embora houvesse uma grande quantidade de material sendo carregado no trajeto, não havia nada que representasse uma ameaça para o Balaena. Grande parte eram peixes e todo tipo de criaturas marinhas misturados aos salvados.

Artur tinha até começado a relaxar um pouco quando as bombas tiraram a água da cobertura e Longtyle e o timoneiro retomaram o calmo diálogo habitual de ordens e informações.

Então, a cerca de 3 quilômetros garganta abaixo, sem qualquer aviso, o Balaena foi subitamente levantado e virado num verdadeiro salto mortal. Artur quase escapou das tiras do cinto de segurança e, mais uma vez, foi atingido por destroços voadores, inclusive a tampa do bule de chá, que tiniu como pura prata ao bater em sua cabeça.

Ao mesmo tempo, um estranho formigamento elétrico passou pelo corpo do garoto e as pontas de seus dedos romperam em chamas verdes envoltas em fumaça que desaparecem no momento seguinte em que gritou e começou a sacudir as mãos.

Tudo aconteceu tão depressa que ninguém teve tempo de reagir. Foi como estar num brinquedo desconhecido de um parque de diversões que, de

repente, fazia um movimento circular louco que ninguém tinha certeza de quando iria se repetir.

— Passamos por algum tipo de membrana enfeitiçada — o doutor Scamandros murmurou arquejante.

Seu sobretudo tinha se enrolado em seu pescoço, e ele estava com dificuldade para recolocá-lo no lugar.

— Todos os medidores de pressão reajustados — o timoneiro informou. — Segundo este, estamos a apenas 5 braças da superfície e tem ar acima de nós. Não observamos nenhuma correnteza. Águas calmas ou quase isso.

Longtayle coçou a orelha.

— Suponho que atravessamos algum tipo de válvula. Leve-nos para perto da superfície.

— Aye, aye, senhor.

Minutos depois, a imagem no globo de cristal revelou a superfície do mar dentro de Quarta-Feira Submersa, ou o grande lago. Ele estava iluminado por um brilho rosado vindo do alto do estômago bem acima, um brilho que o doutor Scamandros sugeriu vir da reação de grãos de Nada com partículas da Casa, ambos engolidos por Quarta-Feira e aglutinados nas paredes de seu estômago.

— Muito perigoso — o feiticeiro acrescentou, olhando fixamente para o globo com fascinação e medo. — Há Nada demais. Se um número suficiente deles conseguir se desprender das partículas da Casa e se concentrar...

— Podemos procurar qualquer coisa, como... bem, qualquer coisa grande o bastante para ser o pequeno mundo de Fugaz? — Artur perguntou.

— Gire o periscópio.

A imagem no globo de cristal se moveu ao redor lentamente. No início, revelou apenas mais trechos monótonos e esverdeados do mar. Logo depois, surgiu um repentino clarão de cor, brilhante o bastante para fazer Artur piscar.

Ali, a alguns quilômetros de distância, havia um domo cintilante saindo do mar. Um domo com 900 metros de altura e 8 ou 9 quilômetros de diâmetro, cujas laterais multicoloridas cintilavam com todas as cores do espectro como uma gigantesca bolha de sabão ao sol.

— Paredes Imateriais — o doutor Scamandros comentou. — Um excelente trabalho, especialmente nessa escala.

— É isso — Artur murmurou. — Tem que ser. Agora precisamos encontrar a entrada.

— Mantenha-nos perto da superfície — Longtayle instruiu. — Vamos proceder a uma circunavegação e verificar se tem alguma coisa visível. Periscópio na popa.

— Provavelmente vai haver guardas em algum lugar — Suzy arriscou. — Ou armadilhas, ou coisa parecida. Quer dizer, é o pequeno mundo secreto de um pirata, não é? Se fosse meu, eu teria guardas e armadilhas por todo o lado.

— Tomara que não — Artur retrucou. — Quer dizer, ele fica dentro de uma baleia gigantesca, para começar, e Fugaz vem e vai por meio de feitiçaria. Não é como se eles estivessem esperando que alguém entre, além dos escravos recolhedores que mandam para o mar.

— Por falar em escravos recolhedores, acho que tem um ali — Longtayle disse, apontando para uma figura obscura no globo. — Mas não está se movendo...

Artur se inclinou para a frente para enxergar melhor. Havia um vulto com aspecto humano parado, imóvel no fundo do estômago.

A medida que o submergível se aproximava e suas luzes atravessavam a água escura, a figura ficava mais clara. Mais que um humano, era um humanoide. Com cerca de 2,10 metros de altura, ele tinha um rosto humano, barba e cabelos longos, mas nos braços nus e musculosos brilhavam escamas verdes, e os dedos eram ligados por nadadeiras.

— Um Nisser — Longtayle constatou. — Mas petrificado ou congelado.

— O que é um Nisser? — Artur quis saber.

A criatura tinha sido imobilizada com a mão estendida, os dedos prontos para agarrar alguma coisa. Parecia zangada, sua boca estava aberta e exibía vários dentes pequenos e afiados.

— Guardas de Quarta-Feira Submersa — Longtayle contou. — Como os Comissionários da Casa Inferior ou os Servos Alados da Noite da Casa Intermediária.

— Esse aí sobreviveu — Suzy murmurou. — O senhor acha que podemos acordar ele?

Scamandros colocou os óculos com lentes de quartzo na testa, espiou o globo e sacudiu a cabeça.

— Ele está bem preso com laços sofisticados. Eu poderia soltar ele, mas não com facilidade, e não debaixo da água.

— Acho que foi Fugaz — Artur conjecturou. — Ei! Tem outro perto dali.

— Dez graus a bombordo, devagar à frente — Longtayle instruiu. O submergível virou e avançou para perto do domo multicolorido. Sua luz se espalhava na água, obscurecendo os fachoos brancos da frente do veículo. Em seu ondular de cores, havia uma silhueta escura. Outra Nisser, desta vez congelada no instante em que tinha erguido o tridente para um golpe mortal.

— E outros dois — Suzy viu. — Ali, bem perto do domo.

Ela apontou para dois pontos escuros minúsculos na extremidade mais distante do alcance do periscópio. Mas, quando o Balaena se aproximou, foi possível ver que as duas figuras não eram Nissers, mas Habitantes, vestidos em trapos e agrilhoados nos tornozelos, tendo uma longa corrente coberta de algas estendida entre ambos. Os dois seguravam ancinhos compridos cujas pontas de metal se encontravam repletas de flocos e cachos de metal.

Artur ficou ao mesmo tempo horrorizado e fascinado por ver que os ossos dos Habitantes eram, até onde podia dizer na luz multicolorida, de um

dourado opaco.

— Interessante — Scamandros falou. — Habitantes não costumam se decompor. Acho que esta água deve conter ácidos estomacais como os de uma criatura mortal. Ou deve ser o resultado da contaminação por Nada. Suponho que esses dois sejam escravos arrastadores de destroços.

A cauda de Longtayle se agitou. Artur o viu olhar em volta da cobertura como se pudesse ver sinais do mar corrosivo afetando o submergível.

— Isso nos lembra de uma questão importante — Longtayle comentou. — Precisamos supor que as águas deste estômago são perigosas para o Balaena, portanto não devemos nos demorar. Receio que só possamos lhe dar 12 horas, lorde Artur. Depois disso, precisamos tentar sair do leviatã.

— São 12 horas a partir do momento em que entramos? — Suzy perguntou.

— A partir de agora — Longtayle informou.

Artur assentiu. Ele ainda estava olhando fixamente para o globo. Havia algo na parede multicolorida bem atrás dos dois esqueletos. Quando olhava com o canto do olho, via algo que podia ser o vão de uma porta em arco. Mas, quando olhava de frente, só enxergava círculos de cor que giravam e mudavam como óleo em uma poça na estrada.

— Alguém mais está vendo uma porta? — perguntou. — Uma abertura em arco de mais ou menos 2,40 metros de altura bem atrás do esqueleto à esquerda?

— Não — Suzy respondeu.

— Não — Longtayle ajuntou.

O doutor Scamandros colocou os óculos na testa e olhou atentamente para onde Artur estava apontando.

— Hummm, uma abertura em arco... sim... sim, existe uma membrana bidirecional que atravessa a Parede Imaterial engenhosamente disfarçada. Como você a descobriu, Artur?

— Eu só estava olhando — o garoto respondeu. — Mas só consigo ver ela com o canto do olho.

— Um talento útil — o doutor Scamandros retrucou. — Especialmente para o senhor, lorde Artur. Eu devia me habituar a olhar pelo canto do olho. Nunca se sabe o que pode haver ali, invisível.

— Se há uma porta ali — Longtayle começou —, é melhor deixarmos o senhor descer, lorde Artur, e encontrarmos um esconderijo para o Balaena.

— Como vocês vão saber que é hora de voltar para nos buscar? — Artur quis saber.

Longtayle procurou no bolso e tirou uma pequena caixa de madeira. Ele a abriu e mostrou uma minúscula garrafa verde envolta em algodão para Artur.

— Esta garrafa só pode ser usada uma vez — ele disse. — Seu par está aqui. Ela pode enviar apenas uma palavra que já se encontra dentro dela. Tudo o que precisa fazer é tirar a rolha, e a mensagem vai sair. Assim que a recebermos, viremos buscá-lo. Se alguma coisa nos acontecer e não pudermos apanhá-lo, a garrafa vai virar pó.

— Obrigado — Artur agradeceu e virou a cabeça para olhar o globo de lado. A porta em arco ainda estava lá, a cerca de 5 metros de distância. — Doutor Scamandros, essa membrana na Parede Imaterial... isso significa que vai ter ar do outro lado da porta?

— Provavelmente, mas não é certeza.

— O senhor tem um daqueles pregadores de roupa enfeitiçados? Sabe, aquela coisa de “mil e uma respirações”?

— Receio que não, Artur. O que Aurora de Quarta-Feira arrumou já falhou?

Artur concordou e olhou novamente para o globo.

— Não é longe — Suzy constatou, corretamente adivinhando que Artur estava preocupado em percorrer, debaixo da água, a distância do submergível até a porta. — Tem que ter ar do outro lado, mesmo que tenhamos que subir para buscar.

— Contanto que a água não nos dissolva ou queime — Artur refletiu. Ele sabia que estava adiando a partida, mas não conseguia evitar. — E se houver uma armadilha, das que você falou antes?

— Nem... você tem razão — Suzy replicou. — Por que se incomodar, se você está dentro de uma baleia?

— Espero que esteja certa — Artur disse. — Ou eu. Certo, acho que é melhor irmos.

Ele apanhou o focinho e a cauda de rato e começou a colocá-los.

— Por falar nisso, essas coisas são à prova de água?

— Hummm? — resmungou o doutor Scamandros, que estava olhando para a parede do domo outra vez.

— Elas são impermeáveis?

— Claro! Lembre-se de que sou um feiticeiro do mar. Todos os talismãs e feitiços que fiz desde que me apresentei ao Mariposa têm se mostrado altamente confiáveis diante da dissolução pelo solvente universal!

— Então eles não são exatamente à prova de água — tornou Suzy, enquanto Artur ainda tentava entender o que Scamandros dissera. — Quanto tempo eles vão aguentar depois de ficarem totalmente encharcados?

De repente, a tatuagem de um navio que navegava no rosto de Scamandros bateu em uma rocha e afundou, embora tivesse conseguido lançar os botes, que se afastaram na direção do queixo.

— É muito incomum exigir impermeabilização total — Scamandros resmungou, torcendo o nariz. — Eu diria que esses talismãs suportam uma imersão de 4 a 5 horas na água do mar normal. Menos, nesse líquido nocivo. É claro que é o papel que corre o maior risco, apesar de que fios de lã, quando molhados, também...

— Obrigado, doutor — Artur interrompeu. — Se quisermos ir, é bom sairmos já.

“Melhor acabar logo com isso”, ele pensou. “Pelo menos, vou estar fora deste caixão de metal...”

— Há uma câmara de escape perto da proa — Longtayle avisou. — Vocês vão ter que sair um de cada vez.

— Eu vou primeiro! — Suzy se adiantou.

— Não, não vai — Artur se opôs. — Desta vez eu saio primeiro. É minha responsabilidade.

Suzy deu de ombros e inclinou o chapéu, deixando Artur ir para a porta dos fundos do tabique à sua frente.

O submergível era mais comprido do que Artur tinha imaginado. Tendo visto apenas a torre de comando e a coberta, ele se surpreendeu pelo tamanho do corredor que tinham que percorrer e as muitas portas que atravessaram. Mas eles encontraram apenas outro Rato que esperava os dois em uma porta identificada como ESCAPE DORSAL POSTERIOR. Artur se surpreendeu ao ver que era o primeiro ajudante de artilheiro Watkingle.

— Você é voluntário?

Watkingle sorriu, fato que pareceu um tanto assustador em um rato de 1,20 metro de altura.

— Sempre seja um voluntário, esse é meu lema, senhor — ele afirmou.

— Nada dessa pieguice de “não se meta em problemas”. Ora, quando penso nas coisas que posso ter perdido...

— Obrigado, Watkingle — Longtayle disse em um tom conciliador. — Leve lorde Artur e a senhorita Suzy à câmara de escape.

— Aye, aye — Watkingle concordou.

Ele virou a cabeça ligeiramente para que Longtayle não pudesse ver e piscou para Artur antes de virar a tranca da porta e abri-la. A câmara do outro lado parecia um box muito pequeno com uma portinhola no teto em vez de um chuveiro. Ao lado da portinhola, havia duas alavancas. Uma estava pintada de amarelo, a outra era vermelha. Uma placa de bronze na portinhola avisava em letras de 3 centímetros: PUXAR AMARELA. AGUARDAR IMERSÃO ABAIXO DA LINHA VERMELHA. PUXAR VERMELHA.

— O procedimento para saída de emergência da embarcação é simples e direto — ensinou Watkingle numa voz monótona. — Primeiro, deve-se entrar na câmara e fechar a porta. Ela vai se trancar automaticamente e não poderá ser aberta do lado de dentro. Segundo, pegue a alavanca amarela com uma pata e puxe. Ela vai abrir uma válvula e a câmara vai se encher de água. Terceiro, quando o nível da água atingir a linha vermelha pintada em volta da parede, respire uma vez normalmente. Não respire várias vezes nem respire fundo. Então, pegue a alavanca vermelha com uma pata e puxe. Ela vai abrir a portinhola de saída. Quarto, dê impulso e nade para fora. Entenderam?

Artur olhou para dentro da câmara. A linha vermelha ficava a uns 10 centímetros do topo. Ele teria que se agachar um pouco e manter a cabeça abaixada para que o rosto ficasse fora da água para aquela última respiração. A portinhola era grande o bastante para que passasse sem problemas.

— Tudo bem — ele disse. — Entrar, puxar alavanca amarela, esperar até a água atingir a linha vermelha, respirar, puxar alavanca vermelha, nadar para fora.

— Isso mesmo, senhor — Watkingle concordou.

— Vou nadar até a porta e sair — Artur disse para Suzy. — Encontro você do outro lado.

— Isso parece divertido — Suzy se animou, esfregou as mãos e ajuntou: — Vai me deixar ir na frente?

— Não — Artur negou. — Você NÃO pode ir na frente. Acho melhor colocarmos os disfarces agora.

Ele prendeu o focinho de rato e amarrou a cauda. Quando olhou em volta, Suzy estava junto de seus pés já transformada em rato. Artur imaginou que também estivesse parecido com um.

— Estou pronto — anunciou.

Suzy guinchou alguma coisa para ele.

— O quê? — ele perguntou quando se deu conta de que pareciam e soavam como ratos um para o outro e todos os demais.

Artur tirou a máscara de rato e desamarrou a cauda.

— Não vamos poder falar um com o outro enquanto estivermos usando isso — constatou. — Então, quando estivermos lá dentro, me siga.

Suzy guinchou e logo voltou a ser ela mesma de novo, segurando seu focinho de rato.

— Como você quiser — ela respondeu.

Antes que Artur pudesse ter certeza de que ela falava sério, a amiga voltou a se transformar em um rato.

— Estou falando sério — Artur ameaçou. — Me siga... quer dizer, fique atrás de mim.

Ele recolocou o focinho de rato, tornou a amarrar a cauda e entrou na câmara de escape. A porta se fechou atrás dele e Artur ouviu o pesado ferrolho sendo fechado.

Em seguida esfregou as mãos repentinamente suadas nas calças, verificou se o Atlas e o convite de Quarta-Feira estavam seguros em suas Botas Imateriais e estendeu a mão para a alavanca amarela.

A água entrou com rapidez surpreendente. Ela não manchou nem dissolveu suas roupas, mas tinha um cheiro forte de ozônio. Artur mal teve tempo de registrar esse fato antes de a água atingir a linha vermelha. Ela já tinha chegado à altura de seus olhos antes mesmo de puxar a alavanca vermelha. No mesmo instante, a portinhola acima se abriu com um estalido.

Desajeitado, deu impulso no chão com a perna sã e não saiu da câmara de escape de uma só vez. Ele teve de subir se apoiando na parede até chegar a uma espuma de bolhas formadas por um restinho de ar misturado com o ar que ficara preso sob suas roupas.

Orientando-se pela linha da cobertura do submargível, Artur se dirigiu para onde a porta deveria estar. A luz multicolorida do domo era muito mais brilhante quando vista diretamente, de modo que por um momento Artur não viu a entrada em arco nem com o canto dos olhos. O pânico começou a tomar conta dele até que se acalmou com o simples pensamento de que, mesmo não

encontrando a porta, tudo o que tinha a fazer era nadar até a superfície. Apesar de que, se fizesse isso, poderia ser difícil mergulhar e voltar.

Então ele viu a porta um pouco para a esquerda de onde imaginou que estaria. Artur já começava a sentir falta de ar, mas estava acostumado com essa sensação. Ele deu um impulso mais forte, estranhando a perna envolta na tala de pata de siri e deu braçadas mais fortes.

A entrada em arco ficou mais próxima. Ao olhar para baixo, Artur viu que a camada de destroços e sujeira abaixo dele continha muitos ossos, crânios despedaçados e pedaços de correntes enferrujados. Indícios de vários, possivelmente centenas, de recolhedores escravos que não tinham conseguido retornar ao pequeno mundo de Fugaz...

...ou tinham sido expulsos para morrer no ventre do leviatã.





Capítulo 24

Artur chegou à porta. Quando a tocou, as cores de arco-íris desapareceram e foram substituídas por um cinza sem brilho. Ainda mais perturbador foi ver sua mão atravessá-la como se nada existisse ali.

O garoto não parou. Deu outro impulso com os pés, atravessou a entrada cinzenta e aterrissou em um chão de pedra molhado.

— O que foi isso? — uma voz indagou.

Artur rolou sobre o corpo e se sentou, pronto para avançar. Encontrava-se em um enorme aposento com paredes de madeira. Na verdade, mais um barracão ou celeiro, pois a extremidade oposta era completamente aberta e deixava a luz forte do sol entrar.

Havia quatro Habitantes sentados em uma estranha variedade de cadeiras de diferentes estilos e épocas ao redor de uma mesa muito polida que até para Artur pareceu uma antiguidade inestimável. Todos os Habitantes usavam roupas vistosas e elegantes, porém mal combinadas, misturando de túnicas militares do século 20 usadas na Terra a capacetes cintilantes, encaroçados e de aspecto extraterrestre. Cada centímetro de pele visível estava tatuado, e todos carregavam pelo menos três facas no cinto, além de manter bestas curtas com cabos de pistola no chão perto das cadeiras.

— O que foi isso? — repetiu outro Habitante.

Artur se moveu muito devagar na direção da parede. Não havia onde se esconder, nada no aposento com exceção da mesa e das cadeiras, mas havia uma faixa estreita de sombra ao longo do canto onde a parede se encontrava com o chão.

Um dos Habitantes se levantou.

— Achei ter ouvido alguma coisa perto do portão de água.

Artur se agachou na sombra.

“Vai levar algum tempo até esvaziar a câmara de escape e ela ficar pronta para Suzy sair”, pensou. “Mas talvez ela nade mais depressa do que eu. Se ela chegar agora, o Habitante vai ver ela, com certeza, mesmo como um rato...”

— Sente! É sua vez!

O Habitante sentou devagar e prestou atenção ao que quer que houvesse na mesa. Artur percebeu que se tratava de algum tipo de jogo de tabuleiro com peças cintilantes feitas de ouro e pedras preciosas. Não era xadrez, pois ele não reconheceu as peças, e todos os quatro Habitantes estavam jogando. Cada um tinha uma pilha de papel à sua frente que mudava de mãos com frequência. Não era dinheiro, apenas pedaços de papel mal rasgados e cobertos de rabiscos.

Artur rastejou ao longo da parede, pensando furiosamente. Se Suzy saísse naquele momento e eles a ouvissem, tentaria distraí-los.

— O que foi isso?

O mesmo Habitante se levantou novamente. Artur olhou em volta e viu um rato correr pelo chão, para longe da entrada em arco.

— Um rato!

Todos os Habitantes saltaram das cadeiras que voaram para o chão. Ao se abaixarem para apanhar as bestas, Artur correu direto para eles. Sem hesitar, ele pulou na mesa, virou o tabuleiro com o pé e saltou novamente para o lado oposto, quase tropeçando quando uma dor aguda percorreu sua perna quebrada, mesmo sustentada pela tala de siri.

— Outro rato!

— Ele é meu!

— Cuidado com a besta!

A flecha da besta passou zunindo à esquerda de Artur, mandando lascas de pedra para todos os lados. Ele ziguezagueou, e outra flecha passou raspando por sua orelha. Mas logo estava do lado de fora, debaixo do sol brilhante, parado no chão coberto de areia salpicado de pedras. Tinha um grupo de palmeiras nas proximidades, o primeiro de uma fileira que se estendia ao longo da península estreita até a ilha.

Artur disparou na direção da palmeira mais próxima, continuando a ziguezaguear, mas não houve mais disparos. Quando ficou atrás do tronco, arriscou a olhar para trás.

Os quatro Habitantes estavam parados na entrada do galpão e recarregavam as bestas. Aparentemente não pretendiam perseguir Artur.

Não havia sinal de Suzy. Artur observou o chão com a respiração ofegante à medida que aumentava seu medo de que ela tivesse sido atingida por uma flecha. Depois de respirar algumas vezes sem conseguir encher os pulmões, Artur tentou se acalmar.

“Esta é uma bolha dos Mundos Secundários”, ele disse para si mesmo. “A bolha está dentro da Casa, mas contém um fragmento de um Reino Secundário. Talvez mesmo da Terra. É o que parece. Portanto, posso ter um acesso de asma aqui. Tenho que ser cuidadoso. Não devo me esforçar demais...”

Um guincho repentino perto do pé fez Artur pular. Ele olhou para baixo. Um rato fazendo gestos com as patas olhava para ele.

— Suzy! — ele exclamou, antes de lembrar que ela só ouviria um guincho.

Suzy guinchou de volta com insistência. Artur traduziu os sons corretamente como: “Vamos indo!”

Ele se virou e, andando rapidamente em vez de correr, foi até a palmeira seguinte e depois para a próxima. Enquanto andava, olhou para a frente, tentando comparar a geografia do local com o mapa que tinha visto.

Havia um porto à sua direita. Artur viu o casco de pelo menos uma dezena de embarcações empilhadas ao longe. Totalmente destruídas ou quase

isso. Mais perto, porém, flutuando presos às âncoras, estavam o Calafrio e o Mariposa. E, pior de tudo, lá estava o Louva-a-Deus Voador, as velas enroladas, seu esplendor verde amortecido.

“Então Fugaz capturou Folha”, Artur murmurou para si mesmo. “Se ela já não estiver morta”.

Ele parou, protegido por um grupo de palmeiras, para recuperar o fôlego e olhar em volta com mais facilidade.

Havia meia dúzia de edifícios baixos de pedra amontoados ao redor do cais; armazéns, com certeza. No alto da pequena colina que começava ali, estava o forte de Fugaz, um edifício com base de terra e pedras em forma de estrela em que se viam canhões em vários níveis. Do lado oposto e debaixo das armas, havia três prédios de madeira em ruínas, pouco mais que galpões compridos, com buracos no lugar de janelas.

“Alojamentos dos escravos”, Artur pensou.

Havia poucos sinais de vida. O brilho ocasional do capacete de uma sentinela no forte ou algum movimento a bordo do Calafrio. Mas os alojamentos dos escravos estavam em silêncio. A brisa soprava na direção de Artur, porém ele não conseguia ouvir nada, com exceção do grito queixoso de alguma ave marinha. Procurou as aves, lembrando-se dos corvos marinhos negros que tinham voado da boia para avisar Fugaz, mas nenhum pássaro estava visível.

Afastando o olhar, Artur se concentrou nas colinas onde a Rata Crescida espiã tinha anotado Seguidores da Carpa, Escravos Fugidos em seu mapa.

As colinas eram muito mais altas do que esperara, talvez mais de 300 metros, e também eram cobertas pelo que parecia uma floresta densa ou tropical. Não seria fácil escalá-las ou encontrar alguém lá, principalmente se estivesse tentando ficar escondido.

Suzy guinchou alguma coisa para ele, saltou para cima no mesmo lugar, uma atitude que Artur interpretou como: “Vamos logo com isso”.

Ele continuou a andar rapidamente até o próximo grupo de palmeiras. Respirava com facilidade, mas sabia que não podia se arriscar. Não tinha trazido nenhum medicamento. Nada de inalador ou paramédicos com broncodilatadores e oxigênio ou pronto-socorro nas proximidades.

Suzy guinchou novamente e deu um salto mortal, mostrando impaciência.

— Não posso ir mais depressa — Artur explicou, mesmo sabendo que ela ouviria apenas um guincho e deu de ombros.

Aparentemente, suas palavras acalmaram Suzy por ora. Ela parou com a agitação e caminhou ao lado de Artur tranquilamente. Eles andaram de uma touceira de palmeiras a outra, para se garantir, e a cada 50 metros, aproximadamente, Artur parava para ouvir e olhar ao redor. A península em que estavam ficava a aproximadamente 1,5 quilômetro do porto, de modo que ele calculou que estavam relativamente seguros.

Depois de algum tempo, deixaram a península e passaram a andar pelo continente, onde as palmeiras e o chão coberto de areia davam lugar a uma

terra escura e compacta com várias pedras que afloravam à superfície e árvores com folhas cinza-esverdeadas atrofiadas e inclinadas pelo vento. Estas se espalhavam pelo chão e dificultavam a tarefa de andar, principalmente quando Artur ocasionalmente se flagrava achando que estava muito menor do que na realidade e acabava batendo a cabeça num galho. Isso o perturbava, pois sugeria que os disfarces de rato do doutor Scamandros estavam exercendo algum efeito não só em quem os observava, mas também em quem os usava. Mas Artur não podia se preocupar com isso. Concentrou-se em avançar na direção das colinas, atento a piratas ou corvos marinhos ou outras coisas que pudessem estar a serviço de Fugaz e em manter a respiração sob controle.

As árvores definhadas com folhas cinza-esverdeadas não duraram muito tempo. À medida que o terreno continuava a subir, a terra nua e as pedras foram substituídas por folhas mortas, samambaias pequenas e maiores e grandes árvores de troncos claros que subiam direto por 4 ou 5 metros antes de estender os galhos e formar uma copa densa que reduzia grandemente a luz e o calor do sol.

A umidade do ar também estava muito maior e, aproximadamente a cada 10 metros, havia pequenos regatos sobre os quais tiveram que saltar geralmente em um terreno macio que não era bem lama — ou, se era, estava coberto por uma camada generosa de folhas, samambaias e detritos da floresta que a tornava mais sólida.

Leves sons ocasionais se faziam ouvir nessa vegetação verdejante, mas nada muito assustador, e Artur não tinha visto pegadas ou outros sinais de que os piratas tinham alguma vez saído de suas moradias no porto. Ele também estava começando a pensar em si mesmo cada vez mais como um rato, de modo que, quando chegaram a uma clareira que, em sua opinião, marcava o primeiro estágio de sua subida pela colina, parou e tirou a máscara e a cauda de rato.

Suzy não tirou o disfarce. Ela farejou em volta dos pés do amigo e então se sentou sobre as patas traseiras, guinchando. Finalmente, Artur se inclinou, pegou o rato pelo focinho e pela cauda que pareciam de verdade e puxou os dois.

De repente, quando percebeu que estava beliscando o verdadeiro nariz de Suzy e puxando um pedaço solto de tecido de seu vestido rasgado, Artur a soltou.

— Puxa, eu daria tudo por um pedaço de queijo — Suzy suspirou enquanto massageava o nariz. — Acho que o doutor deixou esses feitiços muito fortes. Eu só estava seguindo você nos últimos metros porque você era outro rato e pensei que talvez soubesse onde havia comida.

— Pelo menos, eles funcionaram bem, a princípio — Artur retrucou. Ele olhou para o céu e depois para a subida. Ainda era possível ver o mastaréu da gávea do Louva-a-Deus e uma mancha azul que era o porto externo. Os prédios do porto não eram visíveis e estavam obscurecidos por um cume mais abaixo. Mas, no vale embaixo, viu uma grande mancha circular marrom-escura cercada de um amarelo vivo e se deu conta de que devia ser a cavidade nasal

do esqueleto que tinha visto desenhado no mapa. Um lago de lama que o desenhista do mapa também tinha indicado com a palavra Nada e um ponto de interrogação.

Depois de observar o lago por alguns segundos, Artur deduziu que a lama devia ser quente, pois enormes bolhas apareciam na superfície em constante movimento enquanto a lama se agitava e virava.

— Aposto que isso cheira mal — Suzy comentou, olhando para o lago. — Ainda bem que o vento está soprando para o outro lado. Para onde vamos agora?

— Acho que estamos na metade da primeira colina — Artur respondeu. — Mas não tenho muita certeza. Onde será que esses Seguidores da Carpa ficam? Quer dizer, aonde você iria se quisesse escapar dos piratas? Além de longe do porto, o que já fizemos.

— Para o alto — Suzy conjecturou. — Eles são Habitantes, certo? Eles sempre querem ir para cima. Dentro da Casa, o lado de cima é bom. Quanto mais alto, melhor. É por isso que os superiores, como os Meios-Dias e outros parecidos, se transformam em seres altos. Eles têm uma queda por esse tipo de coisa. Na verdade, é meio bobo, só dificulta conseguir roupas que sirvam.

— Para cima — repetiu Artur. — Faz sentido. E espero estar bem para continuar subindo.

— O que aconteceu? — tornou Suzy. Ela não tinha passado nenhum tempo com Artur nos Reinos Secundários quando ele não tinha a Chave.

— Eu tenho uma... acho que você pode chamar de doença respiratória — Artur contou. — Às vezes, ela se manifesta quando faço muito exercício. Como esse pequeno mundo faz parte dos Reinos Secundários, posso ter uma crise.

— Como pneumoconiose? — Suzy perguntou claramente interessada. — Ou tosse comprida?

— Talvez — Artur respondeu. — Mas não se preocupe com isso. Agora eu estou bem. Devagar e sempre, é assim que vamos andar.

— Sem os disfarces de rato?

Artur concordou com um gesto de cabeça.

— Vamos ficar bem aqui em cima. Mas é melhor guardar os disfarces caso a gente precise deles para sair.

Depois de um rápido descanso, eles prosseguiram. A floresta tropical se fechou novamente quando deixaram a clareira, e não havia trilhas visíveis. Artur simplesmente andou por onde a vegetação rasteira estava mais aberta ou rala, mas sempre seguia para o alto.

Depois de aproximadamente outra meia hora abrindo caminho colina acima, Artur parou para mais uma folga. Ele queria esperar até que chegassem a uma clareira, mas não havia sinal de nenhuma e ele tinha que descansar.

— Não tem muita coisa para ver, não é mesmo? — Suzy perguntou. — E tem um cheiro ruim também.

Artur farejou o odor intenso da floresta.

— São só folhas e galhos caídos se decompondo — ele explicou. — Gostaria de saber se os Seguidores da Carpa tinham construído casas ali em cima ou se viviam em cavernas ou alguma coisa desse tipo. Não dá para sobreviver muito tempo vivendo só em barracas.

— Podia ser pior — Suzy replicou. — No fundo do fosso ou no depósito subterrâneo de carvão na Casa Inferior.

— Ou recolhendo salvados para Fugaz — Artur ajuntou. Ele estava pensando em todos os ossos dourados espalhados do lado de fora do domo. — Eles não devem durar muito fazendo isso.

— Quem falou de Fugaz? — retumbou uma voz vinda da vegetação. Uma voz profunda e poderosa treinada para se fazer ouvir na mais violenta tempestade.





Capítulo 25

— Quem falou de Fugaz?

Artur e Suzy se levantaram de um salto e puxaram as armas. Mas não havia sinal da pessoa que tinha falado. A floresta em volta deles estava calma e silenciosa.

— As pessoas nunca olham para cima — a voz continuou. — Não é interessante?

Artur olhou para cima, a espada preparada. Havia um Habitante bem no alto da árvore mais próxima, preso com a ajuda de esporas com ganchos nas botas e o que pareciam ser luvas com garras, embora Artur não soubesse ao certo se eram luvas ou as verdadeiras mãos do Habitante. Ele estava usando uma camisa e calças caqui com manchas esverdeadas de musgo, uma camuflagem eficiente para a floresta, especialmente quando o musgo parecia ter sido espalhado também pela pele do habitante.

— Agora, as perguntas de sempre — o Habitante continuou. — E o aviso de sempre. Respondam corretamente ou vão morrer onde estão. Ou, para dizer a verdade, morrerão um pouco mais tarde, porque nossas flechas, embora com pontas molhadas em lama contaminada por Nada, não são muito eficazes.

Artur olhou em volta enquanto o Habitante falava. Ele ouviu um farfalhar na vegetação ao redor e avistou vários outros Habitantes usando roupas caqui e verde-musgo aproximando-se deles. Eles carregavam arcos curtos. Não bestas, mas simples arcos e flechas.

— Somos amigos — Artur avisou. — Estamos procurando os seguidores da Carpa.

— É possível esperar as perguntas? — indagou o Habitante em cima da árvore. — Por favor, vamos agir corretamente.

— Claro — Artur concordou.

Suzy bocejou e se sentou.

“Habitantes”, ela resmungou para si mesma.

— Vocês são ou já foram piratas alguma vez na vida? — o Habitante perguntou.

— Não — Artur respondeu.

— Vocês fazem algum tipo de serviço para o pirata Fugaz?

— Não — Artur continuou.

— Vocês acreditam na Carpa?

— Ahn, não sei bem o que quer dizer. Eu quero conhecer ela...

— Isso é um “não”? — o Habitante indagou.

Artur olhou de lado para os Habitantes armados de arcos, que estavam preparando as flechas e puxando as cordas.

— Nós acreditamos na Carpa, não é mesmo, Suzy?

— Claro — Suzy concordou. — Eu acredito em qualquer coisa que quiser.

— Você precisa ter fé na Carpa — o Habitante retrucou. A declaração foi repetida num sussurro em toda a volta.

Artur assentiu vigorosamente várias vezes, indicando que tinha toneladas de fé na Carpa.

— Agora, também para registro, digam seus nomes.

Artur pensou durante um instante.

“Se a Carpa for quem eu penso que é, não posso errar. Mas, se não for, então...”

— Este aqui é lorde Artur, Mestre da Casa Inferior, Lorde das Regiões Afastadas, Herói da Casa, Comedor do Biscoito e Herdeiro Legítimo de tudo isso — Suzy contou, levantando-se outra vez. — E eu sou Suzana Terça-Parte de Segunda Feira, portanto, é melhor ser um pouco mais respeitoso, se não se importa.

— É mesmo? — perguntou o Habitante na árvore. — Quer dizer, tenho fé e tudo o mais, mas você é mesmo o Herdeiro Legítimo?

— Sim — confirmou Artur. — Eu sou. Pode nos levar até a Carpa?

— E você vai resgatar todos nós do domínio de Fugaz?

— O quê?

— Vai nos resgatar, como a Carpa diz que vai fazer?

— Ahn, antes preciso falar com a Carpa.

— Quantos de vocês estão lá? — Suzy indagou, olhando fixamente para um ponto entre duas ou três árvores onde cada vez mais Habitantes pintados de verde se tornavam visíveis à medida que saíam dos esconderijos.

— Setecentos e setenta e nove, de acordo com a última contagem — o Habitante informou ao escorregar pelo tronco de árvore, soltando lascas da casca com os ferrões das botas.

Ele aterrissou e fez uma reverência com um movimento suave.

— Permita que eu me apresente. Sou Jebenezzer, primeiro seguidor da Carpa, antes segundo oficial de Naiad, que seus ossos de madeira apodreçam no espaço.

Antes que Artur pudesse responder, uma Habitante deu um passo à frente e fez uma reverência, declarando:

— Sou a segunda seguidora da Carpa e me chamo Penina!

— Sou o terceiro seguidor — gritou outro mais atrás. — Meu nome é Garam. Tenho fé na Carpa!

Seguiu-se uma cacofonia de vozes, em que Habitantes gritavam seus nomes, suas posições numéricas como seguidores e várias declarações de fé na Carpa, na crença de que o Herdeiro Legítimo viria e outras coisas que Artur não ouvia por causa do alarido.

Enquanto gritavam, os Habitantes se aproximavam cada vez mais. Um número cada vez maior saía da vegetação até que uma verdadeira multidão avançava na direção de Artur.

— Ahn, acho que gostaria de ver a Carpa agora mesmo — ele pediu ao recuar para junto de um tronco de árvore. Muitos Habitantes tinham se esquecido de guardar suas flechas envenenadas com Nada e havia inúmeras pontas de flecha enlameadas e afiadas apontadas diretamente para ele.

— O Herdeiro Legítimo manda todos darem três passos para trás — Suzy gritou, mas mesmo sua voz aguda se perdeu no tumulto.

— Sou o nonagésimo quinto seguidor...

— Centésimo sexto...

— Acho que...

— Fé na...

— A Carpa! A Carpa!

— Três passos para trás! — rugiu Jebenezer em um volume comparável ao melhor grito de Sol Quente.

Os Habitantes então pararam, depois de alguma desordem, e recuaram. Artur respirou fundo, não conseguiu encher os pulmões e se concentrou em ficar calmo.

— Lorde Artur quer ver a Carpa — Suzy declarou.

— Estou com um pouco de pressa — Artur acrescentou com um leve chiado na voz.

Ele olhou o relógio. Estavam fora do submergível há 2 horas e tinham 10 horas até a partida do Balaena. E, naquele momento, quase 800 Habitantes pensavam que ele também iria fazer alguma coisa por eles.

— Claro, senhor! Me siga! — disse Jebenezer. Ele empurrou dois habitantes para o lado e gesticulou para que os outros abrissem caminho para Artur no meio da multidão. — Eles estão apenas animados, senhor, pois a maioria está presa nesta ilha há muito tempo e tem medo de ser recapturada. Fugaz afunda escravos capturados.

— Afunda? — Suzy perguntou.

— No Lago Quente — Jebenezer continuou. — Se a lama não afogar você ou o calor não queimar o seu corpo, as partículas de Nada dão conta do recado. O Nada é rápido, é claro, ou deveria ser. Mas Fugaz não deixa isso acontecer. Ele tem um laís de verga armado para poder descer você um pedaço por vez, como uma perna, ou seja lá o que for. Normalmente são as mãos. Ele gosta de começar com as mãos...

— Já entendi! — Artur interrompeu muito tenso. Cada minuto desperdiçado podia representar uma calamidade, e ele já tinha muitos problemas para resolver e decisões a tomar. E ainda havia a asma espreitando...

— Onde está a Carpa? — Suzy indagou. — Longe daqui?

— Ora, a Carpa está debaixo de nossos pés, senhora — Jebenezer retrucou. — Quando a Carpa começou a libertar os escravos, isto é, os primeiros vinte, que sou eu, Penina, Garam, Obelin, Herush, Pepertoe, Thin Edric e...

— Talvez seja melhor deixar os nomes para mais tarde — Artur interrompeu. — Só me conte o principal.

— Bem, quando a Carpa nos libertou dos grilhões na calada da noite, nós a pegamos e trouxemos para estas colinas. Ela disse que, se tivéssemos fé e olhássemos em volta, iríamos encontrar um abrigo, uma fortaleza onde estaríamos a salvo de Fugaz. E, verdade seja dita, logo encontramos uma imensa caverna que tem nos servido de casa desde então. E a Carpa disse que precisávamos ter fé em que o Herdeiro Legítimo viria um dia e levaria todos nós de volta para a Casa. E pode me dar um soco se isso não estiver acontecendo, e o fato de eu ainda estar aqui sem ter sido dissolvido pelo Nada ou com meus ossos descorando lá no Estômago? Aqui estamos.

O Habitante parou diante do que parecia ser a frente de um penhasco, uma seção vertical de rocha amarela-clara, generosamente coberta com o mesmo musgo ou líquen verde que crescia em suas roupas e pele.

— É só atravessar, senhor. Parece sólido, mas se o senhor acreditar que essa é uma porta, como a Carpa diz, então vai haver uma porta.

— A Carpa parece uma grande chateação — Suzy resmungou em voz baixa para Artur. — E uma impostora também. Aposto que ela fez a entrada da caverna ter essa aparência e continuou com toda essa conversa fiada de crença.

— Esse musgo não vai crescer em nós, vai? — Artur perguntou a Jebenezer.

— Ah, não, senhor! — o Habitante garantiu. — Esse é o musgo especial da Carpa, isto é, não é um musgo qualquer. Ele precisa ser cultivado para crescer corretamente, isso mesmo.

Artur fechou os olhos e deu um passo à frente, estendendo as mãos diante do rosto no caso de bater no penhasco coberto de musgo.

Depois de dar 4 ou 5 passos e não se chocar repentinamente contra a rocha, Artur abriu os olhos. Ele se viu em meio a uma escuridão suave, iluminada aqui e ali, por fracas luzes verdes. Algumas delas se moviam, incluindo um grupo de luzes verdes e brilhantes próximas, acima da cabeça de Artur.

— O musgo é luminoso! — constatou.

— Aye, ele brilha na escuridão para iluminar nosso caminho — Jebenezer contou —, assim como a Carpa.

— Ele não ilumina muito bem — Suzy criticou. — E não vejo caminho nenhum.

Artur olhou em volta, mas só conseguiu enxergar uns poucos metros à frente. Contudo, a julgar pelo eco da voz de Suzy e as manchas de luzes verdes imóveis e em movimento, deduziu que tinha que estar dentro de uma enorme caverna em algum lugar perto do topo. Parecia que ela se estendia para baixo e para trás por algumas centenas de metros.

— O caminho até a Carpa é um pouco difícil — admitiu Jebenezer. — Mesmo com as nossas luzes. É melhor eu ir na frente. Talvez queira segurar no

meu cinto, senhor. Senhorita, Suzy, por favor, segure a barra do casaco de lorde Artur.

Suzy resmungou alguma coisa que Artur sentiu que provavelmente não gostaria de ouvir. Ele estendeu a mão e enganchou dois dedos na parte de trás do cinto de Jebenezer. Com uma das pernas não tão ágil quando deveria, embora a tala de siri estivesse funcionando muito bem, não quis correr nenhum risco no escuro. Sentiu Suzy agarrar a barra de seu casaco logo depois.

Como um trem improvisado, iniciaram uma caminhada lenta e desajeitada para baixo. Quase o tempo todo, Artur não via onde estava a trilha estreita ou até onde poderia cair, mas de tempos em tempos havia um grande pedaço do musgo cintilante no ponto exato para iluminar o perigo.

Apesar desses clarões momentâneos de luz e terror, eles chegaram ao fundo da caverna sem incidentes. Pela primeira vez, Artur olhou para trás e ficou assustado ao ver uma longa fileira de luzes verdes em movimento, ziguezagueando atrás deles. Parecia que todos os quase 800 seguidores da Carpa estavam descendo pela trilha. Todos muito quietos em contraste com os gritos dados no exterior.

— Chegamos à Carpa — Jebenezer sussurrou. Ele apontou para a frente, indicando um caminho reto iluminado por pedaços de musgo luminoso uniformemente espaçados. Na extremidade oposta, talvez a uns 60 metros de distância, havia uma luz dourada e suave que piscava ocasionalmente com um brilho vermelho como se houvesse um fogo distante captado por um espelho.

— A estrada até a Carpa é reta. Não há nenhum perigo — Jebenezer garantiu. — O senhor deve ir na frente a partir daqui e nós o seguiremos.

Artur soltou o cinto de Jebenezer e começou a andar lentamente na direção da luz vermelho-dourada. Ele estava tendo dúvidas de última hora a cada passo. A Carpa seria realmente a Parte 3 do Testamento? E se fosse outra entidade poderosa, algo como o Velho no Depósito de Carvão? Alguma coisa estranha, forte e perigosa que estava esperando outro tipo de Herdeiro Legítimo, alguém totalmente diferente.

Ao se aproximar, Artur viu que a rua iluminada de verde terminava em uma faixa totalmente escura. Além dela, havia um tipo de arena ou teatro rebaixado, uma concavidade profunda com terraços nas laterais onde os Habitantes poderiam se sentar. A luz vermelho-dourada vinha do fundo da concavidade, e ele não podia enxergar sua fonte.

Artur atravessou a escuridão e desceu até o primeiro terraço, parou por um momento e olhou para baixo. A luz vinha de um enorme aquário de vidro de cerca de 6 metros de diâmetro com uma tampa de bronze que parecia fixada ao vidro de alguma forma. O aquário estava cheio de água límpida e efervescente e, na água, estava o maior peixe dourado que Artur já tinha visto. Ele tinha 3 metros de comprimento e 1,5 de altura, com imensos olhos saltados e longos fios que lembravam bigodes pendurados de sua boca.

Artur desceu até o próximo terraço e ao seguinte. Passou por quarenta antes de chegar ao mais baixo e parar na frente do aquário de vidro. O peixe

dourado observou a aproximação, apenas balançando para cima e para baixo. Ele não parecia muito inteligente. Artur pigarreou com alguma dificuldade e falou.

— Meus cumprimentos! Eu sou Artur, escolhido pela Parte 1 do Testamento para ser o Herdeiro Legítimo da Casa!

— Eu sabia que você estava vindo — a Carpa disse, e suas palavras ecoaram misteriosamente em volta de toda a arena. Sua voz tinha um timbre estranho e podia ser de uma mulher de voz grave ou de um homem com voz fina. — Exatamente como disse aos meus seguidores. Mantenham-se fiéis à sua fé, e o Herdeiro Legítimo virá. O pirata Fugaz será derrubado e nós vamos voltar para a Casa!

— Você é a Parte 3 do Testamento, não é mesmo? — Artur indagou. Era difícil enxergar através do vidro curvo, mas ele podia ver que o peixe era, na verdade, composto por minúsculas letras brilhantes que se moviam em linhas. Sua pele era como o desenho detalhado de uma nota de dinheiro. De longe, parecia ter uma cor sólida, mas, quando se chegava bem perto, via-se do que era feita.

— Na verdade, eu sou — a Carpa respondeu, deu uma volta no aquário e voltou para olhar Artur. — Qual é mesmo o seu nome?





Capítulo 26

— Artur!

A Carpa soprou uma enorme fileira de bolhas e um estranho som cacarejante e gorgolejante encheu o ar. Artur precisou de alguns momentos para perceber que o peixe dourado estava rindo.

— Só estava brincando, lorde Artur! Não sou um peixe dourado, embora tenha o corpo de um. Apesar de ser verdade que eu dependo de escravos recém-fugidos para ter notícias da Casa e dos Reinos além desta ilha-prisão, ouvi falar de seus feitos heroicos!

— O senhor não leu aquele livro a meu respeito, leu? — o garoto quis saber. — Porque não é verdade...

— Não li livro algum — a Carpa interrompeu. — Só ouvi histórias. Agora, me fale sobre os navios que esperam para entrar neste pequeno mundo, e as legiões reunidas para assaltar o forte do vil Fugaz!

— Ahn, somos só Suzy e eu — Artur contou. — Tivemos que entrar escondidos pela barriga de Quarta-Feira. No submarino dos Ratos Crescidos.

— Só vocês dois? — a Carpa se espantou. Deu quatro voltas rápidas em seu aquário, acalmou-se e tornou a se dirigir a Artur. — E vocês negociaram com os Ratos Crescidos? Você é muito ousado, lorde Artur. Mas espero que meus seguidores possam derrotar os piratas depois que você matar Fugaz.

— Eu não estava planejando encontrar Fugaz — Artur contou. — Eu só planejei entrar aqui, encontrar o senhor, o Testamento, e sair às escondidas outra vez. O submergível está esperando para nos tirar de Quarta-Feira Submersa. Então ela vai poder libertar vocês e me entregar a Chave. Quando ela estiver comigo, posso cuidar de Fugaz. Tenho que resgatar meus amigos nas cabanas dos escravos, se ainda estiverem vivos, assim como os seus seguidores, mas não posso fazer isso imediatamente.

— Tenho fé — a Carpa murmurou. — Mas há limites. Por que não trouxe a Primeira e a Segunda Chaves com você? Não sinto a presença delas.

— Porque quero continuar humano — tornou Artur zangado. — Não quero me transformar em um Habitante. E isso é tudo culpa de sua estupidez, afinal. Quer dizer, é culpa do Testamento. Nunca quis me envolver, mas agora tenho que resolver isso tudo. Eu não queria, mas é o que tenho que fazer! Assim, que tal me ajudar em vez de se queixar?

A Carpa começou a nadar em círculos novamente e não respondeu. Mas Artur ouviu um estranho som sibilante. Ele olhou em volta e viu que os seguidores da Carpa tinham começado a entrar no anfiteatro e se sentar nos terraços em ordem numérica. Suzy e Jebenezzer estavam bem atrás dele.

O esquisito som sibilante vinha dos Habitantes reunidos que, indignados, respiravam ao mesmo tempo. Mas, antes que pudessem dizer alguma coisa ou começar a atirar objetos, o que alguns deles pareciam ter vontade de fazer, a Carpa parou de nadar em círculos e foi direto para o vidro, perto de Artur.

— Você é o Herdeiro Legítimo, proclamado pelas duas partes do Testamento que me precedem. Não há dúvida sobre isso. Assim, devo ajudar você a me ajudar. É uma pena que as coisas não tenham sido arranjadas de outra forma, mas acredito que assim todos vão sair ganhando. Como pretende me levar para esse submergível?

“Boa pergunta”, Artur pensou.

— Ahn, pensei que você pudesse... se movimentar... melhor. Pode sair desse aquário?

— Minha forma atual foi determinada pela Terceira Chave, como parte de meu aprisionamento — a Carpa revelou. — Se você tivesse as outras Chaves, poderia me libertar, mas isso são águas passadas. O aquário foi acrescentado depois por Fugaz. Como Herdeiro Legítimo, desconfio que você poderia me livrar do aquário, mas eu só conseguiria me agitar desajeitadamente no chão.

Artur coçou a cabeça com as duas mãos e resistiu ao impulso de puxar os cabelos ou dar tapas na testa.

— Então, como os escravos trouxeram você para cá? — Suzy perguntou. — Você e esse aquário devem ter sido uma carga e tanto, mesmo para 20 Habitantes.

— Tanto eu quanto meu aquário éramos menores na época — a Carpa contou. — Quando o número de seguidores aumentou, eu também cresci, refletindo o culto a mim.

— Então você pode fazer com que seu corpo e o aquário encolham? — Artur perguntou.

— Eu poderia — a Carpa admitiu —, mas para minha posição não seria conveniente aparecer menor do que sou.

— Encolha — Artur ordenou. — Não tenho tempo para discutir sobre isso. Fique tão pequena e leve quanto puder.

— Não se fala assim com a Carpa! — protestou alguém um ou dois terraços acima.

— Artur é o Herdeiro Legítimo — a Carpa argumentou. — É meu dever obedecer às ordens dele, não importa como sejam dadas. Devo diminuir até chegar a um tamanho transportável.

— É a primeira vez que vejo uma parte do Testamento adotar uma atitude sensata — Suzy resmungou.

— Ainda temos que voltar ao portão de água — Artur ajuntou, pegou a caixinha e verificou a garrafa verde em seu interior. Satisfeito, constatou que estava intacta. Isso significava que o Balaena não tinha tido problemas. Pelo menos, não ainda. — E também temos que passar pelos 4 piratas.

— Posso pedir que meus seguidores cantem enquanto encolho? — pediu a Carpa.

— Claro, o que quiser. Eles também podem dançar, se quiserem — Artur concordou. — Mas, por favor, andem depressa.

— Canto de Fé Número 81 — a Carpa instruiu. — Vou diminuir meu corpo e o aquário enquanto cantam e no fim vou estar realmente minúsculo.

— A canção é muito comprida? — Suzy perguntou.

— Apenas uns cem versos e o coro repetido outras tantas vezes — a Carpa informou. — Vou dar o tom.

— Não — Artur interferiu. Ele estava muito agitado e tenso, como se cada segundo perdido fosse vital. — Você tem 2 minutos. Por favor, simplesmente encolha. Também vamos precisar de ajuda para lutar contra os guardas do portão. Assim, Jebenezzer, talvez você possa escolher uns dez...

O garoto parou no meio da frase ao pensar melhor. Os Habitantes que iriam lutar contra os guardas no portão de água nunca poderiam voltar às colinas. Eles teriam que acompanhar Artur no Balaena.

— Não, apenas quatro dos seus melhores arqueiros devem vir... para nos ajudar a passar pelo portão.

Artur se virou para olhar para todos os Habitantes verdes e luminosos sentados nos terraços e ergueu a voz.

— E, se eu conseguir sair e pegar a Terceira Chave, prometo que vou voltar! Vou fazer de tudo para que todos sejam levados de volta para a Casa, mesmo que tenha que usar a Escada Improvável para chegar lá.

Esse discurso não provocou vivas entusiasmados, mas os Habitantes pareceram um pouco mais felizes. Artur suspirou e se virou para olhar a Carpa. E foi surpreendido. Não havia mais um aquário imenso com uma carpa gigante em seu interior. Havia apenas Suzy e Jebenezzer.

— O quê?

Jebenezzer ergueu uma coisa que parecia um vidro de geleia cheio de água com um peixe dourado de 5 centímetros nadando em círculos em seu interior.

— Está bom assim? — a Carpa perguntou. A voz ainda era forte e onidirecional.

— Obrigado — Artur agradeceu. Era uma expressão de gratidão sincera. — Jebenezzer, você pode carregar o Testamento... quer dizer, a Carpa... e nos levar para fora daqui? E pode nos conseguir os quatro arqueiros?

— Eu posso — Jebenezzer concordou. — Mas... mas o que vai nos acontecer quando o senhor for embora com a Carpa? São apenas os poderes dela que deixam essa caverna segura contra Fugaz. Quando o pirata souber que a Carpa se foi, vai atacar, e sua feitiçaria vai invadir nosso lar.

“Por que tudo é tão difícil?”, Artur pensou. “Já é ruim o suficiente eu não poder resgatar a Folha e as tripulações do Mariposa e do Louva-a-Deus. Agora também tenho que me preocupar com todos esses Habitantes. Aposto que heróis que tinham que derrotar apenas dragões e monstros nunca tiveram

que se preocupar com populações inteiras e seus amigos, sem mencionar o que poderia acontecer com a família deles em casa...”

— Vou voltar assim que puder — prometeu Artur. — Talvez vocês devessem se separar e se esconder por todas as colinas.

— É preciso ter fé — entoou a Carpa.

— Precisamos ter fé — repetiram os seguidores.

— Acho que se separar e se esconder também pode ser útil — acrescentou Suzy. — Quer dizer, fé é ótimo e tudo o mais, mas vocês precisam ser práticos.

A Carpa parou de nadar em círculos e observou Suzy por um momento.

— Tudo fica bem quando se tem fé — garantiu. — Mas, para estimular essa fé, meus seguidores, devo fazer um teste. Depois que eu partir, vocês devem se espalhar pelas colinas em grupos não maiores do que três e meditar em silêncio. Nada de cantos ou louvores em voz alta para mim. Se vocês confiarem em sua fé, lorde Artur vai voltar e salvar vocês. Caso contrário, não há dúvida de que Fugaz vai capturar a todos e pôr um fim em sua existência vacilante no Lago Quente.

— A Carpa é sábia, vida aquática longa para a Carpa! — entoaram os Habitantes enquanto Artur, Suzy e Jebenezer começaram a subir pelos terraços. Quando passaram pela multidão, Jebenezer ergueu o vidro acima da cabeça, e o esplendor da Carpa iluminou os rostos de seus seguidores, enquanto Jebenezer escolhia os arqueiros que deveriam acompanhá-los ao portão de água.

Subir a trilha para a saída da caverna foi muito mais fácil com a luz da Carpa, embora Artur estivesse um tanto atordoado ao ver que algumas partes do caminho que tinha percorrido alegremente eram estreitas e também cobertas por pedras prestes a desmoronar nas beiradas. Dessa vez ele atravessou esses trechos com as costas coladas à parede de pedra, tentando não pensar na facilidade com que poderia ter pisado em falso e caído para a morte.

Foi um alívio estar novamente ao ar livre. O sol ainda brilhava, embora estivesse mais baixo no céu. Ao sair da escuridão, Artur constatou que a luz tinha um leve toque rosado como a casca de uma toranja e que, portanto, era provável que a ilha não fosse um pedaço da Terra arrancado para se tornar o pequeno mundo de Fugaz, mas que tinha vindo de uma das miríades de outros mundos dos Reinos Secundários.

— Então, agora vamos direto por onde viemos? — Suzy perguntou. — Pois, se vamos, espero que você conheça o caminho. Eu, pessoalmente, preciso de ruas e prédios. Não consigo encontrar meu cotovelo nesta floresta.

— O caminho mais rápido rodeia as praias do Lago Quente — Jebenezer explicou. — Então podemos ir para o leste da península e por ela chegar ao portão de água. Provavelmente, apenas os piratas vão nos ver chegando, seja do portão de água, do forte ou do Calafrio. Teremos que correr por toda a península, disparar pelos guardas e entrar no estômago.

— É falta de fé pensar que todos vamos ser assassinados ou capturados e afogados no Lago Quente? — um dos quatro arqueiros escolhidos perguntou.

— Sim — disparou a Carpa. Sua voz estava mais controlada agora que estava ao ar livre. — Acreditem em lorde Artur. Acredite em sua Carpa. Nós vamos triunfar.

— Contanto que a gente saia daqui — Suzy resmungou.

“Não posso correr toda a península”, Artur pensou quando o pânico começou a formar um nó em seu estômago e deixar sua respiração mais difícil. “Eu simplesmente não posso correr essa distância sem ter um acesso de asma...”

— Vamos tomar o caminho mais rápido, lorde Artur? — Jebenezer perguntou.

“Não posso correr tão longe... não posso correr tão longe...” Os pensamentos de Artur formavam um círculo de medo e dúvida. Incapaz de pensar em outra coisa, o garoto se sentia afogar em seus anseios. Então, de repente, sentiu, mais do que ouviu, a Carpa falar dentro de sua mente. Não conseguiu descrever ou ver as palavras, mas sentiu como se as estivesse ouvindo e lendo ao mesmo tempo.

“Tenha fé em si mesmo, Artur. Dê um passo depois do outro. Vamos chegar à península. Depois vamos dar mais um passo. Talvez não precisemos correr. Talvez você possa correr mais do que pensa. Um passo de cada vez”.

“Você pode ler minha mente?”, Artur pensou de volta.

“Não normalmente”, respondeu a Parte 3 do Testamento em silêncio, somente para Artur. “Mas seu medo foi tanto que abriu as portas de sua mente. Elas estão se fechando agora e não vão...”

— Artur! O caminho mais rápido ou não? — Suzy insistiu.

— Desculpe — Artur respondeu. Ele sacudiu a cabeça e viu que estava livre do medo paralisante que tinha sentido momentos antes. — Sim, vamos pelo caminho mais curto.

— Florenza e Padraic, façam o reconhecimento — Jebenezer ordenou.

Os dois Habitantes se entreolharam e avançaram lentamente para a floresta com os arcos preparados.





Capítulo 27

“O caminho mais rápido colina abaixo teria sido muito lento se dependesse de mim ou de Suzy para encontrar ele”, Artur pensou quando foram guiados através de emaranhados de vegetação aparentemente intransponíveis, debaixo de raízes de árvores em arco e entre rochas. Mas em quarenta minutos eles estavam de volta ao terreno plano, rodeando o Lago Quente, mantendo-se na borda da floresta antes que essa chegasse ao fim e fosse substituída por terra sulfúrica, deserta e amarela.

— Isso cheira mal mesmo — Suzy disse enquanto amarrava um babado rasgado do vestido sobre o rosto.

Artur respirou fundo e ficou surpreso ao descobrir que o ar foi direto para o fundo de seus pulmões. O cheiro de ovos podres era realmente horrível, mas ele podia respirar com mais facilidade ali do que no ar úmido e fresco das colinas.

Do outro lado do Lago Quente, Artur viu o lais de verga de Fugaz. O pirata simplesmente tinha transferido o mastro e as vergas de um navio capturado e colocado tudo diretamente na beira do lago, com uma talha para pendurar os prisioneiros do lado de fora e mergulhá-los na água. Ao lado, havia um mirante.

— Acho que conseguimos — Suzy disse um pouco depois, quando passaram pela margem leste do lago. — Temos bastante tempo de sobra também.

— Não vamos falar disso até estarmos realmente fora daqui e da barriga de Quarta-Feira Submersa — tornou Artur. — Ou, melhor ainda, tomando chá servido por Espirrador na Sala de Estar de Segunda-Feira.

— Se você acreditar, tudo vai ficar bem — entoou a Carpa.

Suas palavras foram interrompidas pelo baque de dois objetos que atingiram o chão um pouco adiante de Jebenezzer. Por um momento, Artur pensou que fossem cocos ou grandes frutos redondos. Então, viu que eram cabeças decapitadas.

As cabeças manchadas de verde de Florenza e Padraic.

— Fugaz! — a cabeça de Florenza murmurou com voz rouca.

— Desculpe! — sussurrou a de Padraic.

— Não se esqueçam de...

— Cole nossas cabeças de volta se...

— Você vencer.

— Me dê para o Artur! — disparou a Carpa. Jebenezzer mal conseguiu empurrar o vidro de geleia para as mãos de Artur antes que um turbilhão de

pó amarelo girasse ao redor de seus pés, deixando-o congelado como uma estátua. Outra rajada de partículas amarelas voou ao redor de Suzy quando ela empunhou a faca e a congelou também, assim como os dois arqueiros que protegiam a retaguarda.

— Posso resistir aos poderes de Fugaz até certo ponto — a Carpa disse depressa. — Mas depende de você, Artur!

Artur enfiou o vidro de geleia no bolso e empunhou a espada. A brisa cheia de poeira continuava a girar em volta dele, mas não exercia efeito algum exceto o de dificultar a visão.

Não havia nenhum outro sinal de Fugaz.

Artur girou em círculo, os olhos disparando de um lado para outro. Todos os outros estavam congelados em sua volta. Ele não viu nenhum movimento. A margem do lago, somente a 20 passos de distância, estava deserta e vazia. As árvores e a vegetação de aspecto doentio poderiam esconder alguém, mas apenas se ficasse imóvel.

Onde estava Fugaz?

“As pessoas nunca olham para cima...”

Artur deu um salto para trás e olhou para o alto exatamente quando uma sombra caiu sobre ele e uma lâmina assobiou no ar. O garoto levantou a espada para bloquear o golpe, sentiu um choque ao longo do braço e saltou para longe, de costas para o tronco áspero coberto de trepadeiras de uma grande árvore.

Fugaz fechou as asas e caiu no chão, o som das asas e da queda abafado pelo gemido do vento amarelo.

A aparência do capitão pirata era exatamente como Artur tinha imaginado. Alto e arrojado, os cabelos negros esvoaçantes, a barba negra trançada com joias e estopim. Ele era bonito, tão bonito quanto um Habitante superior; suas roupas em vermelho vivo eram enfeitadas com renda dourada, e os botões eram feitos de cabeças de mortos douradas. Carregava um cutelo com uma lâmina de ferro negro que soltava tanta fumaça quanto o estopim em sua barba.

Ele não lembrava em nada a imagem horrível que tinha visto no espelho. Até Artur olhar para ele com o canto do olho...

Visto dessa forma, Fugaz era uma coisa horrenda, mal lembrando um ser humano. A pele era vermelha, muito queimada pelo sol e encolhida de encontro aos ossos. Os olhos pareciam duas jabuticabas nas órbitas vermelhas.

Ele não usava roupas finas, mas estava coberto por centenas de pedaços de papel. Papéis de diferentes tamanhos e cores, todos com palavras escritas em uma letra harmoniosa e cintilante, todos exalando Nada e feitiçaria.

— Você carrega a Mão Vermelha — Fugaz acusou. Artur ouviu a voz do pirata duas vezes, as duas vozes apenas um pouco fora de sincronia uma com a outra. Uma era grave, melodiosa e autoritária. A outra, aguda, lamurienta e horivelmente penetrante. — Você roubou de mim.

Artur lambeu os lábios e agarrou a espada com mais força. Sabia que tinha apenas uma chance. Um corte hábil no pescoço...

— Mas você não é só isso — Fugaz continuou. — Não é só um ladrão. É também o instrumento escolhido do Testamento da Arquiteta. Sei quem você é, Artur.

Fugaz deu um passo à frente. Artur ficou tenso, pronto para se adiantar e dar o golpe.

— Sei quem você é. Sei tudo a seu respeito. Não é mesmo, jovem Folha?

Fugaz sorriu, seus lábios muito finos e ressecados mostrando os dentes amarelos.

Artur não tirou os olhos de Fugaz, mas com o canto do olho viu uma fileira de piratas caminhar lentamente para dentro de seu campo de visão. Diretamente na frente, com as mesmas roupas que a vira usar no Louva-a-Deus, mas agora com um boné preto, estava Folha.

— Sim, capitão — ela disse.

— Assim, sei que as duas primeiras chaves não estão com você — Fugaz comentou. — Claro, se estivessem, eu mal teria tempo de falar, não é assim? E acho que aquele peixe velho está por aí em algum lugar, falando demais sobre como tudo vai funcionar. Para ele, é claro.

“Só mais um passo”, pensou Artur.

— Imagino que você gostaria de cortar minha cabeça — Fugaz disse. — E, como sou um cavalheiro com espírito esportivo, acho que lhe darei essa chance. Tenho uma proposta a fazer, Artur. Um desafio entre duas pessoas que já foram mortais, como iguais. O que diz?

Artur manteve a espada erguida e preparada. Ele não iria piscar ou desviar o olhar.

— Que proposta? — ele perguntou.

— Ora, uma troca de golpes — Fugaz retrucou. — Uma para cada um de nós, você pode ser o primeiro. Se me matar, então você e os seus estarão livres. Se eu o matar, herdo tudo que lhe pertence. Vou me tornar o Herdeiro Legítimo da Casa!

— Não sei se isso funciona desse jeito — Artur disse. — Mesmo que eu concordasse.

“Deve ser uma armadilha”, ele pensou. “Como na história do cavaleiro e o gigante verde. Sei que Fugaz pode recolocar a cabeça, ainda mais do que a maioria dos Habitantes. Mas Sol Quente disse que se eu puser areia no coto do pescoço ou apoiar a parte plana de minha espada ali...”

— Isso é problema meu — tornou Fugaz. — Temos o velho peixe como testemunha. Tire ele de seu bolso para que possa ver o que está acontecendo. Agora, vou lhe dar 1 minuto pelo meu relógio para decidir. Uma aposta amigável ou uma competição contra mim e minha tripulação de piratas.

Ele sorriu e tirou um relógio incrustado de joias do tamanho de urna laranja do bolso. Ao mesmo tempo, recuou um passo como quem não quer nada para que Artur não tivesse chance de atingi-lo antes que seus piratas se aproximassem.

Artur mirou rapidamente Folha, apenas por 1 segundo. Ela parecia totalmente normal, mas não olhava para ele. A amiga olhava fixamente para

Fugaz.

— Vou dar o primeiro golpe? — Artur indagou. — A sua tripulação não vai interferir?

— Eles vão ficar imóveis como árvores num dia sem vento — Fugaz garantiu.

— Você pode ser cortado por aço? — Artur quis saber.

— Aço ou prata, ferro ou bronze, todas as lâminas partem minha carne. Como eu disse, é um desafio honesto entre dois mortais, transformados pelo tempo, a Casa, Feitiçaria e Nada.

Artur virou a cabeça um pouco para o lado e olhou novamente para Fugaz com o canto do olho. Seria muito mais fácil atacar a coisa inumana e esquelética coberta de papéis esfarrapados do que alguém de aspecto humano. Além disso, seu pescoço parecia mais fino.

— Quero falar com a Carpa primeiro — ele disse. — Me dê mais 1 minuto.

— Mais 1 minuto — Fugaz concordou com frieza. — Já que é você que pede.

Artur manteve sua posição de encontro à árvore e a espada na mão direita. Com a esquerda, pegou o vidro de geleia e o levou para perto da cabeça.

“Estou bastante assustado agora”, ele pensou. “Carpa, você pode me ouvir?”

“Posso”, a Carpa respondeu em pensamento. “Você precisa ter fé, Artur...”

“Pare! Só me diga, pelo que você sabe: Fugaz pode ser morto se eu cortar a cabeça dele e colocar a lâmina sobre o coto do pescoço?”

“Talvez”, a Carpa respondeu. “Isso funciona até com a maioria dos Habitantes superiores. Mas Fugaz é desonesto”.

“Talvez! Que tipo de resposta é... deixe para lá. Você pode fazer alguma coisa para libertar Suzy, Jebenezzer e os outros? Ou minha amiga Folha? Ela deve estar enfeitiçada. Só assim poderia estar com os piratas, do contrário...”

“Eu mantive você livre do feitiço de Fugaz. Talvez eu possa libertar mais um...”

Lá estava a palavra outra vez. Artur não podia suportá-la.

“Talvez!”, repetiu em pensamento. “É você quem deve ter mais fé...”

“De fato, Artur. Nunca disse o contrário...”

— Acabou seu tempo! — Fugaz interrompeu. — Ou quase. O que decidiu, Artur?

— Aceito — Artur respondeu. Enquanto falava, sentiu-se mal de repente, mas se esforçou para esquecer a náusea.

— Excelente — Fugaz se animou. — Vou me ajoelhar aqui e você pode atacar quando quiser. Por favor, se certifique de que o peixe enxergue bem os acontecimentos.

Artur assentiu. Ele começou a colocar o vidro perto dos pés, mas mudou de ideia e o pôs junto do pé direito de Suzy. Ao mesmo tempo, ele

apanhou um punhado de terra com a mão.

— Não tenho o dia todo — Fugaz reclamou. Ele já tinha removido e posto as asas de lado ao se ajoelhar. Seu eu ilusório estava ajeitando os longos cabelos para deixar o pescoço nu. Na verdade, ele quase não tinha cabelo e estava apenas obedecendo aos procedimentos.

Artur se aproximou com a mente a mil.

“Dê um golpe rápido, jogue a terra no coto, coloque a parte chata da lâmina ali para garantir”.

— Ah, ande depressa!

Artur ergueu a espada. Ela parecia muito mais pesada do que antes. Ele a levantou o mais alto que pôde e então a fez descer com toda a força do ombro e o peso da parte superior do corpo.

“Preciso ficar olhando”, Artur pensou. “Não se distraia. Jogue a terra e coloque a parte chata da lâmina”.

Surpreendentemente, ele se sentiu como fazendo uma corrida para chegar à base, como no beisebol. Um choque repentino sacudiu seu braço e então a espada ficou livre novamente.

Artur tinha conservado os olhos no alvo. Ele jogou a terra e pôs a lâmina com firmeza no coto do pescoço que estava seco e sem sangue. A cabeça de Fugaz rolou na terra apenas por um momento e, então, com velocidade assustadora, moveu-se ruidosamente no ar. Ao mesmo tempo, o corpo se retorceu para trás e se levantou. Artur também teve que saltar para manter a lâmina no pescoço.

A cabeça caiu como um falcão, aterrissando exatamente onde estava a lâmina de Artur. Entretanto, nem a terra nem a espada a atrapalharam. Artur viu, horrorizado, quando a carne se espalhou do pescoço para cima e da cabeça para baixo, encontrando-se no meio.

Fugaz estendeu a mão e puxou a espada de Artur do pescoço quase curado. A ponta da lâmina saiu com um estalo enquanto o garoto cambaleava para trás.

— Acho que é minha vez — Fugaz afirmou com um sorriso horrível, tanto na forma real quanto na ilusória.

Artur tinha fracassado.





Capítulo 28

— Se ajoelhe onde está — Fugaz ordenou. Ele deslizou o polegar pela lâmina escura do cutelo e deu um piparote numa única gota de sangue de tal modo contaminada com Nada que chiou ao atingir a terra. — Espero que você não saiba o truque para recolocar a cabeça. Levei vários séculos para aprender a usar ele. E duas vezes esse tempo para aprender a lidar com complicações. A jovem Folha me contou que você não tem esse tempo. Se ajoelhe, estou mandando!

Artur se viu obedecendo, seu corpo se movendo contra sua vontade, sua mente funcionando furiosamente para encontrar uma forma de escapar daquela situação difícil.

“Concordamos em trocar golpes... trocar golpes... eu fui o primeiro...”

— Você não vai sentir nada — Fugaz garantiu. — O que é uma pena. Vou gostar de afundar seus companheiros no Lago Quente.

“Só concordei em trocar golpes... Eu não disse que não iria desviar ou me agachar... Nem mesmo disse que ficaria imóvel...”

Artur tentou se mover, mas constatou que seus músculos não o obedeciam. O vento amarelo estava soprando em círculo ao redor de seus pulsos e tornozelos, mantendo-o no lugar. Ele virou a cabeça e viu Fugaz erguendo o cutelo negro.

“Carpa! Carpa! Me ajude a me mover! Me ajude!”

“Tenha fé em si mesmo”.

Artur se viu dominado por uma raiva cega. Não acreditava que a Carpa não podia fazer nada além de continuar a ladainha sobre fé!

A fúria percorreu seu sangue e seus músculos, e o vento amarelo recuou diante dele. Artur saltou para trás no momento exato em que o cutelo negro desceu velozmente e atingiu... o chão.

— O quê? — espantou-se Fugaz. Ele se virou e viu o cutelo perto do joelho de Artur.

O garoto saltou sobre a lâmina negra e deu um golpe rápido, conseguindo mais uma vez que sua espada cortasse o pescoço do pirata. Desta vez, quando a cabeça dele caiu no chão, Artur tentou dar um chute no peito de Fugaz, só para ver seu pé repentinamente embrulhado em papel e desviado na direção de uma árvore.

Artur bateu contra a árvore e cambaleou para trás, a falta de equilíbrio era piorada pela tala de siri, que tentava manter a perna reta.

O garoto oscilou para trás quando a cabeça do pirata deu um grito no ar e caiu novamente na direção do pescoço.

Ela nunca atingiu o alvo. De repente, Suzy deu um salto e esmagou a cabeça de Fugaz no chão com um galho quebrado. Quando começou a se levantar, Folha se afastou correndo da fileira de piratas e, como um jogador de futebol, chutou a cabeça com toda a força possível na direção das águas borbulhantes impregnadas de Nada do Lago Quente.

Todos, inclusive os piratas, viram a cabeça de Fugaz espirrar água para todos os lados. Ondas se espalharam ao redor do ponto em que tinha afundado, mas todos continuaram olhando, esperando que ela voltasse a se levantar.

Artur também olhava quando foi repentinamente agarrado por trás por duas mãos escorregadias recobertas de papel que começaram a apertar seu pescoço. Ele conseguiu colocar três dedos sob as mãos que o sufocavam, mas não pôde tirá-las, tampouco impedir que o estrangulassem lentamente.

Para piorar as coisas, a cabeça de Fugaz saiu da lama fervente. Toda a carne, ilusória e real, tinha sido arrancada dela e agora era apenas um crânio tingido de amarelo com dentes batendo, uma língua de fumaça azul tomada por feitiços agitando-se enquanto Fugaz gritava suas últimas palavras antes de cair de volta nas profundezas lodosas para ser totalmente destruído por Nada.

— Que o Nada permaneça!

De repente as mãos ao redor do pescoço de Artur o soltaram. O garoto cambaleou para a frente, a perna envolta na tala de siri não conseguindo dobrar na altura do joelho, e foi pego por Jebenezzer, que o girou numa dança súbita e indesejável.

— Você conseguiu! Você matou Fugaz! E eu vi acontecer!

— Pare! Os piratas!

Jebenezzer parou em meio a um rodopio, fazendo com que Artur caísse onde estavam Suzy e Folha, que estavam trocando um aperto de mão. Elas seguraram o garoto e o viraram para que ele pudesse ver os piratas de Fugaz correndo para o meio das árvores e jogando as armas para longe.

— Não se preocupe com os piratas — Folha tranquilizou. — Eles são um bando de covardes. Fugaz os deixava corajosos, mas, sem ele, são inúteis.

— Quase tive um ataque do coração quando vi você com eles — Artur contou. — O que estava fazendo?

— Que tal “obrigado pelo ótimo chute?” — Folha devolveu aborrecida. — Eu estava me mantendo viva, o que você acha? Fugaz disse que só escravizava Habitantes. Ou crianças do Tocador de Gaita, porque elas são tão fortes quanto os Habitantes e um pouco mais espertas. No início, ele ia me jogar no mar e então eu lhe disse que poderia exigir um resgate por mim.

— De quem?

— De você, é claro — Folha retrucou. — Quando ele ouviu isso, ficou muito interessado.

— E você lhe contou tudo que ele queria ouvir!

— Bah! Não tive escolha! Para começar, ele podia ler minha mente.

— Desculpe! Desculpe! — Artur falou. — Vamos recomeçar. Obrigado por esse chute maravilhoso. Obrigado, Suzy, por um igualmente fantástico

golpe com o galho.

— Assim está melhor — Folha retrucou. — E, para oficializar os agradecimentos, me tire daqui e me devolva à minha casa, agora que sei que é realmente meu lugar!

— Boa ideia — ajuntou Suzy e apontou para o céu. — Se conseguirmos sair.

Artur olhou para cima. O sol estava oscilando no céu e havia estranhas nuvens negras e listradas saindo dele.

— Ah, não! Rachaduras!

— Este pequeno mundo está desmoronando — a Carpa constatou, novamente carregada pelo Jebenezzer. — Mas devemos acreditar numa saída e então encontraremos uma.

— O quebra-cabeças profético — disparou Artur e se virou para procurar o corpo de Fugaz. — Deve estar com ele, em algum lugar. Nós pegamos ele, encontramos alguém entre os escravos que possa montar, pegamos um navio...

Ele parou de falar. Onde o corpo de Fugaz tinha estado, havia somente uma grande mancha escura no chão e longas tiras finas e inúteis de papel enrolado.

O chão rugiu sob os pés de Artur. Galhos caíram das árvores e o Lago Quente borbulhou mais ameaçadoramente. A lama começou a se espalhar por sobre as margens, derramando um líquido oleoso sobre a terra amarela.

— Quanto tempo temos? — Artur perguntou para a Carpa. — Você pode parar ou retardar o processo?

— Não tenho poderes sobre estruturas desse tipo. Calculo que o pequeno mundo vai durar de 6 a 12 horas. Talvez um pouco menos, talvez um pouco mais. Depende da natureza do inevitável desaparecimento. Uma lenta dissolução pela intromissão do Nada ou uma ruptura cataclísmica no Vazio.

— Como você pretendia sair, Artur? — Folha indagou.

— De submarino — Artur contou. — Dirigido pelos Ratos Crescidos. Mas lá só cabe meia dúzia de Habitantes e...

Enquanto falava, tirou a caixa e a abriu para examinar a garrafa. Mas ela tinha desaparecido e em seu lugar havia uma pilha de pó de vidro verde e um minúsculo fragmento de rolha.

— ...de qualquer modo, eles não vão nos apanhar. Eles já partiram ou foram destruídos.

— Então estamos presos aqui, o que significa que estamos mortos — Folha retrucou.

— E a Escada Improvável? — Suzy indagou. — Nós já usamos ela antes, Artur. Não é tão ruim. Você vai na frente e todos nós vamos atrás.

— Não posso usar a Escada sem uma Chave — Artur explicou. — Mas talvez o Testamento possa...

— Não dessa forma — a Carpa replicou.

— Pelo menos destruimos Fugaz — Suzy murmurou de maneira filosófica. — Mesmo que seja uma daquelas vitórias não-sei-bem-o-nome em

que você vence e “estica as canelas” antes de recolher as recompensas e tudo o mais.

— Uma vitória de Pirro — Folha esclareceu. — Ótimo. Tem de haver outro jeito de sair daqui. Precisamos procurar novas ideias. Olhar as coisas de um outro ângulo. Buscar alguma coisa fora do normal...

— Deve haver uma saída — tornou Artur devagar. — Temos que levar todos para o porto. Para o Mariposa.

— Mas é uma banheira velha — Folha protestou. — Se você acha que pode ir de navio, deveríamos ir com o Louva-a-Deus!

Artur balançou a cabeça.

— Não podemos tirar o navio daqui. Os Ratos tinham certeza de que a única forma de encontrar a porta de entrada e de saída seria resolver o quebra-cabeça do Dragão Sanguinário de Fugaz, e aposto que é verdade. Mas talvez possamos escapar se usarmos o Mariposa, porque, na verdade, parte de seu interior está em outro lugar, dentro da Casa.

— O quê? — Folha e Suzy perguntaram ao mesmo tempo.

— Vou explicar quando chegarmos lá — Artur disse. — Jebenezzer, é melhor mandar alguém de volta à caverna e os seguidores para o porto antes que comecem a se espalhar por aí. Ah, será que alguém tornou a colar as cabeças daqueles habitantes... ah, bom... eles vão ficar bem?

— Vão sobreviver — a Carpa respondeu. — Mas vão sofrer durante muitos meses e não vão poder beber nada por um ano.

— Bom — Artur murmurou distraído. — Vamos! Carpa, suponho que você possa libertar os escravos que estão na cidade. Certo?

— Agora que Fugaz se foi, posso soltar os grilhões até mesmo daqui — a Carpa garantiu. Ela inchou como um baiacu, brilhou como o sol por um instante e então disparou ao redor do vidro em grande velocidade por vários segundos. — Pronto, está feito!

Quando chegaram à cidade, encontraram uma carnificina. Os escravos subitamente libertados se viraram contra os piratas que ainda restavam. Os escravos mais novos, as tripulações do Mariposa e do Louva-a-Deus Voador tinham se reagrupado com seus oficiais e colegas e estavam ocupados reabastecendo os navios com suprimentos e os melhores objetos recolhidos da vasta seleção nos armazéns de Fugaz. Os escravos que estavam ali há mais tempo ficavam sentados à toa, esperando receber ordens de alguém.

Quando Artur chegou, teve uma rápida, mas muito agradável, reunião com Sol Quente, que estava supervisionando o carregamento do Mariposa. Mas longas explicações tinham que esperar e, depois de alguns tapinhas nas costas que deixaram seus ombros doloridos, Artur pediu à Carpa para usar sua habilidade de se fazer ouvir ao redor de todo o porto para dizer aos antigos escravos que o pequeno mundo estava condenado e que se quisessem viver e voltar à Casa, teriam que se reunir a bordo do Mariposa, levando apenas um pequeno objeto com eles.

Naturalmente, essa novidade causou pânico, apenas tranquilizado pela Carpa com sua voz de trovão e Jebenezzer, Sol Quente, Paniquim e vários

outros usando suas vozes para trazer ordem à massa de Habitantes que estava tentando embarcar em um dos pequenos botes que iria levá-los do porto ao Mariposa.

Folha também tinha um importante papel a desempenhar, convencendo o capitão Suel a abandonar o Louva-a-Deus Voador e que mesmo um Feiticeiro-Navegador experiente como ele não poderia encontrar uma forma de tirá-lo dali navegando. Como ele já tinha tentado com todos os quebra-cabeças proféticos que encontrou, a lógica da situação era clara, mas ainda sentia muita dificuldade em deixar o navio que tinha comandado por quase 10 mil anos.

O problema do capitão Catapillow era diferente, pois não queria que ninguém entrasse em seus alojamentos com receio de que fossem destruir sua coleção de selos. Mas, quando Artur perdeu a paciência e falou rispidamente, ele cedeu e se recolheu ao seu leito, atrás das cortinas calmamente puxadas por Icabod.

Artur tinha estado preocupado com o número de Habitantes que caberiam na estranha câmara dentro do Mariposa, principalmente levando em conta que tinha prometido aos seguidores da Carpa que tentaria salvá-los. Como eles seriam os últimos a chegar, provavelmente seriam deixados para trás. Mas o compartimento era ainda maior do que se lembrava, e Icabod afastou os móveis a fim de abrir mais espaço, enquanto afirmava que seu casaco precisava ser limpo, as botas, lavadas, e que a abertura de muito mais espaço dentro de um aposento era meramente uma questão de arrumar os móveis de maneira correta.

Finalmente, 5 horas depois de terem começado, o compartimento estava totalmente lotado com pelo menos 3 mil habitantes, Artur, Suzy e Folha. Não havia espaço para os Habitantes se moverem e todos estavam apertados uns contra os outros como sardinhas em pé.

Aparentemente, ninguém foi deixado para trás.

Do lado de fora, as rachaduras no céu se estendiam do sol até quase o chão, e a Carpa agora predizia uma implosão catastrófica em que o pequeno mundo subitamente desmoronaria e seria sugado para o Vazio do Nada.

— Assim, se esse pequeno mundo foi construído corretamente, a brecha no Vazio vai se fechar e não vai mais causar problemas — a Carpa anunciou. — Ou, se foi malfeita, vai espalhar Nada por todos os lados e causar muitas outras dificuldades à localidade.

— Você está se referindo ao estômago de Quarta-Feira — Artur adivinhou.

— Sim — concordou a Carpa. — Agora, quanto à questão de nossa sobrevivência, não acho que esse aposento iria sobreviver a tal catástrofe, já que está ligado ao navio que vai ser sugado para o redemoinho de Nada.

— Também sei que temos que sair daqui — Artur afirmou. — Mas, como este aposento está, na verdade, em algum outro lugar dentro da Casa, tudo o que temos que fazer é encontrar o caminho para sair daqui de dentro e ir lá para fora. Como eu lhe pedi para verificar muitas horas atrás.

— De fato — a Carpa concordou. — Infelizmente, embora eu tenha descoberto onde esse quarto realmente fica, não consigo encontrar uma saída. E, mesmo que pudesse, não tenho certeza se iria adiantar.

— Ótimo — Folha murmurou. — Excelente trabalho, Artur.





Capítulo 29

— Por que não vai adiantar sair do aposento? — Artur perguntou para a Carpa. — Precisamos sair!

— O aposento ainda está onde estava — a Carpa respondeu. — No velho Porto Quarta-Feira. Debaixo da água. Não sei a que profundidade. Além disso, não consigo encontrar um caminho que leve daqui para fora do aposento.

— Por que não existe nenhum ou é por outro motivo? — Artur indagou.

— Pode haver uma saída — a Carpa conjecturou. — Mas este aposento está estranhamente mudado, e eu simplesmente não tive tempo de descobrir sua localização exata dentro da estrutura da Casa. Duvido que alguém possa, com exceção da própria Arquiteta.

— O Atlas! — Artur exclamou. Ele procurou na bota e tirou o livro verde. — Você pode usar o Atlas Completo da Casa?

— Não — a Carpa respondeu.

Enquanto falava, houve uma agitação perto da porta que levava ao Mariposa. Artur saltou na caixa de cobertores de Catapillow para enxergar acima das cabeças dos Habitantes. Sol Quente, que vinha cuidando dos últimos marinheiros, estava do lado de dentro da porta.

— Caiu um pedaço do céu aqui dentro! — ele vociferou por cima do tumulto. — E o mar está começando a correr como água pelo ralo!

— Tem que ter uma saída! — tornou Artur, que segurou o Atlas e se concentrou totalmente nele.

— Artur — a Carpa chamou.

— Agora não! — Artur sibilou. O garoto segurava o livro verde com tanta força que os nós dos dedos ficaram duros e brancos. — Estou me concentrando!

— Artur...

Artur ignorou a Carpa e se concentrou na pergunta: “Onde está a saída deste aposento para voltar à Casa?” Teimoso, o Atlas não se abriu. Sem a Chave, ele simplesmente não respondia.

— Artur! — a Carpa rugiu tão alto que os ouvidos de Artur tiniram. — Não posso usar o Atlas, mas posso ajudar você a usar! Ponha a mão direita no vidro do meu frasco!

Jebenezzer levantou o frasco e Artur colou a palma da mão contra o vidro. A Carpa foi direto em sua direção, ergueu o corpo e beijou três vezes a

lateral do pote onde estavam os dedos do garoto. A cada vez, ele brilhava com mais intensidade, e parte da luz iluminava os dedos de Artur.

— Faça sua pergunta!

Artur, com uma determinação que excluiu tudo mais ao seu redor, tirou a mão e agarrou o Atlas novamente, repetindo a pergunta e instando o livro a se abrir.

Nada aconteceu durante 3 segundos, tempo suficiente para a Carpa começar a dizer:

— Certamente nós...

Então, o Atlas se abriu violentamente. Artur caiu de cima da caixa de cobertores, mas foi cercado por Jebenezer, Suzy, Folha e outros Habitantes, e seus pés nem ao menos tocaram o chão.

Artur não percebeu. Ele estava observando a caligrafia perfeita, embora rápida, do escritor invisível no Atlas. Palavras se espalharam pela página, e Artur as lia em voz alta e aguda.

“O escritório principal da Segunda Casa de Contabilidade da Empresa Lua Azul foi mudado sete vezes para os lados e inclinado 13 graus para o impossível, devido a uma reforma malfeita. Há três meios de se sair de dentro do escritório. Um deles é pelo navio Mariposa, pela antiga porta da frente. O segundo se abre no Vazio de Nada e foi selado debaixo do chão 10 passos à esquerda da porta da frente. O terceiro se abre na torrinha do telégrafo do navio na Empresa Lua Azul, no velho Porto Quarta-Feira, e está localizado no fundo espelhado do antigo cofre de registros, agora usado como guarda-roupa...”

— Não! — Icabod gritou, mas sua voz foi abafada pela correria dos Habitantes na direção do guarda-roupa.

— Parem! — a Carpa rugiu. — Seguidores, de braços dados!

— Mariposas, parados! — Sol Quente berrou.

— Louva-a-deuses, fiquem onde estão — gritou Paniquim.

“...e pode ser ativado descascando-se o revestimento do papel de parede”, concluiu Artur. Ele fechou o Atlas com força, desceu de um salto e abriu caminho entre os Habitantes até o guarda-roupa. Era um imenso móvel revestido de carvalho, certamente de 3 metros de altura e 4,5 de largura.

— Icabod! — ele chamou. — Há algum segredo para entrar?

— Não, senhor — Icabod respondeu rígido. Ele tinha conseguido chegar até Artur, outra vez calmo e tranquilo. — É só atravessar. Mas se eu puser as roupas do capitão antes que elas sejam pisoteadas...

Foi interrompido por um estalo muito forte, e o chão estremeceu sob os pés de Artur. Ele não esperou Icabod dizer mais nada e andou direto para o espelho.

O interior do guarda-roupa era maior do que o exterior. Havia prateleiras de roupas encostadas às paredes laterais e estantes com botas, sapatos e acessórios. A parede do fundo estava coberta com papel de parede com um motivo simples de flores azuis e à sua frente estava encostada uma

espreguiçadeira, perto de uma mesinha com um livro aberto que exibia gravuras de moda.

Artur correu até lá, empurrou a mesa e o livro para o lado e puxou a espreguiçadeira para longe da parede. Em seguida, estendeu a mão e puxou uma ponta solta do papel de parede. Ela se descolou com facilidade, revelando uma superfície espelhada. Artur arrancou mais alguns pedaços e então Suzy, Folha, Jebenezzer e até Icabod também começaram a ajudar.

— E se for mesmo muito fundo do outro lado? — Folha perguntou. — Será que vamos ficar sem ar ao subir? É possível ficar sem ar na Casa?

— Não sei! — Artur disparou. — Não temos escolha, temos? Atravesse assim que o papel sair.

— E você? — Suzy perguntou.

— Tenho que me certificar de que todo mundo saia — Artur retrucou. — Andem ou vou ser pisoteado.

Como quase todo o papel tinha sido retirado, ele pegou o vidro com a Carpa da mão de Jebenezzer e recuou para fora do guarda-roupa, atingindo uma parede sólida de Habitantes que aguardavam, mantidos imóveis com dificuldade pelos esforços combinados dos Camaradas, alguns dos seguidores da Carpa e integrantes mais confiáveis da tripulação.

Artur conseguiu se espremer de volta à caixa de cobertores. Ele subiu nela, ignorando o fato de que estava vibrando, juntamente com o chão, como um carro mal regulado.

— Certo, Carpa, volume máximo — ele pediu. — Repita o que eu disser.

— Está bem — a Carpa concordou.

— Façam silêncio!

— Façam silêncio!

— Não empurrem e esperem a vez!

— Não empurrem e esperem a vez!

— Todos vão sair!

— Todos vão sair!

— Ouçam com atenção, mas não se mexam até eu mandar.

— Ouçam com atenção, mas não se mexam até eu mandar.

— Há duas paredes com espelho para atravessar.

— Há duas paredes com espelho para atravessar.

— Andem devagar e com cuidado para o outro lado dos espelhos e continuem até o próximo conjunto de espelhos. Vocês vão sair debaixo da água. Nadem para cima e tentem ajudar quem precisar.

— Andem devagar e com cuidado para o outro lado dos espelhos e continuem até o próximo conjunto de espelhos. Vocês vão sair debaixo da água. Nadem para cima e tentem ajudar quem precisar.

— Os que estiverem no fundo, esperem. Se você está na frente do guarda-roupa, comece a andar devagar para a frente!

— Os que estiverem no fundo, esperem. Se você está na frente do guarda-roupa, comece a andar devagar para a frente!

— Quando se abrir um espaço à sua frente, continuem andando devagar! Sem parar! Todos vão passar!

— Quando se abrir um espaço à sua frente, continuem andando devagar! Sem parar! Todos vão passar!

Artur continuou a dar instruções enquanto os Habitantes andavam arrastando os pés na direção das portas espelhadas do guarda-roupa. De quando em quando, um deles entrava em pânico e Artur parava de respirar, esperando que o medo se espalhasse, mas tudo voltava a ficar sob controle quando Habitantes mais calmos lutavam para colocar os mais assustados de volta na fila.

“Mas está levando muito tempo”, Artur pensou quando foi obrigado a descer da caixa de cobertores, que estava sacudindo e se desfazendo em pedaços. O chão sob seus pés começou a emitir um brilho vermelho, opaco e desagradável. Não fosse por suas Botas Imateriais, Artur teve certeza de que poderia sentir o calor.

— Vamos um pouco mais depressa! — ele pediu, e a Carpa repetiu suas palavras. Talvez metade dos Habitantes tivesse passado, portanto havia mais espaço e menor probabilidade de serem horrivelmente esmagados.

Cinco minutos depois, as paredes começaram a derramar lágrimas negras parecidas com alcatrão do tamanho da cabeça de Artur, e o chão se torceu e inclinou uns 15 centímetros para cima e para baixo.

— Vamos, mais depressa agora! — Artur pediu. — Correndo no lugar e depois para a frente quando houver espaço!

Ele mostrou o que queria da melhor forma que sua perna entalada com casca de siri permitia sobre uma superfície em movimento. Talvez 200 Habitantes tivessem ficado, mas o aposento estava claramente sob forte tensão, e isso significava que o Mariposa e o pequeno mundo lá fora deviam estar perto da destruição final.

— Você sabe dizer o que está acontecendo lá fora? — Artur sussurrou para a Carpa ao ir para o fundo, sorrindo e acenando para os Habitantes que marcavam passo em seus lugares. — Quer dizer, do lado de fora do Mariposa, no pequeno mundo de Fugaz.

— Ele ainda está lá, porque ainda estamos aqui — a Carpa argumentou. — Espere um momento, vou verificar.

Ele girou dentro de seu vidro várias vezes e então parou.

— A estrutura básica está firme, mas os detalhes, como as colinas e árvores, já se foram. É mesmo admirável. Faltava verdadeiro talento ao Horrível Terça-Feira, mas este trabalho sempre foi muito sólido.

— Quanto tempo ainda temos?

— Minutos, não horas — a Carpa informou. — Não posso ser mais preciso do que isso.

— Certo — Artur replicou sombrio.

Houve algum tipo de congestionamento perto das últimas fileiras de Habitantes. Artur abriu caminho até eles para encontrar Sol Quente, Paniquim e o capitão Suel, tentando atrair o capitão Catapillow de dentro de um armário.

Artur só ficou um pouco surpreso por não ver Concor, que certamente já tinha fugido pelo guarda-roupa.

— Não posso ir sem pelo menos a parte principal da minha coleção — Catapillow soluçou. — Só um estojo. Vocês podem me ajudar a carregar. Se ele não puder ir, não vou!

— Lorde Artur, por favor, diga ao capitão que ele tem que deixar os selos para trás — Sol Quente pediu.

— O senhor vai ter que deixar os selos — Artur disse. — Olhe em volta! Este lugar não vai durar muito tempo. Nós temos que fazer todos passarem depressa, e o senhor precisa servir de exemplo.

— Não — Catapillow tornou teimoso, abraçando o estojo. — Se minha coleção vai ser destruída, então vou ficar com ela.

— Então, vamos deixar você ficar — Artur disse e olhou para os Habitantes restantes. Devia haver ainda uns 50, todos reunidos perto do guarda-roupa no qual estava mais difícil entrar porque o chão corcoveava para cima e para baixo. — Todos vocês, vamos atravessar esses espelhos!

O garoto se virou e foi até o final da fila relativamente disciplinada que entrava no guarda-roupa com calma. Ficou satisfeito por poder se segurar nos Habitantes ao seu redor, porque o chão inseguro o teria feito cair.

— O teto está se inclinando para baixo, não está? — Artur perguntou quando restavam 20 Habitantes. — Daquele canto. E muito depressa!

No canto oposto esquerdo, a distância do chão até o teto tinha sido reduzida à metade, e o teto ainda estava se movendo para baixo com firmeza, como uma espécie de pilão industrial. Ele atingiu uma das prateleiras, que resistiu à pressão por um momento e logo se retorceu numa chuva de vidro e metal.

— Catapillow! Chega! Venha agora ou você vai morrer! — Artur gritou ao chegar mais perto do guarda-roupa. Havia apenas uns 10 Habitantes na sua frente. E Suzy e Folha? Artur olhou em volta, depressa, esquecendo Catapillow por um instante.

— Eu lhe disse para passar! Talvez a gente não consiga agora!

O chão se quebrou em dois enquanto falava, e uma cratera se abriu no meio do aposento. Lama amarela fervilhou para fora, precedida de nuvens de gás malcheiroso. Catapillow estava do lado errado, ainda agarrado ao estojo.

Artur prendeu a respiração e agarrou Folha e Suzy, ou elas o agarraram, e os três saltaram pelos espelhos apenas a tempo de evitar a cratera que aumentou ainda mais, derrubando o guarda-roupa.

Em seu interior, o guarda-roupa era uma confusão emaranhada de roupas pisoteadas e móveis quebrados. Contudo, ainda pior era o fato de ele ter caído para a frente, fazendo com que a parede espelhada do fundo estivesse no teto, a mais de 3 metros das três crianças e totalmente fora de alcance.

— Fique de pé nos meus ombros — Artur começou a dizer, mas não tinha visto Sol Quente, que estava encostado em um canto. Sem desperdiçar palavras, o segundo oficial pegou Folha e a jogou diretamente para cima e pela

porta do espelho. Ao se virar para apanhar Suzy, ela saltou, pôs um pé em seu ombro e pulou sem ajuda.

Artur tropeçou, com a perna presa em casacos caídos no chão.

— Vá! — gritou para Sol Quente enquanto tentava desesperadamente se soltar, mas só conseguia piorar sua situação. — Vá!





Capítulo 30

Sol Quente obedeceu, mas agarrou Artur debaixo do braço forte, pulou nas molas expostas da espreguiçadeira destruída e usou o impulso para subir juntamente com Artur e o emaranhado de casacos através do portão.

Tudo aconteceu tão rápido que Artur mal teve tempo de respirar ou de se certificar de que o vidro com a Carpa estava seguro no bolso. O portão passou zunindo, e ele se viu do outro lado do espelho, totalmente cercado por água.

Artur se livrou dos casacos com pontapés, mas Sol Quente não o soltou. Ele deu impulso numa direção que Artur esperou fosse a superfície, pois não conseguia ver nada além da cor azul-escura e toneladas de bolhas.

“Podemos estar a centenas de metros de profundidade”, ele pensou. “Já passei por coisas demais para acabar morrendo afogado no final... Nunca vou conseguir... os Habitantes vão, mas eu não... e Folha também não... É tudo culpa minha, eu deveria ter obrigado ela a sair do hospital, como vou explicar aos pais dela... preciso respirar, preciso...”

De repente, a água azul-escura ficou mais clara, interrompendo os pensamentos aterrorizados. Ele viu Habitantes em toda a volta, alguns batendo as pernas com força, outros mal agitando pernas e braços, e alguns apenas boiando.

Então, antes que pudesse começar a deduzir que a luz podia representar a aproximação da superfície, ele chegou e sua cabeça atravessou a água. Foi recebido pela luz e pelo ar com alegria, quase sufocando e rindo, enquanto a água saía de seu nariz ao mesmo tempo.

Habitantes emergiam em todos os lugares, até onde podia ver, delicadamente erguidos pelas ondas suaves. O olhar de Artur passou rapidamente pelos sobreviventes, procurando os rostos que ele mais queria encontrar. E lá estavam. Suzy, a cerca de 10 metros de distância; Folha, um pouco mais perto. E lá estava também o vidro de geleia movendo-se misteriosamente pela água na direção da mão de Artur.

— Pode me soltar agora, Sol Quente — Artur disse. — Obrigado.

— Posso ter perdido o navio, mas ainda não perdi nenhum passageiro — Sol Quente retrucou. Ele soltou Artur, que imediatamente afundou e teve que se esforçar até conseguir mexer as pernas de modo a se manter à tona.

— Convoquei Quarta-Feira Submersa — a Carpa avisou. — Ela está a caminho e vai chegar aqui em breve.

— Você o quê? Ela vai nos comer! Pensei que iríamos para terra firme primeiro.

— Tenho certeza de que ela não vai nos comer — a Carpa assegurou.
— Tenha fé, Artur...

Artur não estava escutando. Ele espichou a cabeça para fora da água e olhou ao redor, esperando ver algum sinal de terra, um navio ou qualquer coisa parecida. Mas tudo o que viu foram milhares de Habitantes boiando como petiscos tentadores para um incrivelmente faminto leviatã.

— Como você se comunicou com ela?

— Sou o Testamento. Ela é a Curadora. Agora que voltei à Casa, posso falar com ela em pensamento, assim como fiz com você, Artur.

— Bem, diga para ela retomar a forma humana — Artur pediu. — E para mandar Aurora vir até aqui com todos os navios que puder. Pode fazer isso?

— Posso transmitir a mensagem para a mente dela — a Carpa afirmou.
— Não tenho certeza se ela vai penetrar totalmente. Está feito.

— Você pode falar em pensamento com outras pessoas? — Artur quis saber. — Os Ratos Crescidos, por exemplo?

A Carpa sacudiu os filamentos semelhantes a bigodes para a frente e para trás.

— Não. Estou ligado a você como o Herdeiro Legítimo e a Quarta-Feira como Curadora.

— Olá, terra à vista!

O grito veio de alguns Habitantes à direita de Artur. Ele girou o corpo, mas antes de olhar já sabia o que ia ver. Não era terra, embora parecesse.

Era Quarta-Feira Submersa se aproximando deles. Ainda imensa e quase certamente ainda faminta.

— Conseguimos!

Era Suzy, nadando até ele de costas.

— Pare de falar isso! — Artur protestou. — Não conseguimos nada. Provavelmente vamos ser devorados. Quarta-Feira não vai conseguir se conter quando vir todos esses Habitantes flutuando por aí. Vai ser como 3 mil salgadinhos esperando para serem mastigados.

— Aquilo é ela? — Folha, cujo estilo de natação era muito moderado e hábil, indagou. Ela ficou de costas e boiou com facilidade, fazendo movimentos circulares com as mãos. — Uau! Isso sim que é grande!

— Se alguém tem alguma ideia brilhante, agora é o momento de pôr para fora — Artur disse, cuspidando água do mar quando sua boca foi atingida por uma onda no meio da frase.

— Pena o capitão não estar aqui — Suzy disse. — Seria muito interessante ver o que seu arpão faria com uma baleia desse tamanho.

— De jeito nenhum! — Folha protestou. — Não vou deixar ninguém atirar um arpão numa baleia. Sou membro do Greenpeace...

— Ela não falou sério, Folha — Artur interrompeu. — E o Marinheiro não ia fazer isso. Acho. Gostaria que ele estivesse aqui. Num navio.

— O Marinheiro? — a Carpa perguntou. — Está falando do filho adotivo da Arquiteta? O do meio?

— Sim — Artur e Suzy responderam juntos.

— Talvez eu possa falar com ele em pensamento — a Carpa ruminou.

— Já que ele é parente da Arquiteta. Suponho que poderia falar com o Tocador de Gaita também ou com lorde Domingo.

— Lorde Domingo! — Artur exclamou. — O quê? Ele é...

— O filho mais velho da Arquiteta e do Velho. Seu primeiro experimento juntos, quando a Arquiteta ocupava o corpo de uma mortal...

— Certo, não precisamos de uma lição de história agora! — Artur interrompeu. Quarta-Feira Submersa estava se aproximando, cada vez maior, e os gritos alegres e de “terra à vista” foram substituídos por outros de medo. — Tente se comunicar com o Marinheiro! Talvez ele possa chegar aqui com um navio e nos pegar antes de Quarta-Feira...

— Não é tão simples assim — a Carpa retrucou. — Não vejo ele há milênios e não é como se eu tivesse a responsabilidade de obrigar ele a fazer qualquer coisa. Para começar, terei que tentar me lembrar de sua aparência. Além disso, não tenho certeza de que Quarta-Feira vai nos comer...

— Por que não usa o talismã do Marinheiro que está com você? — Sol Quente perguntou a Artur. — Ou ele se gastou?

— O talismã do Marinheiro? — Artur repetiu e o puxou para fora, afundou na água e voltou cuspidando outra vez. — Você está dizendo que ele realmente tem algum poder?

— É o que diz a lenda — Sol Quente contou. — O doutor Scamandros saberia, mas ele se foi, como o nosso falecido capitão Catapillow.

— Espero que Scamandros ainda esteja vivo — Artur desejou. — É provável que o Balaena apenas tenha sido obrigado a partir por algum motivo... ah! Você não sabe. O doutor sobreviveu à batalha com Fugaz. Ele escapou, e veio até mim, e... Depois eu conto. O que exatamente a lenda diz sobre o funcionamento desse disco?

— É só falar dentro dele, e o Marinheiro vai escutar — Sol Quente explicou.

— Já fiz isso! — Artur protestou. — Dezenas de vezes quando fui apanhado pela primeira vez! Carpa, você precisa contatar o Marinheiro!

— Ele tinha cabelos grisalhos ou já estavam brancos? — a Carpa quis saber.

— Acho que essa baleia está encolhendo — Suzy falou. Todos se viraram na água para olhar.

— Não sei — Artur murmurou. — Para mim, ela parece tão grande quanto antes.

— Continue olhando — Suzy pediu. — Ela está ficando menor.

— É, ela está encolhendo — Sol Quente confirmou. — Mas vai encolher o suficiente?

— Certo — Artur disse. — Mesmo que esteja encolhendo, não queremos tentar ela com montes de Habitantes para comer. Assim, vou pegar a Carpa e nadar até ela enquanto vocês todos nadam na direção oposta, está bem?

— De jeito nenhum — Folha reclamou. — Vou ficar com você, Artur. Você é minha passagem de volta para casa.

— Quero ver o que vai acontecer — Suzy afirmou. — Além disso, se ela ficar do tamanho normal, talvez possamos lutar contra ela, se for preciso.

— Sol Quente, você pode pelo menos começar a organizar todos os Habitantes para que nadem para longe? — Artur pediu. — Acho realmente que Quarta-Feira pode não conseguir resistir à tentação.

— Aye, aye, senhor — Sol Quente concordou e tocou a cabeça com o nós dos dedos numa saudação e mergulhou.

— É isso que espero que você faça — Artur disse. — Diga “aye, aye” e nade para longe.

— Sim, até parece... — Folha resmungou. — Você não precisa fazer tudo sozinho, Artur.

O garoto não respondeu, apenas começou a nadar na direção do leviatã que se aproximava. Mas, secretamente, estava satisfeito por ter companhia. E Quarta-Feira estava diminuindo; talvez tudo ficasse bem, afinal.

— Isso significa que não preciso tentar falar com o Marinheiro em pensamento? — a Carpa indagou. — O senhor recuperou a fé em mim?

Artur cuspiu um pouco de água e disse:

— Sim. Dá para dizer que sim.

Ele parou para flutuar um pouco e descansar e olhou para trás. Os habitantes começavam lentamente a nadar em outra direção. Mas não foi só isso que chamou sua atenção.

— Aquilo no horizonte é um navio?

— Um bergantim de três mastros a todo pano — Folha constatou, protegendo os olhos com uma das mãos. — Olhe, não desperdicei meu tempo no Louva-a-Deus. Alberto... Alberto também foi um bom professor.

— O grumete — Artur lembrou subitamente horrorizado. — Não vi ele! Será que deixamos ele para trás?

— Não — Folha respondeu baixinho. Seus olhos ficaram vermelhos, embora Artur não visse lágrimas em seu rosto banhado pelo mar. — Ele... Alberto foi... Alberto foi morto quando Fugaz atacou o navio. Tenho tentado não pensar nisso... é por isso que quero ir para casa... eu... estou cansada de aventuras.

Artur ficou em silêncio, pois não sabia o que fazer ou dizer.

— Ele viveu muito tempo — consolou Suzy. — Acho que ele teve muitos bons momentos, mesmo que não pudesse se lembrar nem de um décimo deles, por causa da lavagem cerebral. E, como todos nós, crianças do Tocador de Gaita, ele teria morrido há muito tempo se estivesse na velha Terra. Lembre-se do que ele lhe ensinou e ele vai estar sempre com você. É isso o que dizemos quando um de nós se vai.

— Quarta-Feira Submersa está quase em cima de nós — a Carpa informou de repente. — Chegou o momento de me libertar do aquário! Lorde Artur, por favor, abra a tampa.

Artur enxugou os olhos, deu um impulso forte com as pernas e apanhou o vidro.

— Fugaz está morto e com ele suas obrigações — disse a Carpa. — Eu me acostumei ao aquário, mas nunca mais vou viver aprisionado!

Artur desatarraxou a tampa enquanto afundava, conseguindo tirá-la no exato momento em que Folha e Suzy o ajudaram a voltar à superfície. Elas podiam nadar com mais facilidade, e ele ficou grato pela ajuda, mesmo que vez ou outra um dos chutes delas o atingissem, em vez de a um espaço vazio na água do mar.

A Carpa nadou livremente. Um pequeno peixe dourado que se virou para enfrentar a baleia que se aproximava rapidamente.

— Quarta-Feira! — a Carpa rugiu. — Eu, Parte 3 do Testamento de Nossa Criadora Suprema, a Grande Arquiteta de Tudo, a convoco para cumprir seu dever como Curadora do mencionado Testamento!

Quarta-Feira Submersa desacelerou e encolheu mais depressa, embora ainda continuasse a se aproximar. Quando chegou a 9 metros de distância, estava do tamanho de um golfinho disforme. Ela saltou para o ar e, ao descer, era uma mulher que estava em pé no mar como se fosse terra.

Não era o ser deformado e desajeitado que Artur tinha visto antes. Estava maravilhosa e impecável em um vestido de madrepérola cintilante, o tridente da Terceira Chave brilhando na mão. Apenas o tremor incontrollável dessa mão e o sangue azul que escorria do lábio mordido indicava a dificuldade que tinha em manter essa forma apresentável.

— Eu, Quarta-Feira, Curadora da Grande Arquiteta de Tudo, reconheço a Terceira Parte do Testamento e pergunto em que mãos devo colocar aquilo que me foi confiado?

Artur sabia o que vinha em seguida. Sem ser estimulado pela Carpa e levantado por Folha e Suzy, falou rápida, mas claramente.

— Eu, Artur, consagrado Herdeiro do Reino, reivindico esta Chave e o consequente Poder sobre o Mar Fronteiriço. Reivindico por sangue e ossos, conforme testamento e contra qualquer contestação.

O tridente voou da mão de Quarta-Feira para a de Artur. Quando seus dedos o agarraram, sentiu-se erguido para fora do mar, e Suzy e Folha o soltaram.

Ao mesmo tempo, Quarta-Feira Submersa gritou de dor e dobrou o corpo, afundando na água. Ela agarrou o estômago e rolou, braços e pernas se inflando como balões.

— Volte a ser o que era — Artur ordenou, apontando a Terceira Chave para ela. — Quando nunca tinha fome, quando a Arquiteta ainda estava aqui.

O inchaço retrocedeu, mas Quarta-Feira permaneceu curvada, ainda afundando.

— Flutue! — Artur comandou.

Ele sentiu o tridente zumbir em sua mão e o mar ao redor de Quarta-Feira emitiu um momentâneo e intenso brilho azul. Quarta-Feira subiu rapidamente à superfície, agarrando o estômago.

— Tarde demais, lorde Artur — a Habitante gemeu. — Meu interior está envenenado. O Nada devora minha carne e meus ossos, logo não existirei mais. Mas obrigada, pois não queria terminar como era, uma coisa imensa e quase irracional devido à fome. Governe meu Mar Fronteiriço com sabedoria, lorde Artur!

Algo pequeno e parecido com uma joia brilhou em sua boca enquanto falava e tremeu sobre seu lábio tempo suficiente para que Artur reconhecesse o objeto. No instante em que caiu, Artur dirigiu o poder da Terceira Chave em sua direção.

— Balaena — ele disse, pronunciando seu nome para que as instruções não se perdessem. — Flutue até aqui e continue pequeno até chegar.

Ele agitou o tridente e o minúsculo objeto de metal com formato de cigarro que era o Balaena flutuou pelo ar até acima de um ponto vazio do mar. Artur mergulhou o tridente na água, e o Balaena desceu devagar. Ao atingir o mar, houve uma violenta explosão de água da qual emergiu o submersível em tamanho natural, parecendo amassado, mas intacto.

Artur olhou para Quarta-Feira Submersa, mas tudo o que restou foi uma mancha oleosa e horrenda de Nada, que se movia contra o vento na direção de Folha e Suzy.

Artur apontou o tridente naquela direção, apreciando a sensação de poder que fluía para dentro dele, dominando todo seu ser.

— Volte para o Vazio! — ele gritou.

O mar soltou faíscas douradas em resposta e o que tinha sido Quarta-Feira Submersa desapareceu.





Capítulo 31

Artur mal se moveu pelo menos por 1 minuto depois de ter expulsado o Nada. Estava atordado. Tudo acontecera muito depressa e agora um dos sete Curadores da Arquiteta não só tinha sido derrotado, mas estava morto.

E a Terceira Chave do Reino se encontrava em suas mãos.

— Que tal nos ajudar a andar sobre a água? — Suzy perguntou finalmente, vendo que Artur continuou parado olhando fixamente para o tridente em sua mão.

— Desculpe — murmurou.

Ele agitou o tridente e visualizou Suzy e Folha se levantando das ondas. Elas subiram por cerca de 6 metros e então voltaram a cair até a altura da cintura, antes de atingir a posição adequada.

— O que vai acontecer agora? — Folha quis saber.

— Precisamos requisitar esse navio e ir rapidamente para Porto Quarta-Feira — disse a Carpa, que subitamente tinha crescido e atingido um tamanho semelhante ao que tinha quando a conheceram. — Vai haver uma quantidade enorme de trabalho a ser feita. Haha, me perdoem. Vai haver uma grande quantidade de trabalho. Vai ser preciso nomear um novo Meio-Dia e um Crepúsculo. Vou ter que me encontrar com a Primeira Dama, com o objetivo de... humm... consolidar minha história em um contexto mais amplo. Acredito que o Mar Fronteiriço tenha se espalhado mais do que devia, de modo que as fronteiras deverão ser remarcadas. A julgar pelo produto das pilhagens de Fugaz, um comércio não autorizado e perigoso tem acontecido entre a Casa e os Reinos Secundários, e isso deve ser regulado...

A Carpa continuou, mas Artur não estava escutando. Havia muitos outros objetos surgindo na superfície bem perto da proa do Balaena. Salvados, saindo das profundidades. Um item chamou sua atenção.

Algo pequeno e redondo com um tom especial de amarelo. Artur andou até ele, ignorando o chamado indignado da Carpa.

O objeto era um fofo elefante amarelo. Um elefante adormecido, enroscado como uma bola. A cabeça e o tronco estavam nus, os pelos amarelos desgastados até o tecido que havia embaixo.

Artur o apanhou. O brinquedo que os pais biológicos tinham lhe dado antes de morrer. Ele o conservara por anos e anos, mas o tinha perdido no quinto aniversário quando o levava a um piquenique repentinamente abandonado devido à chuva. Bob, Emily e seus irmãos mais velhos o procuraram no dia seguinte em vários lugares, mas o elefante nunca fora encontrado.

Devagar, Artur pôs o elefante no bolso e se virou para onde os outros estavam esperando. Ao fazer isso, a portinhola da torre de comando do Balaena se abriu atrás dele. Um Rato com a cabeça envolta em ataduras ensanguentadas saiu e ajudou o doutor Scamandros a subir.

— Lorde Artur! O senhor conseguiu! Derrotou Quarta-Feira Submersa! — o doutor exclamou.

— Ela me ajudou — Artur contou. — Estou feliz por ver que está bem. O que aconteceu?

— A história completa vai ter que esperar — Scamandros disse apressado. Ele subiu no casco quando mais Ratos saíram da torre de comando e abriram uma balsa inflável. — Desconfio que essa embarcação se mantém inteira somente pelo poder da feitiçaria, e até isso está se desfazendo. Na verdade, se não se importar, lorde Artur?

Artur apontou a Chave para o submergível.

— Não afunde!

Sua mão tremeu quando deu a ordem, e ele ficou surpreso ao constatar que precisou de esforço para erguer o tridente, que começou a vibrar e ficar desagradavelmente quente.

— Contaminação por Nada — Scamandros murmurou enquanto era ajudado a entrar na balsa. — É melhor desistir dela assim que todos saírem.

Artur assentiu. Ele teve que agarrar a Chave com a outra mão e precisou de toda sua força para mantê-la na posição. Era como se a Chave fosse uma espécie de alavanca sustentando um objeto muito pesado.

Não havia movimento na torre de controle. A Chave começou a deslizar para baixo e, quando Artur imaginou que não conseguiria mais segurá-la, Longtayle apareceu. O Rato saltou da torre direto para o mar quando a balsa se afastou. Nesse momento, Scamandros caiu desmaiado. Então, grandes partes do Balaena ficaram amassadas ou se desfizeram.

— Vá — disse Artur. — Volte para o Vazio.

O submergível desmoronou sobre si mesmo e se transformou em uma estrela pequena e escura durante 1 segundo. E logo também desapareceu.

Artur pôs a mão esquerda no bolso e sentiu o macio pelo sintético do elefante, comparando seu peso com o da Chave na mão direita. Ele ainda sentia o poder da Chave fluindo suavemente por seu braço, mudando-o, transformando-o num Habitante. Impossibilitando-o de ser humano.

Se continuasse a usá-la.

— Ei, Artur!

O chamado não foi da Carpa. Tratava-se de uma voz tão alta quanto a dela, porém muito mais grave. Artur saltou e olhou em volta.

O brigantim de três mastros estava a apenas 100 metros de distância, e seu capitão estava chamando do tombadilho superior sem a ajuda de um megafone. Ele era alto e de traços marcados; carregava um arpão que cintilava e brilhava com uma luz sobrenatural.

— Vim o mais depressa que os ventos puderam me carregar através de uma dúzia de mundos — o Marinheiro gritou. — No entanto, parece que você

não precisa de minha ajuda, pois agora anda onde outros precisam nadar ou se apoiar num convés de madeira!

Artur balançou a cabeça. Todos os momentos assustadores em que implorou ajuda, esperando que o disco do Marinheiro fizesse alguma coisa, e agora ele tinha chegado!

— Não vou andar sobre a água por muito tempo — Artur gritou. Ele guardou a Terceira Chave no cinto. Quando a soltou, começou a afundar no mar outra vez, como Suzy e Folha.

— Por isso — Artur continuou no mesmo instante em que sua boca se encheu de água do mar —, precisamos que alguém nos leve, mais 3 mil Habitantes, para Porto Quarta-Feira, assim que for possível.

— Nós os levaremos — o Marinheiro respondeu. — Quanto aos seus 3 mil Habitantes, há cinco embarcações dirigidas por ótimos Ratos perto daqui. Eles aceitam passageiros em troca de pagamento.

— Meio-Dia de Quarta-Feira vai arranjar o pagamento — Artur garantiu enquanto o brigantim se aproximava, e ele não precisou mais falar tão alto.

— Não existe Meio-Dia de Quarta-Feira — a Carpa protestou.

— Costumava se chamar Sol Quente — Artur disse. — Se ele aceitar o cargo, vamos cuidar das formalidades quando chegarmos à terra firme. Vai haver um novo Crespúsculo também, se ele quiser o posto quando recobrar a consciência. Um Habitante chamado doutor Scamandros.

— Isso é muito irregular — reclamou a Carpa. — Acho que o senhor deve me consultar sobre esses assuntos.

— Pois deixe de achar — Artur retrucou, abaixou a cabeça e deu algumas braçadas até a rede que a tripulação do brigantim tinha jogado na amurada. — Eu vejo você em Porto Quarta-Feira, se for rápida.

— O quê? O quê? — a Carpa perguntou. — O que vai fazer?

— Eu vou para casa — Artur contou. — Só para garantir que está tudo bem. Depois vou voltar e cuidar do Furioso Quinta-Feira. E vou ficar com a Terceira Chave por enquanto. Mas não vou usar muito ela.

— Mas o senhor é necessário aqui! — a Carpa protestou, olhando para Artur com os olhos saltados como somente um peixe de olhos saltados sabe fazer. — A Chave é necessária aqui! Sem ela, o equilíbrio entre o Mar Fronteiriço, os Reinos e o Nada pode ir por água abaixo!

Artur tinha começado a escalar a rede, seguido de perto por Suzy e Folha. Ele parou e ficou ali pendurado, olhando para a Carpa.

— Eu preciso dela! — gritou. — Estou cansado de não ter poderes quando os Dias Seguintes vêm e atacam minha família e meu mundo ou me arrastam de volta para cá direto para uma série de problemas. Como eu disse, só vou dar uma olhada rápida em casa e ver se tudo está bem. Depois volto. Não quero, mas sei que devo.

Ele recomeçou a subir, mas, quando chegou ao convés, parou e olhou para a Carpa mais uma vez.

— Ora, me deixe em paz!

— Ela não vai deixar — Folha disse. — Assim como os Dias Seguintes.

— Eu sei! — Artur disparou. — Eu sei...

— Por favor, me desculpe — Suzy interrompeu em uma voz muito controlada e educada. — Preciso encontrar roupas adequadas imediatamente. Senhorita Folha, ousa dizer que também posso encontrar um vestido para a senhorita.

— Um vestido? — Folha replicou. — Por que eu ia querer usar um vestido?

— Ela prometeu à Primeira Dama que se comportaria apropriadamente no Mar Fronteiriço — Artur contou depressa. — Portanto, essa é outra excelente razão para que todos nós deixemos este lugar.

— De fato, estou muito ansiosa para voltar a regiões mais civilizadas — Suzy falou.

Ela fez um leve gesto de cabeça para Artur e Folha e correu pelo convés, parando apenas para fazer uma reverência ao Marinheiro, que tocou o boné e riu antes de ir oferecer a mão para Artur, que a segurou com firmeza.

— Para onde, lorde Artur? — o Marinheiro perguntou. — Estou com intenção de fazer um cruzeiro pelo Mar Fronteiriço, pois há muito tempo não navego nestas águas, mas deixo você onde lhe agradar.

— Como de volta para a Terra? — Folha indagou.

O Marinheiro voltou seu olhar penetrante na direção da garota.

— Um grumete deve se acostumar a incluir “senhor” em suas perguntas — ele censurou. — Sim, eu poderia levar este navio até a Terra, pois as águas do Mar Fronteiriço sempre podem retornar a praias que já visitaram. Mas não acho que seria sensato. O Mar Fronteiriço já se espalhou para muito longe, e aquele peixe está certo. As praias e fronteiras deste mar precisam ser remarcadas pela Terceira Chave.

— Eu disse que vou voltar com a Chave — Artur protestou. — Mas, por ora, pode nos levar até Porto Quarta-Feira para pegarmos o elevador para a Casa Inferior?

— Aye — o Marinheiro concordou. — Porto Quarta-Feira, lá vamos nós.

— Para onde vamos a partir da Casa Inferior? — Folha quis saber.

— Vamos passar pela Porta da Frente — Artur respondeu cansado. Ele dobrou a perna esquerda e examinou a tala de siri. A terceira Chave podia removê-la, mas preferiu deixá-la até o último instante. Seria difícil explicar o que tinha acontecido à tala original. — Direto de volta para o hospital, espero, alguns segundos depois de partirmos.

— Então ainda vai ser quarta-feira?

— Sim.

— Foi a quarta-feira mais longa que já vi — Folha disse. — Vou gostar de voltar para casa.

— Eu também.





Capítulo 32

— Artur, tem certeza de que está bem? — Emily perguntou. Ela estava rondando sua cama outra vez.

O garoto olhou para ela, mas não falou nem encontrou seu olhar.

Emily se virou para verificar os dados exibidos pelo equipamento de diagnóstico junto da cama.

— Vamos, filho — Bob disse do outro lado da cama. — Só diga que está bem. Sei que deve ter sido um choque terrível ver aquele cano de água explodindo daquele jeito, mas você foi inteiramente examinado. Não houve ferimentos.

O garoto virou na cama e enterrou o rosto no travesseiro. Emily e Bob trocaram olhares às suas costas.

— Nós vamos sair só um pouquinho — Emily avisou, mostrando a porta. — Mas vamos estar por perto.

— Aqui também não tem nenhum cano de água — Bob acrescentou. — Eu verifiquei. Nada pode dar errado.

Os pais de Artur saíram na ponta dos pés e fecharam a porta. No corredor, ambos respiraram fundo.

— Ele nunca ficou assim antes — Emily comentou. — Nunca, nem quando ficou praticamente inconsciente e toda a equipe trabalhou para que voltasse a respirar.

— Mas foi um acidente estranho — Bob falou. — Deve ter sido um enorme choque. Aquele excesso de pressão no sistema de extinção de incêndio. Ninguém foi capaz de explicar o que houve.

— Cortes no orçamento — Emily arriscou cansada. — O hospital não tem manutenção adequada há anos. Eu só não entendo por que Artur não quer falar. Ele apenas... não sei... ele simplesmente não parece o mesmo.

Dentro do quarto, o Garoto Sem Pele sorriu e deixou a pele ilusória que cobria metade de seu corpo deslizar, revelando os ossos vermelhos ocos do esqueleto que cobria.



E no primeiro dia, havia mistério.

No segundo dia, havia escuridão.

No terceiro dia, havia piratas.